Diário de Lisboa

FUNDADO EM 1921 ANO 69 Nº 23167 DIRECTOR **MÁRIO MESQUITA** DIRECTORA ADJUNTA **DIANA ANDRINGA** SEXTA-FEIRA 26 JANEIRO 90 60$00

Portugueses encaram corrupção com certo grau de complacência

Os portugueses têm uma atitude algo complacente em relação à corrupção e aos corruptos - eis o que se deduz de uma sondagem e de uma reportagem, que publicamos neste dia em que se inauguram em Lisboa umas jornadas de reflexão, promovidas pela Alta Autoridade Contra a Corrupção.

Relapsos a denunciá-la, prestos a comprar funcionários, no momento de depor o voto nas urnas raramente castigam os políticos acusados de actos de venalidade. E, conforme se revela na nossa reportagem, só num ano, e no que diz respeito ao poder local, foram enviados a tribunal, pela Inspecção Geral da Administração do Território, 145 processos por alegada corrupção praticada por autarcas, dos quais só 17 foram julgados.

Págs. 2 e 3

France Press

Avião cai em Nova Iorque Sessenta mortos e mais de 80 feridos é o balanço da queda de um avião colombiano, ocorrida ontem à noite, próximo do aeroporto de Kennedy, em Nova Iorque. Na foto, equipas de socorro procuram, nos destroços da aeronave, vítimas do acidente, aparentemente provocado por falta de combustível **Pág 13**

PSD conta armas até ao Congresso

Em Abril, o PSD terá o seu Congresso. Após o revés das recentes eleições e perdido que foi o estado de graça de Cavaco Silva e do cavaquismo, a magna reunião começa a aquecer a política portuguesa. Cavaco vencerá provavelmente o Congresso, mas, até lá, vai enfrentar algumas batalhas, pois certos "barões" e outros descontentes estão em plena contagem de espingardas. Da JSD, esperam-se as críticas do costume. Algumas distritais não escondem descontentamento. Outras têm sido acusadas do grave pecado partidário de pouco empenhamento nas autárquicas. Ainda ninguém se esqueceu de quanto auferiram na campanha os jovens que andaram a afixar cartazes, assim matando uma onda laranja que o PSD conheceu com Sá Carneiro e que Cavaco Silva ressuscitara. Cavaco tem, mesmo assim, grande vantagem: além de não ser evidente uma alternativa, ainda não definiu totalmente a sua estratégia. A ponta do véu que levantou no último Conselho Nacional deixa perceber que apontará para a aproximação de Portugal aos países mais desenvolvidos. E isso será suficiente para acalmar uns tantos incorrigíveis conspiradores. **Pág. 11**

Roménia: liberdade em perigo

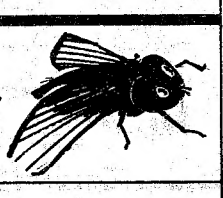
Manifestando-se "seriamente preocupados" com a restrição do direito de manifestação na Roménia, os Estados Unidos exortaram as autoridades de Bucareste a reafirmar os propósitos de caminhar para a democracia. Trata-se da primeira crítica de Washington à Roménia pós-Ceausescu. A decisão da Frente de Salvação Nacional, no poder, de se transformar em partido para concorrer às eleições, está a ser contestada nas ruas, o que levou as autoridades a decretar "limites" às manifestações. **Pág. 15**

Chuva e visita papal alegram Cabo Verde

Do enviado especial DL/TSF
Manuel Villas-Boas

Sete horas após a chegada do Papa, ontem, a Cabo Verde, a chuva caiu na ilha de Santiago. Foi um capricho da meteorologia que para alguns crentes poderá ter uma outra leitura, ditada pela fé. Recebido em ambiente de euforia pela população do Sal, João Paulo II ouviu o discurso de boas-vindas do presidente Aristidades Pereira e em seguida leu a sua mensagem, repleta de palavaras como "solidariedade e fraternidade", não deixando de aludir à "civilização do amor", que lhe é tão cara. No seu discurso, Aristides Pereira não deixou em branco "o pesado fardo do subdesenvolvimento", mas congratulou-se com o clima de desanuviamento internacional, que substitui as armas "pelo diálogo construtivo". O Papa, que amanhã termina a sua visita ao arquipélago, encontra-se hoje na Cidade da Praia, onde esta tarde celebra uma missa. **Pág. 13**

Hoje estamos com a



Suplemento com 32 páginas

DL

Novo Plano Director em estudo para Lisboa *Pág. 21*

Falsários da arte à solta em Portugal *Págs. 16 a 18*

Mão-de-obra de Leste a caminho da CEE *Pág. 12*

Lotaria Nacional
1.º - 3014
2.º - 5686
3.º - 63180

Sondagem DL/Euroteste

É mau haver pessoas que, para satisfazer os seus objectivos, subornem outras?

%

	TOTAL	CLASSES A/B	C1	C2	D
Totalm. acordo	65,5	63,1	65,7	70,0	57,2
Parte acordo	13,0	13,9	15,7	12,2	9,6
Parte desacordo	6,1	11,5	6,7	3,5	6,5
Tot. desacordo	8,6	8,9	9,4	5,5	14,0
NR	6,7	2,6	2,5	8,9	12,6

	IDADE 15/34	35/54	+ 55	SEXO Masc.	Fem.
Totalm. acordo	67,3	66,8	61,6	68,5	62,9
Parte acordo	16,0	10,1	12,2	10,7	15,1
Parte desacordo	8,6	4,7	4,3	8,2	4,3
Tot. desacordo	5,3	11,8	9,5	9,2	8,0
NR	2,8	6,6	12,4	3,4	9,7

O principal motivo de denúncia da corrupção é a inveja?

%

	TOTAL	CLASSES A/B	C1	C2	D
Totalm. acordo	33,0	32,7	37,6	30,5	31,2
Parte acordo	31,7	38,6	33,3	29,1	28,6
Parte desacordo	16,0	20,3	17,1	13,8	15,2
Tot. desacordo	7,3	4,0	8,1	9,0	5,1
NR	12,0	4,4	3,9	17,6	19,9

	IDADE 15/34	35/54	+ 55	SEXO Masc.	Fem.
Totalm. acordo	34,1	33,8	30,7	33,7	32,4
Parte acordo	30,5	34,9	29,7	33,6	30,0
Parte desacordo	17,5	13,1	17,0	16,9	15,1
Tot. desacordo	9,9	5,8	5,5	7,7	7,0
NR	8,0	12,4	17,2	8,1	15,5

É grave que para se obter certos favores se gratifiquem funcionários?

%

	TOTAL	CLASSES A/B	C1	C2	D
Totalm. acordo	54,5	48,6	50,7	55,9	62,7
Parte acordo	20,6	19,6	26,9	23,1	4,9
Parte desacordo	10,3	16,5	10,6	8,8	7,8
Tot. desacordo	8,2	11,6	9,4	4,8	10,7
NR	6,5	3,6	2,4	7,3	14,0

	IDADE 15/34	35/54	+ 55	SEXO Masc.	Fem.
Totalm. acordo	51,4	54,8	58,3	54,7	54,3
Parte acordo	27,4	21,4	10,3	22,0	19,4
Parte desacordo	11,7	8,0	11,0	11,6	9,2
Tot. desacordo	6,7	9,5	8,7	7,9	8,4
NR	2,8	6,2	11,8	3,8	8,8

É bom haver pessoas que passam recibos falsos para assim ganharem mais?

%

	TOTAL	CLASSES A/B	C1	C2	D
Totalm. acordo	2,5	,8	2,0	4,0	1,2
Parte acordo	3,8	4,3	6,5	2,4	1,7
Parte desacordo	15,7	20,4	17,7	14,2	11,4
Tot. desacordo	70,2	69,7	68,8	72,1	68,6
NR	7,9	4,8	5,0	7,3	17,1

	IDADE 15/34	35/54	+ 55	SEXO Masc.	Fem.
Totalm. acordo	1,5	3,5	2,5	2,1	2,8
Parte acordo	5,8	2,9	2,0	3,8	3,7
Parte desacordo	16,8	16,5	13,2	17,7	13,8
Tot. desacordo	70,3	69,7	70,5	70,7	69,7
NR	5,6	7,4	11,7	5,7	9,9

O universo desta sondagem foi constituído por indivíduos com 15 anos ou mais, residentes no continente em localidades de 100 ou mais habitantes. A amostra foi de 1000 entrevistas. Destas 37,4 por cento foram realizadas no Litoral, 23,5, na Grande Lisboa, 15,7 no Interior Norte, 12,6 no Interior Sul e 10,8 no Grande Porto.

Por faixas etárias, a sondagem reservou 39,5 por cento da amostra ao grupo dos 15 aos 34 anos; 32 por cento ao grupo dos 35 aos 54 anos; e 28,5 aos de mais de 54 anos.

Por classes, a amostra foi constituída por 185 indivíduos das classes A/B; 423 da classe C1; 316 da classe C2; e 76 da classe D.

A caracterização das classes foi feita, sumariamente, pelos seguintes elementos:

Classe A: rendimento familiar superior a 150 contos e nível de instrução universitário; **classe média alta (B):** rendimento entre 100 e 150 contos, nível de instrução média; **classe média superior C1:** rendimento entre 60 e 100 contos e instrução média profissional; **classe média inferior C2:** rendimento entre 30 e 60 contos, operários e trabalhadores, com instrução dos serviços domésticos, de instrução primária incompleta, residentes em zonas pobres.

A Alta Autoridade contra a Corrupção iniciou esta manhã as suas primeiras jornadas. Compreender o fenómeno da corrupção e as suas relações com a sociedade, e discutir as formas de a prevenir e combater, são os grandes objectivos deste encontro. Antecipadamente, traçamos já algumas das características da corrupção em Portugal: a impunidade, o valor pecuniário médio e a disseminação parecem ser as principais características. Vejamos se os especialistas chegam às mesmas conclusões

GRANDE ANGULAR

Corruptos e impunes

A impunidade e o valor pecuniário relativamente modesto são, em termos gerais, as duas grandes características da corrupção em Portugal. Fundamentalmente pequenos e médios, estes crimes não passam, muitas vezes, das sobras da grande corrupção internacional. Mas se os negócios dos milhões se contam - pelo menos à primeira vista - pelos dedos, os das dezenas e das centenas são tão numerosos que já se tornaram quase uma prática comum.

De acordo com fontes ligadas a diversos organismos de combate a este tipo de crimes, o sector da construção civil e obras públicas (especialmente no que se refere à adjudicação de contratos) aparece em primeiro lugar no requiem das áreas onde lavra a corrupção, logo seguido da banca, alfândegas, fundos autónomos, subsídios, autarquias, tribunais e notários.

Mas como se distingue a corrupção da burla ou do abuso de confiança? A lei é bem precisa neste matéria: só se está perante um crime de corrupção quando nele estão envolvidos funcionários da administração pública ou equiparados. A definição jurídica do conceito é relativamente recente. Na realidade, até 1980 só existia, nos tribunais portugueses, um único caso de corrupção a ser julgado como tal. Com a criação desta «categoria criminal» apareceu também, em 1983, o primeiro organismo com a vocação específica de a combater. Trata-se da Alta Autoridade contra a Corrupção (AACC). Este organismo funciona junto do Parlamento com a função específica de fiscalizar a Administração Pública.

Embora o julgamento e a punição não façam parte das suas atribuições, a AACC tem grandes poderes no que se refere à investigação. O maior de entre eles prende-se com o acesso à matéria sob sigilo bancário, algo a que os tribunais só têm acesso em casos muito especiais.

Completa a investigação, o processo pode ser arquivado - caso se conclua que não há fundamento na queixa - ou enviado para a Procuradoria Geral da República que, por sua vez, lhe dá prosseguimento judicial. A partir desse momento, a AACC deixa de ter qualquer controlo sobre os casos, que passam para a alçada do Ministério Público ou da Polícia Judiciária. Dos 2234 processos que instruiu desde a sua criação, menos de uma dezena chegaram a tribunal, embora todos os arguídos julgados tenham sido condenados.

Dois dos que mais deram que falar foram os casos Tobom e Mira Fernandes.O primeiro tinha a ver com o desvio de verbas do Fundo de Desemprego feito pela Paraempresa, uma empresa pública, em colaboração com a fábrica de enlatados Tobom. O segundo consistia em irregularidades cometidas pelo director de um banco na concessão de crédito a pessoas que não ofereciam garantias.

O Ministério Público e a Polícia Judiciária são as outras duas entidades vocacionadas para o combate à corrupção. O MP e, muito particularmente o seu Departamento de Investigação de Acção Penal (DIAP) decide quais os casos que devem ser submetidos a investigação policial, enviando-os então para a Brigada Central de Investigação Anti-Corrupção da PJ.

Em funcionamento há pouco menos de um ano, o DIAP tem como função dirigir os inquéritos feitos pela PJ na área da comarca de Lisboa e, quando se justifique, mandá-los a tribunal. De acordo com Morais Antunes, procurador do DIAP, os casos de corrupção em investigação no departamento que dirige não chegam a uma centena, percentagem mínima tendo em conta os cinco mil processos que todos os meses ali dão entrada.

Para Morais Antunes, «a corrupção existe em toda a área da Administração mas, com o desenvolvimento da sociedade é natural que surjam novas formas de corrupção, sobretudo no domínio económico». Um dos crimes deste tipo actualmente em investigação prende-se com um problema de corrupção na adjudicação de contratos para obras da EPAC e das construções escolares, que levou já à prisão de seis pessoas.

Apesar da existência de todos estes organismos vocacionados para o combate à corrupção, as dificuldades são muitas. A primeira prende-se com as formas de provar um crime desta natureza, dado que as duas partes estão geralmente de acordo, não tendo interesse em denunciar o crime.

Além disso, é muito difícil encontrar terceiros dispostos a fornecer informações sobre estas infracções. De acordo com um estudo feito nos Estados Unidos junto de 233 «arrependidos» e publicado na revista editada pela AACC no âmbito das Jornadas sobre o Fenómeno da Corrupção, 90 por cento dos inquiridos perderam o emprego ou foram despromovidos, 27 por cento enfrentaram processos judiciais, 26 por cento foram submetidos a tratamento médico ou psiquiátrico, 15 por cento divorciaram-se e 10 por cento tentaram suicidar-se. Tais dados justificam o facto de muitas das queixas que a AACC recebe serem anónimas.

O papel da Imprensa na denúncia de possíveis casos de corrupção também poderia ser mais activo. Segundo Joaquim Vieira, tal atitude deve-se não só aos poucos recursos de que as empresas, de modo geral, dispõem, mas também à dependência financeira e política dos seus responsáveis relativamente ao poder. A agravar esta tendência surge ainda a pouca transparência da Administração Pública, que frequentemente sonega informações aos jornalistas.

Outro dos problemas é provocado pelo tipo de pessoas que pratica a corrupção, sobretudo a alto nível. Como afirma uma fonte da AACC, tratam-se geralmente de pessoas importantes, com muitos meios para se defenderem e para pressionarem as entidades que procedem à investigação.

A morosidade dos tribunais também dificulta muito a aplicação da justiça. Processos enviados há cinco e seis anos continuam a aguardar julgamento, com tudo o que isso acarreta de prejudicial para o correcto apuramento dos factos. A mesma questão levanta-se ainda em relação à apreciação dos processos por parte do Ministério Público, cuja demora contribui muitas vezes para a destruição de provas que seriam muito importantes para a polícia.

Os responsáveis da AACC prevêem que o futuro da corrupção em Portugal passe pela sua desdemocratização, ou seja, torná-la mais cara e, portanto, menos acessível. Os efeitos deste processo já estão, de acordo com as mesmas fontes, a fazer-se sentir através do aparecimento de casos mais importantes e da diminuição dos pequenos delitos.

Dina Soares

A branda complacência

O resultado da sondagem que acompanha esta reportagem indicia algum grau de complacência dos portugueses com a corrupção e os corruptos, comprovado por outros fenómenos, de que o prémio da reeleição de autarcas comprovadamente venais é apenas um exemplo.

Estes indícios revelam uma má formação cívica que vai demorar tempo a regenerar-se.

A mentalidade do «chico esperto», do desenrascanço, da «cunha», da gorgeta, do passa à frente infecta ainda a pequena miséria da moral portuguesa.

As malhas de uma infernal burocracia fazem de qualquer pequeno funcionário público, na repartição, na câmara ou no simples notário ou conservatória, um pequeno déspota que interpõe ao balcão a fronteira onde o cidadão tem de pagar a portagem de um bom atendimento público, para além das taxas e emolumentos das tabelas oficiais. Sorrateiros, não contem com os portugueses para denunciar a corrupção: eles até consideram que os que se dão ao incómodo de tal denúncia não o fazem por dever cívico, indignação ou simples acto de defesa própria, mas por inveja, isto é, por não serem eles próprios os beneficiários da fraude. São, apesar de tudo, os mais jovens os que menos pensam assim.

Hipócritas, condenam os subornadores, em especial as classes médias e os mais jovens. Quase todos se aprestam, ladinos, a gratificar funcionários, para obter favores, privilégios, passar à frente dos outros, mas consideram que tal é grave e condenável. São as classes altas que, em maior percentagem, não acham mal que se gratifiquem funcionários para obter favores e, pelo contrário, são os mais velhos os que condenam tal prática.

A.C.

Há algo de podre no reino do poder local

Em 1988, a Inspecção-Geral da Administração do Território (IGAT) enviou a tribunal 145 casos de alegada corrupção nas autarquias, 17 dos quais foram julgados no Tribunal Criminal. Por sua vez, a Alta Autoridade contra a Corrupção recebeu já cerca de 560 queixas contra orgãos do poder local, o que representa 25 por cento do total das denúncias entradas naquele organismo.

Estes números ilustram bem a corrupção e ilegalidade que invadem as administrações das câmaras e juntas de freguesia.

A falta de meios humanos e materiais constitui para Nuno Salgado, inspector-geral do IGAT, o maior entrave ao bom funcionamento da fiscalização das autarquias. Exemplo bem ilustrativo é o facto de, nos seus 41 anos anos de existência, aquele organismo não ter conseguido ainda inspeccionar na totalidade as 305 câmaras do país.

O maior grau de venalidade infiltra-se nesse obscuro campo dos concursos e adjudicações das obras públicas, no licensiamento urbano e no recrutamento de pessoas, inquinado pelo clientelismo partidário.

Para Nuno Salgado, tal proliferação de ilegalidades deve-se não apenas à desonestidade mas, e sobretudo, a uma grande falta de informação e esclarecimento por parte dos autarcas, que os torna, frequentemente, bastante incompetentes para o lugar que ocupam.

«Os autarcas consideram que podem fazer tudo o que querem, só tendo que responder perante o eleitorado. Ora isso não é verdade», afirma o responsável do IGAT. Daí, o fim essencialmente pedagógico das inpecções ordinárias levadas a cabo por aquele organismo.

A escolha dos municípios a inspeccionar é feita tendo em conta critérios de antiguidade (ver quem é que não é inspeccionado há mais tempo) e também em face das queixas recebidas. Quando se detectam irregularidades graves, procede-se então a um inquérito. Sempre que haja matéria crime, o IGAT participa ao Ministério Público que desenvolve investigações e leva o caso a tribunal.

Aqui, põe-se mais uma vez o problema da morosidade dos tribunais. «Processos entrados há três e quatro anos, só agora começam a subir à barra dos tribunais», explica Nuno Salgado. Outro dos grandes problemas era a Lei das Autarquias Locais, que dificultava muito a aplicação de sanções aos autarcas infractores.

«A legislação anterior permitia que os autarcas em julgamento continuassem a exercer os seus mandatos se se recandidatassem. Na verdade, quem declarava a perda do mandato era a própria vereação, geralmente afecta ao presidente», conta Nuno Salgado.

O inspector-geral do IGAT cita como exemplos os casos de Vila Viçosa, Nazaré e Figueira da Foz, onde todas as acusações feitas acabaram por ser provadas, mas onde os respectivos presidentes continuaram - e dois deles continuam - a exercer os seus cargos. «Com a nova Lei da Tutela, são os tribunais que determinam a perda de mandatos, o que vai tornar muito mais fácil a aplicação da justiça», conclui.

D. S.

COMENTÁRIO

O Polvo

O fenómeno da corrupção tem estendido os seus tentáculos à sociedade portuguesa, de tal modo que assumiu a dimensão de grave problema político, justificativo do institucional debate que hoje se inaugura em sede oficial.

Quase diria, com algum temor mas sem complexos, ser fatal que a corrupção crescesse depois da queda da ditadura fascista.

A ocupação da máquina do Estado por novos agentes não podia deixar de dar lugar à infiltração de oportunistas. Diria que o alastramento do tentacular fenómeno seria evitável se não se tivesse vivivo, e não se continuasse a viver, numa partidocracia, que impregnou excessivamente a vida da administração pública, a central, a local e a do sector empresarial do Estado.

Tal promiscuidade inquinou a comunicação entre serviços públicos e interesses privados, que desemboca na, por vezes, escandalosa transferência de cargos ministeriais para cargos empresariais, e vice-versa, da gestão pública para a gestão privada.

Mais recentemente, numa fase de crescimento económico, aguçaram-se apetites impúdicos de riqueza e vive-se uma atmosfera obsessiva de êxito a qualquer preço.

Robespierre, que de perversão política sabia algo, escreveu: «As grandes riquezas corrompem os que as possuem e os que as invejam»

Este tópico está expresso num texto escrito para as Jornadas da Corrupção pelo dr. Alfredo Bruto da Costa: «Estão criadas as condições psicológicas para uma verdadeira corrida à riqueza, a qualquer preço.

Quando esta obsessão não reconhece os limites impostos pela ética, o que importa é que se consiga escapar às malhas da lei e iludir quem tenha de zelar pelo seu cumprimento.»

Esperamos que as Jornadas hoje inauguradas não sejam apenas o hipócrita ritual de um carpir de mágoas, nem uma discussão técnico-jurídica perdida na ilusória tese de que a investigação e a punição podem fazer frente a este cancro social e político.

É o próprio estilo do exercício da política, é o conceito de administração pública, é a ética de todo o projecto social que estão em causa. O sistema terapêutico eficaz é o da prevenção.

Necessitamos, por exemplo, de uma grande transparência de todos os actos administrativos, em especial os que dizem respeito a grandes projectos nacionais que envolvam concursos, concessões, licenças, enfim, largos interesses materiais. Transparência associada a uma administração aberta, com acesso à informação pelos meios de comunicação social e pelos cidadãos.

Jornalistas e cidadãos mais rigorosos e mais empenhados na fiscalização de certos actos públicos não raro têm sido ameaçados ou castigados, retaliados, com restrições e ameaças, não só da parte do poder político e, mais preocupante, do poder judicial.

As públicas virtudes devem ser premiadas para que a impunidade não constitua o troféu dos praticantes de vícios públicos.

Adelino Cardoso

FORUM

Diário de Lisboa

Fundado em 1921
Editado por Renascença Gráfica, S.A.

Presidente do Conselho de Administração: **António Ruella Ramos.**
Administradores: **Maria do Carmo Ruella Ramos, João Manuel Ruella Ramos, António Brás Monteiro e António Gomes da Costa.**
Secretário-geral: **Jorge Galamba.**

Director **Mário Mesquita**
Directora-adjunta **Diana Andringa**

Exerceram anteriormente a Direcção:
Joaquim Manso (1921/1956)
Norberto Lopes (1956/1967)
António Ruella Ramos (1967/1989)

Chefe de Redacção
Acácio Barradas
Chefes de redacção-adjuntos:
José Leite Pereira, Paulo David, Rodrigues da Silva e Rui Camacho

Redactor-principal
João Paulo de Oliveira
Coordenadores de Secção:
Adelino Cardoso, Eurico Vasconcelos, João Galamba de Oliveira, José Luís Feronha, Maria Guiomar Lima, Neves de Sousa e Vítor Leitão

Redactor-paginador
António Ribeiro Ferreira

Redacção e reportagem fotográfica:
Almeida Henriques, Ana Mafalda Inácio, Ana Paula Sá, António José Teixeira, Augusto Vilela, Carlos Camponez, Céu Neves, Daniel Reis, Dina Soares, Duarte Calvão, Elsa Andrade, Emília Trindade, Ernesto Sampaio, Fernando Brederode Santos, F. Dias de Brito, Gisela Oliveira, João Isidro, Jorge Ferreira, José Rui Cunha (Bruxelas), José Tavares, Júlio Rodrigues, Luísa Alexandra Botinas, Lurdes Féria, Maria Antónia Martinho, Maria João Martins, Maria João Rocha, Maria José Belo Marques, Marina Tadeu, Marina Tavares Dias, Paulo Martins, Pedro Alvim, Pereira de Almeida, Rodrigues Borges, Rui Eduardo Paes, Rui Ferreira e Sousa ,Rui Nunes e Rui Pacheco

Colaboradores permanentes da Redacção: **Alves Henriques, Daniel Oliveira, Francisco Paraíso, Isabel Joyce e Roby Amorim.**

Cartoonistas: **António Alfredo e José Bandeira**

Grafistas:
Ribeiro da Silva (coordenador), **Ermelinda Silva, Filipe Veríssimo e Luís Tenreiro**

Paginadores:
José António Carvalho, Jorge Santos, Nuno Teixeira e Óscar Figueiredo

Secretária de Direcção
Maria Eduarda Soutello
Secretaria de Redacção:
José Agostinho (coordenador), **António Lima e Maria Helena Matos**

Chefe de Publicidade
Luísa Valadas

Gestor de Informática
Luís Canteiro

Redacção, Administração, Publicidade e Serviços Técnicos: Rua Luz Soriano, 44 - 1200 Lisboa. Telef. 3474870/9 - Telegramas DIBOA - Telex 12363 DIAROP - Telefax 3467134. Impresso na Renascença Gráfica, SA - Rua Luz Soriano, 44 - 1200 Lisboa. Distribuído por Interpress - Rua do Norte, 115-1º - 1200 Lisboa - Telef. 322100/322204/320784. Depósito legal nº 1426/82. Preço do jornal: no Continente, 60$00; na Madeira, 75$00; nos Açores, 85$00.

PORTE PAGO

Cartoon de **José Bandeira**

FORUM

RELÓGIOS FALANTES

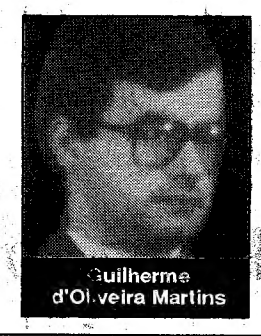
MONOLOGA O RELÓGIO DA CIDADE

Continua o falar do Relógio da Cidade. Hoje é de um seu monólogo que se trata – prosseguindo a transcrição dos papéis amarelecidos que me vieram à mão por estranhas artes...

«Como posso esquecer, afinal, a minha estirpe? Perguntais-me por que razão se desavanece o brilho da minha ornamentação? Não é a arte que falta, mas o modo de a evidenciar. Nisso tenho sido descuidado. O meu pedagogo era torto e mandaram que me endireitasse; cousa impossível, porque já disse o ditado castelhano que *solo Diós acierta a reglar con regla tuerta*. Enfim, era um tesoureiro que entesourava quanto lhe davam por ter cuidado dos meus descuidos. Jamais me untou as rodas, pelas, untar ao carro de seu proveito; jamais me alimpou, temendo sujar-se; e, então, porque pela culpa alheia eu não sou a mesma pontualidade, em lugar dos pesos que me não levantava, me levantou mil falsos testemunhos: tantos que, juntos à ruim suspeita que o povo do meu bairro sempre teve de minha verdade, não descansaram meus inimigos até não darem comigo em casa desse maldito caldeireiro onde nos vemos, e donde dizem que já não sairei se não para o ferro-velho, depois de haver em vão tomado mil suores de fornalha, dois mil banhos de forja e quatro mil esfregações de bigorna, que não sei como inda sou vivo...»

Pouco se afasta aqui o falsário do original de D. Francisco Manuel. Não teve, afinal, a audácia de se desligar das palavras seiscentistas. Mas, subitamente, o monólogo liberta-se:

«Olhai V.M. para o resultado de tamanha provação. Não me ouvem, não me acatam e, peor que tudo, julgam que a minha era pode passar. Uma cousa são as aparências, outra é a crua realidade. Preciso ver como se comportam os outros relógios. Não basta esperar pelo desconserto dos outros, é necessário apurar-se cada qual, encontrando a música mais conforme com o ouvido dos fregueses e a obra mais conforme com as causas da freguesia. É a cidade que se torna mais alegre e viva por causa de nós, os seus relógios. Ouvi o coro dos carrilhões das horas, veja-se como se completam. Penso bastas vezes que perdem, todavia, os povos desta cidade o privilégio de apenas ouvirem o meu sinal. De certo que me amariam ainda mais...»



Guilherme d'Oliveira Martins

Subitamente, o monólogo interrompe-se. O tema corta-se, e começam as considerações sobre um novo sacristão-relojoeiro:

«Só tarde fiz o conhecimento dele. Era novo no mester, ainda julguei que viesse de um convento conhecido, mas não. Apesar de tudo dei-me bem com ele, desde o primeiro momento. Talvez me venha dar o brilho que teima em perder evidência. E o não ser relojoeiro até pode, quem sabe?, constituir virtude. Faltava-me a alma de alguém que evidenciasse a minha proeminência, de que a gente anda tão esquecida, mesmo que não saiba distinguir o ponteiro e o carreto. Espero que aqui esteja o meu desejado.»

Mas, depois deste elogio contido, o Relógio das Chagas, o da cidade, aproxima-se de novo do celebrado apólogo dialogal:

«Todos os que nos governam trazem seus relógios consigo, por ser insígnia de homem de Estado, os quais eles temperam sempre à sua vontade. De maneira que, governando eles como querem seus relógios, se governam por eles, e assim vivem sempre ao gosto do seu gosto.»

Misteriosa consideração. Mas, uma onda de novos mistérios aparece lançada por seis frases encadeadas, antecedidas de um número romano:

«I. Um pintor astuto, mandando-se-lhe pintar o símbolo de um ministro, pintou um relógio ao revés: a campainha para baixo e os pesos para cima. II. Os ministros trazem, sempre, sobre si os pesos e os pisares da república, e que a língua significada na campainha para baixo, é a que deve andar por baixo de tudo sem aparecer? III. Diz lá um provérbio que a nós outros, todos nos crêem e nenhum nos adora. IV. Por isso o pintor pintava agudamente um relógio às avessas: todos o adoram, mas ninguém o crê.»

Os quatros primeiros pontos são do próprio D. Francisco Manuel de Melo, ao contrário, porém, dos dois últimos:

«V. Não levais demasiado a sério o reparo: a cousa pública precisa de vontade, generosidade e modéstia – disse-me um dia um dos relógios de Praga. VI. Perde-se quem não compreender que o pêndulo nada é sem o balanço – costuma dizer o sapientíssimo relógio de Saint-Germain-des-Prés.»

Confesso que fico confundido. Muitas vezes deparo-me com um moralista – desses que bem prega como Frei Tomás, esquecido de aplicar a si as lições que dirige aos outros: «Olhai a minha moral, acima de toda a suspeita. E vós, valha-me Deus! Sendo relógios que tantas horas dais para os outros, só para vós falta uma hora.»

Este Relógio da Cidade necessita de ser compreendido. A cidade precisa desse entendimento. Afinal, como ele conclui: «É nobreza de coração, e ainda proximidade, não deixar preseverar a ninguém no seu engano.»

MINISTÉRIO DAS OBRAS PÚBLICAS TRANSPORTES E COMUNICAÇÕES

SECRETARIA DE ESTADO DA CONSTRUÇÃO E DAS VIAS TERRESTRES

JUNTA AUTÓNOMA DE ESTRADAS

SERVIÇO DE RELAÇÕES PÚBLICAS

AVISO

RECENSEAMENTO DO TRÁFEGO PARA 1990

Prosseguindo a prática adoptada desde 1955, de acordo com as recomendações da CEE, a Junta Autónoma de Estradas vai levar a efeito mais um recenseamento de tráfego quinquenal com o objectivo de avaliar a circulação automóvel nas estradas internacionais europeias em simultâneo com a rede nacional.
Assim, a rede de postos definida para 1990, contém 593 postos, classificados em simples ou duplos, consoante o volume de tráfego previsível e a sua natureza.

CALENDÁRIO DAS CONTAGENS

O Calendário das contagens a adoptar para o Recenseamento de 1990 é o seguinte:

A.	28 Jan.	Domingo	NH.	10 Jul.	3.ª feira
NB.	5 Mar.	2.ª feira	NI.	22 Jul.	Domingo
C.	7 Abr.	Sábado	NX.	4 Ago.	Sábado
ND.	20 Abr.	6.ª feira	J.	7 Ago.	3.ª feira
E.	22 Abr.	Domingo	NK.	15 Set.	Sábado
F.	17 Mai.	5.ª feira	L.	28 Out.	Domingo
NG.	6 Jun.	4.ª feira	M.	8 Nov.	5.ª feira
			N.	14 Dez.	6.ª feira

a) Os dias precedidos da letra N são aqueles em que as contagens serão feitas num período de 24 horas.

b) O horário das contagens é o seguinte:
— Contagem diurna — das 6 às 22 horas
— Contagem nocturna — das 22 às 6 horas

Devido à diversificação dos dias de contagem, a JAE relembrará com a antecedência os dias e as horas em que o recenseamento se irá efectuar.
Uma vez mais, a Junta Autónoma de Estradas vem solicitar a compreensão e colaboração de todos os utentes das Estradas Nacionais para o incómodo do próximo recenseamento, que será mais um esforço deste Organismo, para melhorar cada vez mais a Rede Rodoviária Nacional.

2/90

FORUM

POLÍTICA DE A a Z

VANTAGEM DO PARTIDO SOCIALISTA NA CORRIDA PARA BELÉM

Adiantou-se Torres Couto, envolvendo a UGT, à decisão unânime da Comissão Nacional do Partido Socialista: recandidatar Mário Soares à Presidência da República. Do anúncio de uma solicitação (Torres Couto), à apresentação e votação de uma moção que apela a Mário Soares para concretizar a sua (re)candidatura (Jorge Sampaio), há uma diferença a considerar, uma gradação, uma matriz importante: agora estamos perante um *facto político*.

Pela palavra de Jorge Sampaio, apresentada e aprovada por unanimidade a moção, o Partido Socialista está empenhado na reeleição de Mário Soares. Este *facto político* terá um papel determinante no que concerne as estratégias políticas e eleitorais de 1990 e os actos eleitorais de 1991.

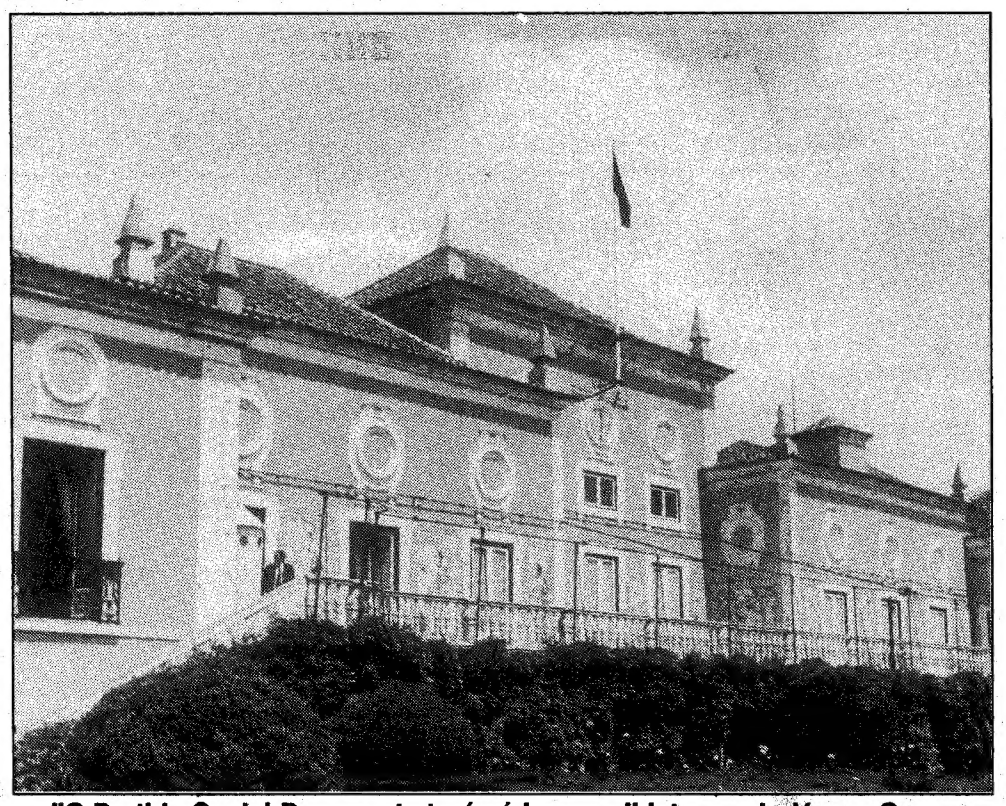
Não se descortina claramente o que fez correr Torres Couto para Belém, antecipando-se ao Partido Socialista. Mais uma vez, posto perante iniciativas que condicionariam o partido - já foi esse o caso da Câmara Municipal de Lisboa -, Jorge Sampaio empenha-se directamente - no caso da Câmara Municipal de Lisboa, directa e isoladamente -, e sabe não só criar uma situação política, como obrigar o partido a segui-lo e aplaudi-lo, de um só passo, lançando o partido e fortalecendo a posição do secretário-geral.

Devemos reconhecer que, nestas decisões, há rasgo político e sentido da oportunidade.

No caso da candidatura à presidência da Câmara de Lisboa, o tempo corria contra o Partido Socialista; neste caso da eleição presidencial, a antecipação, passando de uma intenção anunciada a uma decisão partidária, esvazia outras iniciativas.

Por diversas vezes, nestas notas cursivas, viemos observando que seria um factor condicionante das eleições legislativas que renovarão, ou recusarão, a maioria parlamentar do Partido Social-Democrata (PPD-PSD), a circunstância, legalmente estabelecida, de as eleições presidenciais as precederem. Após os resultados significativamente desfavoráveis das eleições europeias e das eleições autárquicas, o PSD está condenado a disputar as eleições legislativas, de 1991, tendo averbado mais um insucesso eleitoral. O que é previsível. Ninguém, com efeito, admite que o PSD possa opor, com êxito, uma candidatura presidencial à de Mário Soares. A moção que lhe solicita que concretize a sua candidatura aprovada, como foi, pela Comissão Nacional do Partido Socialista, e qualquer que seja a forma e o rótulo de apresentação pública que a candidatura venha a assumir, conferelhe, incontestavelmente, um cariz oposicionista.

Tendo-se obrigado a uma conduta de «isenção democrática e cívica» como «Presidente de Todos os Portugueses», o antigo secretário-geral do Partido Socialista reúne, para uma nova candidatura, múltiplos apoios e um largo consenso. Não é só o candidato do Partido Socialista, mas é «o candidato natural do partido». A sua designação como candidato presidencial, independentemente - insistimos - das características, patrocínios e participações que a candidatura venha a apresentar, cria ao PSD um problema político difícil de enfrentar. Com incontida satisfação o PS, partindo do pressuposto - a esta distância verídico - de que o PSD «não tem nenhum candidato presidencial», proclama: «Os sociais-democratas estão verdadeiramente embaraçados e dependentes da estratégia dos outros.»



"O Partido Social-Democrata terá vários candidatos- o dr. Vasco Graça Moura tem, no pensamento, dois ou três -, mas não tem candidato para vencer Mário Soares"

Melhor dizendo: sem estratégia para as eleições presidenciais e confrontados com a previsão de que os resultados destas terão influência nas eleições legislativas. Falam os socialistas de um «declínio da sua (do PSD) autonomia política», de uma «diminuição da sua (do PSD) iniciativa política». Se a linha política de Freitas do Amaral triunfar no próximo Congresso do CDS, o Partido Social-Democrata fica entregue a si mesmo. Sem aliados. Sem perspectivas que o compensem da monocórdia autoritária. Sem consenso partidário quanto à posição do partido na rosa-dos-ventos da política portuguesa. Partido Popular (PPD) ou Partido Social-Democrata (PSD)? Partido liberal? Partido aglutinador de direita, das direitas? Partido de centro-direita? Ou partido de centro-esquerda?

A palavra solta de Alberto João Jardim, o original líder social-democrata da Madeira, segundo um relato divulgado dos trabalhos do Conselho Nacional do PSD (20 de Janeiro de 1990), teria advertido os «conselheiros» de que «o inimigo principal» do partido já não era o PCP mas o PS. As eleições autárquicas, e a ascensão então verificada e nas sondagens pré-anunciadas do Partido Socialista, constituiam fundamento do desabafo do estadista funchalense. E Alberto João Jardim, acaso temeroso de uma inclinação de Cavaco Silva para apoiar Mário Soares na eventual recandidatura, frisou que o actual Presidente da República tem exercido o mandato «em permanente campanha eleitoral». Mormente no que diz respeito às ditas «presidências abertas», aliás feitas «com custos enormes, para o erário público» e com custos eleitorais para o PSD.

Na advertência que dirigiu ao partido e ao líder, articulada em dez conselhos formulados no seu estilo, mas que não tumultuaram a rotina da reunião do Conselho Nacional, Alberto João Jardim, enveredando por uma crítica frontal ao Presidente da República e pela caracterização do Partido Socialista como «inimigo principal», deu a sua involuntária contribuição à estratégia do PS: aprofundar a rotura entre o Governo e a oposição, impossibilitar - sem prejuízo do relacionamento institucional - qualquer acordo político entre a actual direcção do PSD e o Presidente da República com vista a uma reeleição despartidarizada.

Não há razão para supormos que da esquerda surjam candidaturas concorrentes à de Mário Soares com a mínima probabilidade de sucesso, ou mesmo com significado político que responda às condições de fortalecimento e aprofundamento da democracia participativa. São sempre possíveis as aflorações de voluntarismo sectário, de populismo romântico, de radicalismo insensato. Mas disso não passaremos. Limitar-se-ão a dar aos tempos de antena algum pitoresco e um confrangedor espectáculo de mediocridade demagógica. Para além do uso do tempo de antena, da direita nada há a esperar. Diogo Freitas do Amaral não avançará com o reduzido suporte do CDS. A «Frente Nacional», agrilhoada à «Nova Monarquia», ainda não terá absorvido o PPM, nem convencido os «ultras» que subsistem e os «saudosistas» que persistem. Os candidatos liberais, conservadores, contestatários, ou críticos, do doutor Cavaco Silva, terão apoios financeiros, mas não têm nome feito, imagem pública, prestígio popular.

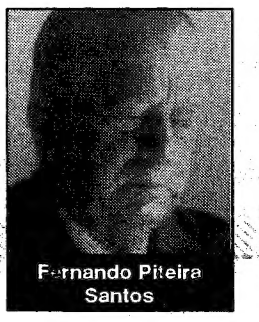
O Partido Social-Democrata terá vários candidatos - o dr. Vasco Graça Moura tem, no pensamento, dois ou três -, mas não tem candidato para vencer Mário Soares. A hipótese Cavaco Silva deve considerar-se arredada; os líderes insulares, por razões distintas, não são candidatos nacionais credíveis; Eurico de Melo seria um candidato de oposição partidária. O PSD está perante uma dupla dificuldade: escapou-lhe a iniciativa, não tem resposta à parada política de Jorge Sampaio.

As orientações a que o Presidente da República se tem cingido - no entender do Partido Socialista -, «podem garantir aos portugueses o imprescindível sentimento de solidariedade nacional no esforço necessário ao progresso do País». Existe, quanto a este ponto, consenso. A consensualidade criada - em termos genéricos - em torno do desempenho da função presidencial pelo democrata Mário Soares, não seria valorizada por uma eleição plebiscitária, por uma eleição sem opositor(es). Designando-o como candidato do Partido Socialista, a (re)candidatura assume inequívoco carácter de «candidatura de oposição política» e empenha o Partido Socialista numa batalha eleitoral de apoio *ao seu candidato* à Presidência da República.

Sem agravo à sua vontade, e ao seu direito, de ser considerado como «Presidente de Todos os Portugueses», Mário Soares passou a ser um candidato de oposição à hegemonia parlamentar do Partido Social-Democrata. Passou a ser a ponta-de-lança do PS para a conquista de uma maioria parlamentar. Repetimos: a eleição presidencial condiciona as eleições legislativas.

Nunca, no decorrer destes anos posteriores à maré alta eleitoral de 1987, esteve o PSD em situação tão difícil. As perspectivas, apesar do optimismo de Cavaco Silva e das suas sólidas convicções, são desfavoráveis.

As sondagens inculcam que o PS cresce. Na experiência municipal de Lisboa depositam-se esperanças. É a esperança que se renova no País de Abril. É a Democracia que se afirma como avanço da Esquerda. Como marcha, em liberdade, para o Progresso e para a Justiça Social.



Fernando Piteira Santos

Sistema Usado Seguro

A nova marca ao seu serviço.

Selecção quer dizer escolher o melhor.
Aos nossos clientes só oferecemos um "usado" escolhido: em boas condições e de confiança.
Por isso, o nosso é um Usado Seguro.

Selecção

Recondicionamento programado

Recondicionar quer dizer controlar e tornar eficiente.
O programa de recondicionamento que nós efectuamos trata, de modo especial, aqueles órgãos de que depende a fiabilidade mecânica e a segurança. Por isso, o nosso é um Usado Seguro.

Nos nossos pontos de venda, o cliente encontra viaturas garantidas por 6 meses no que se refere aos principais órgãos mecânicos. Todos os nossos Usados Seguros beneficiam de uma garantia comercial que permite ao cliente trocar de viatura nos 30 dias a seguir à compra, caso não se sinta satisfeito.

Garantia

Preço à vista

Todos os veículos expostos nos nossos pontos de venda apresentam, de modo bem visível, o preço de venda que foi definido com base no valor que a viatura tem no mercado e no seu estado de conservação. Um bom usado deve ter também um preço justo: só assim é um Usado Seguro.

Nos nossos pontos de venda encontrará também a solução para as suas exigências de financiamento.
É preciso saber aproveitar as oportunidades quando a ocasião surge: nós ajudamo-lo.

Crédito especial

Assistência

Vendemos o usado com a mesma atenção que reservamos ao Cliente do carro novo: oferecemos aquela assistência mecânica e comercial que está na base de uma duradoura relação de confiança.

Visite as exposições do "Sistema Usado Seguro" na Sucursal e Concessionários Fiat e Lancia.

Sistema Usado Seguro

O seu novo carro.

Fiat Auto Portuguesa, S.A.

No dia 27 de Janeiro o Semanário vale milhares de contos!

Vamos sortear um **Nissan Máxima** no valor de 10.000 contos, 500 contos de gasolina **Galp**, um seguro contra todos os riscos **S.P.S., Seguros** e ainda um relógio **Van Cleef & Arpels** no valor de 700 contos.

Semanário

Como pode habilitar-se?

Esteja atento às próximas edições do Semanário.
— Vem lá tudo!
Não precisa usar selos nem cola.

APOIOS: **NISSAN · ANTÓNIO MOURA, LDA. · PETROGAL · S.P.S., SEGUROS · CASINO DO ESTORIL**

POLÍTICA

PSD/Açores: unanimidade em risco na Primavera

Álvaro Dâmaso quer que o próximo Congresso exprima «sensibilidades»

O próximo congresso do PSD/Açores, a realizar em Abril ou Maio, poderá entrar na história como o da mudança, caso se confirme a tendência, que começa a desenhar-se, de pôr em causa a liderança de Mota Amaral.

Senhor incontestado do partido e do Governo Regional ao longo de 16 anos, Amaral está a sofrer os efeitos do rude golpe desferido pelo PS na influência eleitoral dos social-democratas, nos dois mais recentes sufrágios.

Primeiro, já lá vai mais de um ano, foi a redução da maioria na Assembleia Regional. Por obra e graça de um quase desconhecido Martins Goulart, a representação socialista passou a 22 deputados e o PSD segurou a maioria por um lugar. Em Dezembro passado, a tendência ganhou novas formas: os social-democratas cederam oito câmaras municipais, perdendo a maioria.

O PSD/Açores não podia ficar indiferente. Segundo a agência Lusa, a «agitação interna» veio ao de cima ainda recentemente, durante uma reunião entre o dirigente nacional Fernando Nogueira e a direcção regional.

Por[illegible]rente ausência de alte[illegible]à altura do líder histór[illegible] terá refreado os ânimo[illegible]. É neste contexto que se manifesta a primeira voz dissonante: Álvaro Dâmaso, um dos homens que entrara para o Governo Regional na sequência do desaire de 1988, já então considerado um «delfim» de Mota Amaral.

Separar o «estado» do partido

O antigo presidente da Bolsa de Lisboa, o secretário regional da Economia, defendeu, em reunião da Comissão Política realizada na Horta, a apresentação de listas e moções alternativas, exprimindo «tendências e sensibilidades» no próximo congresso. A vingar, a proposta prefiguraria o fim da unanimidade, intocável princípio do PSD do arquipélago, em todas as anteriores assembleias magnas.

Dâmaso foi mais longe: como se a região Autónoma fosse um país socialista, defendeu a separação do «estado» e do partido, historicamente fundidos - ou pelo menos confundidos. Preconizou, nesta medida a necessidade de diversificar atribuições e considerou que a concentração de cargos partidários e governamentais conduz ao «afunilamento de ideias».

É ainda prematuro avaliar que a intervenção de Álvaro Dâmaso como sinal da sua disponibilidade para avançar, tomando pura e simplesmente o lugar de Amaral ou concorrendo contra ele. O certo é que a sua tomada de posição agitou as hostes social-democratas açorianas, levando membros da linha adversária, citados pela Lusa, a interpretar a sua atitude como uma «fuga para a frente».

De qualquer modo, o PSD/Açores já tomou a iniciativa de alterar em alguns aspectos a sua conduta política. Em matéria de lei eleitoral para a Assembleia Regional - tema actualmente em discussão - aproximou-se da pretensão socialista de «dar verdade à expressão de cada força».

Trata-se, sobretudo, de reduzir o peso eleitoral das ilhas menos povoadas, que deixarão de ser tratadas como «iguais». Na proposta do PSD, semelhante às do PS e CDS, o número de deputados passa de 51 para 42. Nove círculos eleitorais - um por ilha - decidem 31 mandatos. Um círculo regional elege os restantes onze.

Salinas foi recebido esta manhã, no aeroporto, por Mário Soares

Soares recebeu Carlos Salinas

O presidente do México chegou esta manhã a Lisboa para uma visita de trabalho de dois dias, durante o qual terá encontros com as autoridades portuguesas e contactará meios intelectuais e empresariais. Carlos Salinas Gortari almoçou com o Presidente da República, Mário Soares, visitando depois a Associação Industrial Portuguesa.

O estadista que sucedeu a Miguel de La Madrid na presidência do México inaugura, ainda esta tarde, uma exposição de pintura mexicana contemporânea, na Galeria Almada Negreiros, e à noite participa num banquete oficial, no Palácio de Queluz.

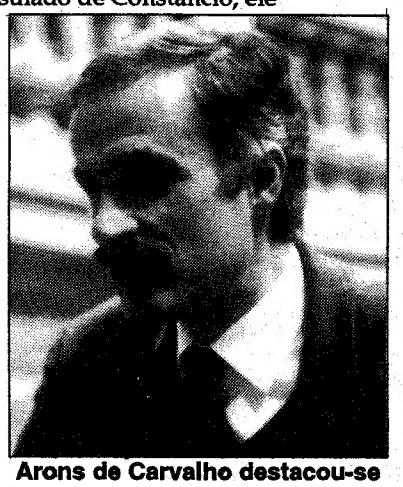
Amanhã, Carlos Salinas tomará o pequeno almoço com intelectuais portugueses num hotel de Lisboa, antes de se encontrar com os representantes da Comunicação Social portuguesa aos quais dará conta dos contactos de trabalho mantidos com as autoridades portuguesas, devendo também abordar a situação mexicana na perspectiva americana e europeia.

O principal objectivo desta visita de Carlos Salinas Gortari, que o levará a outros países europeus, é expandir o comércio, «diversificar relações, atrair investimentos e procurar laços mais estreitos com a Comunidade Económica Europeia», segundo informação do gabinete presidencial mexicano.

Ao fim da manhã, o Chefe do Estado do México deporá uma coroa de flores no monumento aos descobrimentos e almoçará com o primeiro-ministro.

Arons de Carvalho e os moinhos de vento

O deputado Arons de Carvalho bem se esforça para fazer vingar as sua teses sobre a Comunicação Social, aparentemente também, neste momento, teses oficiais do seu partido. Mas arrisca-se, pelo que se tem visto e ouvido no Parlamento, a combater moinhos de velas enfunadas pelos ventos que o mesmo PS ajudou a soltar em sede de revisão constitucional. Honra lhe seja feita, no entanto, por tanto persistir pois, já ao tempos do consulado de Constâncio, ele travou o mesmo combate, mas então com menos apoios e quase que isolado.



Arons de Carvalho destacou-se no primeiro dia de debate

Soube-se agora de um episódio desses tempos digno de ser enquadrado na polémica que está a agitar a Assembleia da República.

Um dia, o constitucionalista social-democrata Costa Andrade, assumiu em plenário o rompimento de um acordo firmado na Comissão de Revisão quanto aos direitos de agendamento das minorias parlamentares. Na reunião imediata do Secretariado, que discutiu a resposta a dar pelos socialistas, ele e Jorge Lacão defenderam a suspensão do acordo até o PSD pagar, em contrapartidas, tal malfeitoria.

Uma das contrapartidas exigidas era, justamente, a composição e competências da Alta Autoridade para a Comunicação Social. Mas os argumentos de António Vitorino e Almeida Santos pesaram mais que os de Arons de Carvalho e o Secretariado persistiu na atitude passiva de que o Partido Socialista paga, agora, as consequências.

Os trunfos de negociação são agora bem menores, pois se trata de legislação ordinária: dos votos do PS, que valiam ouro para a formação da maioria constitucional, não carece o PSD para aprovar esta lei, filha da revisão.

E pouco mais resta ao deputado Arons de Carvalho que combater, militantemente, com a camisola do PS, contra moi-nhos de vento. A causa é justa, porém. Quem lhe dá uma ajuda?

D.R.

Debate sobre Alta Autoridade adiado por falta de quorum

Se o presidente do PSD, Aníbal Cavaco Silva, deu mesmo ordens aos seus deputados, como referem as notícias, para eles retomarem a ofensiva e deixarem de andar a reboque do PS, na Assembleia da República, esta nova táctica ainda não produziu efeitos.

Ontem, o Grupo Parlamentar do PSD destacou-se pelo absentismo em termos tais que nem sequer foi possível votar, por falta de quorum, a proposta e os três projectos de lei da Alta Autoridade para a Comunicação Social.

Mas persiste, no entanto, uma suspeita, a de que este comportamento da Maioria tenha sido coordenado e que a espectacular ausência de ontem, no plenário, obedeceu a ordens expressas para se ganhar tempo, de modo a salvar as ténues hipóteses de acordo com o PS, frustrado à primeira tentativa, mas ainda passível de negociação a um nível mais alto.

A ser assim, a cadeia de comando funcionou e a falta de quorum para a não-votação não terá passado de uma manobra dilatória no sentido deste último *forcing* para repor, com tal lei, a maioria qualificada de dois terços e o consenso que aprovou as bases constitucionais onde ela entronca.

A questão é complexa e ontem foram conhecidos alguns dos seus mais recentes desenvolvimentos, assim como nos foi possível confirmar antecedentes, reportados ao tempo em que Vitor Constâncio avalizou os consensos com o PSD de que os socialistas pagam hoje as consequências. E pagam-no, por exemplo, com a bofetada desta lei que é um efeito retardado da gestão de Vitor Constâncio como secretário-geral do Partido Socialista.

Assim, soubemos que os artífices da proposta de lei sobre a Alta Autoridade para a Comunicação Social propuseram ao PS a não hostilização recíproca na hora da votação de modo a que, pelas abstenções conjugadas, fosse possível fazer baixar à Comissão, quer a proposta do Governo, quer o projecto socialista. Depois, em sede especializada, se mediriam as hipóteses de a lei ser apoiada por uma maioria qualificada de dois terços, semelhante à que, em sede de revisão constitucional, lhe serviu de génese.

Abortaram, porém essas propostas do PSD porque o PS condicionou a sua abstenção à não liquidação do Conselho de Imprensa e à expressa vinculação na lei da representatividade dos quatro elementos que falta designar para o elenco da Alta Autoridade.

O PSD não aceitou essas condições e os mais informados sobre o desfecho desta primeira tentativa de negócio aguardavam, ontem, como natural, a rejeição dos três projectos e a aprovação, pelo voto isolado da bancada da Maioria, da proposta governamental. Tal não veio a acontecer, porém, porque nem votação houve, por ausência de deputados bastantes para a formalizar.

Já uma hora antes, quando a Mesa se propunha iniciar o debate do pedido de autorização legislativa sobre processo e julgamento de contravenções e transgressões, contara este repórter apenas 17 deputados do PSD no plenário (e eles são 148, mais que suficientes para completar o quorum de votação...).

Certo que o Governo também se atrasara e que, tanto o ministro Fernando Nogueira, como os secretários de Estado, Carlos Encarnação e Laborinho Lúcio, primavam pela ausência.

Certo também que, da Oposição, só lá estavam seis deputados do PS, outros tantos do PCP, um do CDS e outro do PRD. Mas quando o debate principiou, as bancadas da Oposição foram-se compondo e na do PSD persistia o absentismo. Logo aí deu para estranhar tal comportamento.

Confirmou-se, na hora de votar o que se discutira terça-feira passada, que não havia votação alguma e Vitor Crespo encerrou a sessão sem explicar porquê.

As informações factuais vieram depois, nomeadamente que o Partido Comunista avisara a bancada da Maioria de que ia pedir a contagem de deputados, com a correspondende verificação de falta de quorum de votação.

Não é a primeira vez que isto acontece na presente Legislatura; mas sabidos os interesses em jogo, conhecidas algumas das movimentações, ao mais alto nível das instituições, para que a proposta do Governo não se consubstancie em lei tal como foi apresentada ao Parlamento, todas as dúvidas são legítimas sobre as razões deste estranho absentismo. Logo um dia depois de Cavaco Silva ter ido a S. Bento animar os seus deputados para retomarem a ofensiva...

Pelo menos até à próxima terça-feira, a Alta Autoridade para a Comunicação Social fica em suspenso, na expectativa do que, até lá, possa ainda ser negociada pelos estados-maiores dos dois partidos que fizeram a revisão constitucional.

Daniel Reis

Prejuízos das cheias

Governo concede crédito de dez milhões

O Ministério da Agricultura decidiu criar uma linha especial de crédito, no montante de dez milhões de contos, destinada às regiões mais afectadas pelo mau tempo, soube a Lusa de fonte oficial. O sistema funcionará de forma idêntica ao que foi criado para as intempéries «Primavera-Verão-88» e destina-se às regiões agrícolas do Algarve, Alentejo, Beira Interior, Ribatejo e região Oeste.

«Do montante de crédito disponível, 250 mil contos destinam-se ao sector das pescas, para a recuperação de equipamentos da frota artesanal afectados pelo temporal», disse uma fonte do Ministério da Agricultura. Esta medida foi aprovada no Conselho de Ministros de ontem, conjuntamente com outras destinadas a minimizar os prejuízos causados pelo temporal.

Para além disso foi decidido diferir, por um ano, o pagamento das amortizações referentes à linha especial de crédito para os prejuízos causados à agricultura o ano passado e as verbas nele previstas poderão «ser aplicadas pontualmente a outras áreas do País». Para as regiões consideradas mais afectadas (Algarve, Alentejo, Beira Interior, Ribatejo e Oeste) foram também tomadas medidas com vista ao fomento e produção de forragens.

Na mesma reunião o Executivo aprovou novo estatuto de carreira para os educadores de infância e professores do ensino Básico e Secundário, decidiu criar novas medidas fiscais (para o IRS e IRC) mas apenas destinados a agricultores que trabalhem em sistema de pecuária intensiva, para as profissões liberais, clubes desportivos e projectos de investimento de valor superior a dez milhões de contos.

O Governo decidiu ainda criar a figura do Conselho de Ministros para os Assuntos Comunitários, que se reunirá pelo menos uma vez por mês, de forma a acompanhar a «evolução da integração europeia nas frentes externa e interna». Foi ainda aprovado um diploma que prevê a isenção de emolumentos gerais e do imposto automóvel nas importações feitas por deficientes de veículos ligeiros, triciclos e cadeiras de rodas destinadas a uso próprio.

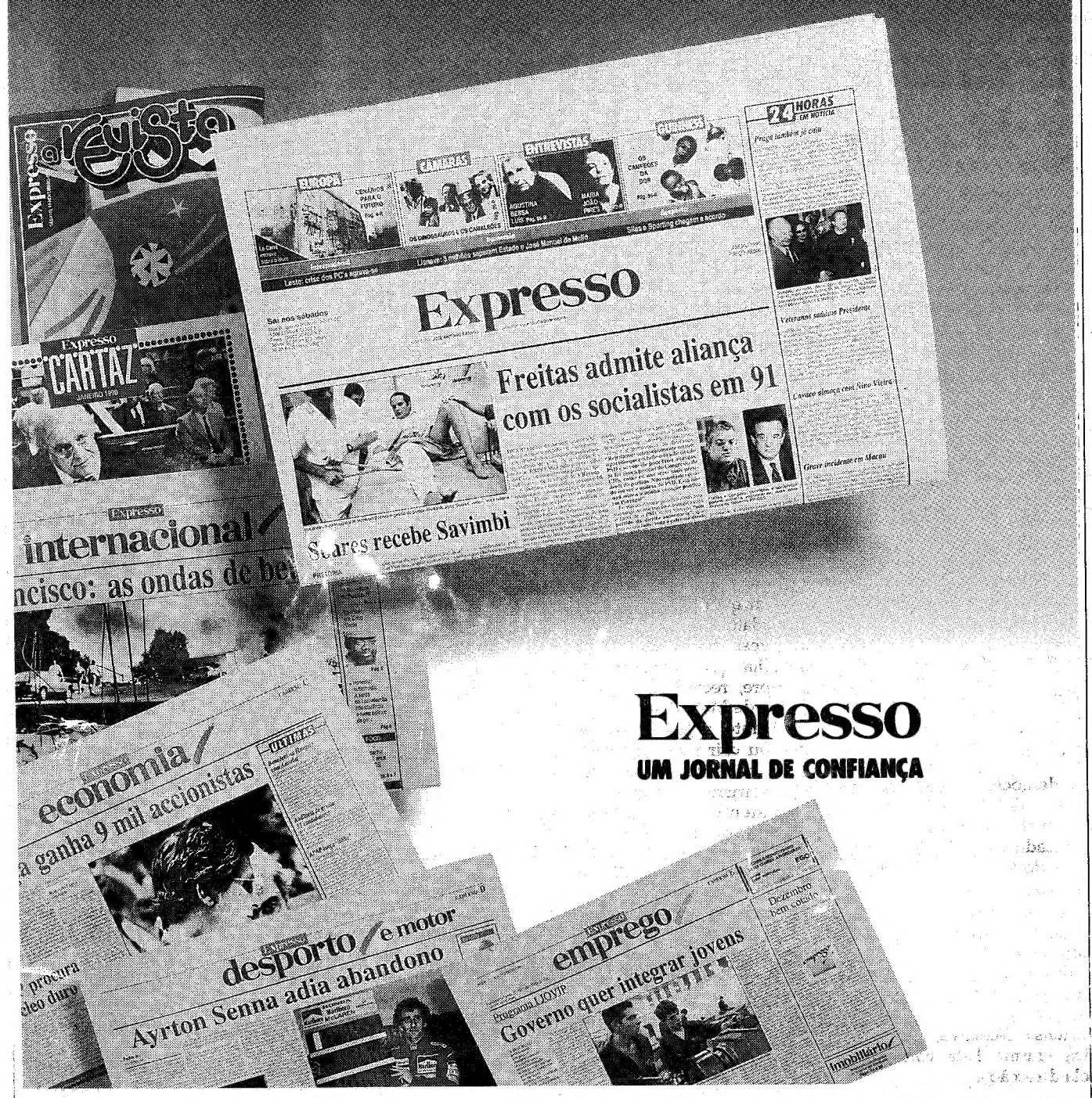
Apoio a Moçambique

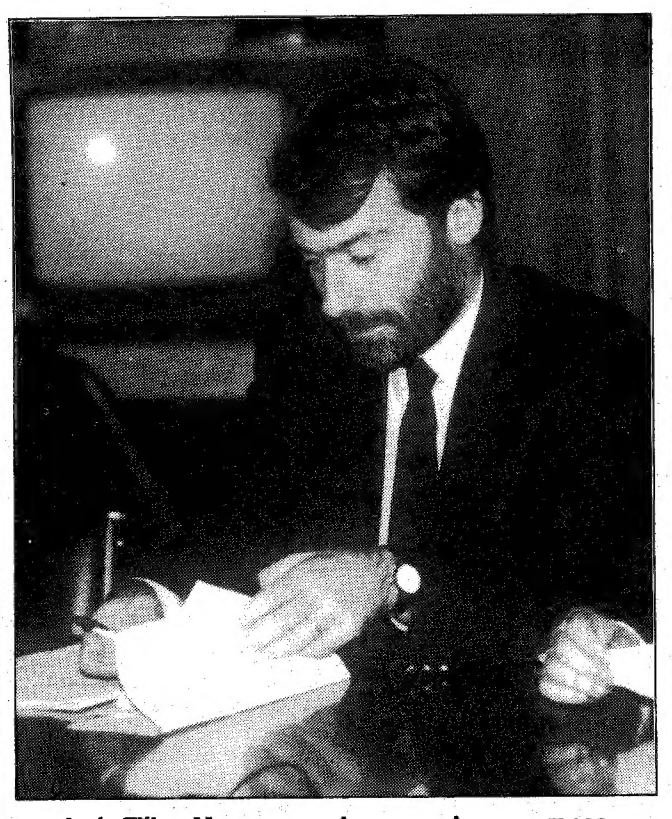
O embaixador de Portugal em Moçambique, Francisco Knopfli fez ontem entrega ao governo daquele país de uma bilbioteca jurídica abrangendo Direito Administrativo, Direito Comercial, Constitucional e Penal.

A oferta destina-se a «melhorar a cooperação» entre os dois países e o seu valor foi sublinhado pelo ministro moçambicano de Justiça, Osman Ali Dauto, que salientou o facto de Maputo preparar a revisão da constituição e subsequentes medidas legais.

ACREDITE, SE LER NO EXPRESSO.

Mesmo quando a realidade ultrapassa a ficção, o leitor do EXPRESSO acredita no que lê: sabe que uma investigação profunda dos factos apurou exaustivamente a sua veracidade.
E esta paixão pela realidade em permanente evolução que obriga o EXPRESSO — o mais antigo semanário português — a uma inovação permanente. Com efeito, não lhe basta ser o número 1. Depois de ter sido o primeiro semanário no país a editar uma Revista, o EXPRESSO é agora o único a oferecer aos seus leitores quatro cadernos autónomos que permitem organizar e classificar os grandes temas da Informação — Política/Nacional, Internacional, Economia e Desporto — além do Cartaz (agora renovado), que oferece uma panorâmica sobre os espectáculos e acontecimentos culturais.
Quanto mais complexo se torna o mundo em que vivemos, tanto mais o EXPRESSO se transforma num mundo de informação, onde a verdade do que acontece é dada a ler e a ver, semana a semana, a centenas de milhares de leitores.





Luís Filipe Meneses parte em vantagem graças ao apoio do novo ministro da Defesa

Liderança do PSD do Porto

Carlos Brito apoia Filipe Meneses

Carlos Brito apoia a candidatura de Luís Filipe Meneses à presidência do PSD portuense. O ministro da Defesa é, com efeito, o primeiro subscritor da lista deste deputado pelo Porto à presidência distrital do Partido Social Democrata. Brochado Coelho, que Luís Filipe Meneses apresenta para a presidência da mesa da assembleia g eral, foi líder do PSD do Porto nos último dez anos.

São quatro as listas candidatas às presidência da Comissão Política distrital do Porto dos sociais-democratas, tendo duas delas em comum o facto de não apresentarem candidato à mesa da assenbleia distrital, o que significa que Brochado Coelho, anterior líder social-democrata portuense, está praticamente eleito.

Entre os outros três candidatos à liderança do PSD distrital surge, pela primeira vez nesta distrital, uma mulher: Joaquina Damas, que ao contrário das listas de Aguiar Branco e Miguel Bombarda, tem um nome para a presidência da mesa da assembleiageral: Alcino dos Reis. Da lista de Luís Filipe de Meneses, faz parte, entre outros, o director do hospital de Vila Nova de Gaia, Jaime Neto, como vogal.

A candidatura de Luís Filipe Meneses tem o apoio de várias figuras das concelhias, da JSD e dos TSD, apresentando-se à partida como favorita. Gonçalves Afonso e Magalhães Pinto são os nomes indicados para vice-presidentes e Diogo Luz é o primeiro nome para o Conselho de Jurisdição.

A lista de Aguiar Branco tem como primeiro subscritor e mandatário Jorge Neto, da Comissão Concelhia de Lousada, propondo Rui Rio e Oliveira e Silva, o primeiro da Juventude Social Democrata, para a vice-presidência da Comissão Política Distrital. Cunha Trigo e Fernando Lopes Vieira são os candidatos à vice-presidência do PSD/Porto na lista de Joaquina Damas.

Alternativa ao cavaquismo em dúvida no PSD

O partido maioritário quer saber se há listas novas para o futuro Conselho Nacional, e ajustar contas com as últimas eleições autárquicas, que fizeram vacilar a fé

Prevê-se das bandas da JSD, a moção crítica do costume, no congresso do PSD que vai terminar a 8 de Abril. Não está nos regulamentos, mas é assim por via de regra. Há também o medo de falar, num partido que até aqui há uns anos era o mais prolixo. Entre os quadros, a dúvida é sobre o que é que o líder quer fazer.

Cavaco Silva disse uma parte, no último Conselho Nacional, quando acusou o seu partido de se ter fechado num *bunker* a nível local, depois de uma vitória ímpar nas mais recentes eleições legislativas, que ditaram a estabilidade política durante quatro anos.

Escrito de outra forma: o cavaquismo histórico, herdeiro de grandes amores à camisola laranja, esgotou os pedidos de ingresso no partido, dentro das sedes, por falta de papel. Mas vedou depois, muito à portuguesa, o advento de outras militâncias, oriundas de sectores que o cavaquismo até enriqueceu, dentro da nossa pobreza, mas nunca foi capaz de organizar. Ora Cavaco Silva não andou a criar uma política para gente assim.

Na sombra e no silêncio

As comissões distritais do partido foram acusadas pela liderança de terem mantido fechada, à sombra de um poder servido pela cornucópia dos subsídios da CEE, a porta ideal das mordomias e do alinhar contente com a vaga do momento.

Dirigentes do PSD actual queixam-se da falta de renovação das estruturas de base, acusam a manutenção das mesmas pessoas nos mesmos cargos, desde há muito mais anos que a memória do partido consente e, no próximo Congresso, querem ajustar contas com regionalismos e paroquialismos que saíram muito caros nas últimas eleições.

Na sombra e no silêncio, teriam forjado o fracasso.

A remodelação governamental do segundo dia deste ano foi, também, um recado às distritais. Elas acusavam o modo de agir do Governo dos desaires nas últimas eleições. Agora, a bola da política está outra vez no terreno delas.

Como referia ao DL um responsável social-democrata, a título de exemplo, há cinco militantes do PSD na Câmara de Lamego, uns eleitos nas listas do partido e outros nas candidaturas do PRD e do CDS. O partido, «que nem sequer os expulsou», está limpo de responsabilidades, mas vê com alguma ironia a tentativa de federação de todos, no grande rio onde desagua a força do PSD.

Corte e costura

No próximo Congresso do PSD, Cavaco Silva surgirá como líder incontestado ?

É aqui que bate o ponto.

O surgimento de segunda lista acarinhada por distritais em fúria está fora de questão, ou então vai ser necessário explicar muito bem por que se perdeu no Porto e se ganhou em Cascais, por exemplo.

O corte das distritais com o Governo já foi badalado, embora em surdina, mas Cavaco vai fazer a costura.

Militantes antigos garantiram ao DL que vai surgir no Congresso uma nova lista. Os nomes dos padrinhos da contestação ordeira seriam dois dos ministros cessantes: Eurico de Melo e Álvaro Barreto. Mas com o apoio de quem, agora que a centralização do poder dentro do PSD se reforça ?

«Pode estar certo que vai surgir uma lista alternativa no Congresso», assevera «em alto sigilo» um dos contestatários. Do lado de Cavaco, também com pedido de não citar a fonte, respondem com outra pergunta: «E com quem, para valer o quê ?»

Águas calmas

Nas hostes da Oposição comentava-se com indisfarçada pirraça este ou aquele desabafo de social-democratas satisfeitos por, na sequência do 17 de Dezembro, terem pé para crescerem na contestação ao cavaquismo na sua versão mais pura e dura, sempre inexplicada.

As águas acalmaram de súbito e só uns tantos incorrigíveis conspiradores insistem no propiciar do fim do chefe. O Congresso de Abril vai delinear, em papéis oficiais, duas linhas claras, uma estratégica e outra instrumental.

A primeira é consensual: o objectivo é aproximar Portugal dos países mais desenvolvidos.

Em Abril, listas mil ? Ao contrário do que aconteceu no último Congresso do PSD, ainda não é improvável o surgimento de uma segunda lista para o Conselho Nacional

A segunda é um voto pio: que seja o PSD a sós a cumprir a sua estratégia, no Governo. Coligações pré-eleitorais estão, portanto, inteiramente afastadas.

Barões e escuteiros

Em tempos em que andam pelos semanários os montantes das remunerações que os jovens do PSD auferiram nas últimas autárquicas pela afixação de cartazes, distribuição de folhetos e coisas assim, perguntámos a um dirigente cavaquista se o tempo dos «escuteiros» tinha acabado, com o regresso dos «barões» à boca da cena do partido hegemónico.

Achou piada à destrinça, mas logo avançou com a condenação de uma tese de José Miguel Júdice, segundo a qual seria necessário chamar de novo os notáveis do partido à participação activa na política.

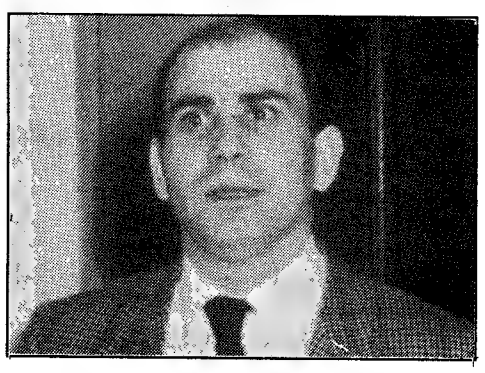
«Há a tradição da facada nas costas dada pelos barões ao chefe, quando este cai em desgraça, para o caso em desgraça eleitoral», disse-nos. E previu que no próximo Congresso do PSD, a realizar depois dos idos de Março, os barões poderão talvez reclamar quanto à questão da candidatura apoiada pelo PSD às Presidenciais, cavalo de batalha que comprometeu sempre, recorde-se, a liderança de Mota Pinto.

Quanto a Mário Soares, deixou cair uma crítica velada às consequências do «porreirismo nacional» do Presidente, uma atitude fadada a dar cabo do juízo ao Executivo de Cavaco Silva. Antes destas conversas, já Alberto João Jardim tinha revelado o mal que as «presidências abertas» fizeram ao PSD autárquico. A conversa presidencial acaba aqui. O Congresso de Abril delegará competências quanto ao candidato a apoiar.

João Isidro

Duarte Lima:

«Condições objectivas para grande unidade»

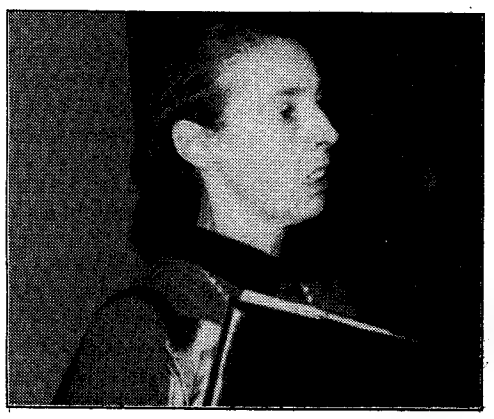


«Existem condições objectivas para que se verifique um grande movimento de unidade em torno da definição dos principais objectivos estratégicos do PSD para os próximos dois anos. Normalmente, nos congressos, a diversidade de listas para os órgãos nacionais só faz sentido quando existem duas linhas estratégicas em confronto.Não considero verificado o primeiro pressuposto - e o último Conselho Nacional do PSD veio reforçar a convergência da maioria esmagadora dos seus intervenientes nos objectivos estratégicos definidos pelo líder do partido - pelo que também não encontro razões pertinentes que justifiquem o aparecimento de outras listas», disse Duarte Lima ao DL.

No entanto, «essa decisão compete, em última instância, aos delegados ao Congresso», sustenta o director do orgão oficial do PSD, o «Povo Livre».

Conceição Monteiro:

«Unidade sim, unicidade não»



«Acho sempre democrático aparecer uma segunda lista, como defendi no Congresso do PSD em 81», sustenta Conceição Monteiro, figura destacada do chamado «Grupo de Lisboa», antes de frisar: «Nunca considerei o surgimento de uma segunda lista como mostra de contestação».

De resto, «o apoio ao Prof. Cavaco Silva é inequívoco», define, antes de afirmar, peremptória: «unidade sim, unicidade não». Quanto à distrital de Lisboa, faz questão em acrescentar que «somos talvez mais políticos que outras distritais». Ressalva, todavia, a votação pacífica «numa lista consensual apresentada pela direcção».

BREVES

Pilotos não voam por «cansaço psicológico»

Dez pilotos da Base Aérea de Sintra solicitaram dispensa de funções, alegando «cansaço psicológico», disse um porta-voz do Estado Maior da Força Aérea.Na Base Aérea de Monte Real alguns dos 18 pilotos que na quarta-feira se recusaram a efectuar voos, pelas mesmas razões, mantêm o pedido, de tal forma que foram suspensos alguns dos voos, noticiou a Lusa. Entretanto o Estado Maior da Força Aérea diz que os pilotos «poderão ser submetidos a exames médicos», para se determinar se há ou não razões para o cansaço mental que alegam.

PRD marca congresso para 17 e 18 de Fevereiro

A Comissão Directiva Nacional do PRD decidiu marcar para 17 e 18 de Fevereiro um congresso extraordinário, anunciou fonte partidária. A decisão foi tomada durante a reunião de ontem da Comissão Nacional, que tinha como principal tema em debate a «eventual» reformulação da intervenção do PRD na política nacional. Os renovadores fizeram também um balanço do último conselho nacional e debateram a metodologia do congresso extraordinário.

Soares «sensibilizado» para as rádios locais

A situação da Cadeia Nacional de Rádios foi debatida na audiência que Soares concedeu, ontem, ao presidente do Instituto Nacional de Rádios Locais. À saída do encontro Manuel Inácio disse que o Presidente da República tinha ficado «sensibilizado para o assunto», embora não possa ir ao congresso das rádios locais, dado que na mesma altura se desloca a Itália, a convite da Ordem de Malta.

Direitos dos jovens analisados em Dublin

Os direitos dos jovens europeus e a cooperação com Leste são algumas das questões a debater, em Dublin, entre representantes da juventude dos países da Comunidade.António Seguro, presidente do Fórum da Juventude das Comunidades Europeias vai à Irlanda debater tal tema e, também as actividades juvenis decorrentes da recente assinatura do Acordo de Lomé IV.

ECONOMIA

Estudantes, operários e não só

Os polacos vêm aí

Bruxelas, do nosso correspondente

Pouco depois das autoridades da Polónia terem proposto a vinda para a Bélgica de 20 mil polacos para colmatar a escassez de mão-de-obra na construção civil, a Comissão europeia anunciava o incremento das ajudas à Hungria e à Polónia, através de uma fundação vocacionada para a formação profissional e do programa «Tempus», que permitirá, a partir de Setembro, a frequência de universidades dos Doze, por parte de um número calculado entre dois e três mil estudantes provenientes daqueles países.

Também as empresas ocidentais manifestaram a sua abertura para receber polacos e húngaros, que tomarão contacto com sistemas e actuações mais modernizadas, por forma a aplicarem os conhecimentos adquiridos nos seus respectivos países. A proposta deste novo pacote partiu da comissária grega Vasso Papandreou, que ontem a apresentou em conferência de Imprensa.

A Fundação Europeia de Formação concentrará os seus esforços na criação de quadros para determinados sectores específicos, como o financeiro, telecomunicações e defesa do ambiente. O «bureau» coordenador das acções ficará em Bruxelas sob a égide da Comissão.

Segundo Papandreou, a fase actual é de avaliação e estabelecimento de prioridades, mas espera que o Conselho de Ministros dos Doze não demore a aprovar as propostas, para permitir que o programa «Tempus» arranque no próximo ano lectivo.

Este programa, com a duração de cinco anos, tem uma fase piloto de dois e inscreve-se na linha de outros como o Erasmus, Comett, Lingua, Spes ou Youth for Europe, embore se adapte às necessidades específicas dos países da Europa central e oriental.

Vasso Papandreou considerou a hipótese de futuramente outros seis países em vias de democratização serem abrangidos por estas acções. Fez ainda questão em salientar o interesse manifestado pela Polónia na aprendizagem de línguas estrangeiras modernas.

No primeiro ano, o orçamento do Tempus eleva-se a 20 milhões de Ecus. Para 1991 a estimativa é de 39 milhões e para 1992 de 47 milhões. A fundação terá como objectivos prioritários contribuir para uma adaptação às novas condições do mercado, pelo que a participação de países não-comunitários é desejável, o mesmo sucedendo em relação às empresas públicas e privadas.

Segurança

Segundo a comissária grega, a Fundação Europeia será constituída este ano sob a forma de um organismo autónomo que colaborará estreitamente com o Centro Europeu para o Desenvolvimento da Formação Profissional, em Berlim. Para além do gabinete coordenador de Bruxelas, contará com estruturas similares em Budapeste e Varsóvia.

As verbas para a iniciativa (uma dotação de seis milhões de Ecus para 1990) provêm do orçamento comunitário e de outras fontes eventuais.

A possibilidade de polacos e húngaros terem acesso a empresas ocidentais, muitas delas a utilizarem alta tecnologia, colocará questões de segurança, na medida em que se trata de dois países do Pacto de Varsóvia? Vasso Papandreou, depois de hesitar, disse que a questão não se pôs.

O DL, no entanto, colocou o mesmo problema a um perito da NATO, que solicitou anonimato. Para ele, é importante que se avalie o grau de tecnologia utilizada em empresas onde vão estagiar cidadãos daqueles países, embora tenha desdramatizado um pouco a questão ao dizer: «*Tudo se sabe, quer de uma lado quer do outro*».

O mesmo perito referiu, porém, que há uma euforia prematura em relação aos países do Leste, quando, em termos estritamente militares, a situação não é tão simplista como à primeira vista possa parecer.

Clandestinos

A embaixada da Polónia em Bruxelas desconhece quantos cidadãos do seu país se encontram na Bélgica. Para os diplomatas, em 1981, últimos dados de que dispõem, havia 945 polacos recenseados. Ninguém sabe ao certo quantos estão na Bélgica, estimando-se que sejam 12 mil, contando com os clandestinos.

Os polacos colhem a simpatia dos belgas e até a polícia fecha os olhos aos clandestinos. A região bruxelense tem necessidade de pedreiros, carpinteiros e serralheiros e os polacos resolveriam a escassez de algumas profissões. Por um trabalho de qualidade, limitam-se a auferir 200 a 300 francos por hora (800 a 1200 escudos), quantitativos que nenhum empresário rejeita. Para as autoridades, embora sem o confessar, a presença dos polacos ajudaria certos sectores a vencerem a crise, caso dos têxteis e da construção civil.

Não foi divulgada a decisão do governo da região bruxelense sobre a proposta da Polónia, mas tudo indica que os polacos vêm aí.

José Rui Cunha

Bruxelas quer mão-de-obra barata. E aí vêm, para já, os polacos

COTAÇÕES

Companhia Geral de CRÉDITO PREDIAL PORTUGUÊS

(Por Unidade)

COTAÇÕES DE NOTAS	COMPRA	VENDA
ÁFRICA DO SUL (rand)	49$20	55$20
ALEMANHA FED. (marco)	87$10	88$30
ÁUSTRIA (xelim)	12$40	12$60
BÉLGICA (franco)	3$974	4$224
BRASIL (cruzado)		
CANADÁ (dólar — notas de 1 e 2)	123$65	126$15
(notas de 5 a 1000)	124$15	126$65
DINAMARCA (coroa)	22$50	22$90
ESPANHA (peseta)	1$308	1$428
EUA (dólar — notas de 1 e 2)	147$05	150$55
(notas de 5 a 1000)	147$55	151$05
FINLÂNDIA (marka)	36$90	37$50
FRANÇA (franco)	25$65	26$35
HOLANDA (florim)	77$35	78$45
IRLANDA (libra)	231$90	235$90
ITÁLIA (lira)	$106	$121
JAPÃO (iene)	$975	1$030
NORUEGA (coroa)	22$55	23$05
REINO UNIDO (libra)	244$55	249$05
SUÉCIA (coroa)	23$85	24$35
SUÍÇA (franco)	98$70	100$20
VENEZUELA (bolívar)	3$247	4$047

OBSERVAÇÕES:

1 — No respeitante a moedas, estas cotações devem ser consideradas a título meramente informativo.

2 — Todas as operações de venda estão sujeitas ao imposto de 6 por mil.

BREVES

Dinheiro e imaginação para promover turismo

Portugal precisa de investir «*mais dinheiro e imaginação*» no turismo, afirmou em Madrid o secretário de Estado daquele sector, Miguel Sarmento, que se deslocou à capital espanhola para visitar a Fitur/90.

Este membro do Governo disse que não tem, para já, qualquer estratégia para o turismo português. «*Ela será definida depois de auscultada a opinião dos diversos intervenientes*», afirmou, acrescentando que tal processo deverá estar concluído dentro de dois meses.

Revelou, no entanto, ter ideias resultantes da sua experiência. «*Mas uma política nacional necessita de consenso*», adiantou.

Miguel Sarmento espera também resolver em breve o preenchimento do cargo de presidente do Instituto de Promoção Turística, cujo anterior titular se demitiu recentemente.

Ao defender a necessidade de mais recursos para a promoção turística, considerou que eles não têm forçosamente de saír do Orçamento Geral do Estado, desde que se tenha a devida imaginação para encontrá-los.

«*Se não investirmos em promoção, se adoptarmos uma atitude passiva em relação aos mercados geradores de turistas, não podemos esperar resultados*», afirmou.

Recusou-se, contudo, a definir os mercados onde, com prioridade, as acções de promoção serão desenvolvidas, pois que este domínio está dependente do programa estratégico a elaborar após audição dos operadores turísticos.

Moscovo vai ter loja portuguesa

A empresa Planco (grupo Pão de Açúcar) vai abrir em Moscovo um pequena loja para venda de produtos portugueses. Trata-se da segunda tentativa daquele grupo para se instalar na capital soviética.

«*Agora as duas partes estão a percorrer o caminho que leva do romantismo ao realismo*», afirma Carlos Dantas, director daquela firma ao comentar o facto de a ideia da abertura de um hipermercado ter falhado por se ter chegado à conclusão de que os soviéticos não poderiam assegurar o fornecimento de produtos locais nas quantidades requeridas.

Quer isto dizer que se considera que o projecto agora anunciado é mais realista. «*Se conseguirmos dar o primeiro passo, não deixaremos de avançar e abriremos uma rede das nossas lojas em várias cidades soviéticas*», disse Carlos Dantas, recordando que a sua empresa já actua há 15 anos no mercado soviético.

Uma delegação da Câmara de Comércio e Indústria da União Soviética vai, entretanto, deslocar-se a Macau em Fevereiro para analisar a possibilidade de se criarem «joint-ventures» ao nível de empresas.

Recorda-se que, em Novembro passado, esteve em Macau o presidente daquela instituição soviética, que ali se deslocou a convite das autoridades portuguesas.

Por outro lado, Macau esteve presente na Consumexpo/90, a mais importante feira internacional de artigos de consumo da União Soviética.

Actualmente o comércio entre Macau e a União Soviética representa menos de um por cento das transacções daquele território.

Nova «holding» na área química

Dezassete milhões de contos de facturação são previstos para este ano pela «holding» ontem criada entre a Unisol (grupo Quimigal) e a Palmolive para actuar no mercado dos detegentes, produtos de limpeza e higiene pessoal.

A multinacional norte-americana terá uma participação de 70 por cento no capital, ficando a Quimigal com o restante. Estão associadas ao projecto, para além da Unisol, a Servisan, Floral, Uniclar e Sonadel, as quais facturaram, em conjunto, oito milhões de contos em 1989, enquanto que a Colgate Portuguesa vendeu cinco milhões de contos de produtos.

A «holding» agora criada pretende fazer face à concorrência no mercado português, bem como alcançar sinergias que permitam um aumento de quatro milhões de contos na facturação global registada no ano passado.

INTERNACIONAL

... E o milagre cumpriu-se

Sete horas após a chegada do Papa a Cabo Verde, inacreditavelmente, chovia em Santiago

Do enviado especial DL/TSF

Duas vezes apenas o Papa falou ontem de água, envolvendo a primeira na grande metáfora da água que jorra para a vida eterna, e na segunda, a chuva temporã e tardia da graça de Deus.

Os crentes, vão ler sinais da fé, alguns membros do partido, vão continuar a congitar a meteorologia...

A presença do Papa, neste país, é olhada, por uns, como «normal solicitude do munus pastoral do chefe da Igreja Católica». (A decisão arrevezada do regresso às peregrinações). Outros consideram a vitória maior do partido único deste país: PAIVC. O filme dos acontecimentos de ontem, permite entretanto, confirmar uma e outra coisa.

Na rua, onde o povo africano é mais expressivo, o Papa foi como sabe ser, simpático e afável. O povo que o queria ver, delirou tendo-o ali à mão. Aquela octogenária, lenço a acenar, já podia morrer em paz, tinha visto o desejado das nações.

Na ilha do Sal, o Papa brincou com o sal... do Evangelho, uma placa no chão vai assinalar o lugar por ele pisado, uma moldura humana, bonita e cantante.

A Cidade da Praia, a capital, foi a formalidade. O beijo no chão. Timor já foi há três meses. Os cumprimentos efusivos aos chefes do país. Fernandes Fafe, o embaixador da antiga metrópole, foi agraciado com uma atenção especial do Papa.

João Paulo II, depois de escutados os hinos dos Estados, cumpriu o protocolo, talvez o mais ridículo de todos, de se passear por uma força militar, o mensageiro da paz. E vieram os discursos. Aqui o silêncio foi grande. Primeiro, o anfitrião, Aristides Pereira, figura ínclita e carismática da nação. Disse: «Esta visita, a mais uma série de países do martirizado continente africano, testemunha igualmente a extrema solicitude de Vossa Santidade para com os mais deserdados da fortuna, aqueles que por todo o planeta, mas particularmente no Terceiro Mundo, e nesta nossa África, enfrentam ainda o pesado fardo do subdesenvolvimento e suas desastrosas consequências». E continuou: «A sua vinda ao nosso país, verifica-se numa altura em que se constatam apesar de tudo, nítidos e promissores sinais de desanuviamento e distensão entre as grandes potências e nas relações internacionais, o espírito de confrontação parece ceder lugar ao diálogo construtivo, a política de desarmamento impõe-se pouco a pouco, recorre-se cada vez mais às negociações pacíficas para resolver os conflitos regionais, enfim, condições vão sendo criadas para uma cooperação mais autêntica e uma convivência mais fraterna entre os povos e para a concretização da sua aspiração de viver em paz na igualdade e dignidade e no bem-estar material e espiritual».

O discurso do amor

E veio depois a memória do percurso deste país atrás da liberdade e da independência, o maior país católico do continente africano. O Papa, não tardou a discursar, também utilizando fartamente as palavras solidariedade e fraternidade e a expressão muito sua da «civilização do amor». Aristides Pereira, terá ouvido com especial atenção, este naco do discurso do Papa: toda a actividade da Igreja procura efectivamente estar ao serviço da civilização do amor sem utopias, quer dizer, ao serviço daquela civilização de onde sejam banidas todas as discriminações pretensamente baseadas em posições filosóficas, políticas ou religiosas, numa diferente posse de bens materiais ou de poder de raça ou na cor. E há sempre a firme convicção de que só o amor constrói, só o amor constitui aquele vínculo seguro e insubstituível capaz de garantir o bem estar da população e a estabilidade social de um país».

Voltaram os banhos de multidão. Os cantos. Os gritos. O êxtase, diante do Papa-móvel.

Na catedral, uma pequena igreja à espera de ser despromovida quando outra moderna surgir, feita catedral a sério, o Papa falou primeiro com o silêncio, depois, foi um discurso intragável com uma tradução sem conserto, de pequena sociologia religiosa e hordogética (pastoral) pedindo unidade do prebistério, vocações que não chegam e formação das consciências. Uma operação difícil à mistura com algum paternalismo. Aqui é que o Papa se mostra conservador, e não haverá nada a fazer para já.

Depois, vem o directo da televisão: foi a visita cortês ao presidente da República agora em paz canónica com o seu matrimónio, à sua família e aos ministros do seu primeiro-ministro Pedro Pires. Há quem insinue que as palavras *perestroika* e *glasnost* foram ali citadas. A saber para crer. E porque os justos também dormem, antes jantam, os que jantam, o bispo D. Paulino de Évora ocultou a ementa e ninguém soube no exterior, se na mesa do Papa havia água.

João Paulo II, acompanhado do presidente Aristides Pereira, à sua chegada à ilha do Sal

Na ilha, era a surpresa três horas depois. Os mais incrédulos viram a chuva cair. João Paulo II dormia o sono dos justos...

Em Portugal, o seu nome tem muitas vezes o sabor a violência. São histórias de facadas, casos constantes de Polícia, drenagem de droga e alcoolismo. Dispersos pelo país vivem na sua maioria nas condições precisas dos emigrantes portugueses nos anos 60 nos «bidonville» de Paris. Arrostam num país fértil em má consciência com um epíteto de cabo-verdianos, que é como quem diz, marginais. Na pedreira dos húngaros, ou em qualquer dos bairros degradados da cintura industrial de Lisboa, eles, dizem, são um perigo iminente, admitem as consciências tranquilas dos analistas sociais.

E quem citou a saudade do cabo-verdiano pela sua terra distante, afogado em álcool de noites secas, «solidão dos montes despidos, em tudo cenário dolorosíssimo da estiagem - da fome», só para referir João Barbosa, escritor da poesia de inquietação social. Eles são meigos em Cabo Verde (como em Portugal, nos Estados Unidos, ou na Holanda) para ali romarem à procura de dignidade para a vida.

Aqui, em Cabo Verde (como aliás em Portugal) encontrei-os meigos, afáveis, despidos já de qualquer preconceito colonial. Aqui, ainda que atónito pela bruma, senti o brilho da alma que respira a transparência das coisas e das pessoas. Eles são meigos.

Manuel Villas-Boas

Ontem à noite, perto de Nova Iorque

Queda de avião colombiano mata 60 pessoas

Um avião das linhas aéreas colombianas, com 149 pessoas a bordo, despenhou-se ontem à noite quando se preparava para aterrar no aeroporto de Kennedy, em Nova Iorque.

Embora a polícia nova-iorquina ainda não se tenha inteirado com exactidão do número de vítimas do malogro, pelo menos 80 das 143 pessoas a bordo do aparelho sobreviveram, e o número de mortos poderá atingir os 60. A polícia disse ainda que as primeiras investigações indicam que não houve incêndio ou explosão.

Pouco antes da queda do aparelho, que se dirigia de Bogotá para Medellin, a tripulação contactou a torre de controlo informando que estava com falta de combustível. Minutos mais tarde o avião perdeu um motor e acabou por se estatelar no solo, partindo-se em quatro partes.

Ambulâncias e helicópteros convergiram para o local do sinistro, que, curiosamente, é propriedade do pai do célebre tenista norte-americano, John McEnroe.

O «Boeing 707» da companhia Avianca despenhou-se em Cove Neck, Long Island, cerca de 25 quilómetros a nordeste do aeroporto de Kennedy, às 21 e 15 (2 e 45 de hoje, em Lisboa).

No momento do desastre a zona encontrava-se coberta de nuvens, caia chuva fraca e fazia nevoeiro, com uma visibilidade de 400 metros, indicaram os serviços meteorológicos.

Uma testemunha ocular

Uma testemunha residente perto do local do malogro disse que ouviu o barulho de um avião voando a baixa altitude e depois um grande estrondo. De sua casa, quase imediatamente, podia avistar os destroços do aparelho.

«Crianças saiam de entre os destroços e choravam», disse por sua vez um elemento da equipa de salvação, Paul Wolf.

A estrada de acesso ao local foi encerrada pelas autoridades para facilitar os trabalhos das equipas de salvamento.

Lusa/Reuter

Ventos ciclónicos fustigam norte da Europa

Tempestade provoca mais de 60 mortos

Do nosso correspondente em Bruxelas

Ventos de mais de 150 quilómetros/ hora, árvores arrancadas, postes de eletricidade derrubados, casas sem iluminação, carros e camiões TIR virados nas auto-estradas, são estas as consequências de uma enorme tempestade que nas últimas horas assolou o norte da Europa, provocando para já cerca de 60 mortos e centenas de feridos. A Grã- Bretanha foi particularmente afectada, com várias automobilistas a morrerem nas estradas de acesso a Londres esmagados pela queda de árvores ou com os carros virados pelos ventos ciclónicos. Há pelo menos 34 mortos e dezenas de feridos.

Na Holanda há oito mortos, vinte camiões TIR virados nas auto-estradas e muros derrubados em Roterdão e Haia. Em França, afectada sobretudo nas regiões norte e nordeste, contam-se seis mortos e muitos estragos materiais.

Na Bélgica, dos oito mortos até agora registados, sete morreram em consequência de desastres de viação. Os belgas estão revoltados contra os serviços meteorológicos, que não previram a intensidade da tempestade (no país chegaram a mais de 170 quilómetros/hora), e com as companhias de seguro. Muitos belgas têm seguros contra tempestades, mas só agora descobriram quer nas suas apólices, e letra pequena, está escrito que, para as companhias, uma tempestade só se caracteriza quando há vento entre os 100 e os 120 quilómetros/ hora.

José Rui Cunha

INTERNACIONAL

Os «boat people» de regresso ao Vietname

Os refugiados vietnamitas de Hong Kong estão a voltar voluntariamente ao seu país

Na semana passada, mais 104 emigrantes clandestinos vietnamitas, conhecidos como «boat people», partiram do aeorporto de Hong Kong com destino ao seu país de origem.

Eles vieram juntar-se aos cerca de mil refugiados que retornaram voluntariamente ao Vietnam no último semestre. Num contraste completo com os 51 vietnamitas que as autoridades britânicas forçaram ao repatriamento, estes procuraram activamente ser reintegrados na sociedade do país de que tinham fugido.

Entre refugiados e emigrantes clandestinos são mais de 55 mil os vietnamitas que se encontram actualmente em Hong Kong, dos quais mais de 24 mil chegaram nos últimos seis mêses.

Segundo um acordo firmado entre os Governos de Londres e de Hanói, os emigrantes clandestinos vietnamitas que optem pela repatriação voluntária não serão perseguidos no Vietname. No entanto, se tentarem de novo abandonar ilegalmente o país, serão punidos, advertem as autoridades.

Refugiados políticos ou emigrantes económicos

A administração britânica de Hong Kong adoptou em 16 de Junho de 1988 uma política de avaliação de estatuto que diferencia, desde então, os refugiados políticos dos emigrantes económicos. Os vietnamitas que chegaram ao território antes dessa data obtiveram automaticamente o estatuto de refugiados, aguardando em Hong Kong a possibilidade de instalação num terceiro país de acolhimento. Todos os outros encontram-se alojados em campos de detenção.

Os maus tratos e a discriminação são as principais queixas dos refugiados vietnamitas nos campos de detenção

Nguyen Thanh Van, uma farmacêutica de 28 anos de idade, que voltou para Hanói em Outubro, é um caso típico entre os «boat people» repatriados «voluntariamente».

Ela esperou um ano num campo de detenção em Hong Kong pelo seu processo, decidindo então que as condições eram de tal modo intoleráveis que preferia arriscar-se voltando ao Vietname.

Ela disse: «Nada pode ser tão mau como ser prisioneira em Hong Kong, fui sujeita aos constantes maus tratos e discriminação dos guardas, o aspecto mais negativo da vida nos campos de detenção. Mas foram as duras condições, a falta de condições de higiene e a falta de coisas para fazer - nem sequer tinha um livro para ler - que finalmente me convenceram a voltar para o Vietname».

A odisseia dos «boat people»

Nguyen pagou 500 dólares ao capitão do barco que a levou até Hong Kong numa perigosa viagem de um mês: « Disseram-nos que a passagem incluía alimentação e provisões, mas quando já estávamos a bordo descobrimos que não havia nada para nós. Alguns tinham trazido consigo refeições embaladas, mas esgotaram-se logo».

Ela conseguiu sobreviver, juntamente com outros 27 passageiros, porque periodicamente o barco fazia escala na costa chinesa, onde mendigavam comida aos camponeses.

Nguyen vem de um lar desfeito. Quando os seus pais se separaram nos anos 70, ela continuou a viver com o pai. A sua mãe, de nacionalidade chinesa, e uma irmã fugiram da cidade de Ho Chi Minh (antiga Saigão), em 1979, vivendo actualmente em Londres.

Logo depois o seu pai tornou a casar e mostrou a Nguyen que já não era bem-vinda em sua casa. Ela mudou-se para Hanói, indo viver com uma outra irmã.

Quando esta, por sua vez, se casou, Nguyen decidiu reunir-se à sua mãe em Londres, enfrentando os perigos do mar. Durante cinco anos trabalhou numa farmácia de um hospital da cidade para juntar o dinheiro suficiente.

Ela agora está a viver com a irmã em Hanói mas continua com intenções de ir ter com a mãe: «Desta vez estou a tentar os canais legais», garante.

O auxílio da ONU

Segundo os funcionários do Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados este é um caso típico dos muitos que acontecem entre os «boat people», envolvendo problemas familiares e financeiros.

A cada refugiado que retorna ao Vietnam são pagos 30 dólares por mês, durante o primeiro ano, para além de 200 dólares extras. Todos os repatriados têm recebido a sua soma mensal, mas nenhum recebeu os 200 dólares.

O Ministério do Trabalho vietnamita, ao qual o Alto Comissariado já entregou os fundos, diz que os pagamentos estão a ser processados. Quando forem feitas as deduções pelas despesas de «recepção, alimentação, acomodação e viagem para casa» eles receberão o montante total.

Estes 200 dólares são cruciais, diz Charles Baszoche, que coordena a secção do Alto Comissariado em Hanói. «Quando os refugiados abandonam o seu país, vendem tudo o que possuem, incluindo as ferramentas de trabalho de que agora necessitam se quiserem reocupar os seus empregos», diz Baszoche.

Encontrar trabalho é um grande problema. Nguyen, que trabalhava como farmacêutica, diz que nem sequer tentou voltar para o seu antigo emprego porque tem a certeza que nunca o conseguiria de volta, com a quantidade de desempregados que existe em Hanói.

Enquanto não arranja trabalho, ela vai recebendo o apoio da comunidade, que a aceitou de volta, quase sem recriminações pela fuga: « Os vizinhos ajudam-me muito. Até estou embaraçada com tanta generosidade«, diz.

Êxodo prossegue

Uma fonte do Ministério do Trabalho garante, não oficialmente, que metade da população de Hanói está desempregada.

Muitos dos repatriados encontraram trabalho no florescente sector privado, geralmente vendendo produtos importados nos mercados de rua que proliferaram por todo o país.

O engenheiro Thi Than, por exemplo, quando recentemente foi repatriado de Hong Kong, foi vender maçãs chinesas e cerveja nas ruas de Hanói. Tem geralmente como clientes visitantes da Europa de Leste.

Ele afirma: « Este é um Vietname muito diferente daquele que deixei. Agora há boas oportunidades para aqueles que querem trabalhar e têm iniciativa. A liberalização da economia promovida pelo Governo está a ajudar a melhorar não só a situação económica do país, mas também o nível de vida da população».

Mas, dizem alguns vietnamitas, nem a liberalização, nem o programa britânico de repatriamento forçado vai estancar o fluxo de novos refugiados para fora do Vietname.

Um cooperante estrangeiro em Hanói explica: «Só quando o resto do mundo aceitar o Vietname de volta à comunidade internacional, removendo o embargo comercial e voltando a auxiliar o país, poderá haver condições que impeçam este êxodo».

Larry Jagan
exclusivo Gemini/DL

MINISTÉRIO DAS FINANÇAS
DIRECÇÃO - GERAL DAS CONTRIBUIÇÕES E IMPOSTOS

AVISO

Nos termos da lei está a decorrer, até 28 de Fevereiro, o prazo de entrega da Declaração de Rendimentos - IRS, Modelo 1, referente aos rendimentos do trabalho dependente (categoria A) e/ ou de pensões (categoria H).

Conforme tem sido repetidamente divulgado, a Direcção-Geral das Contribuições e Impostos assegura a **distribuição gratuita** a todos os interessados da referida declaração, bastando para o efeito solicitá-la junto dos numerosos postos de distribuição das declarações:

- Repartições de Finanças
- Tesourarias da Fazenda Pública
- Serviços de Apoio ao Contribuinte
- Balcões dos CTT (Correios e Telecomunicações de Portugal)
- Balcões do Banco Pinto e Sotto Mayor
- Balcões do Banco Português do Atlântico
- Postos Especiais de Lisboa e Porto:

Caravanas, Carrinhas, Pavilhões e alguns Centros Comerciais

Tendo chegado ao conhecimento desta Direcção-Geral que a citada Declaração de Rendimentos - IRS - Modelo 1 está a ser vendida aos balcões de entidades privadas, alerta-se o público contribuinte para o facto do Governo ter assumido, no âmbito da Reforma Fiscal em curso, a sua **distribuição gratuita**, pelo que a mesma poderá ser procurada nos referidos postos.

Lisboa, 19 de Janeiro de 1990

Direcção-Geral das Contribuições e Impostos

Situação na Roménia preocupa Washington

A Frente de Salvação, transformada em partido, restringiu o direito de manifestação e pretende concorrer às eleições, contrariamente ao que tinha prometido

Os Estados Unidos declararam-se "seriamente preocupados" com a decisão das autoridades romenas de impor restrições às manifestações e exortaram os governantes de Bucareste a reafirmar a sua intenção de seguir o caminho da democracia.

"Estamos seriamente preocupados com as notícias sobre a decisão da Frente de Salvação Nacional de impor restrições nas manifestações de Bucareste", disse Margaret Tutwiler, porta-voz do departamento do Estado.

Tuwiler afirmou que embora os Estados Unidos reconheçam o direito das autoridades civis de proteger a segurança pública, consideram que no presente caso, "estas restrições parecem ir muito além do que seria necessário". Com efeito, o Governo provisório romeno tem sido abalado por um amplo movimento de protestos, originados pelo facto de a Frente de Salvação Nacional (FSN) se ter transformado em partido político para concorrer às eleições marcadas para 20 de Maio.

De referir que anteriormente a FSN tinha feito saber que se manteria como um órgão suprapartidário, apoiando o partido vencedor do escrutínio eleitoral. Ao mesmo tempo, pretendia candidatar-se como "um movimento político independente", posição que não foi entendida nem pelas organizações oposicionistas, nem pela população em geral.

As autoridades de Bucareste são acusadas de manipular os órgãos de Comunicação Social (jornais, rádio e televisão) onde diariamente inserem notas e programas de propaganda destinada a favorecer a imagem da Frente.

Nos últimos dias as manifestações têm-se repetido, não só em Bucareste, como nos principais centros do país, protestando contra o que os romenos consideram uma violação de um decreto promulgado pela própria Frente de Salvação Nacional, que afastava a hipótese de este movimento se transformar em partido político.

Manifestação em Bucareste, contra a transformação em partido da Frente de Salvação Nacional, que pretende concorrer às próximas eleições

Um "abuso de poder"

Na quarta-feira as novas autoridades romenas, enquanto faziam sair à rua soldados e tanques para conter as manifestações, publicitaram um novo decreto (por diversas vezes lido na televisão estatal) impondo uma série de restrições à liberdade de reunião. O novo diploma, em tom de advertência, definia igualmente os "limites da tolerância oficial" da Frente de Salvação Nacional.

Entretanto os três principais partidos da oposição (o Partido dos Camponeses, os Liberais Nacionais e os Sociais Democratas) denunciaram a decisão da FSN como "um abuso de poder" e exigiram a sua demissão. "Esta decisão da FSN põe em perigo o futuro da democracia na Roménia", afirma um comunicado conjunto daquelas organizações partidárias.

A primeira crítica dos EUA

A posição agora tomada por Washington constitui a primeira crítica da administração Bush ao governo romeno, constituído após o derrube de Ceausescu.

O secretário de Estado norte-americano, James Baker, planeava visitar a Roménia durante a sua deslocação aos países do Leste europeu no próximo mês. Mas parece que os mais recentes acontecimentos em Bucareste levaram-no a reexaminar os seus planos.

Margaret Tutwiler considerou como um direito humano fundamental, "o direito dos cidadãos de expressarem as suas opiniões pacificamente, incluindo a possibilidade de se manifestarem".

"Exortamos a Frente de Salvação Nacional a reafirmar ao povo romeno e à comunidade internacional que continua empenhada no caminho da democracia", acrescentou. Tutwiler afirmou ainda que o embaixador norte-americano na Roménia tinha expressado ao governo de Bucareste as preocupações de Washington.

Redacção "DL"/Lusa

Bush quer milhões para acabar com a droga

O presidente norte-americano, George Bush, apresentou ontem a segunda fase do seu plano estratégico contra a droga, que custará ao país, caso seja aprovado pelo Congresso, 10,6 mil milhões de dólares (cerca de 1590 milhões de contos).

O anúncio de George Bush ocorre quando faltam três semanas para a chamada cimeira das drogas de Cartagena das Índias, na qual participarão os presidentes dos EUA, Colômbia, Bolívia e Peru.

O plano Bush, preparado pelo director da luta antidroga, William Bennett, inclui 1200 milhões de dólares para as Forças Armadas contra os 800 milhões concedidos ao Pentágono em 1980.

«Propomos a pena de morte para os chefes do narcotráfico e para os responsáveis de mortes relacionadas com as drogas em alguns casos», disse Bush ao apresentar o documento.

No campo internacional, o plano de Bush pretende ajudar os principais países produtores de coca - Colômbia, Peru e Bolívia - a lutar contra os cartéis da droga, através de treino, envio de armas, assistência militar e um aumento da ajuda económica.

Lusa/Reuter

Negociações de Viena em passo acelerado

Em jogo a irreversibilidade das reformas a Leste

As negociações sobre desarmamento convencional continuam em passo acelarado. Embora o grosso do negociável dependa da vontade dos dois grandes, a estrutura multipolar da disposição militar das forças convencionais permite que potências regionais, tais como a França, RFA ou Itália tenham uma palavra a dizer.

Assim, e no âmbito das conversações sobre desarmamento convencional na Europa , a decorrerem em Viena, o ministro dos Negócios Estrangeiros francês, Roland Dumas, juntamente com o seu homólogo da Alemanha Federal, Hans Dietrich Genscher, e da Itália, Gianni de Michelis, propuseram a «aceleração das conversações Leste-Oeste sobre a redução de forças convencionais».

Genscher comentou ainda, que « desapareceram os muros de betão e arame farpado que dividiram a Europa durante cerca de meio século, mas há também que fazer desaparecer os muros de tanques, mísseis e artilharia». Afirmando ainda o desejo de ver concluído até ao final do ano um tratado sobre o desarmamento convencional na Europa, o diplomata alemão defendeu que, « só isso tornaría irreversível a transformação política».

Impasse soviético

O acordo de princípio , entre a URSS e a Hungria, para a retirada unilateral de 52 000 soldados soviéticos estacionados na Hungria, insere-se na promessa feita por Gorbachev, em Dezembro de 1988, de reduzir unilateralmente o Exército Vermelho em 500 000 homens, assim como a retirada de 5 000 carros de combate estacionados na Europa. No entanto, e para estabelecer uma paridade entre os dois blocos, o Pacto de Varsóvia deverá ainda mandar para a sucata cerca de 60 por cento dos seus carros de combate, blindados e artilharia.

Quanto ás negociações sobre aviões de combate, helicópetros e os seus efectivos, que na sequência da Cimeira da NATO de 30 de Maio de 1989 os ocidentais aceitaram incluir no rol do negociável, a França acusa a URSS de criar um impasse. Segundo Roland Dumas, a URSS recusa-se a incluir 5 tipos de aviões, e o governo francês que escolheu pôr na mesa a totalidade da sua aviação, « não pode evidentemente aceitar esta visão das coisas».

Negociçõe START

As negociações sobre armamento nuclear estratégico, START, propostas por Reagan, deverão ser aceleradas em vista da conclusão do acordo antes de Junho deste ano. Assim, o secretário de Estado norte -americano, James Baker deverá deslocar-se a Moscovo nos dias 6 e 7 de Fevereiro.

O bom momento actual das relações entre os EUA e a URSS poderá sofrer alguns atrasos visto que, contrariamente ao que foi prometido por Reagan em 1986, a administração Bush vai suspender temporariamente as negociações com Moscovo sobre limitação dos ensaios nucleares.

Redacção "DL"/Lusa

CÂMARA MUNICIPAL DE LISBOA

ACESSO CONDICIONADO À ROTUNDA DO AEROPORTO

A CML informa que será encerrado à circulação rodoviária o acesso de ligação da segunda Circular à Rotunda do Relógio, sentido poente/nascente, na noite de sexta para sábado, dia 27 por um período de cerca de dez dias.

Esta medida insere-se no âmbito das obras de remodelação da Rotunda do Relógio e torna-se necessária para viabilizar maior fluidez de tráfego nesta zona da cidade, nomeadamente pela repavimentação da Rotunda e instalação de sinalização por semáforos.

Em alternativa, os automobilistas deverão utilizar os nós de Calvanas ou da Av. de Berlim.

A CML solicita a melhor colaboração dos automobilistas e envidará todos os esforços para que esta obra seja executada com a maior brevidade.

Lisboa, 1990-01-25

Falsários de arte portugues

Porta-vozes do corriqueiro conto do vigário, ou investidos de dons que, qual milagre dos pães, lhes permite multiplicar Almadas, Carlos Botelhos, Eduardos Vianas e Souzas Cardosos ao fio da tesoura ou do serrote, os falsários de arte movimentam-se com a impunidade que a falta de legislação lhes permite, e a ganância dos coleccionadores e curiosos de antiguidades estimula

Gato por lebre

Não consta que Picasso tenha assinado o que não pintou para auxiliar contemporâneos desvalidos, ou que a filha de Dufy passasse certificados de autenticidade num delírio burocrático, estes e outros mandando às urtigas a inquestionável veracidade de alguns patrimónios museológicos.

Sabe-se que o lucro imediato não é a razão única porque, com maior ou menor alarido, se bichana nos bastidores das artes plásticas, também aqui em Portugal, que fulano ou beltrano têm uma pinacoteca de obras falsas; que estará em fase de manufacturação uma tapeçaria a partir de um cartão que de Almada Negreiros apenas terá o ar; que uma vez mais determinado galerista foi apanhado com os pincéis em pigmento alheio; ou que o «falsário de Odivelas», com atelier aberto ao público, entregou mais uma encomenda, e uma conhecida leiloeira se cobriu de ridículo ao pretender levar à praça, travestida de Germain, uma mais do que óbvia **prata-da-bicha.**

Se, na mira dos falsários de arte, os pequenos investidores (animados por uma informação sensacionalista e leviana) ocupam um lugar privilegiado, também não lhes escapam as pequenas lojas de arte e as galerias menos exigentes, juntando-se assim ao cortejo das vítimas de antiquários menos escrupulosos e até de certas firmas leiloeiras muito credenciadas.

A falta de legislação e, regra geral, de elementos comprovativos dessa actuação fraudulenta, temperada por uma incrível, se bem que cautelosa, subestima da dimensão que não partilham do problema, parece ser a tónica dominante dos depoimentos ao «DL» dados pelo galerista e «marchand» Manuel de Brito, pelos directores da Sociedade Comercial de Leilões Palácio do Correio-Velho e Centro Português de Serigrafia, respectivamente Luís Castelo Lopes e António Prates, e ainda por Luís Francisco Rebelo, da Sociedade Portuguesa de Autores, como consta mais adiante.

Um Zé que não é de Guimarães

Um caso em especial é paradigmático de que os falsários de arte actuam quase com absoluta liberdade no nosso país. Tudo começou quando em Junho do ano passado a firma Leiria & Nascimento endereçou ao pintor José de Guimarães o catálogo de um leilão que então levava a efeito no Palácio das Exposições da Tapada da Ajuda. Imagine-se a surpresa do artista ao deparar-se-lhe na página 150 a reprodução de uma peça que ele nunca havia pintado, declarada no entanto como sua.

«Telefonei-lhes imediatamente a alertá-los para o facto. O trabalho, embora tivesse características estilísticas e técnicas que se aproximavam da minhas pintura, não era, de facto, meu. Pedi-lhes que o retirassem e exigi a sua destruição, o que, se ainda não se verificou, foi pela impossibilidade de eu, a leiloeira e essa pessoa ainda não nos termos podido encontrar a três», disse Guimarães à reportagem do «DL». Em Agosto, o pintor afirmava à revista «Sábado» que a peça em questão era «uma obscenidade».

Afirmando só ter feito essa primeira diligência, o que é um facto é que o caso continua sem solução, e a peça, um guache sobre esferovite, permanece na Leiria & Nascimento. Na tentativa de sabermos que zé se aplica a aldrabar toscamente josés de guimarães, fomos bater à porta de todas as partes intervenientes. A história é bem menos transparente do que parece: Clara Almeida Rodrigues, administradora da firma em questão, contou-nos que o quadro lhe fora entregue por um coleccionador de pintura, João Carlos de Almeida Araújo. Este, por sua vez, adquirira-o um ano antes, pelo que nos adiantou, ao comerciante António Saguer.

«Quando dissemos a esse senhor que o quadro que nos confiara era falso, pediu-nos que lhe passássemos um documento atestando a falsificação, para poder reaver o dinheiro. Estou convicta, pois, da sua boa-fé», declarou-nos a propósito a responsável pela Leiria & Nascimento. Almeida Araújo, pelo seu lado, garantiu-nos que em momento algum, até ao alerta do pintor que passava por seu autor, admitiu sequer que o quadro fosse falso, ou roubado. «Incluí-o no mapa de aquisições semanais que, como comerciante, envio habitualmente à Polícia Judiciária. Como ao fim de quinze dias não recebi da PJ qualquer comunicação que me impedisse a sua comercialização, entreguei-o à leiloeira», acrescentou ao nosso jornal.

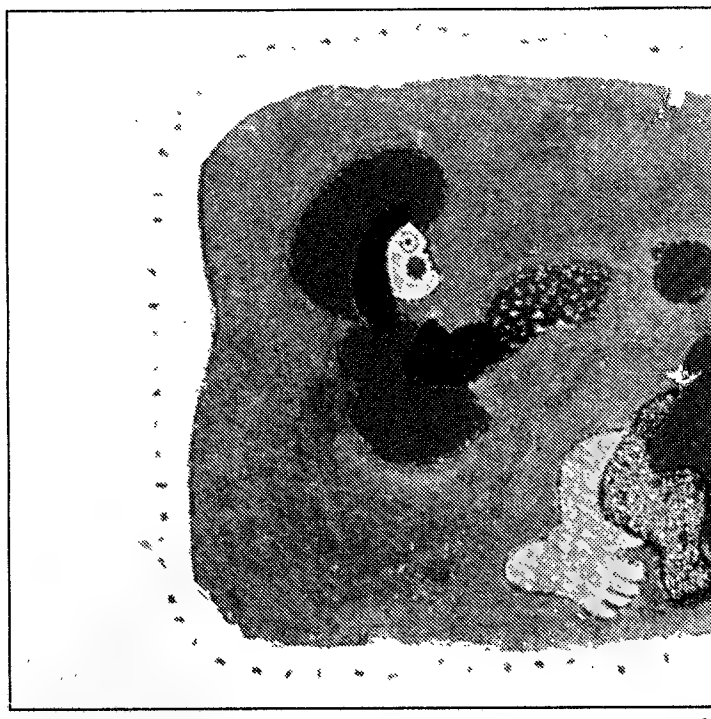
Contactámos António Saguer, para recuarmos mais atrás no esclarecimento das origens desta falsificação, mas este último não confirmou nem desmentiu o sucedido, recusando-se a prestar qualquer depoimento. A cadeia quebrou-se, pois, neste ponto.

Entre cuidados e deficiências

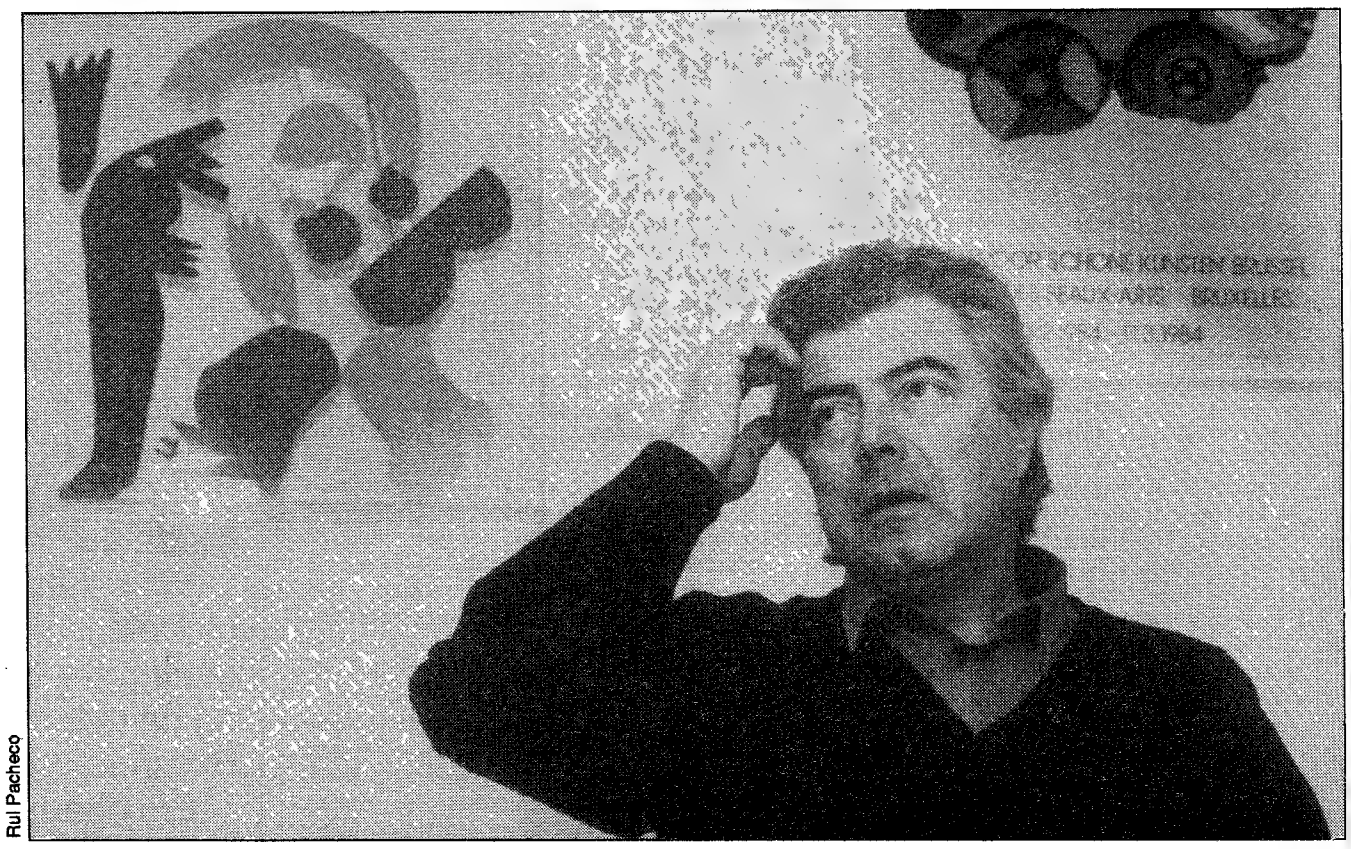
Muito embora refira nos seus catálogos que se trata de uma casa fundada em 1882, a Leiria & Nascimento, à semelhança das suas congéneres, não tem a preocupação que Luís Castelo Lopes reivindica para a Sociedade Comercial de Leilões, que dirige: «Em Portugal, somos a única do ramo que divulga no catálogo de cada leilão os nomes dos responsáveis pela identificação das peças.» Se aqui parece haver alguma presunção, a afirmação seguinte esvazia-a: «O que acontece é que todos nós somos falíveis, daí o interesse que dispensamos a uma informação especializada.»

Na opinião de Manuel de Brito, proprietário da Galeria 111, «ou pela nossa dimensão, falta de recursos ou outros, ainda não existe em Portugal o chamado comissário de leilões nem especialistas para as diversas áreas, como os têm a Christie's e a Sotheby's. Entre nós as coisas funcionam na base da confiança mútua, e se houver algum percalço a restituição do dinheiro e as desculpas são a solução».

Clara Almeida Rodrigues havia-nos dito que «quando um quadro oferece dúvidas aos nossos peritos, vamos a Londres para conseguir um documento que ateste a sua autenticidade». Segundo a antiquária, «90 por cento das vezes dizem-nos que o assunto não se resolve num dia, porque têm de consultar peritos em Itália ou França». A funcionalidade deste método, e a própria eficiência na detecção de falsificações, são discutíveis, e a esse respeito Manuel de Brito refere-nos a sua maior confiança no «marchand» que trabalha com o artista ou no director de determinado museu, porque nem todos lhe



O guache atribuído a José



Rui Pacheco

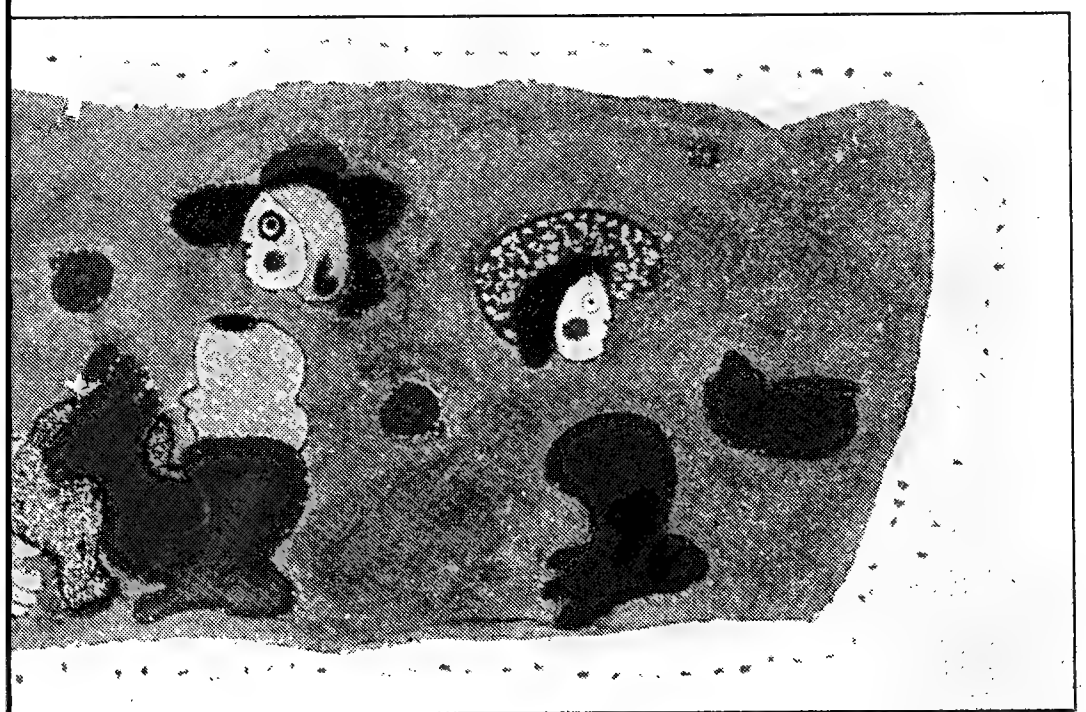
José de Guimarães ao «DL»: «Exigi a destruição do quadro»

PARTICULAR — COMPRA

Postais ilustrados antigos. Pago bem.

Resposta ao n.º 26 001 deste jornal

...eses actuam com liberdade



...o a José de Guimarães que o pintor garante ser falso

...ues merecem crédito. Afirmou mesmo ao «DL» que não aceita «certificados familiares, mesmo à escala de filhos de certos artistas, porque não me dão confiança».

...ndo Sendo a lei omissa nesta matéria, a Sociedade Portuguesa de Autores (a que ...das José de Guimarães, embora ...os a seu associado, não recorreu) ...um prevê para estes crimes quase ...sua nada. «Em Portugal não existe ...o a legislação que se aplique de ...das forma específica aos falsários, ...unto embora a cláusula 228 do ...dia, Código Penal se possa ...ltar estender a estes casos, uma ...ça». vez que refere: **quem fabricar ...este documento falso ou alterar ...ncia documento será punido com ...ões, prisão até dois anos e multa ...esse até sessenta dias.** O Código ...rito do Direito de Autor, que ...aior apenas fala em casos de ...que usurpação de obra alheia, é ...a no também omisso a tal respeito. ...ado Aguardamos que a próxima ...s lhe revisão do código repare tão grave lacuna», disse-nos Luís Francisco Rebelo.

Ainda segundo o seu presidente, a SPA só foi alertada para um único caso de falsificação, «quando no Verão passado a Fundação Gulbenkian organizou uma exposição retrospectiva da obra de Carlos Botelho e os herdeiros detectaram irregularidades que levaram à apreensão de quatro quadros por motivos de falsificação, tendo sido apresentada na Judiciária uma queixa minuciosa».

O dilema dos múltiplos

Há também, é claro, o dilema dos múltiplos, em que a audácia dos falsários, se nalguns casos se atreve a edições paralelas de serigrafias, noutros faz com que o consumidor da obra impressa leve com páginas de álbuns de artistas comerciais; isto quando não são os mesmos a vender-lhe «off-sets» de qualidade duvidosa, que a mais branda exposição à luz empalidece. O serígrafo António Inverno constata que hoje «toda a gente faz serigrafia», as mais das vezes umas «borradas». Tem acontecido que os artistas com quem habitualmente trabalha lhe permitam «recriar e apresentar algo que difere do original». Mas esta operação, como salientou ao «DL», ainda é «absolutamente legal».

«Já fui aliciado muitas vezes para falsificar obras», confiou-nos. «Há uns anos desafiaram-me para fazer Matisses, e eu até poderia fazê-los com facilidade. A serigrafia obedece a regras: é assinada e numerada a lápis. Ora, Matisse fez muitas com assinatura mecânica, impressa. Uma serigrafia dessas vale tanto como arrancar uma folha do calendário!», conta Inverno, lamentando ainda que algumas empresas estejam a vender «off-sets» de serigrafias suas atribuindo-lhe a autoria das próprias deficiências decorrentes da reprodução. É para obstar a estas situações, precisamente, que existe o Centro Português de Serigrafia.

António Prates, responsável do organismo, definiu-nos assim as suas funções reguladoras: «Entre cada artista e o CPS é celebrado um contrato de exclusividade para a edição de 200 serigrafias de cada original. Dessas, 25 exemplares são entregues ao artista e outros 25 vão para o arquivo, tal como o original. As grades que serviram para a edição são rigorosamente substituídas por outras. Assim garantimos que não haja uma edição pirata.»

Se falsificar ainda compensa, não se generalize a ideia de que todas as serigrafias e gravuras são falsas (pelo menos as que se vendem dentro do circuito normal: galerias de arte, associações de editores ou entidades credíveis), e que é igualmente falso tudo o que vai a leilão ou se adquire em antiquários com menos de um século de existência. Se a idade só por si não garante credibilidade, também na melhor edição de múltiplos pode estar a nódoa do falsário. Se não sabe, pergunte a quem lhe ofereça garantias, e sobretudo nunca compre sem saber a quem. Nem se surpreenda se lhe ocorreu uma série de aforismos...

Jorge Fallorca
e Rui Eduardo Paes

Almada e o múltiplo

O múltiplo, que por natureza propicia a falsificação, é uma decorrência da democratização da arte, e se procuramos uma sua definição nada melhor do que a avançada por Manuel Brito, o responsável pela Galeria 111: «É um processo de venda de arte defensável para as pessoas com menos possibilidades económicas, mas também para a defesa e divulgação de artistas que têm uma produção pequena em relação à procura.»

P - *Interessa clarificar que nem todos os trabalhos são passíveis de ser multiplicados, independentemente de os autores o permitirem, ou de decidirem nesse sentido. Um dos maiores gravadores portugueses, Bartolomeu, não desbarata a sua produção...*

R - É verdade. Se existe uma banalização da obra múltipla (serigrafias, litografias, por exemplo), isso deve-se mais ao aspecto técnico, e não à responsabilidade do artista. A banalização existe quando o mercado é invadido por obras múltiplas de artistas não cotados, levando a que o público consuma imagens que se apresentam num suporte de papel, sem qualquer significado em termos objectivos no mercado de arte. São obras menores, não objectos de cultura. O equívoco reside em adquirir-se uma serigrafia deste ou daquele autor, convencido de que se vai obter um bem. Uma Vieira da Silva, um Pomar, um Dacosta, quando muito fazem uma serigrafia por ano, mas há quem chegue a fazer vinte. Nesses casos a validade reside na assinatura e na justificação que levou a que fosse editada. É claro que um artista destes não tem nada a ver com possíveis falsificações, mas admito que isso possa acontecer. Quanto a mim, tomo todas as precauções: as minhas edições entrego-as a um serígrafo de confiança, forneço o papel e controlo a edição, inclusivamente com uma marca pessoal.

P - *E a rede é posteriormente destruída?*

R - Para fazer uma nova edição seria complicado. Quando se trata de uma litografia, a pedra é riscada e acabou-se. A maior parte das vezes apagam-se as redes, de facto, até porque o serígrafo precisa delas para fazer outras. Mas mesmo que ficasse nas suas mãos, para uma falsificação ele teria que repetir uma edição, e a verdade é que há serigrafias com 40 ou 50 cores. Seria necessário investir umas boas centenas de contos para vender meia dúzia, o que não compensaria.

P - *A sua especialidade é a pintura. Se eu tivesse dúvidas quanto à verdade de um Almada, como é que me provava que ele era falso?*

R - Já me chegaram alguns Almadas falsos às mãos. Um deles estava na posse de um professor de Belas Artes, que tinha pago um bom dinheiro por aquela peça convicto da sua autenticidade. Ele começou por me dizer que o quadro, representando um arlequim com um banjo, fora sujeito a uma prova laboratorial e que os técnicos, mediante uma ampliação de 800 vezes no microscópio electrónico, puderam datar o tempo de fractura da tinta-da-china. Ora, contra todos estes dados científicos eu apenas podia contrapor o meu olho, e o meu olho dizia-me que aquilo era falso. Mostrei-lhe então que aquele desenho havia sido decalcado de um outro, e havia erros que o Almada Negreiros não cometia. Outro pormenor era a assinatura, exactamente igual à do original, que é por onde pecam os falsários: mesmo que o artista fizesse um trabalho gémeo seria incapaz de uma assinatura fotográfica. Mas havia mais: no original as cordas do banjo apresentavam-se de uma determinada maneira, e ao fazer-se a redução para um catálogo verifiquei que as cordas se empastelavam enquanto no falso abriam.

P - *Detectar uma falsificação tem então algo a ver com o instinto...*

R - Ainda não há muito tempo trouxeram-me um quadro que pretendia passar por um Francis Smith. Faltava-lhe a respiração, digamos assim. Não basta a intuição, é preciso ter visto muita coisa. Aquilo era um mamarracho de linhas rígidas, estava demasiado bem feito. Era de desconfiar, pois. Mas enfim... Sabe o que acontece a um indivíduo que tente vender uma tela, de Durdil Gomes por exemplo, como a que aqui veio e era falsíssima como Judas? Ele comprara-a por 700 contos, foi ter com quem lha tinha impingido, reaveu a massa e ficou tudo na área da conversa. Não há outra penalização para os falsários de arte.

P - *É significativo, o número de casos de quadros falsificados de que tem conhecimento?*

R - O volume de quadros falsos é proporcional ao incremento que o comércio da arte tem conhecido nos últimos anos.

P - *Os antiquários ou as leiloeiras serão mais permeáveis à acção dos falsários?*

R - É difícil, porque os leilões são frequentados por conhecedores, e os profissionais da área sabem o que fazem. Parece-me que as coisas acontecem mais no plano do conto do vigário. Um dia procuraram-me para ver um quadro do Botelho, que a pessoa que falou comigo comprou na feira da ladra por 150 contos. Perguntei-lhe como é possível admitir que naquela bancada um Botelho, no mínimo valendo uns 600, poderia estar a 150 contos e ser verdadeiro. Se a pessoa o tivesse encontrado entre molduras velhas por três ou quatro contos, tudo bem.

Mas por 150? O vendedor, é claro, não marcara esse preço inocentemente.

J. F./R. E. P.

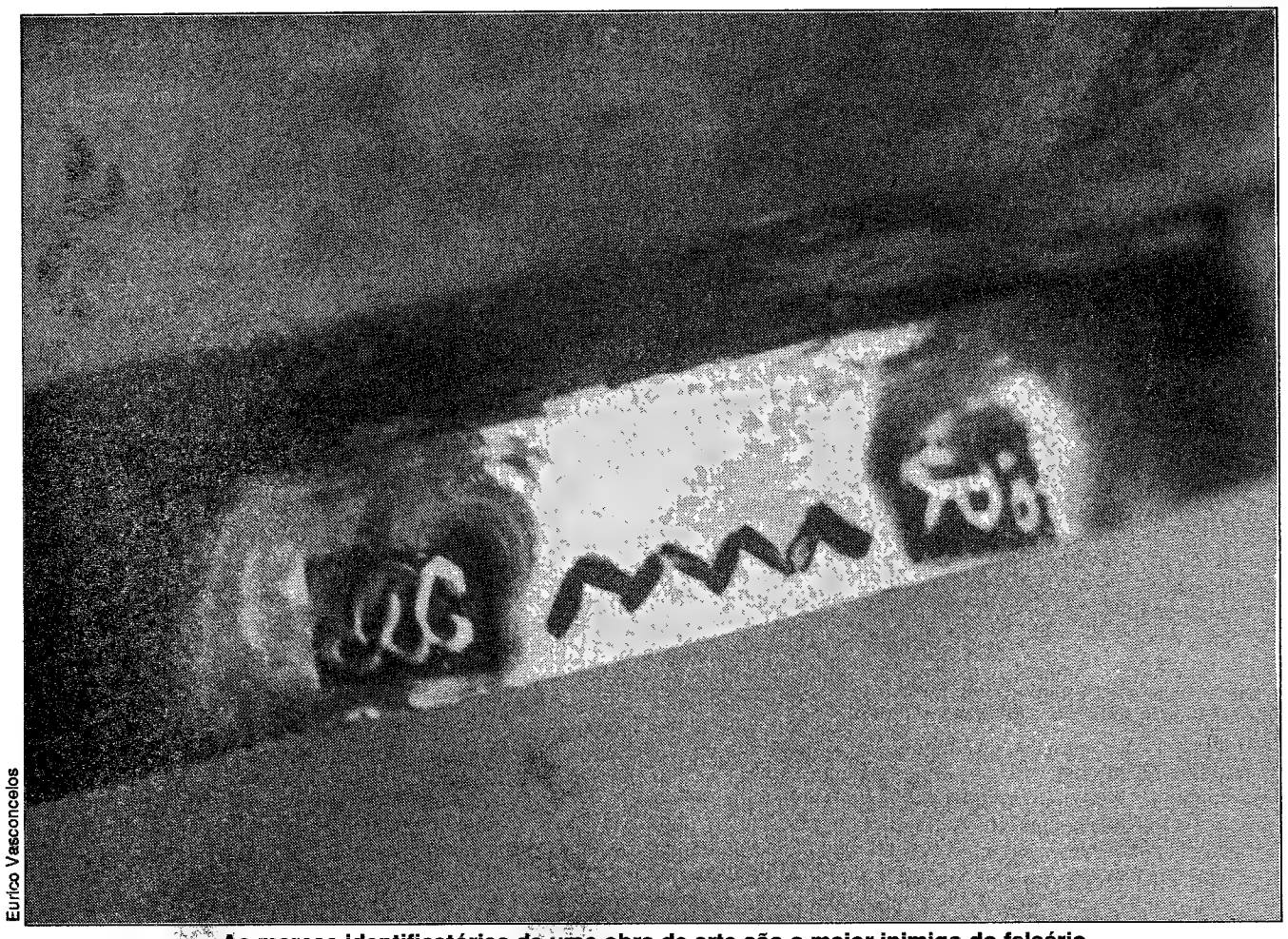
José Tavares

Manuel Brito: «Fica tudo na área da conversa»

A.M.A.
Auto Monumental de Aveiro S.A.
Audi
CONCESSIONÁRIOS
AUTOMÓVEIS • FURGONETAS • PEÇAS • SERVIÇOS • OFICINA
Av. Padre Manuel da Nóbrega, 8 — Telef. 894185/6/7/8 — Telex 63 403 AMACAR — 1000 LISBOA

Falsários de arte portugueses actuam com liberdade

Marcas de mais



Eurico Vasconcelos

As marcas identificatórias de uma obra de arte são o maior inimigo do falsário

Depoimento de Luís Castelo Lopes, director da Sociedade de Leilões Palácio do Correio-Velho:

Distinguir uma obra de arte falsa de uma autêntica pode ser, às vezes, uma questão de disposição: olhamos para uma peça e não a sentimos. Na porcelana há algo que não soa, ou que na prata não cheira e na pintura não bate certo. É nesta que surge o maior número de falsificações, dado que é a arte mais rendível em termos imediatos. Não nos esqueçamos, também, da quantidade de pintores que por si só pouco valeram, mas que se celebrizaram como falsários. Veja o caso do húngaro que levou a vida a falsificar Dufys, ao ponto de a filha deste ter autenticado alguns, sem saber o que se passava. Toda a gente conhece a história de um coleccionador que perguntou a Picasso se era dele um determinado quadro. Picasso perguntou-lhe quanto tinha pago e perante o preço respondeu-lhe que só poderia ser dele.

No nosso caso, porque trabalhamos com antiguidades, é importante discernir o que é uma falsificação entre peças incompletas e peças já muito restauradas, tendo em conta se o restauro, nomeadamente, foi feito seguindo as regras da época ou não. Estamos perante uma falsificação se, num móvel, foram aproveitadas as frentes das gavetas originais mas todo o resto da peça foi feito em madeiras envelhecidas artificialmente.

É o que acontece, por exemplo, com o paliteiro, a peça de pequeno porte que mais se colecciona em Portugal. Porque com as suas características originais, remontando a 1790, só se encontra no nosso país, no Brasil e muito pouco em Espanha, o objecto, apesar das suas cem gramas, atinge preços astronómicos: a oferta é limitada para uma procura tão grande, convite para que variem as técnicas para o falsificar.

De resto, é simples: vão-se buscar as bases, marcadas, dos paliteiros antigos e fazem-se peças novas, ou envelhecem-se paliteiros novos, mesmo sem marca.

Estou agora a avaliar um bule de prata falso, um açucareiro em que foram gravadas marcas de mais. Uma delas é uma cabeça de velho, imposta pela Casa da Moeda, mas como não acredito que alguém tenha tido acesso a um punção oficial, inclino-me mais para a hipótese de que esta base tenha vindo de outra peça. Outra das marcas não coincide com os modelos constantes nos dois volumes da obra **Marcas de Contrastes e Ourives Portugueses,** de Manuel Gonçalves Vidal e Fernando Moitinho de Almeida, Lisboa 1974, pelo que presumo falsa. Quem falsificou o bule quis fornecer todos os elementos e saturou-a. Se não tivesse caído no exagero da bicha, até era capaz de passar por verdadeiro. A expressão **prata-da-bicha** tem origem numa gravação que o analista faz com uma goiva, consistindo num risco serpenteado e feito de uma só vez, não martelado como vejo aqui.

A ideia de falsificação é deste século, e chegou mesmo à maior das banalizações. Imagine que tem um par de jarrões chineses e um deles parte-se. Não precisa de o mandar restaurar, encomenda um exactamente igual numa das duas fábricas europeias que se especializaram em réplicas. São tão idênticas, estas réplicas, que as confundimos com as autênticas. Outro exemplo: há quem use diariamente serviços da Companhia das Índias: se um prato se parte basta pedir uma réplica em Sançon. Ao fim de cinco ou seis anos de uso até se parece com o original.

Só nos anos 40 as pessoas começaram a ficar frenéticas com o valor e as atribuições das antiguidades. Face à procura, passou-se a tomar em conta o **pedigree** de cada peça. Um dossel de cama Império valeria à partida uns 50 contos, mas porque lá dormiu ou nasceu fulano de tal vale 120. Se é uma réplica, não vale mais de dez contos.

Informação

CP – CAMINHOS DE FERRO PORTUGUESES

Greve da Federação dos Sindicatos dos Ferroviários, das 05.00 horas do dia 26/1/90 às 05.00 horas do dia 27/1/90

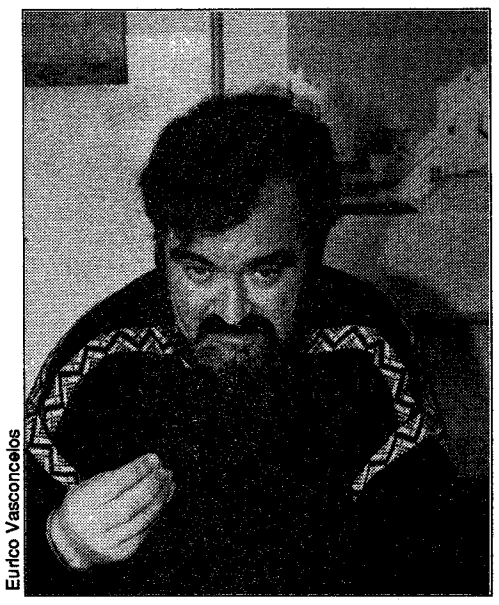
Ligação entre LISBOA – BARREIRO

Face à greve acima referida prevê-se uma redução do número de circulações na via fluvial entre Lisboa e Barreiro, nomeadamente no período da manhã, pelo que a CP complementará a sua actividade fluvial com meios rodoviários com partidas do Barreiro (Palácio de Coimbra) e de Lisboa (Praça de Espanha) a partir das 5.00 horas.

O Chefe da Divisão de Relações Públicas

Caminhos de Ferro Portugueses

Sem dar cavaco



Eurico Vasconcelos

António Inverno: «A minha tabela para as falsificações são os 200 escudos»

António Inverno tem sido vítima do ímpeto reprodutor de algumas empresas, que pegam em serigrafias suas e, sem lhe dar cavaco, dispensando a autorização do autor do original, lançam mais e mais pseudo-arte no mercado.

P - Quais os artistas que mais são objecto da falsificação de serigrafias?

R - O Cargaleiro, por exemplo, e alertaram-me para um atelier que na zona de Setúbal tinha posto a circular reproduções de originais da Maluda, a partir de serigrafias minhas. Só que quem o fez não percebia nada daquilo e reduziu-lhes o tamanho. Fui exigir dinheiro a uma das empresas que reproduziu trabalhos meus. Os tipos chamaram a segurança para me expulsarem. É lamentável, joga-se com a falta de informação das pessoas, que confundem fraudes destas com a arte. Uma vez um rapazinho da Avenida da Igreja veio ter comigo com um quadro da Vieira da Silva. Uma coisa para aí com 18x24, cuidadosamente embrulhada em panos e cobertores. Perguntei-lhe quanto queria: respondeu-me que 800 contos. Disse-lhe então que para aquele tipo de coisas a minha tabela eram os 200 escudos.

O rapaz ficou ofendido, depois percebeu que tinha sido enganado. Pedira emprestados 200 contos a uma tia para negociar em arte, dado que consta por aí ser o que está a dar. Um falsário vendeu-lhe um platex pintado a óleo, assinado a lápis e com a data de 1937. É evidente que a Vieira da Silva não iria assinar a lápis um quadro a óleo, nunca o fez. E aquilo era horrível, o falsário para além de medíocre não sabia que em 1937 ainda não havia platex. O rapaz entrou em pânico e saiu a chorar. Aconselhei-o a meter a Polícia, porque estes gajos são perigosos. Ainda no outro dia uma senhora pediu-me para eu ver um quadro. Julgava-o uma criação da Escola Flamenga, e pagara por ele 400 ou 500 contos, para oferecer ao marido no seu aniversário. Disse-lhe que não valia mais do que os tais 200 escudos, juntando aos 2500 da moldura. A senhora ficou muito indignada comigo, claro.

P - Conhece pessoalmente algum falsário?

R - É evidente que conheço. Se até já me ameaçaram que matavam o meu filho!...

J. F./R. E. P.

CP reforça alternativos e concede conversações

Os protestos dos utentes e a formação de uma comissão «adhoc» levaram a CP a abandonar a posição de imobilismo

Os utentes que curtaram ontem a circulação na linha de Sintra, na estação de Queluz viram em parte satisfeitas as suas reivindicações, tendo conseguido um encontro com a direcção da CP para segunda-feira. Hoje a situação manteve-se normal nas linhas de Cascais e de Sintra, apesar da greve em curso.

A CP ouviu os protestos e começou por colocar hoje, na linha de Sintra, mais transportes alternativos: 30 autocarros com partida de Queluz e 20 da Amadora. Os comboios circulam com o horário «praticamente normal e com saída de Sintra e Cacém», disse hoje ao DL Américo Ramalho, director das relações públicas da empresa.

Relativamente à linha de Cascais, a circulação de comboios processa-se com o horário de domingo e a empresa mobilizou 80 autocarros alternativos, com partida de Cascais, S. Pedro, Parede, Carcavelos e Paço d'Arcos.

Com o objectivo de prosseguirem a sua luta e de obterem respostas às suas reivindicações, os utentes formaram uma comissão *adhoc* , que será recebida na próxima segunda-feira, na estação do Rossio, por Conceição e Silva, um elementos da direcção da linha.

Esta comissão, cuja constituição foi impulsionada por mulheres, diz que «o actual conflito que opõe os trabalhadores da CP e o Conselho de Gerência, foi a gota de água que fez transbordar a saturação em que vivem os habitantes da Linha ao longo de todos estes anos».

Após ter ocupado, a estação de Queluz, ontem, às 8 e 30 da manhã, impedindo a circulação de comboios, a população pediu para ser ouvida por um representante superior da CP e recebeu como resposta a promessa de uma reunião na próxima semana.

José Tavares

Os manifestantes tentaram, ontem, impedir a detenção de um jovem

Na sequência desta manifestação foram detidas três pessoas, para identificação, entre as quais um alemão, que a polícia libertou algumas horas depois.

Um dos elementos presos para identificação tem nacionalidade alemã

«Este protesto não se realizou contra os trabalhadores da CP, mas sim contra a intransigência e falta de capacidade para resolver a situação por parte de governantes e do Conselho de Gerência, nomeadamente os atrasos permanentes, a supressão de comboios, a falta de segurança, o mau estado do material circulante e a super lotação que obriga os utemtes a viajarem em condições sub-humanas», referem os utentes através de um comunicado.

Mas as reivindicações não vêm só da população. Aliás, elas começaram exactamente pelos ferroviários que dizem que «esta luta desenvolve-se devido à intransigência negocial manifestada pelo Conselho de Gerência e pelo Governo, que procuram arrastar este conflito, que está a prejudicar os ferroviários, os utentes da CP e a própria economia nacional».

Entretanto, a greve dos trabalhadores da via fluvial da CP provocou esta manhã a supressão de algumas carreiras de barco, tendo a empresa mobilizado 40 autocarros alternativos com partida do Barreiro e com destino ao Seixal e à Praça de Espanha, «à medida que for necessário», revelou Américo Ramalho.

Os barcos que atravessam o Tejo, em Lisboa, funcionam quase normalmente.

Um crude ainda desconhecido

Análise a crude é inconclusiva

Responsabilidades do «Aragón» submetidas a várias análises

A responsabilidade do petroleiro «Aragón» pelo derrame das cerca de vinte mil toneladas de crude que poluem a costa Nordeste de Porto Santo foi já testada, numa primeira análise em Lisboa cujos resultados não são conclusivos.

Os resultados desse análise atribuem à amostra de crude recolhida apenas vinte por cento das caraterísticas do crude que o «Aragón» esta ainda a despejar na cais de Santa Cruz de Tenerife, desde quarta-feira.

As autoridades portuguesas aguardam os resultados de uma outra análise pedida a um conhecido laboratório londrino para exigir do proprietário do petroleiro o recohecimento das suas responsabilidades.

Se bem que a percentagem apurada não tenha correspondido às expectativas, apesar dos pontos comuns dos componentes testados em relação ao crude do «Aragón», todas as atenções se voltam agora para a análise solicitada a um laboratório do Reino Unido, cujos dados serão determinantes.

É convicção do gabinete coordenador que elaborou o plano de combate a esta «maré negra» e dos peritos da CEE que se encontram em Porto Santo que o crude deramado na costa da Madeira é o que falta às 265 toneladas com que o «Aragón» largou do México.

Novas manchas apareceram entretanto para Nordeste de Porto Santo, enquanto os encarregados da operação de limpeza constatam a escassez de meios humanos e de equipamento para a primeira fase desta empreitada, prevista para os próximos dois meses.

Greve na TAP cancelou maioria dos voos

A greve dos trabalhadores da aviação e aeroportos e dos técnicos de manutenção de areonaves está a registar «uma adesão bastante elevada, sobretudo nos sectores operacionais onde é quase de 100 por cento», referiu ao «DL» uma fonte sindical. Esta situação levou a TAP a cancelar inúmeras das carreiras previstas para hoje e a alterar horários de outras. Das 50 partidas que habitulamente têm lugar num dia normal, a empresa pensa realizar apenas 13. Entre os voos cancelados destacam-se os do Funchal, Ponta Delgada, Horta, Faro, Milão, Amsterdão e Bruxelas. Apesar da greve, os trabalhadores garantiram a assistência ao avião em que chegou o Presidente da República do México.

A paralisação de 24 horas que está a decorrer foi convocada pelo SITAVA e SITEMA, com o objectivo de pressionar o Conselho de Gerência da empresa a prosseguir as negociações, interrompidas unilateralmente no passado dia 15.

A greve de hoje é, segundos os dois sindicatos, «o início de um processo reivindicativo que se poderá agudizar, caso não haja uma atitude positiva» da gerência da TAP.

A última proposta negocial apresentada pelos responsáveis da empresa é considerada inaceitável pelas organizações sindicais: 12 por cento de aumento salarial, um acréscimo de 50 escudos no subsídio de refeição e a atribuição de um valor correspondente a 0,8 por cento a título de compensação pela diminuição do poder de compra no ano transacto.

Os sindicatos contrapõem 18 por cento de aumento nas tabelas de vencimentos e uma correcção de 2,5 por cento na tabela de 1989, valor que corresponde ao prejuízo efectivamente sofrido naquele ano pelos trabalhadores. Alterações em matéria de «especial relevância de ordem social» é outra das reivindicações. Entretanto, está já anunciada mais uma greve dos controladores de tráfego aéreo, o que levou o general Lemos Ferreira a afirmar que tal situação poderia levar a que o controlo do espaço aéreo internacional exercido por Portugal na Ilha de Santa Maria nos fosse retirado. Tais declarações foram já desmentidas pelo presidente do ICEAO, organismo internacional que gere o controlo do espaço aéreo.

QUOTIDIANO

Acção dos maquinistas provocou o caos nos comboios

Se esta semana já foi animada em termos sindicais, a próxima promete mais. Além das greves em perspectiva, o Conselho Geral da UGT que amanhã se inicia vai dar que falar

Rodoviários da UGT exigem novos moldes de contratação

Dois assuntos dominaram a semana sindical, com continuação prevista para a próxima - as questões internas da UGT (amanhã e depois em Conselho Geral) e as greves dos maquinistas da CP e dos controladores de tráfego aéreo. Pelo meio ficou o congresso do SITESE, que deixou em aberto um problema essencial: que futuro para o sindicalismo perante o crescimento do número de trabalhadores não sindicalizados?

O fim -de- semana espera-se animado, com o Conselho Geral da UGT a dar que falar, nomeadamente o segundo ponto da agenda de trabalho - «análise da situação política-sindical/enquadramento da contratação colectiva» -, no qual será integrado o «caso SITRA».

Nesse sentido a UGT tomou já algumas precauções, tendo o cuidado de enviar a cada conselheiro - para além da convocatória subscrita por Pereira Lopes - um ofício assinado pelo próprio Torres Couto.

No documento afirma-se que «dado que no ponto dois da ordem de trabalhos se enquadra a problemática em que se insere o conflito desencadeado pelo SITRA, para melhor compreensão do mesmo incluo fotocópias de algumas notícias veiculadas na Imprensa sobre o assunto».

Os cinco conselheiros presentes em representação do Sindicato dos Rodoviários mantêm, segundo soube o «DL», a posição saída do seu conselho geral: exigência de novos moldes para a contratação colectiva e que o conceito de verticalização ou horizontalidade sindical seja claramente definido no seio da central.

Assim, pretende ver aprovada a sua proposta de que «o sindicato mais representativo tenha sempre que ser ouvido para a assinatura final de qualquer acordo, e que tal nunca aconteça sem o seu consentimento». Esta posição visa evitar que se repita o conflito aberto com a negociação colectiva na Carris.

Será, no entanto, difícil ver aprovada esta proposta, uma vez que determinados sindicatos horizontais - como é o caso do SITESE, estrutura também na base do conflito na Carris - não deverão concordar, pois tal significaria uma subvalorização do seu papel negociador. E é de não esquecer que o SITESE terá uma maior representação númerica na reunião da UGT que o SITRA.

Contratação colectiva: o (des) concerto?

Não deverá ser só o caso SITRA a levantar polémica na reunião, mas toda aquela alínea da agenda. Vítor Hugo Sequeira, actual responsável pela contratação colectiva, abandonará o cargo mal assuma o seu lugar em Bruxelas, e o seu substituto terá de ser escolhido. Fala-se já em Elisa Damião, mas ela impõe condições.

Por outro lado, alterar o esquema vigente naquela área (bastante contestado) também não é matéria fácil, pois há sindicatos muito zelosos da sua autonomia e que dificilmente aceitarão uma maior orientação/estratégia da central nas suas negociações.

Os restantes pontos da agenda não deverão ser tão polémicos como este, pois tratam de assuntos mais globais, como sejam a discussão do Orçamento para 1990, políticas reivindicativas da UGT imediatas e para o biénio 90/92 e informação sobre a Carta Social Europeia e o programa de acção na Europa.

Quanto às mexidas internas já assumidas na reunião do Secretariado Executivo da passada sexta-feira, não se prevêem grandes problemas: uma delas diz respeito a um tema que está a preocupar a maioria dos sindicatos: a não sindicalização de quem entra no mercado de trabalho (assunto referido no congresso do SITESE).

Esse problema levou a UGT a tomar medidas, criando uma equipa de trabalho que desenvolverá, a nível nacional, uma campanha que visa o crescimento da sindicalização. O coordenador será Vítor Hugo Sequeira.

Outras comissões foram criadas: habitação, meio ambiente e higiene e segurança no trabalho. As novas comissões envolveram algumas mexidas internas mas, segundo Vítor Hugo, foi possível manter o actual equilíbrio entre as tendências socialista e social- democrata.

Nem comboios nem aviões

Entre os conflitos laborais mais salientes na semana que ora finda - e que têm já agendada continuação para a próxima - destacam-se as greves dos maquinistas da CP (10 dias) e a dos controladores de tráfego aéreo (três).

E se as paralisações parciais dos maquinistas - com uma adesão de 100 por cento - instalaram o caos na circulação ferroviária, tanto de mercadorias como de passageiros, a dos controladores de tráfego deixou o céu português praticamente só com nuvens.

Mas ambas as classes profissionais garantem mais: os maquinistas têm já datas assentes (de 30 deste mês a 9 do próximo) com promessa de continuação caso não haja resposta positiva às suas reivindicações, enquanto os controladores se decidiram por cinco dias de paralisações em Fevereiro, embora ainda não os tenham escolhido.

Por fim, o SITESE teve o seu IV congresso, onde os problemas de fundo para os quais se procuraram soluções foram a angariação de novos associados e a entrada de mais dinheiro de forma a ultrapassar o seu saldo negativo.

Elsa Andrade

Informação

CP — CAMINHOS DE FERRO PORTUGUESES

GREVES DOS MAQUINISTAS

1 — O Conselho de Gerência da CP lamenta os problemas que vêm sendo criados aos seus passageiros e outros clientes decorrentes das greves realizadas pelos maquinistas da empresa e tem procurado usar todos os meios legítimos ao seu alcance para os minorar.

2 — No quadro das negociações salariais anuais com todos os sindicatos, iniciadas em Novembro, foi possível chegar a acordo com as organizações sindicais afectas à UGT, na base de um aumento de encargos de cerca de 14%, a que acresceram verbas atribuídas a título de correcção de diversos subsídios.

Com estes montantes a empresa esgotou por completo a sua capacidade negocial e vai proceder às correcções salariais daí decorrentes para todos os trabalhadores, a partir de 1 de Fevereiro de 1990.

Entretanto, o Sindicato dos Maquinistas apresentou-se às negociações sem qualquer proposta, optando antes por realizar uma primeira greve (de 23 a 27 de Outubro) quando já tinha conhecimento de que a negociação ia ter início em 3 de Novembro. O segundo pré-aviso de greve (de 14 a 24 de Novembro) foi recebido na empresa antes da apresentação, pelo Sindicato dos Maquinistas, da sua proposta de negociação, facto que só veio a ocorrer em 10 de Novembro.

A empresa mantém-se aberta para dialogar sobre pontos específicos ainda não negociados, porém, deve notar-se que a proposta apresentada, a ser satisfeita na íntegra, implicaria um acréscimo de encargos com os maquinistas de cerca de 50%.

Quer dizer, durante a negociação os maquinistas mantiveram uma posição de intransigência e de pressão sobre a empresa.

3 — O Sindicato dos Maquinistas reivindica ainda a mudança de escalão salarial, a qual por ter, logicamente, de ser generalizada a todos os trabalhadores da empresa, conduziria a um acréscimo mínimo suplementar de 2,1 milhões de contos, para 1990. A esta reivindicação vem juntar-se a da concessão da reforma aos 55 anos nos exactos termos em que hoje é concedida, para a generalidade dos trabalhadores portugueses, aos 65 anos.

4 — Como é do conhecimento geral, a exploração ferroviária é fortemente deficitária, cabendo ao factor humano cerca de 60% do custo total da produção, pelo que não é de modo algum aceitável o enorme aumento de encargo com o pessoal, exigido sem contrapartidas pelo Sindicato dos Maquinistas, quando é certo que estes trabalhadores já auferem uma retribuição média superior em cerca de 40% à do valor médio da recebida pelos 22 000 trabalhadores da CP.

5 — Neste quadro, e sob pena de serem criadas ainda maiores perturbações na prestação do serviço ferroviário, não pode a empresa ceder à pressão dos cerca de 1400 maquinistas que, baseados no monopólio que consideram exercer na sua área profissional e com absoluta intransigência, continuam a impor graves prejuízos e transtornos a passageiros e outros clientes.

O Conselho de Gerência

23 de Janeiro de 1990

Caminhos de Ferro Portugueses

QUOTIDIANO

Primeira reunião de Câmara contempla freguesias

Jorge Sampaio, bem disposto, liderou ontem o arranque das actividades do novo executivo camarário de Lisboa

A atribuição de competências às juntas de freguesias, nomeadamente, através da concessão de mais meios financeiros, técnicos e humanos, a criação de uma Direcção Municipal de Reabilitação Urbana, vocacionada para a reuperação dos bairros históricos e a entrada em funcionamento de um Gabinete de Planeamento Estratégico, destinado a estabelecer normas de gestão urbanística e que culminará num novo PLano Director, foram as três medidas de fôlego saídas da primeira reunião do executivo camarário, sob a presidência de Jorge Sampaio.

O novo edil chegou aos Paços do Concelho cerca das duas e meia da tarde. Acompanhado por Narciso Miranda, presidente da Câmara Municipal de Matosinhos, Sampaio estava visivelmente bem disposto. «Temos 16 pontos em agenda para debater mas vamos lá ver se conseguimos fazer tudo hoje. O inferno está cheio de boas intenções», confessou.

Pouco depois, passavam alguns minutos das três horas da tarde, o novo presidente do município lisboeta entrava na sala de reuniões. Pontual. Os assessores já lá estavam, entre eles, António Perez Metelo (assessor de imagem). Logo em seguida chegavam os vereadores, da coligação e os da oposição. Não todos. Marcelo Rebelo de Sousa foi o último, atrasado, pediu desculpas, «é a última vez», penitenciou-se. Precisamente, nessa altura Sampaio olhava para o relógio e preparava-se começar. «Há quorum e por isso vamos dar por começada a reunião. Depois quando os senhores vereadores do PSD chegarem interrompemos», avisou o presidente. Porém, não foi necessário.

Não chegou a haver «caso», mas, segundo fontes camarárias prevê-se que as reuniões com Marcelo presente sejam movimentadas. De facto, o vereador eleito pelo PSD começou a exercer o seu estatuto de opositor, na verdadeira acepção da palavra, ao ter exigido que lhe comunicassem por escrito que a reunião de ontem tinha carácter extraordinário.

Embora tenha afirmado também que vai assumir uma postura «construtiva e dialogante», quando saiu, por momentos, da sessão, Marcelo disse aos jornalistas que já se estavam a verificar «algumas discrepâncias no que diz respeito à delegação de poderes no presidente-, nomeadamente em matéria de empreendimentos comerciais e centros históricos» e acrescentou «achamos que tais poderes são excessivos».

No final da sessão Vítor Gonçalves corroborou as afirmações de Marcelo Rebelo de Sousa. «Na verdade, não concordámos com a excessiva delegação de poderes no presidente quanto à autorização de obras. Achamos que os empreendimentos com 20 mil metros quadrados de área devem ir logo à Câmara para serem autorizados. Mas ficou decidido que só a partir de 40 mil metros quadrados é os projectos vão ao plenário para serem apreciados», explicou o vereador social-democrata ao DL.

Balanço positivo

Porém, divergências à parte, o balanço desta primeira reunião da gestão Sampaio foi considerado «muito positivo» pelas diferentes forças políticas. Segundo Rui Godinho, «foi uma reunião de grande operacionalidade e eficácia» - acrescentando- «aprovámos todos os 16 pontos agendados».

Na opinião de Vítor Gonçalves, «correu tudo bem, foi uma reunião cordata e fizemos uma oposição construtiva às propostas do PC e PS tentando melhorá-las. Não votámos contra só porque as propostas eram daqueles partidos».

Refira-se que a decisão, aprovada por unanimidade, de dotar as freguesias com melhores meios financeiros e humanos é considerada uma medida, sem precedentes na história do município de Lisboa. Classificada como «revolucionária» a proposta traduz-se na concessão de verbas às juntas, facto que permitirá a estes organismos uma maior autonomia.

O DL soube entretanto, que a edilidade deverá assinar brevemente os protocolos com as juntas, que precisem das verbas, para tal estas deverão realizar um levantamento das suas necessidades mais urgentes.

Luísa Alexandra Botinas

Jorge Sampaio olha para o relógio e lembra-se que há 16 pontos em agenda e Marcelo Rebelo de Sousa sem chegar

Rebelo de Sousa chega. Pede desculpa. O presidente já tinha dado por começada a sessão

Prisão de traficantes em Melides

Envolvidos numa operação de importação de droga na praia de Melides, próximo de Sines, três indivíduos foram detidos pela Polícia Judiciária de Setúbal.

A operação ocorreu na sequência de uma investigação iniciada pela Guarda Fiscal e que levou à apreensão de cem quilos de haxixe e de um automóvel e a retenção do navio que efectuara o desembarque.

Segundo a PJ, os detidos, de naciomalidades portuguesa, francesa e italiana propunham-se introduzir no País 400 quilos daquela droga.

A operação foi desencadeada a partir do achado, no dia 21 do corrente, dos destroços queimados de um barco de borracha na praia de Melides, tendo sido encontrado junto um pacote com 25 quilos de haxixe.

Mais tarde, seria detido no hospital da região um indivíduo de nacionalidade francesa, com queimaduras e, nas diligências que se lhe seguiram, foram capturados os dois restantes, quando se preparavam para entrar em Espanha pela fronteira alentejana de Vila Verde de Ficalho.

Foi também detectada pela Guarda Fiscal, na fronteira de Vilar Formoso, uma viatura ligeira potente, de matrícula italiana, que ali fora abandonada pelos dois traficantes detidos na raia alentejana.

No decorrer das investigações a PJ viria a identificar o comandante, de nacionalidade belga, e os tripulantes do navio que efectuva o desembarque da droga e que foi apreendido por decisão do juiz de Intrução criminal de Grândola. O magistrado confirmou também e manteve as prisões dos três capturados.

Julgamento adiado

O Tribunal de Monsanto adiou ontem, para data posterior a Fevereiro, o julgamento de um processo de droga que envolve 30 arguidos, entre os quais antigos funcionários do aeroporto de Lisboa, empregados de companhias aéreas e um dirigente desportivo.

Trata-se de um processo com dez anos, constituído por um principal e vários apensos, no total de 50 volumes, que já passou por vários juizes sem até agora se ter efectaudo o julgamento.

A maioria dos réus encontra-se em situação de revelia, incluindo o antigo candidato à presidência do Clube Atlético de Portugal, Arlindo Vilas Boas.

Médicos de Évora pedem demissão

A maioria dos médicos chefes de equipa do banco de urgência do Hospital Distrital de Évora pediram a demissão, alegando existirem várias anomalias de funcionamento naquele serviço, disse um dos clínicos demissionários.

De entre as diversas anomalias sobressai a falta de pessoal médico, com a consequente sobrecarga de horário e de serviço de quem ali presta funções.

Apesar desta tomada de posição, levada ao conhecimento da comissão instaladora, todos os médicos demissionários continuam a exercer as suas funções normalmente.

O director clínico, Jorge Caravana, confirmou a situação, dizendo compreender as razões que assistem aqueles médicos. Considera a posição dos clínicos como um alerta à comissão Instaladora sobre as suas reivindicações e diz nada ter a ver com a demissão das suas responsabilidades, pois todos continuam nos seus postos.

Informação

GREVE DE 16 A 26 DE JANEIRO DE 1990

LINHA DE CASCAIS

A **CP** informa que, nos próximos dias 24 a 26 do corrente, complementará a sua actividade ferroviária na **Linha de Cascais** com 100 autocarros com partidas de Cascais, S. Pedro, Parede, Carcavelos, Oeiras e Paço d'Arcos, com destino a Lisboa entre as 06.00 e as 22.30 horas ininterruptamente nos dois sentidos.

23 de Janeiro de 1990

Informação divulgada pela Divisão de Relações Públicas

Caminhos de Ferro Portugueses

CULTURA

olhar de mocho

Lestes ocidentais

«A mais constante das leis da natureza é a da mudança», disse um dia, R. Burns, retomando, aliás, o velho pensamento dos gregos pré-socráticos, «tudo passa como um rio e nada fica». Quanto ao Leste europeu, estamos entendidos: os mais lúcidos já estavam convencidos de que o bloco monolítico da forma soviética do comunismo, mais tarde ou mais cedo acabaria por ceder o passo aos ventos, muito embora ninguém se atrevesse a avançar com uma cruz na coluna das datas, nem dia, nem ano, nem mesmo década. Mas se todos os blocos graníticos acabaram por abrir fissuras e desmoronar-se, por que razão o comunismo soviético haveria de ser eterno e dogmático? Os espíritos mais lúcidos - repete-se - não acreditavam em sistemas sociais anti-sísmicos, bastando-lhes breve olhadela à história mais recente da humanidade: império romano, césaro-papismo medieval, Constantinopla. Quando Lutero apareceu, o Einstein ainda não tinha falado em cisão do átomo. E contudo, o físico da relatividade conseguiu na matéria a cisão do átomo o que o Martin germânico já realizara, séculos antes, na sociedade do seu tempo. Nós cá em Portugal, embora sem regime de exclusividade, é que gozamos à brava com as mudanças do Leste europeu. E os espíritos menos lúcidos e mais imberbes deliciam-se a gozar as delícias do desmantelamento do sistema comunista soviético.

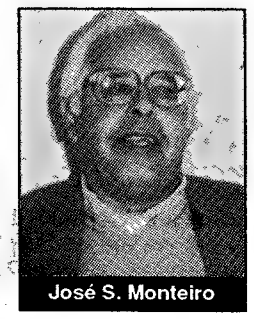
Até aqui, tudo normal, a democracia também significa liberdade para escolher ranchos folclóricos.

Mas as coisas mudam de tom, se pensarmos que por o Leste europeu estar em debandada, a contrária é verdadeira e cimentada nas «verdades eternas». Se o Leste mudou é porque nós temos razão, é um tremendo e perigoso silogismo político-social.

Talvez fosse mais lógico, raciocinar ao invés: se o Leste europeu mudou, também nós, aqui, em Portugal teremos de mudar. Ontem nos dois serviços noticiosos da noite, ouvimos falar na contestação dos pilotos da Força Aérea. Assiste-lhes, aos fardados do ar, um duplo argumento: se o Leste está em mudança para quê insistir em armas de guerra? Em segundo lugar, se no Bloco de Leste as coisas se transformam, porque não transformarmos também aqui as espadas em arados que é como quem diz, passar dos Fiat de combate para os Airbus da TAP?

Se os Mig já não metem medo, não será legítimo preferir os longos cursos a pilotar um Boeing em companhias bem mais agradáveis que as das casernas? Finalmente, as mudanças do Leste não nos *obrigarão* a mudar também as nossas arcaicas teorias de defesa? Só eles é que podem ser pacifistas, nós teremos de continuar a militar no militarismo? Se as mudanças do Leste não se repercutirem também no nosso militarismo, então é que nada muda mesmo. Uns aviõezitos militares, artesanais e populares, para vigiar as nossas costas e apagar incêndios ainda se desejam. Mas caças de guerra? A queda do Muro de Berlim ensinou tantas coisas - uma delas diz respeito ao belicismo.

Quer-me bem parecer que a questão dos pilotos militares, tal como a vimos ontem na TV, é uma lição do Leste ao Ocidente.



José S. Monteiro

A criação de um espaço físico que permitisse retomar a tradição das tertúlias que desde sempre acompanharam a vida das livrarias portuguesas foi uma das intenções que a Barata se impôs quando inaugurou as novas instalações

Noites de arquitectura

Esse espaço foi encontrado pelos arquitectos Madalena e Francisco Teves na cave da livraria da Avenida de Roma, que o vocacionaram para receber exposições, concebendo estrategicamente a secção de livros da especialidade e comercialização de obras gravadas de artistas nacionais e estrangeiros.

Francisco Paraíso

Manuel Graça Dias quando apresentava as lojas de Ana Salazar nas Noites de Arquitectura da Livraria Barata

Se paralelamente às exposições em curso, se tornou já um dos lugares preferidos para os autores lançarem novos títulos (cabendo normalmente a apresentação a destacados críticos literários), os ciclos de conferências sobre as diferentes disciplinas que vitalizam a actividade intelectual têm justificado a intenção inicial dos homens que conduzem os destinos da Livraria Barata.

Em tom de balanço, recorda-se que João Pinharanda, crítico de arte e membro da respectiva associação internacional (AICA), em 1988, também convidou proeminentes figuras do pensamento contemporâneo português para as **Novas Conferências**, balanço das correntes actuais nos campos das artes plásticas (António Cerveira Pinto), filosofia (Manuel Maria Carrilho), literatura (Francisco José Viegas), economia (Luís Saias), política (Manuel Villaverde Cabral) e educação (Ana M. Bettencourt).

O ano passado, a realização de **Encontros à volta de um café**, constitui-se em ciclos de conferências nas áreas da economia, informática, agronomia e arquitectura. Foi precisamente por esta área, e uma vez mais em colaboração com a «Revista Arquitectos», da respectiva associação portuguesa, que a Livraria Barata retomou ontem o hábito das conferências nas noites de quinta-feira.

Número suficientemente grande de público que se contorcia nas escadas de acesso à sala na tentativa de seguir a projecção de diaporamas, com que cinco arquitectos apresentaram as suas obras, algumas ainda em fase de construção, na cidad.

Uma breve alusão a um «stand» de automóveis em Chaves, da autoria de Manuel Graça Dias, serviu de introdução para que aquele arquitecto descrevesse pormenorizadamente as lojas que, de parceria com Egas José Vieira, projectaram para a estilista de moda Ana Salazar, na Avenida de Roma e Rua do Carmo. De realçar a referência a uma pequena rampa que (sem as dimensões e conceptualidade da que o arquitecto João Santa Rita presentemente instala num prédio da Calçada de S. Francisco) podemos considerar como homenagem a uma forte intervenção modernista na área do Chiado (loja da Rampa), da autoria do arquitecto Conceição Silva, construída nos anos 50 e que um excesso de *zelo* patrimonial viria a destruir nos anos 80.

Com os conceitos mais serôdios de *património*, também os autores do projecto do Pavilhão Português para a **Expo-92**, em Sevilha, utilizam na loja da Rua do Carmo vitrinas em quadrícula que medeiam paredes banais, toscamente rebocadas, onde ainda respiram elementos pré-existentes: memórias de frisos de azulejos de arte nova, ou pura e simplesmente o betão tal e qual como tinha saído das cofragens que solidificaram o túnel sob a colina onde assenta o quartel do Carmo.

À apresentação da Galeria Graça Fonseca coube a Egas Vieira, autor do projecto, que partiu de uma ideia visual para o espaço de uma antiga metalomecânica situada numa cave sem iluminação, na Rua da Emenda. Parte da nave já existente, e do logradouro desocupado, tornou-se um espaço extremamente luminoso com a introdução da luz venital que o tecto despeja sobre a sala. Ao mesmo tempo, *rasgou* a parede que a separa da entrada, de modo a que esse percurso visual nos encaminhe de imediato para o que a sala mostra: arte.

A ideia de Egas Vieira para a renovação de um espaço para a Galeria Graça Fonseca lançou pistas que a obra, e as suas condicionantes (destruir paredes, obstáculos económicos e outros) efectivaram.

João Santa Rita é o autor do projecto para a loja Casa Mestra, na Calçada de S. Francisco. Ainda em fase de execução, aquele arquitecto pouco mais pôde mostrar do que diaporamas de um projecto que prevê intervenções na fachada do imóvel pombalino (dependentes de parecer da C.M.L. e do IPPC), caracterizando-se também pela sua recriação no interior do edifício de três pisos, serpenteado por uma gigantesca rampa de ferro forrada a pedra, numa alusão directa a Conceição Silva.

José Manuel Torres do Vale ironizou o academismo seguido para as grandes superfícies de quadrícula vítrea e vibração cromática que caracterizam, também pela funcionalidade espacial, um conhecido «stand» de automóveis nas proximidades do Jardim de Santos.

Para as próximas quintas-feiras, as noites na Livraria Barata serão de **O Outro Lado da História**, coordenado pelo jornalista António de Carvalho, enquanto se aguarda a confirmação dos coordenadores convidados para as noites de filosofia e sociologia.

Num esforço especial para responder às questões que os temas tratados possam suscitar, a Livraria Barata procederá ao possível apetrechamento das obras respectivas.

A dignidade da resposta maciça do público (maioritariamente jovem e situado na camada estudantil da área da arquitectura) com que a noite de ontem decorreu, foi também a justa homenagem à memória de João Barata, desaparecido do nosso convívio há menos de um mês, e que dedicou os poucos anos da sua vida a dinamizar a vida que não se deseja perdida, da Livraria Barata.

Jorge Fallorca

Morreu Ava Gardner

Ava Gardner, um dos «monstros sagrados» de Hollywood que o cinema se encarregará de lembrar pelos tempos, morreu ontem na sua casa de Londres com 67 anos, vítima de pneumonia.

O anúncio da sua morte foi feito por Paul Mills, um dos poucos amigos que lhe restavam depois de ter voltado costas à sua carreira de superestrela. Com fama de solitária, Ava desabafara assim numa entrevista recente: «Ninguém se preocupou realmente em conhecer-me. Preferiram sempre os mitos, a senhora espalhafatosa que parte copos de champanhe e se apaixona por toureiros.»

O seu verdadeiro nome era Ava Lavinzia, mas o apelido mudou-o quando em 1942 começou a interpretar pequenos papéis, ascendendo ao êxito. Afortunada enquanto actriz, Ava Gardner foi infeliz nos amores, e diz-se que a sua ruptura com Hollywood se deveu a uma relação tempestuosa com o seu terceiro e último marido, Frank Sinatra. O mesmo acontecera, antes, com o actor Mickey Rooney, num casamento que não ultrapassou a prova do primeiro ano, e com o conhecido compositor Artie Shaw. Depois amou, de facto, os toureiros. Espanhóis, como não podia deixar de ser: Mario Cabre primeiro, Miguel Dominguin mais tarde.

Os sucessivos fracassos sentimentais tornaram-na alcóolica, e chegou a envolver-se num sério acidente automóvel devido à bebida. Recuperada, decidiu voltar ao cinema num único filme, já na década de 80: «Regina», contracenando com Anthony Quinn. Surge de seguida numa outra série televisiva, até que, em 1986, um derramamento cerebral a obrigou a parar de novo.

Ava Gardner, autêntica «sex-symbol» dos anos 40 e 50, participou em mais de cinquenta filmes, como «As Neves de Kilimanjaro», «Os Cavaleiros da Távola Redonda», «Showboat», «Bhowani Junction», «A Princesa Descalça» ou «55 Dias em Pequim». Morreu, sozinha mas admirada.

Crítica de Música

«Horácios e Curiácios»: um empreendimento que valeu a pena

São, afinal, muito antigas as ligações do Teatro de São Carlos de Lisboa com Domenico Cimarosa. Com uma ópera deste compositor *(La Ballerina Amante)* se inaugurou o Teatro, em Junho de 1793. E no período inicial de funcionamento o mestre napolitano conta-se entre os autores cujas óperas ali subiram à cena mais frequentemente.

Gli Orazi e i Curiazi viu pela primeira vez as luzes da ribalta lisboetas em Dezembro de 1798, por sinal numa récita comemorativa do aniversário natalício da Rainha D. Maria I. Tratava-se de uma partitura recente, pois que estreada apenas dois anos antes, em Veneza. O papel de «Curiazio» fora escrito propositadamente para o célebre castrado Crescentini, que o interpretaria na capital portuguesa. Quando reposta em 1801, a referida ópera de Cimarosa reuniu no elenco Crescentini e outra grande figura do canto lírico da época: Angelica Catalani (na personagem de «Orazia»).

A nova produção

Decorridos quase dois séculos, *Gli Orazi e i Curiazi* voltou agora ao palco de São Carlos, numa produção a respeito da qual se criara certa expectativa.

Não será descabido avançar que, com esta escolha, louvavelmente se pretendeu ressuscitar uma obra antiga pouco conhecida, mas, pelo seu valor intrínseco, merecedora de uma revalorização cuidada e moderna. Aliás esta produção ficou a cargo de uma equipa que assentava maioritariamente no contributo nacional e no próprio elenco do Teatro, o que é de registar, até como de reconhecimento de potencialidades autóctones. Ressaltou, porém, que nem todos os colaboradores aos quais se confiou a concepção e realização cénica, ainda que já com boas provas dadas noutros domínios, estariam verdadeiramente familiarizados com específico mundo da ópera...

Pelo que se prende mais directamente com o teor músico-dramático da partitura de Cimarosa (1749-1801), confesso que, num primeiro contacto, achei o 1.º acto bastante monótono, na regularidade repetitiva do esquema formal e na pouca relevância, em termos absolutos, dos episódios mais expressivos e qualitativos. Porém, tais impressões modificaram-se enormemente para melhorar, na 2.ª parte do espectáculo (que, na produção apresentada, junta os dois últimos actos dos três em que a ópera originalmente se divide). Foi grato reconhecer aqui a presença de uma individualidade criativa de notável envergadura e variedade de cambiantes na caracterização de situações, não faltando sequer, nas derradeiras cenas, um crescendo dramático conduzido pelo compositor, com mão de mestre, até ao desfecho trágico.

Disposição ocasional? Talvez. O crítico também é de carne e osso, e pode estar sujeito a oscilação de humor (ou de saúde) que o torne vulnerável e menos (ou mais) receptivo. O curioso é que, segundo verifiquei, tal oscilação terá afectado de maneira semelhante outros espectadores... e nem tudo será imputável a algumas fraquezas ou ambiguidades de realização, que não existiram apenas no 1.º acto. É natural que, para as favoráveis impressões colhidas, tenha contribuído a ausência – a partir do 2.º acto – do chamado recitativo «secco» (isto é, só com acompanhamento de cravo e de um teor mais árido).

O trabalho de João Perry na ópera de Cimarosa tem falhas óbvias, mas ainda assim os resultados são positivos

O assunto e suas implicações

O assunto da ópera de Cimarosa baseia-se nas lendas sobre a fundação da cidade de Roma e o seu antagonismo com a cidade de Alba. Foca as lutas que acabaram por ser protagonizadas, e dirimidas definitivamente, em eventos que os escritores clássicos celebrizaram, pelos representantes das sociedades rivais: dois grupos de três Horácios e três Curiácios.

No entrecho surge o herói partilhado entre os laços afectivos e o dever de honrar a pátria e lutar por ela. O combate impõe-se como imperativo ético de que não pode alhear-se. O romano Horácio é casado com Sabina, albana de nascimento. Mas o conflito moral não atinge apenas o herói. E a paixão amorosa – incarnada pela irmã de Horácio, noiva de Curiácio (adversário que Horácio vencerá e matará) – representa o elemento que vem perturbar a prova de virilidade, o sentido de coragem ou o pundonor político e masculino. Transparece aqui o incentivo à consciência nacional e ao patriotismo, arrostando com todas as contrariedades.

A problemática que equaciona o dever e a violência (ou o crime) – Horácio acaba por abater a própria irmã, que não esconjura o sentimento puramente humano e familiar – é também fulcral na teia de conflitos que o argumento da ópera acolhe.

Estes são alguns filamentos do enredo que atraiu dramaturgos como Lope de Vega, Corneille e Brecht. O próprio teatro musical não faltou à chamada: Salieri, por exemplo, escreveu, cerca de onze anos antes de Cimarosa, uma ópera sobre o mesmo tema. Contudo, é com a peça *Horace* de Corneille (de 1640) que o aprofundamento de caracteres e a dimensão, por assim dizer, universalista do conflito dramático ganham especial e fortíssimo incremento. Esta peça terá tido sequelas também noutras formas de expressão artística: na pintura, por exemplo. Hoje, no plano da filosofia política, poderemos tirar, da incidência do mito no comportamento individual, ilacções extremamente sugestivas.

A ópera de Cimarosa

Regresssemos à ópera de Cimarosa, e lancemos um olhar pelas possibilidades de realização cénico-musical e pelo que tivemos agora em São Carlos. Uma conclusão se impõe: se tomarmos em conta as perspectivas de vária ordem (históricas, estéticas ou de tecnologia evoluída) actualmente à nossa disposição, é evidente que poderemos encarar vertentes também diversificadas. E assim admitir posturas muito dissemelhantes, privilegiando quer uma visão fundamentalmente barroca ou uma concepção mais sóbria de tragédia clássica, quer um clima para-romântico ou (porque não?) uma transposição nitidamente modernista ou pós-moderna, sem exclusão dos meios mais sofisticados (sei lá! – a utilização do «laiser» em si não me chocaria). Ou até inclinando a um tal ou qual eclectismo, isto é: combinando sugestões de teor ou proveniência díspare (que terá os seus perigos, como, aliás, qualquer outa opção). A índole da obra parece autorizá-lo.

A partitura de *Gli Orazi e i Curiazi* de Cimarosa situa-se no âmbito da «ópera-séria», o que importa sublinhar no caso de um compositor hoje conhecido sobretudo no género «buffo», e nomeadamente graças a uma obra-prima como *Il Matrimonio segreto*. Mas isto não obsta a que a obra possua uma certa ambivalência climática, estética e formal. O momento histórico em que se insere, no seu cosmopolitismo sadio, explica que participe de expressividades reminiscentes do ideal barroco, ilustrando ao mesmo tempo a tragédia clássica a inflexionar para o eflúvio o enquadramento romântico.

Desacertos e acertos de uma encenação

Qualquer que seja a opção estética na transposição músico-dramática, há que encontrar um denominador comum, por forma a esbater incoerências estilísticas gritantes e a evitar a confusão e o contrasenso artístico. Por outras palavras: é indispensável que quanto se passe no palco não obscureça a mensagem, antes contribua efectivamente para clarificar a «démarche» da acção.

Ora foi precisamente neste capítulo que a realização agora apresentada em São Carlos claudicou mais notoriamente nalgumas passagens. O tal esforço de clarificação nem sempre resultou, na imbricagem de certos elementos, talvez de sinal contrário (nomeadamente de guarda-roupa e de adereços) ou na indecisão de certas soluções ou propostas. A explicitação de sentimentos, reacções, conflitos ou grupos em jogo nem sempre logrou contrapartida plenamente adequada e esclarecedora na partilha do espaço cénico.

No entanto, é de justiça referir que, com base numa luminotecnia que teve papel largamente positivo, se obtiveram, não raro, excelentes efeitos visuais e, por vezes, se tirou partido muito interessante de determinados aglomerados humanos ou figuras grupais e de algumas movimentações de conjunto. Vários desses resultados conseguiram esbater sensivelmente a linearidade do espaço cénico ou de traçado arquitectónico subjacente. E residiu neste ponto um dos aspectos mais positivos do trabalho de João Perry e do seus colaboradores directos: Manuel Reis, Paulo Graça e Olga Roriz. Mas, por vezes, esses pormenores funcionaram menos num plano propriamente estrutural, integrado, recomendando-se, sobretudo, ao nivel do decorativo, do conjuntural.

Tivemos assim, desacertos ou algumas incongruências de mistura com aspectos pontuais francamente conseguidos. No número destes inclui-se – no aproveitamento de uma vertente para-romântica da ópera de Cimarosa – a cena das grutas (chamemos-lhe assim), com a feliz e sugestiva exploração de manchas nos feitos luminosos.

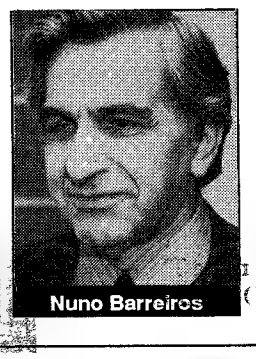
Momentos de autêntica tragédia clássica surgiram, pouco depois, nas cenas mais dramáticas de «Orazia», por Anna Catarina Antonacci, cantora notável, de voz bonita e ampla, e intérprete vibrátil, temperamental, assim como em intervenções de Helena Vieira, excelente presença e recursos de timbre e de técnica vocal que é de justiça distinguir no papel «travesti» de Curiazio.

O acumular excessivo de pormenores cénicos ou alguns jogos gratuitos (e disponíveis) de personagens episódicos – porventura à conta da vertente barroquista – inserem-se no número das coisas menos felizes.

Seja como for, não devem minimizar-se o esforço largamente positivo nesta realização e o empenhamento constante de todos os intervenientes com a preocupação de «refrescar» uma ópera setecentista de inegáveis virtualidades, perto de dois séculos sobre a estreia absoluta.

Interpretação musical

Grosso modo, o elemento vocal e genericamente musical merece encómios. Para lá da participação de Anna Antonacci (o único cantor es-



Nuno Barreiros

trangeiro da récita, mas que eu gostaria de tornar a ver e ouvir em São Carlos) e de Helena Vieira, refiram-se com apreço os outros intérpretes vocais. Carlos Guilherme conseguiu impor-se numa tessitura espinhosa e a exigir agilidade. Pena foi que o trajo que lhe destinaram não o defendesse melhor em relação à personagem, o herói-guerreiro Marco Orazio. Elvira Ferreira («Sabina»), Vaz de Carvalho (no «Augure»), Lia Altavilla («Licinio», um Travesti) e António Silva recomendaram-se pelo à-vontade e a justeza de actuação.

O Coro do Teatro portou-se à altura das circunstâncias, fazendo jus ao trabalho orientado por João Paulo Santos. Quanto à Orquestra provou que atingiu uma fase de estabilidade artística e já muito apreciável maleabilidade. À frente do conjunto esteve o maestro Alan Curtis, que há muito firmou uma sólida reputação de autoridade em música antiga e especialista da arte barroca. Não desmereceu desse prestígio, evidentemente, embora pudesse preferir-se, por vezes, um jogo mais subtil de cambiantes dinâmicos. Mas soube tomar em conta e realçar o sentido do colorido e a linguagem tão contrastante timbricamente da orquestração de Cimarosa, a qual – juntamente com a acentuada expressão do sentimento individualista – constitui um dos grandes predicados da ópera *Gli Orazi e I Coriazi*.

Mencione-se que a produção de São Carlos enxerta – de acordo com hábitos dos séculos XVIII e XIX – dois trechos de autoria alheia (um deles, a ária de «Orazia»: «Ah pietà del pianto mio»). São do nosso Marcos Portugal e estão longe de pertencer às páginas menos interessantes da partitura.

Uma palavra ainda para o interesse do programa, não só pela abundância do material iconográfico que insere como pela qualidade dos textos de apoio, informados e esclarecedores, assinados por Maria João Brilhante e David Crammer (neste caso incidindo em aspectos musicais da partitura). Sem esquecer larga e curiosa citação de um testemunho estrangeiro de época: «Viagem em Portugal» do pastor luterano sueco Carl Israel Ruders.

Com acertos e também aspectos discutíveis ou falhados, a reposição de *Orazi e I Coriazi* de Cimarosa foi, tudo somado, empreendimento que valeu a pena.

DESPORTO

Porto não cede Branco ao Brasil

Preparando a tempo e horas a sua presença na fase final do campeonato mundial de futebol, o Brasil mandou até Portugal um emissário (Jorge Salgado, da Confederação Brasileira de Futebol) que acordou com o Benfica a cedência de Aldair, Valdo e Ricardo, ao mesmo tempo que também o Sporting concordava no empréstimo de Silas para a selecção «canarinha». As únicas reticências partiram do FC Porto, que se escusa a liberar Branco enquanto a CBF não liquidar um débito ao clube das Antas, nascido quando da anterior cedência de Branco para o «team» de Lazaroni. Publicamente, o defesa portista já declarou que será com muita pena que fica afastado de participar na sua 2.ª «Copa do mundo» e se sente levemente frustrado por ter trabalhado para se fixar na selecção brasileira e (possivelmente) ficar excluído da montra italiana.

Modalidades desportivas

BASQUETEBOL: sujeitos a inquéritos disciplinares na sequência de incidentes verificados nos seus recintos, o Barreirense e o Guifões vêem os seus rectângulos preventivamente interditos.

AUTOMOBILISMO: ainda não é oficial o triunfo do francês Didier Auriol (em Lancia) no Rali de Monte Carlo, porque há um protesto da Toyota (2.º lugar com o espanhol Carlos Sainz) alegando que o carro triufante não tinha sido convenientemente vistoriado antes da prova e possui características não permitidas.

TÉNIS: na RFA, o tenista Nuno Marques foi eliminado do torneio de Heilbronn, ao perder (5-7 e 3-6) com o sueco Windahl.

ANDEBOL: na Bulgária (torneio de Serdika) a selecção portuguesa foi novamente derrotada, desta feita ante a equipa caseira (18-24). Na 1.ª ronda, a nossa turma já perdera perante a Roménia (23-25). No encontro com os búlgaros, alinharam e marcaram: João Santa Bárbara (Miguel Fernandes), Paulo Carneiro (2), Mário Macedo (3), Tó Leite (2), Carlos Resende (3), Jorge Rodrigues, Rui Ferreira (4), Luís Gomes (1), Manuel Pastor, Armando Pires, José Santos (1) e João Duarte (2). Portugal está em último lugar na tabela pontual.

Na sua agenda

AMANHÃ teremos a realização do encontro Nacional-FC Porto marcado para as 21 horas e 30 minutos nos «Barreiros» e transmitido directamente pela RTP efectuando-se igualmente os jogos Valadares-Sanjoanense, União de Montemor-Quimigal e Caparica - Almancilense, para a 3.ª divisão.

Outras actividades: **BASQUETEBOL:** FC Porto-Benfica (17 horas), Beira Mar-Estrelas da Avenida (17.30), Ginásio Figueirense-Ovarense (18), Sporting-Guifões (18h) e Barreirense-Imortal (1h).

HÓQUEI EM PATINS: 11.ª jornada do Campeonato Nacional da I Divisão: Paço de Arcos-Óquei de Barcelos, Sporting-Oliveirense, Benfica-Grundig, Sp. Tomar-Turquel, Valongo-Parede e Qumigal-FC Porto.

ANDEBOL: segunda «mão» da Supertaça «Vasco Vasconcelos», entre o Benfica e o Sporting, no Pavilhão de Loures, com começo pelas 15 horas e transmissão directa pela RTP. Recorde-se que na primeira «mão» o jogo terminou com o empate a 24 golos.

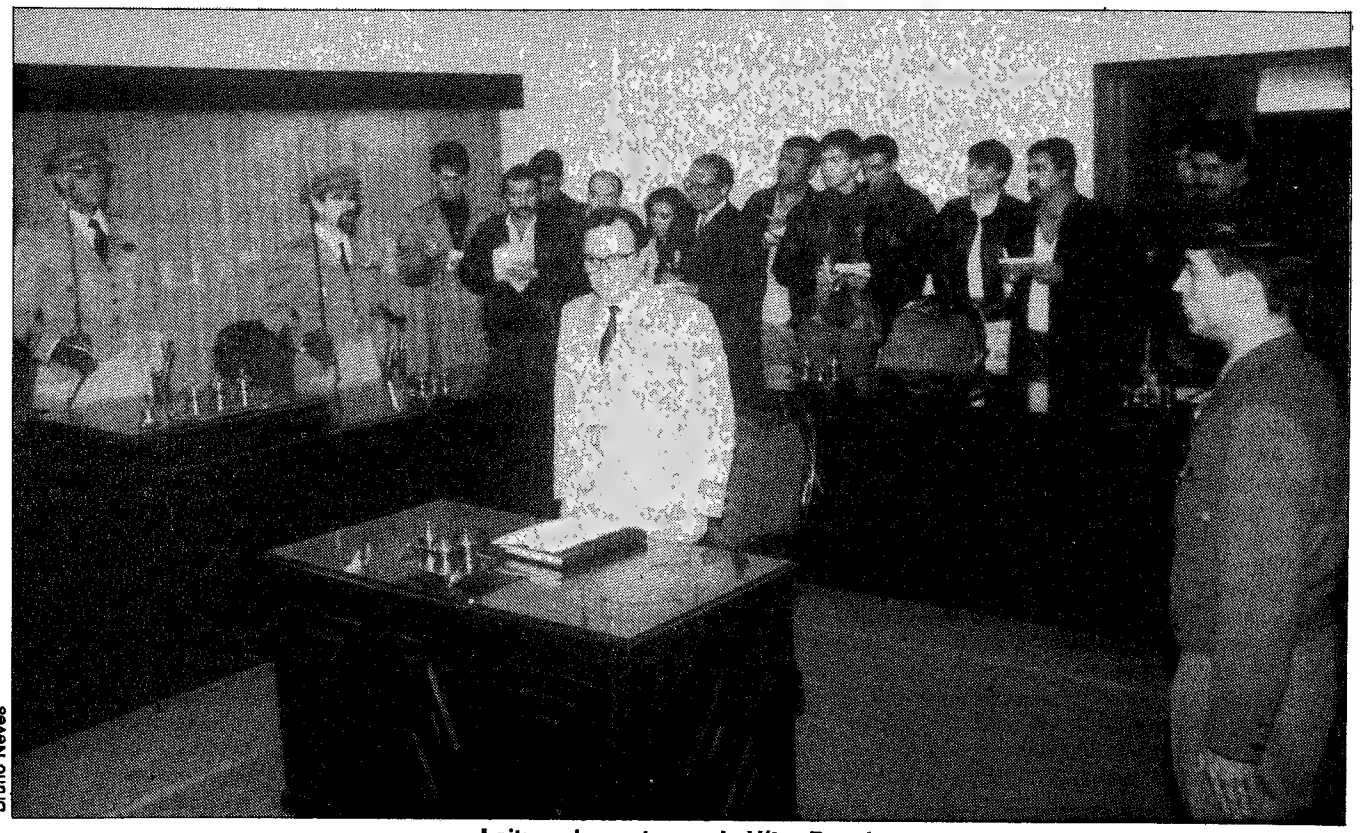
RÂGUEBI: Académcia-Direito (15 horas), Técnico-Lousã (15.30) e Agronomia-CDUP'

FUTEBOL: não há qualquer alteração ao calendário na II e no tocante à III divisão, realizam-se amanhã os confrontos Valadares-Sanjoanense, União de Montemor-Quimigal e Costa da Caparica-Almancilense. O calendário para domingo é o seguinte: **DIVISÃO I:** Boavista-Tirsense, União da Madeira-Feirense, Estrela da Amadora-Braga, Belenenses-Marítimo, Setúbal-Benfica, Guimarães-Sporting, Beira Mar-Portimonense e Penafiel-Chaves.

II DIVISÃO, Zona Norte: Bragança-Marco; Trofense-Desportivo das Aves; Leixões-Gil Vicente; Varzim-Infesta, Paços de Ferreira-Joane; Famalicão-Freamunde; Felgueiras-Rio Ave; Fafe-Maia; e Vizela-Vianense.

Zona Centro: Águeda-Oliveira do Bairro; Benfica de Castelo Branco-União de Lamas; Oliveirense-Académico de Viseu; Peniche-Guarda; União de Leiria-Académica; Lousanense-Mirense; Marialvas-Caldas; Mangualde-Salgueiros; e Sporting de Espinho-Sporting da Covilhã.

Zona Sul: Elvas-Torreense; Lusitano de Vila Real-Juventude de Évora; Farense-Portalegrense; Alverca-Sintrense; Seixal-Olivais e Moscavide; Atlético-Estoril; Barreirense-Silves; Samora-Olhanense e Lusitnao de Évora-Louletano.



Bruno Neves

Leitura da sentença de Vítor Paneira

Futebolista recorreu da sentença

Paneira: quatro meses de prisão militar

O futebolista Internacional Vítor Paneira foi condenado a quatro meses de prisão pelo Tribunal Militar do Porto. A sentença que, para o crime de deserção cometido pelo atleta podia ir de um a três anos, foi comutada devido ao tribunal considerar que *«o arguido agiu sem intenção deliberada»*.

O recurso para o Supremo Tribunal Militar (entretanto apresentado pelo advogado de Vítor Paneira foi aceite pelo tribunal, ficando o réu a aguardar o novo julgamento em liberdade provisória.

O advogado do jogador (Rui Roldão) considerou *«ter havido boa-fé na aplicação da sentença por parte do tribunal»*. Rui Roldão afirma *«não ter havido, por parte do réu, intenção de faltar ao respeito à entidade militar»* e Vítor Paneira *«devia ter sido absolvido»*. Por sua vez, Vítor Paneira declarou aos jornalistas *«respeitar a decisão do tribunal»*, sublinhando que *«tudo não passou de um mal entendido»*.

O futebolista do Benfica sentou-se no banco dos réus do 1.º Tribunal Militar Territorial do Porto sob acusação de ser refractário do serviço militar. Incorporação (como refractário) a 30 de Junho de 1988, foi-lhe concedida uma licença até 12 de Setembro, mas apenas se apresentou a 3 de Outubro, justificando as faltas com um atestado médico.

Escolhidos juízes para Benfica e Dnepr

O francês Quiniou e o holandês Blankenstein são os árbitros designados para os jogos dos quartos de final da Taça dos Campeões Europeus de futebol entre Benfica e Dnepr (da União Soviética) anunciou a UEFA. O nosso bem conhecido Quiniou dirigirá o primeiro encontro (em Lisboa, em 7 de Março) e Blankenstein o segundo, a 21 desse mês (na URSS).

O juiz alentejano Rosa Santos vai dirigir a 1.ª «mão» do Belgrado - Dínamo de Bucareste, para a Taça das Taças.

Castigos federativos

O Conselho de Disciplina da Federação de Futebol castigou Carvalhal (Beira Mar) com dois jogos de suspensão e, com um jogo de obrigatória paragem Oceano (Sporting), Aurélio (Portimonense), Macaé (Belenenses) e Jorginho (Chaves). O dirigente aveirense Silva Vieira foi castigado com dez dias de suspensão. Multas a clubes: 20 contos ao Benfica, cinco ao Vitória de Setúbal e quatro ao Sporting.

Europeu de salão: Final é hoje

Hoje, pelas 19 horas, no Pavilhão do Freixieiro (Matosinhos) as representações portuguesas e chocoslovaca decidem o título de campeão europeu da modalidade.

Juniores B: selecção

O FC Porto, com nove jogadores, é o clube com mais futebolistas convocados para os treinos de preparação para o Torneio Internacional do Algarve de Juniores «B» (sub-19), que se realiza em Faro, entre os dias 24 e 27 de Fevereiro. Os treinos vão decorrer no Estádio Nacional, entre os dias 29 e 31 do corrente, sendo os jogadores dispensados dos trabalhos (que serão orientados pelo seleccionador nacional Carlos Queirós) após o treino de dia 31. A lista dos jogadores convocados (e respectivos clubes) é a seguinte:

- FC Porto: Alexandre Ribeiro, Costa, Eduardo, Eliseu, Hugo, Madureira, Luisinho, Nuno Miguel e Pedro Jesus.
- Benfica: Alexandre, Hernâni, Hugo, Pereira, Nélson, Nuno Afonso, Nuno Sampaio e Kenedi.
- Boavista: Costinha, Eduardo, Gomes, Litos, Rui Miguel e Sérgio.
- Sporting: Edgar, Eusébio, Paulo Morais, Poejo e Porfírio.
- Académica: Jorge e Rovira. [TH) Chaves: Branco.
- Braga: Ricardo

Trocas à vista

Neno (que tem estado emprestado pelo Benfica ao Vitória de Guimarães) vai regressar à Luz, provavelmente compensando o retorno de Ademir para os minhotos.

Nacional-Porto na TV

Amanhã, pelas 21 e 15, o jogo Nacional-Porto (18.ª jornada do campeonato) é arbitrado pelo lisboeta António Marçal e directamente transmitido pela RTP-2.

Cartão Jovem dá descontos

Seis encontros da próxima jornada do Campeonato de Futebol da 1.ª Divisão são abrangidos pelos benefícios concedidos aos possuidores do Cartão Jovem. Os jogos não abranngidos pelos descontos são o Setúbal-Benfica, Guimarães-Sporting e Nacional-FC Porto.

Os detentores do Cartão Jovem têm à sua disposição 500 bilheres a preços reduzidos para os lugares de superior simples em cada um dos estádios onde vão decorrer os encontros Belenenses-Marítimo, Beira Mar-Portimonense e Penafiel-Chaves. Para o jogo Estrela da Amadora-Braga haverá apenas 400 bilhetes. No caso dos encontros Boavista-Tirsense e União-Feirense, as entradas através do Cartão Jovem serão para a superior central (500 bilhetes para cada jogo), por não existir superior simples nos respectivos recintos.

Magnusson avança na Bota de Ouro

Mats Magnusson (Benfica) é actualmente o segundo melhor marcador do futebol europeu, na tabela da Bota de Ouro, organizada pela Adidas e pelo France-Football. O internacional sueco já marcou 21 golos em 17 jornadas, menos seis tentos do que o líder da tabela (o austríaco Rodax, do Admira Wacker), que, no entanto, já disputou 22 encontros. O mexicano Hugo Sanchez (Real Madrid), é o 3.º (20 golos, em 20 jogos), e o 4.º é o búlgaro Stoichkov (CSKA de Sófia) com 19 em 15 partidas. O 5.º da lista é o brasileiro Romario (PSV), com 18 golos em 19 jogos.

Jogos Olímpicos: de Olímpia a Barcelona (6)

A tocha, Comité Olímpico e candidatos

A origem da tocha olímpica tem um carácter religioso. Antigamente, o fogo era tido como purificador, isto é, um destruidor do mal e um elemento agregador do Homem com Deus. Era também tido como símbolo da paz e de união entre os homens, independentemente das suas convicções ideológicas.

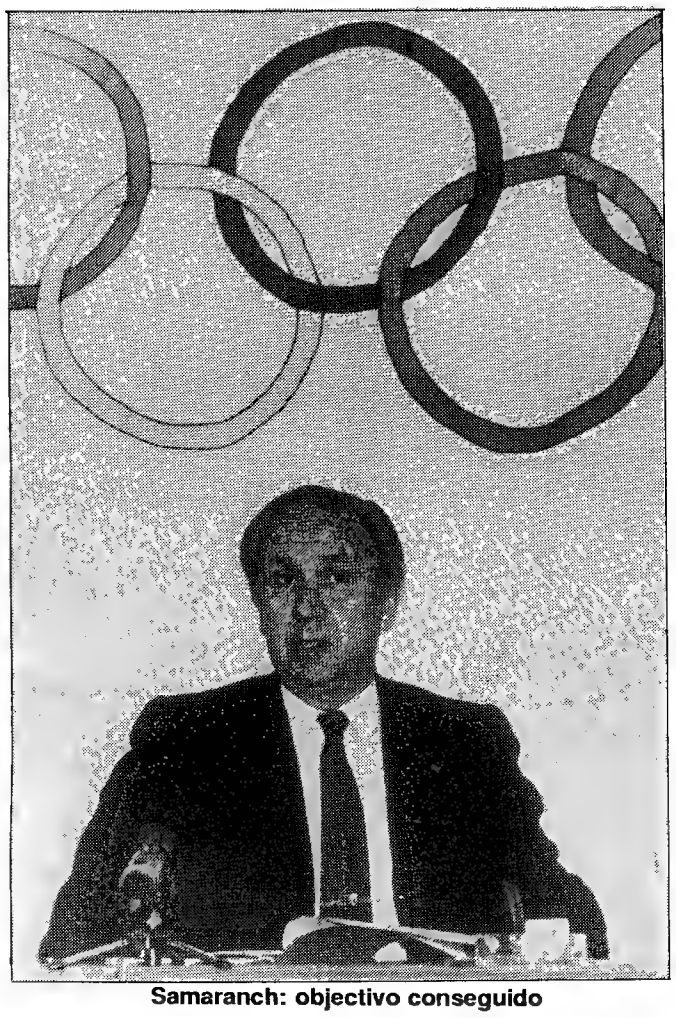
Segundo os historiadores, a primeira vez que se realizou a cerimónia do fogo sagrado num estádio, foi nos Jogos Olímpicos de Amesterdão, em 1928. Os conhecimentos sobre este facto são escassos e nem se sabe em absoluto como se realizou a cerimónia de acender a tocha e, inclusivamente, duvida-se se foi nesta Olimpíada que tudo começou.

Outra hipótese adianta que, meses antes dos Jogos Olímpicos de Berlim, uma actriz alemã, de nome Leni Riefenstahl, procurou na Grécia uma ideia que desse relevo aos Jogos que se realizavam em Berlim. Riefensthal decidiu, assim, levar uma tocha com o fogo olímpico desde Olímpia até à capital do III Reich.

Actualmente, o fogo é aceso no Altis de Olímpia por meio de um espelho de forma cónica, sendo depois transportado para a tocha, na qual existe um dispositivo à base de magnésio que não deixa o fogo apagar-se. Mais tarde, esta chama olímpica passará de uma mão para outra, durante milhares de quilómetros, transportada, orgulhosamente, por diversos atletas.

Na última etapa da sua longa viagem, a chama entrará no estádio e o atleta, depois de dar uma volta à pista saudando o público e os desportistas subirá a um pódio onde acenderá o fogo sagrado que irá durar toda a Olimpíada.

Para que este acto se repita, Olimpíada atrás de Olimpíada, é necessária uma organização que coordene toda uma série de acontecimentos.



Samaranch: objectivo conseguido

Essa organização é o COI.

O Comité Olímpico Internacional foi fundado em 1894 pelo barão Pierre de Coubertin, muito embora o seu primeiro presidente tenha sido grego. Os membros do comité são considerados embaixadores dos seus países perante as demais nações sendo igualmente representantes ou delegados do COI nos seus respectivos países.

A sua função consiste, essencialmente, na organização quadrianual dos Jogos, tanto os Jogos de Inverno como os Jogos de Verão.

O COI é composto por dois corpos: a Assembleia Geral e o Comité Executivo, cujos membros têm de ser eleitos entre os que formam este último. O comité é constituído por um presidente, eleito por um período de oito anos e poderá ser reeleito por períodos de quatro anos; três vice-presidentes, que desempenharão as suas funções por períodos de quatro anos e por mais cinco membros com igual período de funções.

Para cada Olimpíada existem comités organizadores que controlam as actividades, regulamentações e funções directivas do Comité Internacional. Este Comité Internacional faz parte de um sistema olímpico geral, composto de três corpos essenciais à realização de qualquer edição dos Jogos e que são o Comité Olímpico Nacional, o Comité Organizador dos Jogos e as federações internacionais.

As questões administrativas estão na dependência directa do Secretariado-Geral, com sede em Lausanne (Suíça) local onde se realiza a votação que dará a candidatura a um dos países que optam por albergar os Jogos seguintes.

Cidades adversárias de Barcelona

Barcelona apresentou a sua candidatura em 1981. Foi a primeira cidade a fazê-lo e, pouco tempo depois, outros cinco países tentavam, sem êxito, conseguir a organização dos Jogos de 1992. Assim, o COI recebeu propostas de Amesterdão, Belgrado, Brisbane, Birmingham e Paris, além, claro está, de Barcelona.

Amesterdão: o principal argumento da cidade holandesa assentava no facto de a maior parte das disciplinas que compõem os Jogos se poderem realizar num raio de sete quilómetros, o que constituiria uma grande vantagem em transportes e organização. Além disso, a segurança estava à partida assegurada, devido, entre outras coisas, à reduzida dimensão da cidade. A sua candidatura não foi avante, em parte, por já ter organizado os Jogos de 1928.

Belgrado: a capital jugoslava é uma cidade de grande tradição desportiva (três vezes sede do campeonato do mundo de atletismo e dezanove da Europa) e, como principal argumento, apresentou a segurança das suas instalações. A Jugoslávia tinha organizado já os Jogos Olímpicos de Inverno, em Sarajevo.

Brisbane: as possibilidades de ganhar a organização dos Jogos de 1992 eram escassas, logo à partida, em virtude de estar muito distante da Europa e América e também por Melbourne já ter sido sede em 1956. O seu orçamento andava à roda dos 548 milhões de dólares.

Birmingham: a instabilidade reinante nesta cidade, problemas raciais e ameaças de boicote, aliados ao facto de Londres já ter sido a sede (por duas vezes) das Olímpiadas, fez com que a candidatura de Birmingham estivesse comprometida logo no início, muito embora apresentasse um orçamento de 76 milhões de dólares só para a segurança.

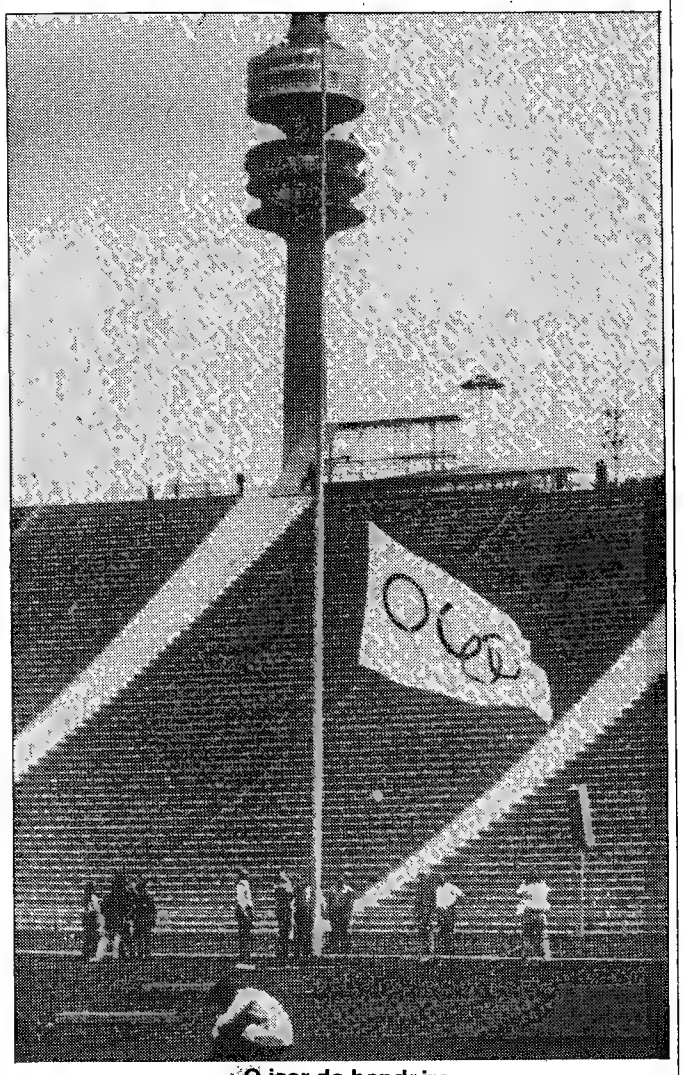
Paris: a candidatura da capital francesa foi, sem sombra de dúvida o obstáculo mais importante para Barcelona. A França uniu esforços para ganhar a corrida, apresentando um orçamento de 7665 milhões de francos. Além disso, as suas instalações estavam quase terminadas e, quanto à segurança, não podia haver melhor: protecção especial para os atletas, para os espectadores nos estádios, para os políticos e para as personalidades mundiais. O facto de Paris já ter organizado por duas vezes os Jogos foi a principal causa para a sua candidatura não ter sido aceite. No entanto, e como «prémio de consolação», a candidatura de Alvertville foi aceite para organizar os Jogos de Inverno de 1992.

A eleição de Barcelona para a organização dos Jogos de 1992 não foi, no entanto, pacífica, como à primeira vista poderia parecer, já que só conseguiu a maioria absoluta à terceira tentativa como a seguir se demonstra: *1.ª votação:* Barcelona 29 votos, Paris 19, Belgrado 13, Brisbane 11, Birmingham 8, Amesterdão 5. (Foi eliminada a capital holandesa).

2.ª votação: Barcelona 37 votos, Paris 19, Belgrado 11, Brisbane 9, Birmingham 8. (Foi eliminada a cidade inglesa).

3.ª votação: Barcelona obteve 47 votos, o que lhe dava a maioria absoluta.

José Delgado/EFE
Adapatação: **Alves Henriques**



O içar da bandeira

Barcelona teve forte concorrência

ESCOLA DE CONDUÇÃO
ANTÓNIO DA ESCOLA, LDA.

Aulas diárias de mecânica e código, trata de todos os documentos para condutores de veículos.
Aberto ao sábado de manhã

Sede: Praça Olegário Mariano, 6 — 2.º 1100 Lisboa
(À Rua Pascoal de Melo) Telef. 822894-821826

MUDANÇAS
TRANSPORTES DE PIANOS – COFRES
SERVIÇOS DIÁRIOS DE CARGA GERAL
LISBOA – SINES
PESSOAL ESPECIALIZADO
A TRANSPORTADORA IDEAL DE ST.ª ISABEL
LARGO DO MITELO, 18 (ao Campo Santana)
☎ 53 26 37 - 57 74 79

I Série N.º 22
Dia 26 de Janeiro

DIÁRIO DA REPÚBLICA

SUMÁRIO

Ministério das Finanças

Decreto-Lei n.º 36/90:
Altera os Decretos-Leis n.ºs 519-A1/79, de 29 de Dezembro (reestrutura as tesourarias da Fazenda Pública), e 223/80, de 12 de Julho (estabelece normas relativas à abertura e funcionamento das tesourarias da Fazenda Pública).

Ministério do Planeamento e da Administração do Território

Portaria n.º 62/90:
Alarga a área de recrutamento para provimento do cargo de director de departamento administrativo do quadro de pessoal próprio da Câmara Municipal de Anadia.

Ministério dos Negócios Estrangeiros

Avisos:
Torna público ter o Ministério dos Negócios Estrangeiros do Reino dos Países Baixos notificado, por nota de 7 de Novembro de 1989, nos termos do artigo 42.º da Convenção sobre a Obtenção de Provas no Estrangeiro em Matéria Civil ou Comercial, concluída na Haia a 18 de Março de 1970, que vários Estados declararam aceitar a adesão à mencionada Convenção por parte dos Estados Unidos Mexicanos.
Torna público ter o Ministério dos Negócios Estrangeiros do Reino dos Países Baixos, por nota de 30 de Outubro de 1989 e nos termos do artigo 45.º da Convenção sobre os Aspectos Civis do Rapto Internacional de Crianças, celebrada na Haia a 25 de Outubro de 1980, notificado que os Estados Unidos da América declararam aceitar a adesão do Belize à mencionada Convenção, a 14 de Agosto de 1989.

Ministério da Agricultura, Pescas e Alimentação

Portaria n.º 63/90:
Sujeita ao regime cinegético especial os prédios rústicos situados na freguesia de Aldeia da Ponte, concelho do Sabugal.

Portaria n.º 64/90:
Revoga o n.º 2 da Portaria n.º 573/89, de 25 de Julho.

Despacho Normativo n.º 5/90:
Autoriza a produção de batata-semente.

Ministérios da Agricultura, Pescas e Alimentação e da Saúde

Portaria n.º 65/90:
Fixa o critério microbiológico a utilizar na apreciação das características dos bolos e cremes de pastelaria.

Ministério da Educação

Decreto-Lei n.º 37/90:
Actualiza a gratificação atribuída aos orientadores responsáveis por núcleos de estágio dos cursos de licenciatura de formação inicial de professores.

Ministério da Saúde

Decreto-Lei n.º 38/90:
Reconhece a equivalência ao grau de chefe de serviço hospitalar da carreira médica hospitalar aos médicos aprovados pelo concurso de habilitação aberto pelo aviso publicado no *Diário da República*, 2.ª série, n.º 96, de 27 de Abril de 1987.

Ministério do Emprego e da Segurança Social

Declaração:
De terem sido autorizadas transferências de verbas no orçamento do Ministério do Emprego e da Segurança Social no montante de 131 550 contos.

TERMOTUNDEX (LIZ INTERNACIONAL) REFRACTÁRIOS PARA A SIDERURGIA, LDA.

Sede: Av. Gago Coutinho, n.º 56, 6.º Dt.º, Fr., Lisboa
Capital social: 153.000.000$00
Matriculada na Conservatória do Registo Conercial de Lisboa sob o n.º 57 824. Pessoa colectiva n.º 501 355 103.

ANÚNCIO

Nos termos do n.º 3 do artigo 1000 do Código das Sociedades Comerciais, leva-se ao conhecimento de todos os interessados de que foi efectuado o registo do projecto de fusão das sociedades CERÂMICA DO LIZ, SA, e TERMOTUNDEX (LIZ INTERNACIONAL) REFRACTÁRIOS PARA A SIDERURGIA, LDA.
O referido projecto bem como a documentação anexa podem ser consultados na sede social pelos sócios e credores sociais, não se efectuando assembleia geral, nos termos da alínea a) do n.º 3 do artigo 116.º do Código das Sociedades Comerciais.

Lisboa, 20 de Dezembro de 1989.

A GERÊNCIA
(Assinatura ilegível)

AGENDA

O ESTADO DO TEMPO

HOJE

CONTINENTE

Regiões do Norte e Centro: - aguaceiros fracos durante a madrugada e manhã com boas abertas em especial durante a tarde e aumento progressivo da nebulosidade para o fim do dia. Vento fraco a moderado.
Mar de pequena vaga com ondulação Noroeste de 4 a 5 metros.
Regiões do Sul: - períodos de chuva fraca durante a madrugada, tornando-se o céu pouco nublado durante a manhã. Vento Nororeste geralmenta fraco.
Mar de pequena vaga com ondulação Noroeste de 3 a 4 metros na Costa Ocidental e encrespado ou de pequena vaga com ondulação Sudoeste de 1 a 2 metros.

MADEIRA

Períodos de céu muito nublado. Vento Nordeste fraco a moderado. Mar de pequena vaga com ondulação Noroeste de 2 metros na Costa Norte e encrespado com ondulação inferior a 1 metro na Costa Sul. No Funchal, períodos de céu muito nublado e vento fraco.
Amanhã: - períodos de céu muito nublado. Vento Noroeste moderado, por vezes com rajadas fortes.
Depois de amanhã: - Períodos de céu muito nublado e vento Norte moderado, mas sendo fraco na região do Fuhchal.

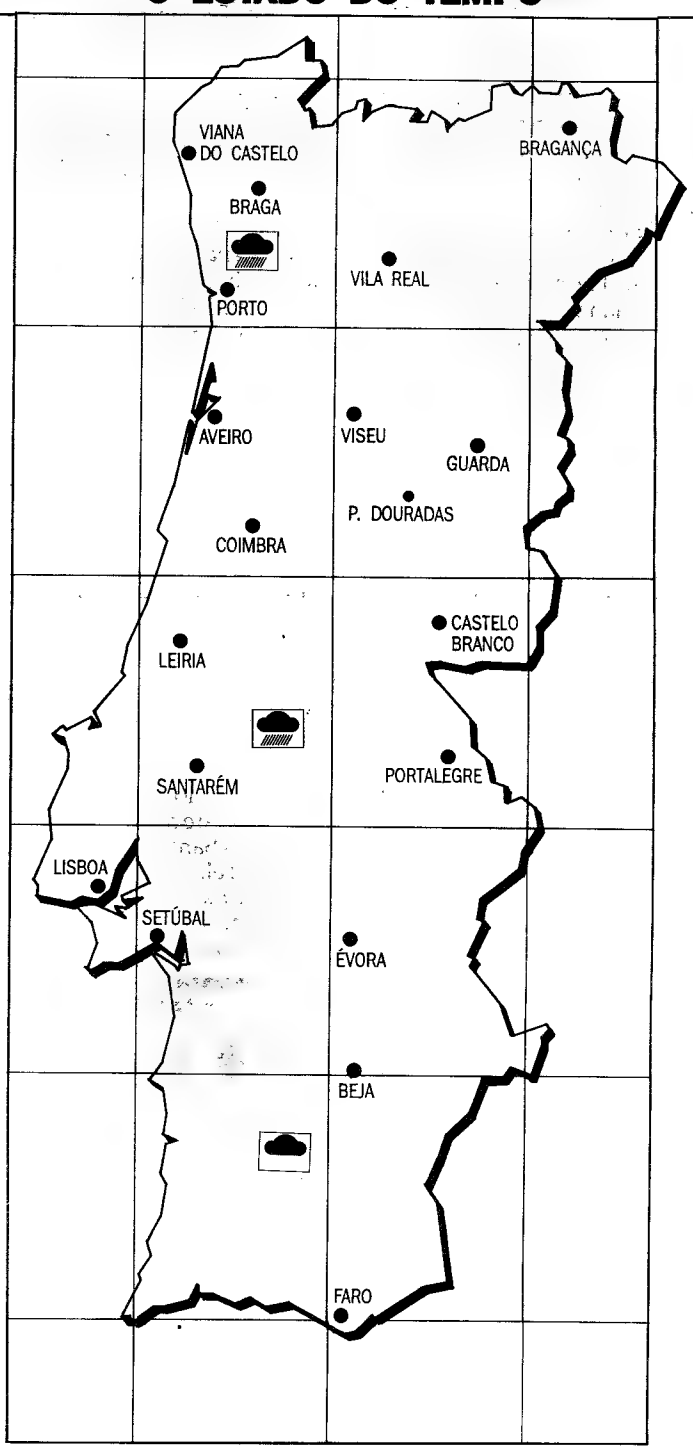
AÇORES

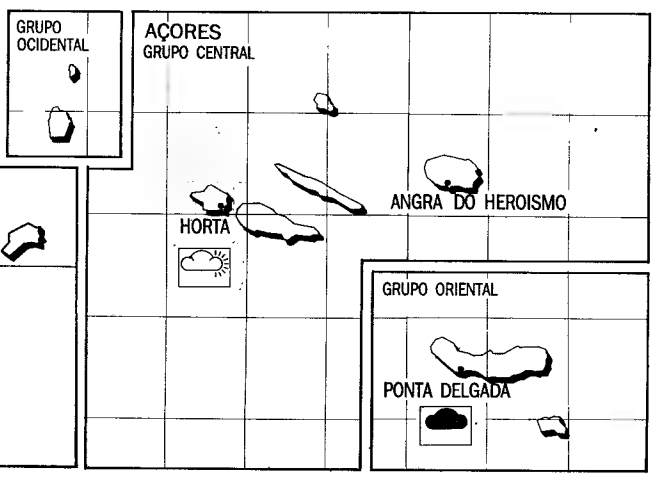
Grupo Ocental: céu muito nublado, alternando com abertas a partir da tarde. Vento Sudoeste moderado, rodando para Noroeste durante a tarde. Períodos de chuva passando a aguaceiros fracos. Mar de pequena vaga com ondulação Noroeste de 3 a 4 metros.
Grupos Central e Oriental: - céu geralmente muito nublado e vento fraco a moderado de Oeste. Possibilidade de aguaceiros fracos. Mar de pequena vaga com ondulação Noroeste de 3 a 4 metros.
Amanhã: - períodos de céu muito nublado e vento fraco a moderado de Noroeste.
Depois de amanhã: - céu geralmente muito nublado e Vento moderado do quadrante Oeste. Aguaceiros.

Amanhã
No Continente:
Céu muito nublado, alternando com abertas a partir da tarde. Períodos de chuva, por vezes forte, nas regiões Norte e Centro. Vento moderado de Sudoeste, rodando para Noroeste e soprando com rajadas. Possibilidade de trovoadas e queda de neve nas terras altas do Norte e Centro. Descida da temperatura.

Depois
No continente:
Tempo frio com céu geralmente pouco nublado e vento fraco a moderado de Noroeste.

* Informação do Instituto Nacional de Meteorologia e Geofísica





Céu limpo
Céu pouco nublado
Céu muito nublado
Chuva
Trovoada
Neve
Vento
Mar calmo
Mar encrespado

MARÉS

Hoje

PREIA-MAR		BAIXA-MAR	
04.40	4,0m	10.23	0,5m
17.02	3,8m	22.35	0,6m

Amanhã

05.16	4,0m	11.02	0,6m
17.39	3,7m	23.16	0,7m

PORTUGAL

	Min.	T. 6 h	Às 18 h.
Bragança	6	6	M. nub.
V. Castelo	10	10	M. nub.
Vila Real	8	8	Encoberto
Porto	9	9	Chuvisco
P. Douradas	-	-	-
Coimbra	10	10	Neblina
C. Carvoeiro	13	14	Encoberto
C. Branco	9	10	M. nub.
Portalegre	8	9	Chuva
Lisboa	12	12	Chuva
Évora	10	10	Chuvisco
Beja	10	10	Encoberto
Faro	12	12	M. nub.
Sagres	11	15	P. nub.
P. Delgada	10	12	Aguaceiros
Horta	12	14	Encoberto
Funchal	14	15	Encoberto
Sines	12	14	M. nub.

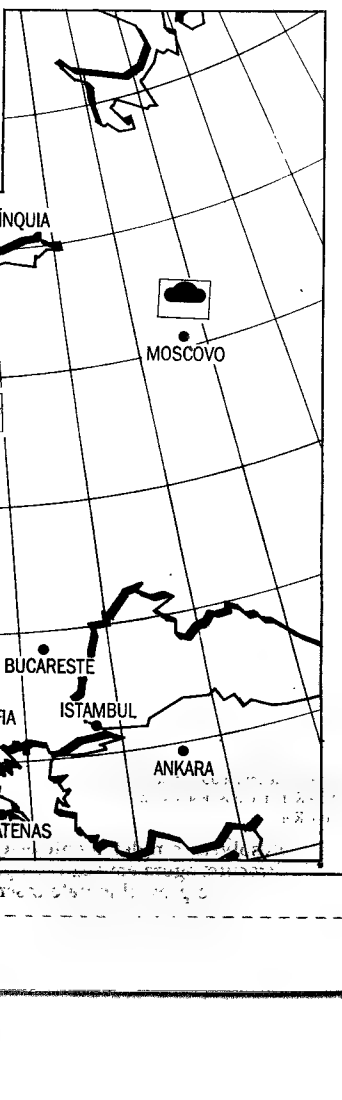
Tem. máx. prevista para hoje: Lisboa, 15; Porto, 14; Faro, 15; P. Delgada, 16; Funchal, 18.

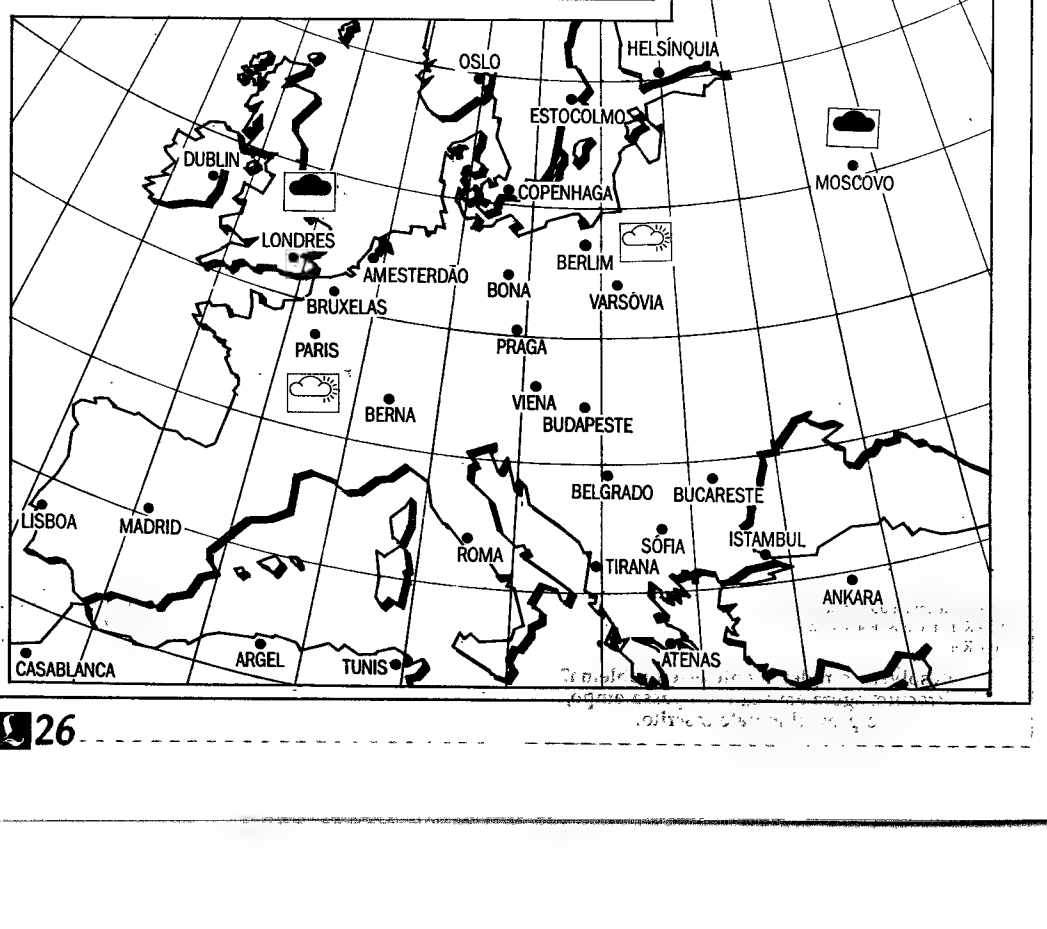
EUROPA

	Min.	T. 6 h	Às 18 h
Madrid	8	9	M. nub.
Londres	4	4	M. nub.
Paris	4	4	P. nub.
Bruxelas	3	4	Encoberto
Amesterdão	6	6	M. nub.
Genebra	8	9	M. nub.
Roma	11	14	M. nub.
Oslo	0	0	Neve
Copenhaga	4	6	Aguaceiros
Estocolmo	0	0	Neve
Berlim	7	7	P. nub.
Viena	3	8	M. nub.
Varsóvia	5	10	M. nub.
Atenas	7	8	P. nub.
Moscovo	-1	-1	M. nub.

MUNDO

	Min.	Máx.	Às 13 h
Chicago	-6	1	Limpo
Houston	-1	18	Limpo
Los Angeles	11	20	Limpo
Montreal	-4	5	Aguaceiros
Nova Iorque	9	11	Aguaceiros
S. Francisco	9	17	Chuva
Toronto	-2	1	M. nub.
Vancover	1	5	Aguaceiros
Washington	5	9	Aguaceiros
Hong Kong	8	17	Limpo
Melbourne	20	35	Limpo
Pequim	-10	-2	Limpo
Perth	18	30	Limpo
Singapura	24	31	Aguaceiros
Sydney	18	26	Aguaceiros
Tóquio	0	7	Limpo
Wellington	10	22	Limpo





AGENDA

FARMÁCIAS LISBOA SERVIÇO PERMANENTE

Alcântara: Nogueira, Rua Alcântara, 5 A-B, Tel. 3637563; **Alvalade - Av. Brasil:** Marbel, Av. Roma, 131-A, Tel. 776235; **Almirante Gago Coutinho:** Estados Unidos, Av. Estados Unidos da América, 16-B, Tel. 885859; **Ameixoeira - Lumiar:** Santos, Al. António Sérgio, 8-C, Urb. Quinta Santa Clara, Tel. 7598186; **Anjos - Chile:** Castro, Av. Almirante Reis, 76-A, Tel. 825973; **Benfica - Bairro das Pedralvas:** Gouveia, Rua Augusto Costa (Costinha), Lt. 4 - Lj. Dta., Tel. 707500; **Caminhos Ferro:** Vilalobos Santos, Rua Cruz Santa Apolónia, 90-92, Tel. 8147019; **Castelo:** Bastos Andrade, Calçada Santo André, 107, Tel. 860450; **Chelas - Zona N2:** Almeida Vaz, Rua Pardal Monteiro, Lote 248 - Loja 92, Tel. 8595673; **Conde Barão:** Açoreana, Largo Conde Barão, 2, Tel. 661330; **Lapa:** Neves, Rua Bela Vista à Lapa, 37, Tel. 661251; **Rego:** G. Silva, Rua Francisco Tomás da Costa, 3 A-C, Tel. 771873; Saldanha: Cardeira, Av. Duque de Ávila, 32-C, Tel. 543495; **Brandoa - Amadora:** Correia, Urb. Alfornel - Cel. G - Lote 137 - Lj. B (Poente), Tel. 990122; **Carnaxide:** H. Amaral, Praceta António Boto, 11-A, Tel. 4104556; **Moscavide:** Santa Bárbara, Rua Francisco M. Beato, 75-A, Tel. 2518918; **Odivelas - Patameiras:** Amaral, Rua Antero Quental, 8 8-A, Tel. 9325455; **Pontinha:** Cruz Correia, Estrada Santo Elói, 41-A, Tel. 992453.

REFORÇO

Bairro Alto: Pinharanda, Rua da Rosa, 94-96, Tel. 321534; **Boa Hora - Ajuda:** Boa Hora, Rua Quartéis, 25-27, Tel. 3637777; **Campo de Ourique:** Porfírio, Rua Francisco Metrass, 59-B, Tel. 663349; **Chile:** Bastos, Rua Morais Soares, 91-D, Tel. 8144350; **Conde Redondo:** Salus, Rua Luciano Cordeiro, 73, Tel. 542239; **Encarnação:** Ascenso, Praça do Norte, 11-A, Tel. 311246; **Fr. Popular - Av. República:** Alcântara, Av. República, 74-A, Tel. 771379; **Picheleira:** Marluz, Calçada da Picheleira, 140 B-C, Rua Prof. Mira Fernandes, MAF, Tel. 880703; **Praça de Londres:** Imperial, Av. Guerra Junqueiro, 30-B, Tel. 886860; **São Domingos Benfica:** Sousa, Estrada de Benfica, 429-431, Tel. 780027; **São Senastião - Frente à Igreja:** São Sebastião, Largo São Sebastião da Pedreira, 1-3, Tel. 548642; **Buraca - Amadora:** Gaspar Pote, Rua das Gaias, Lote 16 (Bairro Zambujal), Tel. 902221; **Olival Basto:** Nova, Rua Açores, 11-A, Tel. 9810305.

LINHA DE CASCAIS

Algés: Cabrita, P. Miraflores, Lote 12, Tel. 4101486. Permanente; **Linda-a-Velha:** Melo Antunes, R. D. Diogo Couto, 182, Tel. 4191697. Permanente; **Tires:** Guimarães, L. Duartes, Lote A - r/c, Tel. 2441616. Até às 22 h; **Alcabideche:** Carvalho, B.º Padre P. Correia, 4, Tel. 2690363. Até às 22 h; **Porto Salvo:** Ferreira Bastos, R. D. Firmino Rebelo, Tel. 2421015. Até às 22 h; **Carcavelos:** Central, R. 5 de Outubro, 25, Tel. 2470037. Permanente; **S. Dom. Rana:** Godinho Silveira, R. A. Albuquerque, Lote B - Lj. 2, Tel. 2470361. Até às 22 h; **Malveira da Serra:** Luz, Estrada Nacional, Tel. 2850635. Até às 22 h; **Paço de Arcos:** Trindade Brás, R. Costa Pinto, 184, Tel. 2432034. Até às 22 h; **Nova Oeiras:** Leal, Quinta da Palmeira, Lote 24, Tel. 2478737. Permanente; **Parede:** Grincho, Av. República, 87-A, Tel. 2471204. Permanente; **Sassoeiros:** Amaral Semblano - Quinta das Encostas, Tel. 2461312. Até às 22 h; **Birre:** Imani, Lote 7-B - Hera, Tel. 2852121; **Madorna:** Madeira, Rua A, Tel. 2476326. Até às 22 h; **Amoreira:** Abrantes, Viv.ª Maria Carlos Anjos, Tel. 2682313. Até às 22 h; **Estoril:** Marques Santos, R. Ferreira, J. A., 5, Tel. 260116. Até às 22 h; **Cascais:** Marginal, Av. Marginal, Tel. 280078. Permanente.

LINHA DE SINTRA

Amadora: Cavaca, R. Elias Garcia, 209, Tel. 4930019. Permanente; Nova, R. Elias Garcia, 10, Tel. 972530. Até às 22 h; **Damaia:** D. João V, Av. Gurgel Amaral, 2-A, Tel. 970461. Até às 22 h; **Queluz:** Pinto Leal, R. Ferreira Castro, 61, Massamá, Tel. 4378402. Permanente; Albergaria, L. Prof. Dr. José Mineiro, 42, Tel. 4356487. Até às 22 h; **Cacém:** Silva Duarte, R. Elias Garcia, 167, Tel. 9248120. Permanente; **Mem Martins:** Química, Est. Mem Martins, 285, Tel. 9210012. Até às 22 h; **Mercês:** Clarro Russo, R. Abade Faria, 2-A, Tel. 9215275. Até às 22 h; **Rio de Mouro:** Riomouro, Av. Óscar Monteiro Torres, 6, Tel. 9260194. Até às 22 h; **Sintra:** Teresa Garcia, L. D. Afonio, 3-A, Pendoa, Tel. 9232747. Permanente; **Colares:** Abreja, Tel. 9290088.

OUTRA BANDA

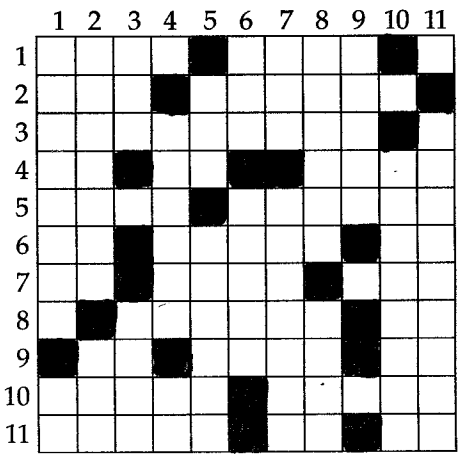
Almada: Galeno, R. Capitão Leitão, 85-B, Tel. 2760565. Permanente; **Cova da Piedade:** Avelar Silva, R. Dr. Alberto Araújo, 19-A, Tel. 2750337. Permanente; **Monte de Caparica:** Nova, R. Trab. Rurais, 82, Tel. 2954436. Até às 19 h; **Costa de Caparica:** Higiénica, Av. República, 23, Tel. 2900020. Até às 19 h; **Feijó:** Tovar Chaves, R. Dr. António Elvas, 104-D, Tel. 2296119. Até às 22 h; **Lavradio:** J. Consolado, Av. Joaq. J. Fernandes, 17-C, Tel. 2043126. Até às 19 h; **Sesimbra:** Leão, Av.Liberdade, 13, Tel. 2233471. Até às 19 h; **Barreiro:** Higiénica, R. D. Manuel I, 178, Tel. 2073017. Permanente; **Baixa da Banheira:** Aliança, Est. Nacional, 178-B, Tel. 2040302. Até às 19 h; **Corroios:** Abreu Cardoso, R. Cid. Setúbal, 1-B, Tel. 2536172. Até às 19 h.

CLÍNICA S. JOÃO DE DEUS

MÉDICO DE URGÊNCIA

766 171
766 178
766 179

PALAVRAS CRUZADAS



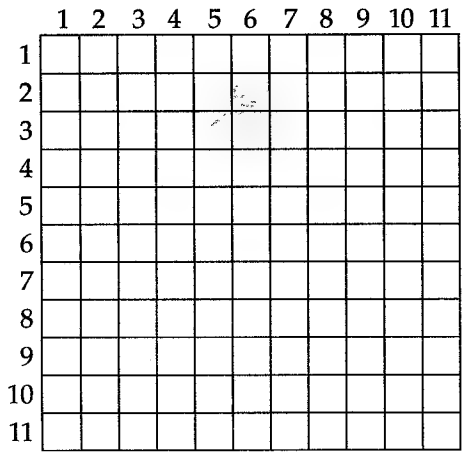
PROBLEMA N.º 17844

HORIZONTAIS:

1 — Pronome indefinido. Pronome relativo.
2 — Vasilha de vinho. Transpiraram.
3 — Armação em que as videiras se apoiam (pl.).
4 — Espera deferimento. Género de palmeiras do Brasil. Mil cento e dois em romano.
5 — Versos em louvor dos santos. Avivara (o lume).
6 — Caminhar. esto comprido de vimes para pesca (pl.). Reis.
7 — Em a. Região do Oriente, aonde Salomão mandava buscar oiro. Cabelos brancos.
8 — Estabelecimento de caridade (pl.). Preposição.
9 — Espera resposta. Cidade da Galileia. Prefixo de negação.
10 — Mulher israelita que no tempo dos juízes habitava Belém. Pedaços de lenha queimada.
11 — Relativo aos ossos. Ósmio (s.q.). Reis.

VERTICAIS:

1 — Freguesia do concelho de Aladroal. Em o.
2 — Freguesia do concelho de Oeiras. Deusa da Aurora.
3 — Conceder. Pernadas de sobreiro.
4 — Perigos. Pronome pessoal.
5 — Pronome possessivo. Profissão.
6 — Letra grega. Cidade de Espanha.
7 — Título honorífico na Índia (inv.). Cidade do Canadá.
8 — Fios metálicos. Vais para fora.
9 — Fragmento.
10 — Difundir.
11 — Vendêssemos sem dinheiro.



PROBLEMA N.º 16654

HORIZONTAIS:

1 — Jumento. Idoso.
2 — Inimizade. Ena! Alumínio (s.q.).
3 — Uma das incarnações de Vixnu, na mitologia hindu. Laço. Letra grega.
4 — Apelido. Cidade da Bulgária.
5 — Deram pios.
6 — Tempo do verbo ir. O mesmo que ninho.
7 — Longínquos. Rio da Suíça.
8 — Antes de Cristo. Pário (s.q.). Lago de Itália.
9 — Darias aviso de alguma coisa em voz alta. Artigo indefinido.
10 — Fraca. Cabo da costa de Marrocos.
11 — Doçura. Turrais.

VERTICAIS:

1 — Ribeira de Portugal. Antes do meio-dia.
2 — Região do território do Chade, na África Equatorial Francesa. Hospeda.
3 — Versejaram. Óxido de cálcio.
4 — Rates. Afluente do Nilo Branco no Cafa.
5 — Moeda de prata espanhola.
6 — Instrução. Passada.
7 — Violentais. Rio da Suíça.
8 — Palavra latina pela qual começam muitos documentos pontifícios de interesse para Portugal. Cólera. Césio (s.q.).
9 — Dialecto falado na Bélgica de língua francesa. Em a.
10 — Parte do palácio imperial muçulmano, onde estão as odaliscas. Causai amuo a.
11 — Pico do distrito de Goa. Gravuras a cores.

Resolveu completamente este problema? Procure, agora em segundo passatempo, o provérbio nele inscrito.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 17844

HORIZONTAIS: 1 — Qui. DÁ. SE. 2 — Moraram. 3 — Elos. Lesara. 4 — Rasto. ER. 5 — Em. Impelem. 6 — Sacai. Balar. 7 — Sa. Evito. 8 — Ser. Rosas. 9 — Mascou. Ará. 10 — Nios. Ar. 11 — Sias. Usam.
VERTICAIS: 1 — QUERES. Amas. 2 — Lamas. Asi. 3 — Imos. Cassia. 4 — Ostia. EC. 5 — Dr. Omicron. 6 — Aal. Ui! RECEBER. Ou. 8 — Sãs. Lavo. SS. 9 — Ema. Elisa. 10 — Remataram. 11 — Erar. Rosar.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 16654

HORIZONTAIS: 1 — Quem. Afaga. 2 — Ulo. Alaga. 3 — Lassense. Ri. 4 — An. Aca. Alar. 5 — Leoas. Dó. 6 — Ás. Ob. Cãs. 7 — Aber. Moía. 8 — Arrasais. 9 — Roam. 10 — Lias. Arrede. 11 — Amo. Classes.
VERTICAIS: 1 — Quiá. Mula. 2 — Ulanos. Im. 3 — Eos. Aarão. 4 — Salobros. 5 — Recebera. 6 — Não. Ramal. 7 — Fãs. As. Rã. 8 — Aleas. Ma. Rs. 9 — Ga. Coices. 10 — Agradais. De. 11 — Airosa. Pés.

PROVÉRBIO: DÁ SE QUERES RECEBER.

HÁ 20 ANOS

Diário de Lisboa
TIVE MEDO
— disse-nos o árbitro do Benfica-Belenenses
Arquivados todos os inque e processos disciplinares nas universidades de Lisboa

«Tive medo» - palavras do árbitro Benfica-Belenenses

«Sim. Graças ao Toni ainda estou vivo.» Na fábrica de cimentos da Secil, na Serra da Arrábida, o árbitro do Benfica-Belenenses disse-nos esta manhã: «Foi o maior susto da minha vida. Tive mesmo medo...» João Vitorino Nascimento Nogueira (46 anos, casado, pai de uma menina de 8 anos) jogou futebol: foi defesa-central do Vitória de Setúbal e do Comércio e Indústria. Há 21 anos entrou para a secil como soldador. (...) Ontem, aos 43 minutos, suspendeu o jogo da Luz. Uma falta de Torres. Expulsão. E foi um pandemónio... «Se não fosse o Toni, tinha ficado ali.»

Dubcek em Istambul

Polícia de choque expulsou, a noite passada, jornalistas e fotógrafos da sala de primeira classe do Aeroporto Yesilkoy, após terem cercado o antigo chefe do Partido Comunista Checoslovaco, Alexander Dubcek, ao chegar à Turquia como novo embaixador de Praga. Todos o queriam entrevistar e fotografar. Mas tal era a precipitação que Dubcek e a mulher se tiveram de esconder até que a calma voltasse. «Desculpe» - disse Dubcek, muito pálido.

Barricadas em Belfast

A Polícia ergueu, ontem à noite, novas barricadas para impedir o avanço de centenas de pessoas que tentaram atacar uma zona residencial católica de Belfast.

EFEMÉRIDES

1531

• Um violento sismo destrói parte da cidade de Lisboa.

1822

• É fundado o Conservatório Nacional.

1887

• Iniciam-se os trabalhos de construção da Torre Eiffel em Paris.

1942

• Chega à Europa, no decurso da Segunda Guerra Mundial, a primeira força expedicionária norte-americana, cujas tropas são colocadas na Irlanda do Norte.

1976

• Morre o cavaleiro tauromáquico José Branco Nuncio.

1979

• Morre Nelson Rockfeller, antigo governador de Nova Iorque e vice-presidente dos EUA.

1986

• Oito milhões de portugueses votam para eleger o primeiro Presidente da República civil em 60 anos. Os resultados apontam para uma segunda volta a disputar entre os candidatos mais votados: Freitas do Amaral (46,31 por cento) e Mário Soares (25,43).

CARTAZ

CINEMAS

LISBOA

ALFA CLUB
Avenida Almirante Gago Coutinho Tel.806496
REGRESSO AO FUTURO PARTE II
Maiores de 12 anos
Sessões às 14,00 16.30, 19.00, 21.30 e 2400 horas.

ALFA 1
OS REIS DA NOITE
Filme de Eddie Murphy c/ Eddie Murphy e Richard Pryor
Maiores de 12 anos.
Sessões às 14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00.

ALFA 2
OS DEUSES DEVEM ESTAR LOUCOS II
Maiores de 6 anos.
Sessões às 14, 15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15 horas.

ALFA 3
CHUVA NEGRA
Maiores de 16 anos
Sessões às 13.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15 horas.

ALFA 4
O CLUBE DOS POETAS MORTOS
Filme de Peter Weir c/Robin Williams
Maiores de 12 anos.
Sessões às 14.15, 16.45, 19.15, 21.45, 00.15

AMOREIRAS 1
Shoping Center de Lisboa
Telef. 691275
OS REIS DA NOITE
Maiores de 12 anos.
Sessões às 14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00 horas.

AMOREIRAS 2
OS DEUSES DEVEM ESTAR LOUCOS II
Maiores de 6 anos.
Sessões às 13.45, 15.45, 17.45, 19.45, 21.45 e 00.15 horas.

AMOREIRAS 3
CHUVA NEGRA
Maiores de 16 anos.
Sessões às 14.15, 16.45, 19.15, 21.45 E 00.15 horas

AMOREIRAS 4
HOMEM APAIXONADO
Filme de Diane Kurys c/ Greta Scachi e Peter Coyote
Maiores de 12 anos
Sessões às 14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00 horas.

AMOREIRAS 5
SEXO, MENTIRAS E VIDEO
Filme de Steven Soderbergh c/ James Spader e Andie MacDowell
Maiores de 16 anos.
Sessões às 13.30, 15.30, 17.30, 19.30, 21.30 e 24.00 horas.

AMOREIRAS 6
ENTRE PRIMOS
Maiores de 12 anos.
Sessões às 13.45, 15.45, 17.45, 19.45, 21.45 e 00.15 horas

AMOREIRAS 7
VEREDICTO FINAL
Maiores de 16 anos.
Sessões às 13.45, 15.45, 17.45, 19.45, 21.45 E 00.15 horas.

AMOREIRAS 8
REGRESSO AO FUTURO II
Maiores de 12 anos.
Sessões ás 14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24 horas.

AMOREIRAS 9
A SOMBRA DO ASSASSINO
Filme de Robert Kirk c/ Anthony Perkins e Deborah Foreman
Maiores de 16 anos.
Sessões às 14.00, 16.30, 19.00, 21.30 E 24.00 horas.

AMOREIRAS 10
O CLUBE DOS POETAS MORTOS
Maiores de 12 anos.
Sessões às 13.45, 15.45, 17.45, 19.45, 21.45 e 00.15 horas..

APOLO 70
Av. Júlio Dinis, 10-A
Telef. 763319
O CLUBE DOS POETAS MORTOS
Maiores de 12 anos.
Sessões às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 horas.

BERNA
Av. Marquês de Tomar, 10
Telef. 776098
OS REIS DA NOITE
Maiores de 12 anos
Sessões às 15.00, 18.00, 21.30

CINE CAMÕES
R. do Loreto, 15
Telef. 324194
ONZE DIAS E ONZE NOITES
Filme de Joe D'Amato c/ Tessica Moore e Joshua McDonald
Maiores de 18 anos
Sessões às 14.15, 16.30 e 21.30

CAPITÓLIO
Parque Mayer
A SENHA DO GOZO
Hard-core-1º escalão (porno)
Maiores de 18 anos
Sessões às 15, 17, 19, 21 e 23 horas.

CINEBOLSO
R. Actor Taborda, 27
Telef. 573407
SEXO AO LUAR
Hard-core-1ºescalão (porno)
Maiores de 18 anos.

Em exibição na sala 4 Quarteto **Filme qualidade** **PUB M/12 anos**

Sessões às 12.30, 14.30, 16.45, 19.00, 21.30 e 23.30.

CINE 222
Av. Praia da Vitória, 37
Telef. 533253
OS CAÇA FANTASMAS II
Maiores de 12 anos.
Sessões às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 horas.
OS TRÊS FUGITIVOS
Filme de Francis Veber c/Nick Nolte e Martin Short
Maiores de 18 anos
Às 24.00 horas

CINE PORTELA
ESTÚDIO ANUSHA
Telef. 9434762
OS CAÇA FANTASMAS II
Maiores de 12 anos
Sessões às 15.30 e 21.30 horas.

CINE PORTELA
ESTÚDIO SHEZA
PERIGOSA SEDUÇÃO
Com Al Pacino e Elen Barkin
Maiores de 16 anos.
Sessões às 15.15 e 21.15 horas.

CINEMATECA PORTUGUESA
R. Barata Salgueiro, 39 - Telef. 546529/546085
CICLO ANOS 60/ANOS 80
LA COLLECTIONNEUSE/1967
De Eric Rohmer c/Patrick Bauchan e Heydee Politofi, às 18.30 horas.
LE RAYON VERT/1986
De Eric Rohmer c/Marie Rivière e Vincent Gauthier, às 21.30 horas.

CITY CINE
R. Tomás Ribeiro, 34
Telef. 549999

VEREDICTO FINAL
Maires de 16 anos.
Sessões às 14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 horas.

CONDES
Av. da Liberdade, 2
Telef. 322523
CHUVA NEGRA
Maiores de 16 anos.
Sessões às 14, 16.30, 19 e 21.30 horas

ESTÚDIO
Alameda D. Afonso Henriques, 35
Telef. 555134
OS DEUSES DEVEM ESTAR LOUCOS II
Maiores de 6 anos.
Sessões às 14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 horas.

ESTÚDIO ACS
Av. da Igreja, 17-F
Telef. 8487255
OS BRAVOS DA POLÍCIA
Filme de Beau Bridges c/ Beau Bridges e Sulba Smith
Maiores de 12 anos.
Sessões às 15.30, 18.30 e 21.30 horas.

FONTE NOVA 1
Estrada de Benfica 503
Tel 7145088
OS REIS DA NOITE
Maiores de 12 anos.
Sessões às 14.30, 16.45, 19 e 21.30 horas

FONTE NOVA 2
VEREDICTO FINAL
Maiores de 12 anos
Sessões às 14.15, 16.30, 18.45 e 21.15

FONTE NOVA 3
OS DEUSES DEVEM ESTAR LOUCOS II
Um filme de Jaime Uys com Nixau e Lena Farugia.
Maiores de 6 anos.
Sessões às 14.45, 16.30, 18.45 e 21.15. .

FORUM PICOAS
Av. Fontes Pereira de Melo
Telef. 541037
AUDITÓRIO 1
A BELA DE DIA
Filme de qualidade de Luis Buñel
Maiores de 16 anos
Sessões às 14.00, 16.00, 18.00, 20.00 e 22.00 horas.

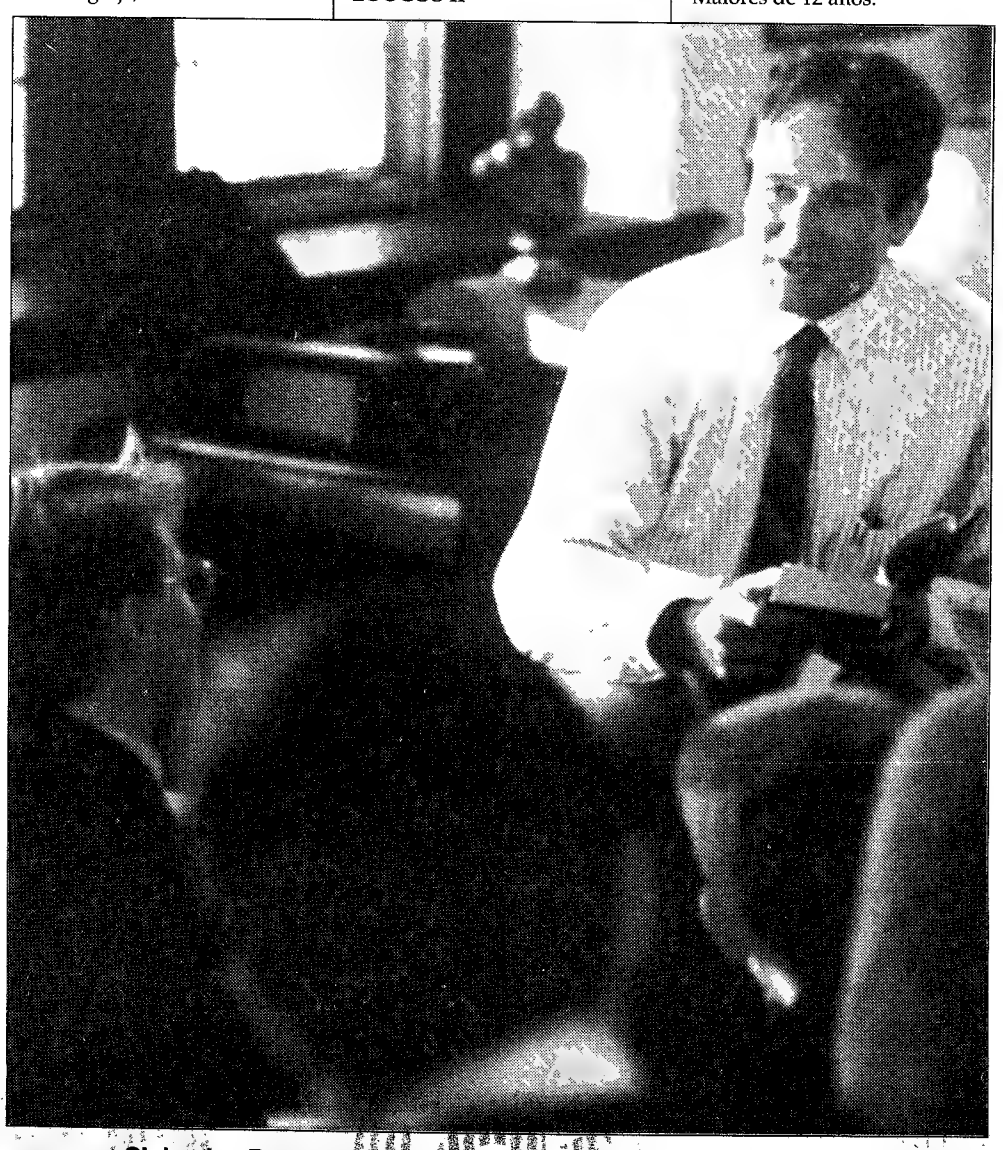
FORUM PICOAS
AUDITÓRIO 2
O PROCESSO DO REI
Filme de qualidade de João Mário Grilo
Maiores de 12 anos.
Sessões às 14.00, 16.00, 18.00, 20.00 e 22.00 horas.

IMPÉRIO
Alameda D. Afonso Henriques
Telef. 555134
OS REIS DA NOITE
Maiores de 12 anos
Sessões às 15.30, 18.30 e 21.30

KING GEMINI
R. Sousa Lopes
Telef. 8480808
PELOTÃO DO MASSACRE
C/Richard Hatch e Tony Marsina
Maiores de 16 anos.
Sessões às 15.30, 18.30 e 21.30 horas.

KING TRIPLEX 1
Rua Bulhão Pato, 1-C
Telef. 8480808
O CLUBE DOS POETAS MORTOS
Maiores de 12 anos.
Sessões às 14, 16.30, 19 e 21.30 horas.

KING TRIPLEX 2
ABSOLUTAMENTE LOUCOS
C/Jeff Goldblum e Geena Davis
Maiores de 12 anos.



«Clube dos Poetas Mortos» em exibição em várias salas de Lisboa

CABELEIRAS DINABEL

KATY

BRIGITTE

GODIVA

- Tranças e postiços de cabelo natural e sintético, a nível europeu
- Cabeleiras com frente e risca «Humana»
- Adaptáveis a todos os estilos de penteados
- Próteses capilares para homens de incomparável perfeição
- Assistência técnica permanente
- Visite a nossa exposição de penteados das 9 às 19 horas.

CASA DINABEL
Rua Morais Soares, 82-2.º F
Tel. 83 44 34 1900 LISBOA

CARTAZ

Sessões às 14.15, 16.45, 19.15 e 21.30 horas.

KING TRIPLEX 3
VEREDICTO FINAL
De Joseph Ruben c/James Woods e Robert D., Jr.
Maiores de 12 anos.
Sessões às 14.30, 17.00, 19.30 e 21.45 horas.

LAS VEGAS 1
Pingo Doce - Alcântara
Telf. 3631162
VEREDICTO FINAL
Maiores de 16 anos
Sessões às 15.15, 18.30 e 21.30 horas.

LAS VEGAS 2
CHUVA NEGRA
Maiores de 16 anos.
Sessões às 15.30, 18.45 e 21.45 horas.

LONDRES
Av. de Roma, 7-A
Telef. 801313
CINEMA PARAÍSO
Maiores de 12 anos.
Sessões às 14, 16.30, 19 e 21.30 horas.

MUNDIAL 1
R. Martens Ferrão
Telef. 538743
OS REIS DA NOITE
Maiores de 12 anos.
Sessões às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 horas.

MUNDIAL 2
CHUVA NEGRA
Maiores de 16 anos.
Sessões às 14.15, 16.45, 19.15 e 21.45 horas.

MUNDIAL 3
ENTRE PRIMOS
Maiores de 12 anos.
Sessões às 14.15, 16.45, 19.15 e 21.45 horas.

NIMAS
Av. 5 de Outubro, 42-B
Telef. 574362
O CLUBE DOS POETAS MORTOS
Maiores de 12 anos
Sessões às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 horas.

ODEON
R. dos Condes, 4
Telef. 326283
SANGUE E ARENA
Maiores de 12 anos.
Sessões às 14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 horas.

OLIMPIA
R. dos Condes, 13
Telef. 325309
O BAR DO SEXO
Filme porno
Maiores de 18 anos
Sessões contínuas a partir das 14 horas.

PLAZA 1
Centro Com. Alvalade
CHUVA NEGRA
Maiores de 16 anos
Sessões às 14.00, 16.30, 18.45 e 21.30 e 23.45 horas.

PLAZA 2
ENTRE PRIMOS
Maiores de 12 anos.
Sessões às 14.15, 16.45, 19.00, 21.45 e 24.00 horas.

POLITEAMA
R. Portas de Stº Antão
Telef. 326305
OS REIS DA NOITE
Maiores de 12 anos.
Sessões às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 horas.

QUARTETO 1
R. Flores de Lima, 16
Telef. 771378
SKINDEEP-O AMOR É UMA GRANDE AVENTURA
Maiores de 12 anos.
Sessões às 14.30, 16.30, 18.15, 20.00, 22.00 e 24.00 horas.

QUARTETO 2
CLUBE DOS POETAS MORTOS
Maiores de 12 anos.
Sessões às 14..30, 17.00, 19.30, 21.45 e 24.00 horas.

QUARTETO 3
REGRESSO A VIENA
Filme de Alex Corti
Maiores de 12 anos
Sessões às 15.30, 17.00, 19.30, 21.45 e 24.00 horas.

QUARTETO 4
CINEMA PARAÍSO
Maiores de 12 anos.
Às 14.30, 17.00, 19.30, 21.45 e 24 horas.

SÃO JORGE 1
Avenida da Liberdade, 175
Telef. 579144
OS REIS DA NOITE
C/Eddie Murphy e Richard Pryor
Maiores de 16 anos
Sessões às 15.30, 18.30 e 21.15 horas.

SÃO JORGE 2
CLUBE DOS POETAS MORTOS
Maiores de 12 anos.
Sessões às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.15 horas.

SÃO JORGE 3
CHUVA NEGRA
Maiores de 16 anos
Sessões às 14.15, 16.45, 19.15 e 21.45

7ª ARTE
Av. da República
Telef. 730715
O VEREDICTO FINAL
Maiores de 16 anos.
Sessões às 14.45, 17, 19 e 21.30 horas

STAR
Av. Guerra Junqueiro, 14-C
Telef. 804210
CHUVA NEGRA
Maiores de 16 anos.
Sessões às 14.00, 16.30, 19 .00 e 21.30.

TERMINAL
Estação do Rossio
Telef. 371573
JUSTIÇA À MARGEM DA LEI
De J. Lee Thopson
Maiores de 16 anos.
Sessões às 13, 15, 17, 19 e 21.30 horas

TURIM
Estrada de Benfica, 723-A
Telef. 706666
REGRESSO AO FUTURO II
Maiores de 12 anos.
Sessões às 15, 17.30 e 21.30 horas.

XENON
Av. da Liberdade,9
Telef. 3468446
FORÇA ESPECIAL
Maiores de 18 anos.
Sessões às 14.15, 16.30, 19.00 e 21.30 horas
O ASSALTO AO ARRANHA CÉUS
Maiores de 18 anos.
De Seg. a Sáb às 23.30 horas.

SINTRA

AMADORA
BABILÓNIA
Centro Comercial Babilónia
Telef. 4934871
OS REIS DA NOITE
Maiores de 12 anos.
Sessões às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 horas.

CACÉM
ESTÚDIO FLORES
Telef. 9247570
PERIGOSA SEDUÇÃO
Maiores de 12 anos
Sessões às 15.00 e 21.30 horas

QUELUZ
KING D. PEDRO III
Telef. 4364845
SALA 1
CHUVA NEGRA
Maiores de 16 anos
Sessões às 15.00, 18.00 e 21.15 horas
SALA 2
ENTRE PRIMOS
Maiores de 12 anos
Sessões às 15.15, 18.15 e 21.30 horas.
SALA 3
CÓDIGO COBRA
Maiores de 16 anos
Sessões às 15.30, 18.30 e 21.45 horas

CASCAIS

OEIRAS
ALTO DA BARRA 1
Telef. 4439759
OS CAÇA FANTASMAS II
Maiores de 12 anos.
Sessões às 15.15 e 21.30 horas

ALTO DA BARRA 2
O VELHO GRINGO
Maiores de 12 anos.
Sessões às 15.30 e 21.45 horas.

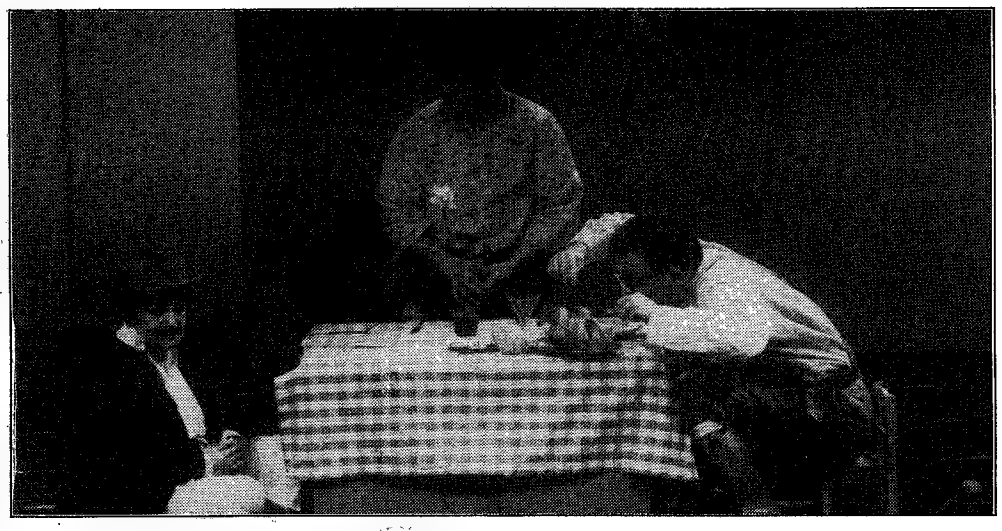
NOVA OEIRAS
CINE PALMEIRAS 1
Telef. 2479144
CINEMA PARAÍSO
Maiores de 12 anos.
Sessões às 15.15 e 21.30 horas

CINE PALMEIRAS 2
CHUVA NEGRA
Maiores de 16 anos
Sessões às 15.30 e 21.45 horas.

CARCAVELOS
ATLÂNTIDA CINE
Telef. 2465653
FÚRIA CEGA
Maiores de 16 anos.
Sessões às 15.30 e 21.30 horas.

CASCAIS
MIRAMAR 1
Telef. 2841744
CHUVA NEGRA
Maiores de 16 anos.
Sessões às 15.15 e 21.15 horas.

MIRAMAR 2
CLUBE DOS POETAS MORTOS
Maiores de 12 anos.
Sessões às 15.15 e 21.30 horas.



Márcia Breia, Adriano Luz e Luis Lima Barreto, numa cena da peça "Salada" em exibição no Teatro da Cornucópia

OXFORD
Telef. 2865027
VEREDICTO FINAL
Maiores de 16 anos
Sessões de 2ª a 6ª às 16.00 e 21.30; Sáb. Dom. e Feriados às 15.30, 18.00 e 21.30 horas

ALMADA

ALMADA
ACADEMIA ALMADENSE
Telef. 2752127
BRIGADA ASSASSINA
Maiores de 12 anos.
Sessões às 15.30 e 21.30 horas.

COSTA DA CAPARICA
CINEMA PESCADOR
Telf. 2905350
OS CAÇA FANTASMAS II
Maiores de 6 anos
Sessões às 15.30, 21.45

TEATRO LISBOA

A BARRACA
CINEARTE
Largo de Santos, nº 2 -
Telef. 665360 ou 686300
De 3ª a Sáb. às 21.30 e Dom. às 16 horas.

EDP
Direcção Operacional de Distribuição Tejo

AVISO AOS CONSUMIDORES

No próximo domingo será interrompida, durante as horas abaixo indicadas, a corrente eléctrica nos seguintes Sectores e Zonas, onde é indispensável efectuar trabalhos de ampliação e conservação das nossas redes.

Para todos os efeitos, as instalações devem ser consideradas em carga.

CENTRO DISTRIBUIÇÃO LISBOA

CONCELHO DE LISBOA — Sector 3 — R. Infantaria 16, L. Dr. António de Sousa Macedo, Rua Azedo Gneco, R. Correia Teles, R. da Arrábida, R. Pereira e Sousa, R. Tenente Ferreira Durão, R. Almeida e Sousa, R. Coelho da Rocha, R. Gervásio Lobato, Est. dos Prazeres, R. Sampaio Bruno, R. Padre Francisco e imediações. **Sector 9** — Alto do Varejão (parte), Escola Patrício Prazeres, Pátio das Comendadeiras de Santos-o-Novo e imediações; **Sector 10** — Calçada de Carriche, lotes 44 e 45, lote 1283, Restaurante Portal de Carriche e Mini-Mercado «Mini-Preço» e imediações. (Das 8 ás 12 horas).

CENTRO DISTRIBUIÇÃO OESTE

CONCELHO DE CASCAIS — Zona 1 — Alto do Estoril; Av. da Dinamarca, Av. do Luxemburgo, Av. da Holanda, Av. da Suíça, Av. do Mónaco e imediatações. Alto dos Gaios, Bicese, Coveiras de Tires e Martinha. Pai do Vento; Praceta de Miranda, Estrada da Ribeira. R. da Calçada e imediatações. Pau Gordo. S. Domingos de Rana; Bairro Além das Vinhas, R. Cidade de Castelo Branco, R. do Zambujal e imediações. (Das 8 às 14 horas).

CONCELHO DE OEIRAS — Zona 2 — Linda-a-Pastora (parte). Oeiras: Qta. da Serra e imediações. (Das 8 às 14 horas).

CONCELHO DE SINTRA — Zona 3 — Massamá, R. das Camélias, R. das Alfazemas, R. das Hortências e imediações. (Das 8 ás 14 horas).

CENTRO DISTRIBUIÇÃO VALE DO TEJO

CONCELHO DE LOURES — Zona 4 — Loures (Urmeira), Freixeira, Lousa (Alto da Portela), Carcavelos, Monte Gordo, Casais do Forno, B. da Fraternidade e Qta. da Francelha. (Das 7.30 às 14 horas).

CONCELHO DE VILA FRANCA DE XIRA — Zona 5 — Póvoa de Sta. Iria, Forte da Casa, Verdelha de Baixo, Gado Bravo, Lezíria, Terra Velha e Eira da Morraceira. (Das 7.30 às 18 horas).

CONCELHO DE ALENQUER — Zona 6 — Labrugeira, Lapaduços, Vila Verde dos Francos, Penafirme da Matra, Portela, Almonia, Froana, Rabissaca, Rodeio, Penedos de Alenquer, Casal Faustino, Olhavo, Pocariça, Penafirme da Ventosa, Boavista, Montegil, Vale d'Ossa e Portela do Sol. (Das 7.30 ás 14 horas).

CONCELHO DE SOBRAL DE MONTE AGRAÇO — Zona 7 — Pero Negro, Barqueira, Outeiro, Seramena, Cabeda, Ponte Nova, Zibreira da Fé, Nogueiras, Malgas, Vespeira, Sapataria, Qta. da Laparda, Casal dos Limões, A-dos-Molhados, Serreira, Cabeços, Casais de S. Martinho, Vale de Vez e Moitelas. (Das 7.30 às 14 horas).

CENTRO DISTRIBUIÇÃO TORRES VEDRAS

CONCELHO DE MAFRA — Zona B — Mato de Cima, Tuço, Póvoa de Baixo, Sobral da Abelheira, Casal do Mota, Monte Bom e Picanceira de Cima. (Das 7 às 14 horas).

CONCELHO DE LOURINHÃ — Zona 9 — Lourinhã (Zona Central), Casal Juncal, Areia Branca, Casal Sequeira, Qta. da Máxima e Seixal (junto à Estrada Nacional). (Das 7 ás 14 horas).

CONCELHO DE TORRES VEDRAS — Zona 10 — A-Dos-Cunhados e Sobreiro Curvo. (Das 7 ás 14 horas).

CARTAZ

MARGARIDA DO MONTE
De Marcelino Mesquita

INSTITUTO FRANCO-PORTUGUÊS
Av. Luís Bivar, 91 - Telef. 544389
De 5ª a Sáb. às 21.30; Dom. às 17.00 horas.
LES BATISSEURES D'EMPIRE
De Boris Vian. Encenação de Daniel Beauron.

TEATRO DE CARNIDE
Azinhaga das Freiras- Telef. 7145178
Sextas e Sábados às 21.30 horas.
DIVINAS PALAVRAS
De Rámon del Valle-Inclan

TEATRO DA COMUNA
Praça de Espanha - Telef. 7260818
De 2ª a Sáb. às 21.30 horas. Dom. às 17.00 horas, descanço à 4ªFeira.
SALA 1
PÉCORA de Natália Correia.
SALA 2
Sexta às 21.30, Sáb. às 16.00 e 21.30; Domingo às 16 horas.
A PREGAÇÃO
De João Brites, pelo Grupo O Bando
CAFÉ TEATRO FESTIVAL DA OTITE
De Carlos Paulo. Sáb. às 24 horas

TEATRO DA CORNUCÓPIA
R. Tenente Raul Cascais, 1-A - Telf. 661515/669205
De 3ª a Sáb. às 21.30, Dom. e Feriados às 16 horas.
SALADA
De Tristan Rémy, é um trabalho colectivo dos actores da Cornucópia.

RITZ CLUBE
R. da Glória, 57 - Telef. 325140
De 3ª a Sábado às 21.30; Sábado e Domingo às 16.00 horas.
O REGRESSO DE BUCHA E ESTICA
Encenação de Mário Viegas.

TEATRO ABC
Parque Mayer - Telef. 3466783
De 3ª a Domingo às 20.30 e 22.45. Domingos e Feriados às 16 horas.
AI CAVAQUINHO
De Eduardo Damas c/ Camilo de Oliveira, Miguel Simões e Paulo César.

TEATRO ABERTO
Praça de Espanha - Telefone 778898
De 5ª a Sábado às 21.30 horas. Domingos às 16 horas.
HAPPY END
De Dorothy Lane/Bertolt Brecht.
TEATRO MAIZUM
R. dos Poiais de S. Bento, 75-B. Telef. 601866
Sába. e Dom. às 16 horas.
A LINGUAGEM DOS ANIMAIS
De António Botto.

TEATRO DA POLITÉCNICA
R. da Escola Politécnica, 58 - Telef. 674474
De 3ª a Sábado às 21.00; Domingos às 16 horas.
D. JOÃO E A MÁSCARA
De António Patrício

VARIEDADES
Parque Mayer - Telef. 326037.
De 3ª a Domingo às 21.30; Domingos e Feriados às 16.00 horas.
OS MENINOS À RODA DA MAMÃ
Versão livre de Henrique Santana.

TEATRO VILLARET
Av. Fontes Pereira de Melo, 31-A - Telef. 538586
De 3ª a 5ª às 21.30, 6ª e Sáb. às 20.30 e 22.45; Domingos e Feriados às 16.00 e 21.30 horas.
ORA BATE...BATMAN'SO

OUTRAS LOCALIDADES

ESTORIL
TEATRO DO CASINO
Telefone 2684521
De 3ª a Sáb. às 22 horas ; Dom. às 17 horas.
WHAT HAPPENED TO MADALENA IGLÉSIAS?
Texto e encenação de Filipe La Féria.

ODIVELAS
TEATRO DA MALAPOSTA
R. de Angola, Olival de Basto - Telefone 9873299
De 3ª a Sába. às 21.30; Domingos às 16.00 Horas.
O RENDER DOS HERÓIS
De José Cardoso Pires. Encenação de José Martins, pelo Centro Dramático Intermunicipal Almeida Garret.

EXPOSIÇÕES

LISBOA

MUSEU NACIONAL DE ARQUEOLOGIA (Jerónimos): de terça a domingo, das 10 às 12,30 e das 14 às 17, uma exposição permanente que integra centenas de milhares de peças, entre as quais um conjunto pré-histórico de 300 peças de ouro.
MUSEU NACIONAL DO TEATRO: até 27 de Março (Dia Mundial do Teatro), "Amália, 50 Anos" com entrada gratuita aos domingos de manhã.
MUSEU NACIONAL DO TRAJE: a aexposições "Joias de Ana Campos" e "As Bandeiras do Mês - Portugal Dinamarca". Até Abril ,"Tramas e Sortilégios" de Teresa Segurado Pavão;
BIBLIOTECA NACIONAL: a exposição "Portugal no Século XVIII: de D. João V à Revolução Francesa
GULBENKIAN (Galerias das Exposições Temporárias): organizada pelo Museu Stedelijk de Amesterdão em colaboração com a Fundação Gulbenkian, uma exposição de Pintura, Escultura e Fotografia do Uruguai, Argentina, Brasil e Chile, constituída por algumas dezenas de obras contemporâneas, representativas das novas correntes artísticas daqueles países e em que estão representados os principais artistas sul-americanos; até 5 de Fevereiro, "Três Séculos de Gravura Cubana", uma exposição constituída por obras da Colecção do Museu Nacional Cubano de Havana, representada por 110 obras dos principais artistas cubanos dos s éculos XVII, XVIII, XIX e XX.
CLUBE CINQUENTA (R. de S. Mamede ao Caldas, 9-1º): até 7 de Fevereiro, de terça a sexta das 17 às 20 e sábados das 15 às 20, Pintura de Albertina de Sousa.

RÁDIO ANTENA 1

Desdobramento em Onda Média - Emissores do Litoral - e 99.4 em FM Zona de Lisboa

14.00: O Linho e a Sedə; **15.00:** Contraste; **17.00:** Antena 1 - Regiões ; **17.15:** Porto d'Abrigo

Onda Média e FM Estéreo

14.00: Gerações por Minuto; **17.00:** Sete Mares; **19.00:** Música; **20.00:** A Europa dos Doze; **20.30:** Musical; **21.00;** Passos Perdidos - Actualidade Parlamentar; **21.30:** Livre e Directo (Desporto). Noticiários intercalares de hora a hora.

PROGRAMA 2

Rede Nacional F.M. 2 - Estéreo

17.30: Sonata para piano n.º 32, em do menor, op. 111, de Beethoven; **18.15:** Ângulos e Reflexos; **19.00:** Integrais - Os 23 quartetos de cordas de Mozart. pelo Quarteto Italiano; **19.25:** Album Musical. - Obras de Albinoni, Suppe, Vivaldi, Rossini, Bach, Offenbach e Pachelbel; **20.40:** Esta Madrugada no Dois; **21.00:** Alfa e Omega; **21.45:** Música para guitarra, de Barrios, Sciammarella e Yocoh; **22.00:** Noite de Teatro: «O Morgado de Fafe em Lisboa», de Camilo Castelo Branco; **23.00:** Música Sinfónica. - Abertura «Rob Roy», de Berlioz. - Sinfonia n.º 9 em mi menor, op.95 «Do Novo Mundo», de Dvorak; **00.00:** Música Antiga, hoje dedicada à música de Wolfgang Amadeus Mozart; **01.00:** Música de Câmara. - Obras de Schoenberg, Gershwin e Wolfgang Amadeus Mozart; **02.00:** Música na Madrugada. Noticiários de hora a hora.

RÁDIO COMERCIAL

Onda Média 283, 290 e 397 m

16.30: Quando o Telefone Toca; **17.00:** Contacto; **19.00:** Jornal; **19.30:** Quando o Telefone Toca; **20.00:** Praça de Táxis; **21.00:** Pela Estrada Fora; **22.00:** Religiosos; **22.15:** Desporto; **23.00:** 24.ª Hora.

RC-FM - Estéreo 97.4 MHz

18.00: RDS - Rádio das Seis; **21.00:** Mercador de Sonhos; **00.00:** A Noite Passada; **01.00:** Som da Frente; **03.00:** Quem Tramou o Locutor.

RÁDIO RENASCENÇA

Canal 1 - Rede Nacional de OM-FM

15.00: Hora da Música; **16.00:** Banda da Amizade; **18.00:** Bola Branca; **18.30:** Transmissão do Terço; **19.00:** A Viagem Continua; **20.00:** Boa Nova; **20.30:** Conversa de Amigos; **21.00:** Sequência; **22.00:** Revista; **22.30:** Bola Branca; **23.30:** Suplemento Especial da BBC; **23.55:** Meditando.

RFM

RFM - Canal 2 - Rede Nacional de FM Estéreo

16.00: Fórmula Três; **19.00:** Atlântida; **20.00:** Serra de Estrelas; **22.00:** Oceano Pacífico.

VOZ DE LISBOA

15.00: Equipa da Tarde; **18.00:** Bola Branca; **18.30:** Sete Colinas; **18.45:** Diálogo; **20.00:** Diálogo; **20.30:** Transmissão do Terço; **21.00:** Lisboa à Noite.

VOZ DO PORTO

16.00: Pólo Norte; **18.00:** Bola Branca; **18.30:** Transmissão do Terço; **19.00:** Grande Porto - Informação; **20.00:** Boa Nova; **20.30:** Conversa de Amigos; **21.00:** Palácio de Cristal; **22.30:** Bola Branca.

VOZ DO ALENTEJO

15.00: Boa Tarde, Alentejo; **18.00:** Bola Branca; **18.30:** Transmissão do Terço; **19.00:** Alentejo em Notícia.

VOZ DO ALTO TÂMEGA

5.00: Tardes do Tâmega; **18.00:** Bola Branca; **18.30:** Transmissão do Terço; **19.00:** Nordeste Magazine

A RAINHA APRESENTA

ARLEQUIM
POLIDO PELO AMOR
de MARIVAUX
ÉVORA
TEATRO GARCIA DE RESENDE
De 26 a 31 no Porto
no Teatro Carlos Alberto às 21.30 h.

Apoios: DESTINFOR RANK XEROX · Horas Madeiras · DN Rádio Comercial · O PRIMEIRO DE JANEIRO · Região das Caldas · jl o jornal · A CAPITAL

teatro da rainha
Companhia subsidiada pela Secretaria de Estado da Cultura

teatro da Cornucópia

SALADA
(TEXTOS dos PALHAÇOS)

Encenação: colectiva da companhia; **Tradução e montagem do texto:** Luís Miguel Cintra; **Cenário e figurinos:** Cristina Reis; **Montagem:** Fernando Correia; **Interpretação:** Adriano Luz, António Fonseca; Cristina Cavalinhos, Gilberto Gonçalves, Luís Lima Barreto, Luísa Cruz, Márcia Breia e Rogério Vieira.

3.ª a sábado às 21.30 — domingo às 16h

Em exibição

TEATRO DO BAIRRO ALTO
Rua Tenente Raul Cascais, 1-A
1200 LISBOA
Telef.: 66 15 15/66 92 05

TRIBUNAL JUDICIAL DA COMARCA DE OEIRAS

ANÚNCIO

O Doutor, Fernando Ribeiro Cardoso, Mm.º Juiz de Direito do Tribunal Judicial de Oeiras.

FAZ SABER, que pela 1.ª secção do 1.º Juízo do Tribunal Judicial de Oeiras, correm seus termos uns autos de Adopção Plena registados sob o n.º 6/89, e que pelo presente ficam citados, AUGUSTO GASTÃO PIRES e EUGÉNIA MARIA ALMEIDA PEREIRA DA CONCEIÇÃO, encontrando-se em parte incerta e com a última residência conhecida, na Quinta do Marquês, 59, em Oeiras, na qualidade de progenitores do menor, PAULO ALEXANDRE CONCEIÇÃO PIRES, de que correm éditos de 30 dias, contados a partir da segunda e última publicação do respectivo anúncio, e findo aquele prazo, têm o prazo de 20 DIAS, para deduzirem, querendo, oposição à adopção plena do menor, PAULO ALEXANDRE CONCEIÇÃO PIRES, requerida neste Tribunal.

Oeiras, 18 de Janeiro de 1990

O JUIZ DE DIREITO

a) Fernando Ribeiro Cardoso

O ESC. ADJUNTO

(assinatura ilegível)

«DL» 26/1/90 — 2.ª Pub.

SNOOPY POR SCHULZ

CARTAZ/TELEVISÃO

HOJE

RTP-1

16.40 - HOSPITAL CENTRAL
17.25 - BRINCA BRINCANDO
18.30 - RUA SÉSAMO
60º episódio: a memória dos maios novos será hoje posta à prova através de uma revisão de algumas palavras começadas pelas letras N e X. Um dos mais bonitos rios de Portugal, o Mondego, será outro dos temas abordados hoje e a emissão termina com algumas noções sobre cuidados básicos relativos à segurança.
18.55 - JOGO DE CARTAS
Concurso
19.30 - TELEJORNAL
20.00 - BOLSA DIA A DIA
20.05 - O TEMPO
20.11 - DESCOBRIR OS DESCOBRIMENTOS
20.20- BOLETIM AGRÁRIO
20.25 - VALE TUDO
21.15 - MOBIL NOS CAMINHOS DE PORTUGAL
4º Programa: a equipa liderada pelo realizador Francisco Manso conduz-nos esta noite até ao "Mondego Romântico", levando-nos desde as termas do Luso até à serra do Buçaco, onde reviveremos o ambiente dos finais do século XIX no Palácio-Hotel. Depois, seguimos até ao Mondego e às ermidas da Ponte de Mucela. Coimbra e o Choupal são pontos inevitáveis neste itinerário romântico, que culminará em Montemor-o-Novo e na Figueira da Foz.
21.30 - MISSÃO IMPOSSÍVEL
18º episódio: Jim Phelps e a sua equipa têm por missão impedir que peritos em informática utilizem um vírus que desenvolveram para sabotar os computadores dos navios da Marinha de guerra norte-americana.
22.30 - TELEMUNDO
22.55 - CHEFE, MAS POUCO
26º e último episódio
23.20 - 24 HORAS
23.50 - REMATE

A partir das 24 horas no 1º Canal, o filme "Ruby e Oswald" a história do assassínio de John F. Kennedy

24.00 - PELA NOITE DENTRO
"Ruby e Oswald": O curso da História dos EUA foi, certamente, alterado no dia 22 de Novembro de 1963, data em que John F. Kennedy foi assassinado em Dallas. Nesse dia, o mundo interrogou-se sobre o atentado: teria Lee Harvey Oswald agido sozinho? A 24 de Novembro, a perplexidade aumentava quando milhares de telespectadores viram Harvey Oswald ser morto por Jack Ruby.

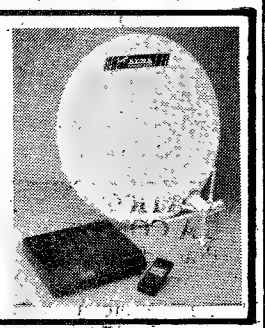
RTP-2

16.55 - 3, 2, 1 CONTACT
18º episódio
17.25 - O MEU PÉ DE LARANJA LIMA
27º episódio: Eugénia visita Caetano e acaba por saber que Jandira o vai ver todos os dias, o que a deixa irritadíssima. Ao ir à farmácia, Diogo ouve, uma vez mais, uma conversa entre Gabriel e Santinha, na qual afirmam que ele não é filho de Caetano.. Jandira aconselha Caetano a ser mais amigável com o filho. Diogo, por sua vez, deixa Caetano

"Dona Beija": mais um episódio da série brasileira, no 2º Canal às 21.30

chocado quando lhe pergunta se pode continuar a chamar-lhe "pai".
18.05 - HAJA MÚSICA
19.00 - FUTEBOL DE SALÃO
Campeonato da Europa: transmissão directa do Pavilhão do Freixieiro, de Matosinhos
21.00 - JORNAL DAS NOVE
21.30 - DONA BEIJA
João sente uma grande simpatia por Maria e pensa, realmente, vir a desposá-la, mas os comentários elogiosos sobre Beija deixam-no curioso. Para alívio de Augusta e Costa Pinto, Gaudêncio casa com Carminho, possibilitando à rapariga justificar a gravidez. Enquanto isso, António regressa a São Domingos, o que, pelo menos aparentemente, não perturba o quotidiano de Beija, cuja influência na política da terra é cada vez mais notória. Numa das suas idas à fonte, a mais bela cortesã encontra António, que a evita, apesar de vê-la com a filha nos braços. Beija reabre a Chácara de Jatobá, o que causará algumas confusões entre os casais e apaixonados de São Domingos.
23.00 - ACERTO DE CONTAS
23.30 - ROTAÇÕES

ALBA
ANTENAS PARABÓLICAS ACESSÍVEIS A TODOS
INFORME-SE NA
AUDIMAX
TEL. 410 62 75
ALGÉS



AMANHÃ

RTP-1

09.01 - JUVENTUDE E FAMÍLIA
12.00 - 7ª SINFONIA DE BEETHOVEN
13.00 - JORNAL DA TARDE
13.10 - OITO E BASTA
14.00 - PARLAMENTO
14.30 - CRIME, DISSE ELA
15.15 - SESSÃO DA TARDE
"Skokie"
17.25 - VIVAMÚSICA
18.10 - RICARDINA E MARTA
19.15 - SETE FOLHAS
19.45 - TOTOLOTO
20.00 - JORNAL DE SÁBADO
21.15 - O TEMPO
21.20 - DESCOBRIR OS DESCOBRIMENTOS
20.25 - VALE TUDO
21.25 - A MORGADINHA DOS CANAVIAIS
22.25 - PAUL MACCARTNEY
23.20 - CINEMA DA MEIA NOITE
"Colina Maldita"

RTP-2

09.01 - VIA RÁPIDA
09.55 - O JOGO DOS DISPARATES
10.45 - O MEU PÉ DE LARANJA LIMA
Compacto
13.15 - CIRCO
15.00 - ESTÁDIO
19.00 - MUSIC BOX ESPECIAL
19.55 - MEU FILHO, MEU FILHO
20.40 - A FLORA DO NOVO MUNDO
21.15 - ESTÁDIO
Inclui o jogo Nacional-Porto em futebol

BLAUPUNKT
Seleccionou para si...
RTP 1 PELA NOITE DENTRO
RTP 2 DONA BEIJA
PiP
BLAUPUNKT
Grupo BOSCH
Um pequeno ponto faz a diferença

Móveis
OLIVEIRA & LEAL, LDA
Mobiliário em todos os estilos-estantes, móveis soltos — jogos de maples veludo e pele, arcas — colchões molas e espuma (por medida) — sommiers (por medida).
Móveis - sala e quarto (por medida).
Mobiliário em pinho — móveis de cozinha.
Não compre sem nos consultar.
Entregas em qualquer ponto do país.
Rua da Rosa (Bairro Alto) 73-81-158-160
Telef. 32 18 72 (200 ² exposição)

«O pico dos 51 por cento do PSD só se transformaria em planalto se o planalto tivesse menos altitude.»

Pacheco Pereira, «Tempo», 25.01.90

A PERGUNTA DO DIA

Luís Simões
vereador da Câmara Municipal de Lisboa

• O que é que a C.M.L. vai fazer face ao protesto dos comerciantes relativamente ao significativo aumento das taxas impostas à publicidade nos seus estabelecimentos?

• «Este aumento foi proposto em Junho de 1989 pelo então vereador Pedro Feist e aprovado em Câmara e Assembleia Municipal em meados de 1989. Só este último orgão tem competência para introduzir alterações a esta taxa que, recorde-se, foi publicada e entrou em vigor em Outubro passado. Tal como afirmámos durante a recente campanha eleitoral, abordaremos e tentaremos resolver em diálogo com os interessados este e outros problemas que se venham a levantar.»

O DL SUGERE

a Pedro Santana Lopes

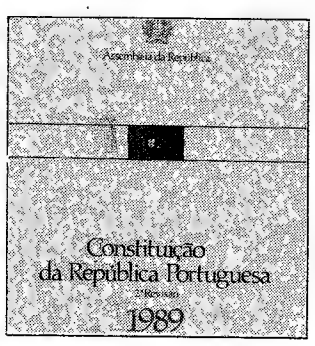
Visite o BRITISH BAR, no Cais do Sodré, em Lisboa. O bar era um dos baluartes dos fins de tarde lisboetas. Depois da destruição de outro típico *pub*, o English Bar, restava o British. Foi *plateau* do filme «A Cidade Branca», de Alain Tanner e era um dos poucos bares daquela zona que resistia ao ajuste de contas do mais insensível comércio. O bar está em obras e tudo leva a crer que o seu interior não ficará incólume. Passe por lá e veja o que se passa. Pode ser que ainda vá a tempo de lhe atribuir interesse cultural e de evitar o seu desvirtuamento.

ao Governo de Cavaco Silva

Leiam O LIVRINHO DA POUPANÇA, uma obra do ex-ministro Miguel Cadilhe. É uma leitura pertinente tendo em vista a «nova imagem» do Governo. É verdade que o paladino da poupança não era o melhor exemplo para os seus pares. Mas, nunca como agora se notou o novo riquismo dos gabinetes, das mobílias e das viaturas oficiais. O que vale é que a Gomes Teixeira tem poucas paredes de vidro. Moralizar os gastos públicos tem sido um chavão do primeiro-ministro. Está na hora de começar pelos seus gabinetes...

a Pedro Xavier

Leia o seu HORÓSCOPO. Hoje, que completa 24 anos, pode começar a pensar em trocar a sua carreira de futebolista do Estrela da Amadora, pelo ofício de escritor. O vespertino «A Capital» diz mesmo que «poderá vir a ser um escritor de sucesso» e acrescenta que «mesmo noutra carreira é possível que venha a ter sucesso». Portanto, decida qual é a baliza a que quer atirar-se. Promessas de sucesso não lhe parecem faltar, ou não jogasse num clube chamado Estrela...



a Alberto João Jardim

Leia a CONSTITUIÇÃO DA REPÚBLICA PORTUGUESA e a LEI DE IMPRENSA. É um dever de qualquer cidadão, quanto mais de um governante. Então não é que a maré de crude o levou a tentar censurar a comunicação social. Até teve a ousadia de reconhecer que fez contra-informação. É claro que o motivo que invocou é o habitual em estados totalitários: «a defesa dos interesses do território». Só que, Portugal é um Estado democrático e de Direito e a liberdade de informação não pode estar ao sabor dos seus caprichos...

meteorologia

Os Alferes

A arte de bem cavalgar em todas as letras é uma qualidade do escritor Mário de Carvalho; e não só em todas as letras, mas também em diferentes temas, que variam como camisas; e, com a temática diferente, troca o estilo, a escrita, como hoje se diz. Mas sempre ele, Mário de Carvalho. Reconhecível.

Quando penso nele, fico bem-disposto. A culpa é dele. É sério, mas não maça. É divertido, mas não frívolo. Sabe que o trágico pode aparentar o humor, que realidade e absurdo são gémeos de uma só placenta, e que um não pode viver sem o outro. Escritor feliz e modesto de comportamento.

Os Alferes (Caminho) é o seu último livro, embora não inteiramente novo. Das três histórias, tão verídicas como inventadas, a primeira, *A Última Cavalgada*, é inédita. Económica, enérgica, falada como se fala, mas melhor, sendo as palavras visíveis. A segunda, *Há Bens que vêm por Mal*, também para muitos inéditos, mas para mim, seu leitor fiel, já anteriormente lida em divulgação restrita. A última é a mais conhecida: *Era Uma Vez Um Alferes*, li-a já há uns anos, a 16 000 quilómetros de Portugal, se Macau não é Portugal, o que mais ou menos não é. Talvez devido àquela circunstância, li-a muito bem, atentamente, e apreciei-a como memória da terra e da gente.

Contador de histórias, criador de espaços vividos, abertos. Aqui, em *Os Alferes*, a guerra, a colectividade militar, o Ultramar. Águas, pois, nem sempre limpas, mas como se se limpassem pelo fluir dos destinos, rente à destruição, sempre perto da superação, poesia sem uma palavra lírica, voz por vezes rouca, língua de todos nós. Narrativas que sugerem a amizade; amizade que não diz o seu nome, discreta, reservada, reconciliada com o lugar de acção que não é bom, com a situação incómoda, com as pessoas fracas que somos.

Sobriedade: de vocabulário, de estrutura da frase, de ausência de artifícios, de submissão ao que é mais forte na existência humana.

Jorge Listopad

Segunda-feira no
Diário de Lisboa

As crónicas de Artur Portela e Alfredo Margarido

Berlusconi e Benedetti: um duelo na Imprensa italiana

Anos 60: os factores da mudança

O cartoon de António Alfredo

Grupo de trabalho de análise política

O PRESIDENTE NA PRÁTICA CONSTITUCIONAL PORTUGUESA

Diário de Lisboa

SEGUNDA-FEIRA

LOTARIA NACIONAL

Informação dos números mais premiados na extracção de hoje da LOTARIA NACIONAL

1.º PRÉMIO
3 014
70 000 Contos

2.º PRÉMIO
5 686
12 000 Contos

3.º PRÉMIO
63 180
3 000 Contos

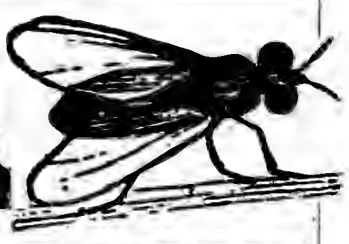
Prémio Grande
3 000 contos

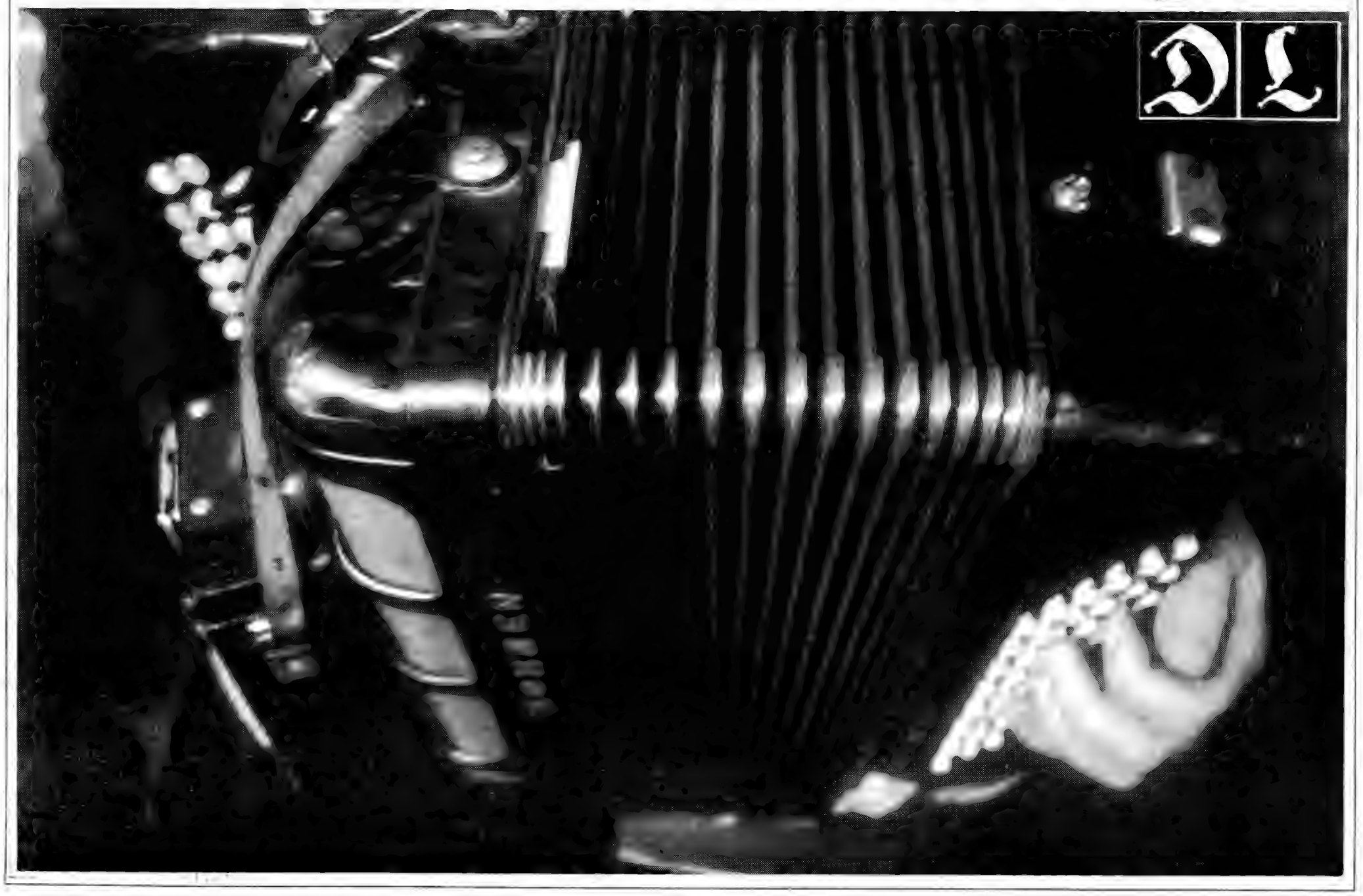
Vendido hoje
aos BALCÕES da
CASA DA SORTE
LISBOA • BRAGA • PORTO • AVEIRO • VISEU • COIMBRA • SETÚBAL • FARO

Dia 2/2/ — Lotaria do Carnaval
105 000 contos por 10 000$00
CASA VIOLA — A sorte que «Toca»
LISBOA • BRAGA • ESTORIL • VISEU • PORTIMÃO • SETÚBAL
Correio: R. Assunção, 67 - 1000 LISBOA

SUPLEMENTO DAS SEXTAS-FEIRAS
DO DIÁRIO DE LISBOA
26 DE JANEIRO DE 1990,
FAZ PARTE INTEGRANTE DO JORNAL
NÃO SE PODE VENDER
EM SEPARADO.

A MOSCA





ADEUSES, MALTESES E ÀS VEZES

Sexta, dia 19

Estreia em S. Carlos «Horácios e Curiácios», no Picoas «O Processo do rei», diz Agustina a «O Independente» que ainda escreve tudo à mão (leia-se com papel, tinta e caneta), mas a notícia do dia é ele... Abecasis. Ontem despediu-se da Câmara em grande com um jantar para dizer: «Saio mais pobre do que entrei.» Lisboa pode dizer o mesmo. À parte o que já se sabe, ainda hoje os bombeiros acusam que a Baixa pombalina pode voltar a arder e «O Independente» revela que em Lisboa há palácios em leilão.

Do leilão para o tostão para ver como as estatísticas do INE mostram o Portugal que somos ou do conforto à portuguesa. Como o outro que diz, graças a Deus vamos tendo de tudo um pouco, até esta coisa bizarra: mais televisões do que água canalizada, 13 a 14% de nós ainda, para lavar a cara, temos que ir ao chafariz.

Sábado, dia 20

São rosas, senhor, são rosas. Desta vez, não são rosas, é o crude na Madeira, com os jornais todos, passada a surpresa, a interrogarem-se, não tanto como o petróleo se verteu, mas como é que foi possível só se dar por ele praticamente na arrebentação da maré.

À portuguesa, também, surge mais uma comissão... destinada a saber como é que depois da casa roubada se põem trancas à porta.

Perante o picaresco deste «romance» quase passam despercebidas duas notícias do «Expresso»: Luísa Costa Gomes escreve libreto da «Ópera dos Corvos» e Paulo Rocha vai filmar «O Naufrágio de Sepúlveda» e finalmente estrear (será desta?) a sua obra-prima «A Ilha dos Amores».

Domingo, dia 21

Um dia estrangeiro no essencial, por cá só uma notícia de tomo e logo esta: se não andamos ceguetas de todo, para lá caminhamos, porque, pior do que vermos mal, recusamo-nos a ir ao médico. O alerta é dado pela Associação Portuguesa de Prevenção Visual que chama a atenção dos que literalmente enfiam os olhos no ecrã de televisão e dos que, em chegando o Verão, por assim dizer encavalitam no nariz a primeira coisa que lhes aparece (barata) semelhante a uns óculos escuros.

Do estrangeiro o resto, como segue: octogenária, morre na América, Barbara Stanwyck, símbolo da mediania; na Califórnia há o prólogo dos «oscares» com a entrega dos Globos de Ouro; o príncipe Carlos na Grã-Bretanha é o autor do ano com livro de crítica aos excessos da arquitectura moderna; e em Milão ocorre uma experiência inédita. Esta: um domingo sem automóveis (particulares) na cidade. Ninguém se suicidou.

Segunda, dia 22

Troca de galhardetes na Câmara com Abecasis (ufff...) finalmente na cerimónia dos adeuses a passar o testemunho a Sampaio. Na TV à noite, estreia-se o «Casino Royal» com um Herman a meio gás. Em Oeiras, o povinho desesperado com a falta de comboios (em dia de greve de maquinistas) passa à desobediência civil e corta a linha, por umas horas até que chega a Polícia e repõe a situação.

Situação nova é a do clero católico. A partir de hoje, pode optar por um salário patriarcal. Coincidência ou não, a Imprensa (logo hoje) revela: o património imobiliário da Igreja em Portugal ultrapassa os cem milhões de contos.

E o dia extingue-se como a mata de Monte Gordo, sem quase ninguém a dar por isso. Foi assim (vem em «A Capital»): era uma vez um pinhal com 200 anos e 350 hectares. Acabou por «decisão superior», nem a Câmara de Vila Real de Santo António (que está contra) sabe explicar como aconteceu.

Terça, dia 23

Vítor Paneira arrisca a ir de cana por uma horas de deserção, Alberto João Jardim ameaça tomar banho em Porto Santo se não se calam com isso da poluição madeirense, afinal, em Portugal só 12% dos jovens estão numa de «rock», a Polícia vai receber 80% das multas aplicadas aos automibilistas, mas a notícia do dia é o início do fim do Conselho de Imprensa.

O funeral começou hoje no Parlamento que, com a maioria que tem e o apoio que o PS lhe deu (na revisão constitucional), vai dissolver o CI na Alta Autoridade para a Comunicação Social. A independência paga-se caro.

Quarta, dia 24

Mais uma herança de Abecasis e um País em mudança, se é que não anda confuso. A herança: taxas de iluminação de estancos e similares, lojas, farmácias e tudo aumentam até 6000% (vem em «A Capital»). Se Sampaio não nos acode, Lisboa à noite transforma-se na cidade das trevas. O resto vem no «DL». Assim: guerra à nidificação das cegonhas foi parar a tribunal pela primeira vez por cá. Enquanto isto, sobre os arquivos da Pide, Caetano e Salazar, sondagem revela uma coisa e exactamente o seu contrário, a saber, que são segredos de Estado e que devem ter livre acesso.

Quinta, dia 25

A CEE considera o património urbanístico de Lisboa um valor cultural da Europa e aposta em defendê-lo. É a notícia do dia. A de ontem só hoje se viu, ou o mergulho de Alberto João nas águas de Porto Santo. O mergulho maior, porém, foi Jardim ter confessado que para defender o turismo praticou contra-informação a propósito do crude. Anda a CEE a pagar e este País, às vezes, foge-lhe o pé para o... bailinho.

Rodrigues da Silva

PAPA E GORBY MUDAM O MUNDO

Sem pretensões de consagrar, para os séculos, a fama de dois cidadãos, apetece, ao resumir a passada semana internacional, lembrar que dois homens estão a mudar a profundidade e a superfície do mundo: O Papa e Gorbachev. Com a luta entre azerbaijanis e arménios, o líder soviético mudou de cargo, passando a ser secretário-geral e presidente do desmantelamento do império soviético. O Papa conseguiu, nas vésperas da sua visita a Cabo Verde, que Aristides Pereira e a esposa fôssem rápidamente à igreja consagrar, junto ao altar católico, a sua já antiga união.

Um outro cidadão mostrou não estar disposto a perder o comboio que foi posto em andamento pelas «visitas pastorais» de João Paulo II à Polónia e pela perestroika. Jacques Delors, presidente da Comissão da CEE, apontou a necessidade de se acelerar o caminho para a constituição de uma federação europeia, de modo a que se possa enfrentar devidamente a lição e os reflexos das ultrarápidas reformas em curso no Leste.

O jornal «Le Monde» contou a história dos «Últimos bastiões do Comunismo», a saber a Albânia, Cuba, Coreia do Norte, Vietname do Norte e a China. O primeiro «bastião» citado, a Albânia, poderá ser, num futuro talvez não muito distante, o primeiro a deixar de ser «último». Já na Jugoslávia foram divulgadas notícias, provenientes de um jornalista húngaro que trabalha na embaixada do seu país em Tirana, e segundo as

Toshiki Kaifu

quais foi ouvido forte tiroteio na capital albanesa.

A primeira proclamação de independência de uma das repúblicas constituintes da União Soviética veio da República Autónoma Socialista Soviética de Nakhichevan. Encravada entre o Azerbaijão e o Irão, tem uma população de 278 mil habitantes ou seja algo semelhante à nossa cidade da Amadora. Não se sabe se Gorbachev ficou impressionado ou não.

Atravessando o Atlântico, vamos encontrar, nos Estados Unidos, duas novidades da semana. O presidente de Angola, José Eduardo dos Santos, devia ter estado em Washington e não esteve, por haver adiado a visita, e o «mayor» de Washington, Marion Barry, de raça negra, viu-se oficialmente acusado de comprar e tomar «crack», um derivado da cocaína.

O adiamento da visita do presidente angolano foi relacionado, por Luanda, com as hesitações de Washington em deixar de apoiar a Unita e o «mayor» da capital norte-americana deu uma conferência de Imprensa numa igreja de Washington, onde anunciou a sua necessidade de «lavar a alma».

E o Japão, que já mandara à Europa, na semana anterior, o seu primeiro-ministro, Kaifu, na ideia de aumentar a penetração económica japonesa no Leste (na Hungria deixou um crédito de 500 milhões de dólares), acrescentou, depois, a essa penetração uma outra: mandou para a Lua, anteontem, um foguetão portador de dois satélites, com o objectivo, oficial, de inaugurar a capacidade nipónica de explorar comercialmente o Espaço. Ainda vamos ver a Lua Cheia com olhos oblíquos...

Paulo David

GUIDINHA

O MEU PRIMO MANEL

Tenho um primo chamado Manel casado com uma prima chamada Leocádia que tem um filho chamado Manel Leocádio e um carro chamado «Alfa-Romeo» que ele comprou para ficar um pato bravo completo que é o que ele é e ninguém lhe tira essa virtude patriótica mas a quem duvidar eu acrescento que ele é do Benfica mas diz que é do Sporting que ele era todo pelo regime do antigamente mas que no dia 26 de Abril passou a ser democrático e a falar do tempo em que estivera preso mas sem dizer porquê sim porque ele esteve preso mas foi por causa de uns canos de papelão que meteu num prédio e depois foi apanhado por ser parvo e não querer comprar o fiscal para poupar dinheiro quando toda a gente sabia que esse fiscal se comprava por cinco contos de réis que foi o que o meu Pai lhe deu para ele não o acusar de ter deitado areia no cimento de umas obrazitas que ele fez numa casa da minha tia Eulália com toda a razão porque desconfiava que essa minha tia não lhe ia pagar as obras e realmente não pagou dizendo que o dinheiro dela tinha sido nacionalizado e que não tinha nenhum no banco enfim vamos outra vez ao meu primo Manel que esta redacção é sobre ele e não sobre o meu Pai que fica para outra ora o meu primo Manel é meio careca e anda sempre à moda depois do 25 de Abril andava de fato macaco depois na época das confusões comprou uma gravata de várias cores ultimamente tem andado todo bem vestido e agora tem andado de camisola de gola alta a ver em que é que param as modas mas no outro dia quando soube que os socialistas tinham ganho as eleições para a Câmara de Lisboa veio cá a casa de cachecol abraçar o meu Pai pela «vitória eleitoral» e trouxe uma garrafa de espumante da Bairrada o que eu não percebi já que quando ele veio celebrar a vitória do Abecasis foi com uma garrafa de «champanhe» francês que é muito melhor outra coisa que eu fingi que não percebi foi o que ele disse porque quando foi do Abecasis gritou «agora vão ver como é quando a iniciativa privada voltar a tomar conta da construção civil como é do seu direito mais dia menos dia não tenho mãos a medir» e agora disse «eu fui sempre pela construção social o futuro está aí e mais dia menos dia não tenho mãos a medir» enfim as pessoas mudam de ideias mas não com esta velocidade toda eu cá por mim aposto que ele guardou numa mala os fatinhos do Lourenço & Santos e a gravata para as próximas eleições sim porque ele é uma pessoa cuidada que não desperdiça nada e não compra senão os fatinhos de que precisa para ganhar a vidinha que é a coisa mais importante que há outra coisa que o meu primo Manel tem é um cão que se chamava «Tejo» que no Verão quente passou a chamar-se «Estrela Vermelha» que mudou para «Até que enfim» no tempo de Sá Carneiro e que no outro dia ele chamou dizendo «Anda cá Democrata» o pobre do cão anda todo confuso e não se adapta aos problemas ideológicos do meu primo Manel que são realmente difíceis de entender a quem não o conheça eu cá por mim chamava ao cão «Temporário» e acabava com os problemas todos de uma só vez mas enfim vamos a outro assunto que este já acabou porque os cães são bons como animais mas não prestam para tema de redacções e de qualquer forma já todos perceberam que o meu primo Manel é politicamente um homem desinteressado e de convicções profundas que não destoa da profissão que tem nem da Pátria que o viu nascer toda a gente tem um primo Manel ou conhece um igual ao meu vamos portanto a outro assunto vamos falar do Alfa-Romeo encarnado que ele comprou com uns dinheiritos que teve a render em Vigo durante os verões quentes em que andava na rua aos gritos contra isto e aquilo e a favor disto e daquilo para ver se safava a onça no caso do País se afundar de vez e vai quando se verificou que andava tudo ao mesmo mas que ninguém queria mudar nada sim porque o que a gente queria era mostrar que já gritávamos à vontade — umas vezes à nossa vontade outras vezes à vontade de outros que não diziam quem eram — vai nessa altura ele foi outra vez a Vigo e trouxe o dinheirito que lá tinha e vendeu o Opel verde e comprou um Rover que era um carro japonês que andava para aí a fingir que era inglês e no outro dia achou que o Rover não lhe chegava e vendeu-o e comprou o Alfa-Romeo encarnado que vai melhor com a sua profissão de pato bravo e agora anda nele a fazer os seus negociozitos todo contente porque tem um carro que diz com ele e comprou um casaco de astrakan de nylon para a mulher andar nele e quando os dois saem no Alfa-Romeo as pessoas vêem logo que estão na presença de dois novos-ricos do agoramente — para quem não sabe eu explico que o «antigamente» é uma palavra que a gente usa para explicar o que se passava no antigamente em que havia 500 novos-ricos e o «agoramente» é uma palavra que a gente usa para explicar o que se passa agora em que há 500 000 novos-ricos todos piores uns que os outros — enfim o meu primo Manel anda feliz e satisfeito com a vida e com os negócios e para mostrar que é um homem do «agoramente» até teve uma ceia de Natal diferente no «antigamente» comia bacalhau com batatas e no «agoramente» come salmão fumado com batatas o salmão fumado é uma coisa cor-de-rosa que se compra nos supermercados e que é muito fino cá para mim só sabe a sal e já tem azeite dizem que é peixe mas eu não tenho a certeza só sei que é caro como burro mas que é o que se come na noite de Natal em casa do meu primo Manel mas a verdade é que depois de comerem o tal salmão fumado com batatas foram à tasca do senhor Abílio que é um que tem um «comes e bebes» à esquina da Rua do Rouxinol e comeram umas postitas de bacalhau com batatas regadas com azeite e temperadas com dois dentes de alho só para não se esquecerem de que são portugueses esta coisa de comerem o tal salmão fumado antes do bacalhau é por a gente ser europeu que antes disso só se comia bacalhau mas lá que prova que a gente entrou para a Europa isso é que ninguém pode negar.

Guidinha

CANAL DA CRÍTICA

MÁRIO CASTRIM

Querida televisão

I

Mário Conde, o grande manipulador do dinheiro espanhol. Jovem, apenas 39 anos! Entrevistado, com um preâmbulo em que se fala de escândalos. Pfff!, naquele nível de que valem os escândalos...

Mário Conde, o maior do Totta & Açores, com 49 por cento do capital, foi o que percebi. Certamente percebi mal. O Primeiro-Ministro dissera, antes, que o capital estrangeiro não poderia exceder cinco por cento das empresas públicas privatizadas. Dissera, ou eu percebi mal. Foi isso.

II

Palavras de Alberto João Jardim: «Eu acuso a RTP de irresponsavelmente ter divulgado imagens que comprometem a economia da ilha».

Aquele *irresponsavelmente* é dinamite. A RTP agachou-se. Conclusão: um dos dois é irresponsável.

III

A televisão alemã falou de duas latas de conserva portuguesa em mau estado. Exportamos anualmente para a Alemanha 10 milhões. Livra! Não perdoam nada. Ou será irresponsabilidade à moda de Jardim?

IV

A voz *off* do telejornal: «Cada caixa continha *duzentas* gramas de não não sei quê. Assim se fala por lá.

Dina Aguiar, essa, é «porrazões» isto, «porrazões» aquilo. Uma alegria...

Por lá, prossegue a confusão nos plurais de *esgoto, contorno, acordo, esforço,* etc. etc.

Portugal, acorda, que aos poucos te roubam a alma!

V

Quando se trata de documentários científicos, a RTP tem o cuidado de colocar alguém do ofício a supervisionar as traduções. Quando a coisa mete estrelas, satélites, galáxias, coisas assim, lá aparece como consultor o nome de Eurico da Fonseca.

O princípio louvável devia ser extensivo a traduções nas séries que impliquem emprego de calão próprio. Séries de medicina, de tribunais, etc.

Vejamos na *Justiça Cega.* Quando se fala em *injúrias,* não quererá isso dizer ferimentos? É quando se fala em *circunstâncias lenitivas,* não é isso a que chamam *atenuantes?*

Diga-me um leitor jurista se, sendo atrevido no meu inglês macarrónico, também sou ignorante do calão do ofício. *A Justiça na Inglaterra.* Só?

Justiça Cega é uma notável série produzida pela BBC. O pretexto é, utilizando a actividade judicial, dar-nos uma panorâmica crítica da sociedade inglesa.

O segundo episódio intitulava-se «Ouve, homem branco», e atendia ao fenómeno racista da Inglaterra actual. Fenómeno, como vimos, estreitamente ligado ao recrudescimento da direita extremista que junta, no seu ódio, os pretos e os comunas...

Núcleo do episódio: uma médica negra aparece morta numa esquadra da polícia. As testemunhas são todas agentes e todas dizem que Nola caiu...

A engrenagem acaba por ser desmontada pela equipa de advogados dirigida por Cartwright, um «comuna» confesso. Uma espécie de Cavaleiros da Távola Redonda que chegaram à seguinte conclusão: «Ou utilizamos a lei para defender os poderosos — e isso não será difícil; ou a utilizamos para denunciá-la como opressora dos fracos — e isso não será fácil».

Este último foi o caminho escolhido. À sua luta assistimos em cada episódio. E o sistema judicial de Sua Majestade não fica nada favorecido, diga-se de passagem.

Talvez, não ficando favorecido também não fique abalado. Mas abaladas ficarão algumas consciências. E não será por aí que os sistemas começarão sempre a desmoronar-se?

Futebol — I

Futebol. Diz o Gabriel Alves: «casa despida de público». De facto, bancadas vazias. Nada mais triste do que o cimento das bancadas, em dia de jogo. Amargura, como um esqueleto.

Avança o locutor razões para o insucesso: a noite fria, o jogo transmitido pela televisão...

Não. Quem tem dinheiro não fica em casa. A casa (a televisão) é a solução dos pobres e dos doentes. Porque nenhum espectáculo é tão rico como a vida. TV é a vida sem cafeína. Um café com veneno, futebol é para ver lá. Como o cinema. Como um comício. A unidade é ver e participar.

Bancadas vazias. Algo está mal. Culpados? O futebol é quem o será menos. Porque quando a TV não dá, e quando as tardes estão quentes, reparem quantas vezes o esqueleto das bancadas. O esqueleto da sociedade.

Futebol — II

Futebol, agora de salão. Campeonato europeu. Portugal joga com a Hungria. RTP dá em directo.

Locutor diz-nos que o futebol, na Hungria, em virtude das alterações políticas e sociais verificadas naquele país, atravessa um período difícil. O Estado deixou de o subsidiar. Cada qual que se desenrasque...

Quanto ao futebol de salão, os húngaros coitados, vêm para ser o anho do sacrifício. Eles nem conhecem as regras do jogo. Como abundantemente se confirmou...

O mais estranho não é isto. O mais estranho é que, não existindo, o futebol de salão húngaro participe no campeonato europeu.

Há gato por lebre. Quem assume?

Cá pelo Ocidente, caros magiares, há regras muito severas. Cruéis, mesmo. Oxalá essas, vocês, conheçam bem.

Casino Royal:
não houve K.O.

Depois de uma carreira sem grandes glórias, nem sequer com boas promessas disso, Herman José estoirou com o Tony Silva. Seguiram-se criações que se tornaram independentes de Herman José. Este Chaplin de Azeitão, a expressão vai apenas como referência e nunca como brincadeira de Camilo enquanto Anastácio Lombriga, que Herman não mereceria criar não um, mas vários Charlós. Salvas as devidas proporções, claro.

2

Os seus programas na RTP lançaram-no na «alta roda» do humorismo nacional. Ele é actor e criador — e ainda aí se adianta a toda uma (uma quê? Não quero dizer nem **região,** nem **falange...)** se adiante a seus pares que são os apenas actores (António Silva) ou apenas autores — André Brun, Gervásio Lobato e por aí adiante.

O seu humor intervencionista, na área política e social colocaram-no no centro da controvérsia. O cavalo que montava era o cavalo da hora que passa.

3

De súbito, o cavalo tomou o freio nos dentes. As cascas de banana que lançou para debaixo dos pés dos valores sagrados, dos preconceitos e da parvónia no poder, foram as cascas em que ele escorregou.

Logo depois, a bagunça já conhecida. Tão conflituosa, que se gerou a convicção de que Herman José jamais voltaria a pôr os pés na RTP.

4

Pois não foi tal. Herman José está de novo lá. Ouvimo-lo em «Sete Folhas» dizer que estava outro, tinha serenado...

Quererá ele dizer que vendeu a alma? Não creio. A sua lucidez foi já demasiado longe para voltar atrás. Talvez se tenha tornado mais arteiro, mais habilidoso, mais sabido. Quem já escreveu em tempo de censura prévia, sabe que para vários níveis de censura, há as armas apropriadas.

5

Depois, à RTP não interessa ficar sem o Herman José. Comercialmente, é um crime. Ah, se fosse possível tê-lo sem os conflitos da Igreja, do Cavaco, dos patrioteiros, e das taixairas da cunha...

Descobriu como. Os programas seriam emitidos meses depois da gravação. Tirando ao humor a circunstância, fica o humor sem caninos.

Finalmente, a RTP descobrira o que parecia impossível: a quadratura do círculo. Tinha o Herman José e não tinha o Herman José. Bravo!

Ao pé disto, Maquiavel é um franganote.

6

Compreende-se a expectativa com que se aguardava «Casino Royal». Expectativa gorada?

Não nos podemos impor aos artistas, exigir-lhes a adaptação ao nosso gosto. Claro que «Casino Royal» não é **Humor de Perdição.** O projecto é outro e como tal há-de ser avaliado, sem recurso a padrões.

Ignoro como vai evoluir a história. Mas repare-se nesta sequência: assistimos a actualidades dos anos quarenta, com algumas recuperações notáveis; até que assistimos aos grandes do tempo (ministros e nem só...) a entrar no casino que vão inaugurar; casino onde também entram Herman e sua trupe — como se subissem ao ringue do combate...

Esperemos que haja luta. Esperemos que ainda não seja desta que se prove a solução da quadrupetura, perdão!, da quadrotura.

7

Mas foi sobre o fraco, o primeiro episódio. Diálogos chochos, cenas deslavadas e arrastadas, o recurso às graças do domínio público, algumas delas com barbas até aos tornozelos. Qual o interesse em caçar lebres mortas?

Herman mastiga-se a si próprio. É uma pena vê-lo a imitar-se. Aquela espanhola, meu Deus, aquela mistura de Marilu e Maximiniana!

8

O que vai ser «Casino Royal» não sabemos. Herman José diz que o programa se vai progressivamente abandalhando, mas a informação não ajuda nada.

A verdade é que o primeiro episódio não deixou impacte. Os americanos, que percebem da poda, dizem que todos os programas que perdem a primeira batalha, perdem a guerra. Em televisão, dizem eles, as vitórias, são sempre por K.O. ao primeiro assalto.

Há excepções. Que **Casino Royal** seja uma delas.

Conhece-se aquela caricatura da estatística: na realidade, eu como dois frangos e tu não comes nenhum — mas na estatística cada qual come um frango.

Estamos no programa da manhã. Judite de Sousa (nem Deus, a facilidade com que ela pronuncia as palavras mais difíceis!) entrevista o engenheiro Ferrer Loureiro. E ficamos a saber que no Porto os autocarros andam em média 15 quilómetros por hora. Nada mal — penso eu — Tomáramos nós em Lisboa...

Depois o engenheiro explica que essa média se obtém contando com os arredores da cidade. Porque, no coração do Porto, a velocidade anda pelos cinco quilómetros...

Certo. É só substituir o frango pelo autocarro...

Ética? Para quê?

A política é um assunto perigoso que devia ser banido das relações sociais.

Quem fala é D. Odette, a industrial mazona e cosmopolita da telenovela **Vale Tudo.** Solange chamou-lhe fascista, mas D. Odette não se ralou muito.

Ela tem outras opiniões. Sobre a ética, por exemplo: «Não me falem de ética. Estamos num tempo de vale tudo geral.» Termina enfaticamente: «Para que serve a ética a quem tem uma sólida formação profissional?»

A vida copia a arte-como queria Oscar Wilde. A quantidade de donas Odettes que há para aí a imitarem a D. Odette de **Vale tudo...**

Antologia de Cavaco Siva

A Imprensa (com especial destaque para o «DL», diga-se) cuidou da entrevista do Primeiro-Ministro. Pareceu-me, no entanto, de grande utilidade ouvi-lo em directo. Seguem alguns extractos da entrevista. Com vista à posteridade.

1 — Uma alteração no Governo reflecte sempre o julgamento do primeiro-ministro.

2 — Enquanto os ministros são meus ministros, eu mantenho total confiança neles.

3 — A tarefa de governação é difícil e fatigante. Por isso é natural que Cadilhe e Beleza estivessem cansados.

4 — A minha mulher costuma dizer que isto é muito desgastante.

5 — Eu sou um primeiro-ministro que ouve muito, muito os ministros.

6 — Tenho um grandes respeito por Eurico de Melo, qualquer que seja a coisa que venha a acontecer.

7 — O dinheiro é sempre pouco e todos os ministros gostam de gastar muito.

8 — Não costumo apresentar a minha opinião no início do Conselho.

9 — Se aceitasse (a demissão isolada de Eurico de Melo) o país entraria num caos político.

10 — Dizer aquilo que se faria em tempos diferentes chama-se especular.

11 — Ninguém me pode acusar de ter feito uma governação só para ter bons resultados eleitorais.

12 — O país tem uma certa folga...

13 — Sou coerente, tenho princípios.

14 — Tenho feito tudo o que está ao meu alcance para ter uma colaboração frutuosa como o senhor Presidente da República.

15 — É minha convicção de que o PSD tem condições par voltar a ter a maioria.

16 — Temos trabalhado muito (no Governo), mas descurámos muito a exibição desse trabalho.

17 — O diálogo não é sempre encontrar soluções que agradem a todos.

18 — Ao longo de quatro anos de governação aprende-se bastante.

19 — O dr. Arlindo Carvalho tem uma grande admiração pela doutora Leonor Beleza.

20 — A obra da doutora Leonor Beleza não está em causa.

21 — Talvez eu próprio tenha sido o culpado de alguns mal-entendidos.

22 — Acredito nas virtualidades do diálogo.

23 — Decidi que, a partir de agora, qualquer meio de comunicação social, possa pedir no meu gabinete todos os meses a cópia do recibo do meu vencimento. Desafio os dirigentes dos outros partidos para que também com esta transparência, todos os meses, forneçam o recibo dos vencimentos que recebem como titulares de cargos políticos, das consultadorias que fazem a empresas, das profissões liberais que exercem e assim o povo português ficará a saber tudo aquilo que os políticos recebem.

24 — Nenhum político teve um aumento de 56 por cento.

25 — O Governo, nas eleições, não conseguiu passar a mensagem. O que ficou na cabeça das pessoas foi mentira, calúnia e deturpação que passou por partidos da oposição. Mas a partir de agora todos os meses os portugueses podem conhecer a cópia do recibo no meu gabinete.

26 — Penso que Santana Lopes tem competência política para o lugar.

27 — Estou neste momento muito preocupado com os preços dos legumes, das couves, das cenouras, até das batatas, das alfaces.

28 — É difícil evitar a caça às acções dos pequenos aforradores ou dos trabalhadores das empresas privatizadas.

29 — A nossa experiência é muito útil para os países do Leste.

30 — Portugal apoia a reunificação da Alemanha no quadro da Comunidade Económica Europeia e no quadro da NATO.

31 — É pena (o programa estar a acabar), pois havia tanta coisa ainda para dizer...

Palavras do prof. Cavaco Silva, na entrevista à televisão: «Temos de nos aproximar da Europa em muitos aspectos — nível de vida, educação, tecnologia —mas não podemos aproximarmo-nos dela noutros aspectos — o consumo da droga, a criminalidade e até na poluição do meio ambiente.

Curiosamente, dias antes, a BBC reflectia sobre as transformações a Leste. E dizia que, no Ocidente, quando se interrogavam sobre o sistema que iria substituir o sistema em derrocada, havia a tendência para responder: o capitalismo.

Na BBC acha-se que não é bem assim. Se no Leste há frustrações pela ausência do consumismo, também no capitalismo há inúmeras carências e frustrações motivadas pela fome, pela desemprego, pela destruição do meio ambiente e pela exploração desumana do Terceiro Mundo.

E a BBC exemplifica: quem está a comer, deliciado, a sua barra de chocolate ignora que estamos a comprar o cacau ao preço de há catorze anos. Que seria da nossa sociedade se exportássemos para o Terceiro Mundo tractores ao preço que eles tinham há catorze anos?

Texto de
Jorge Silva Melo

COM CINCO PEDRAS NA MÃO

M. faz, para a semana, 19 anos.

(Dio mio, podia ser meu filho!)

E estou eu a acabar de fazer o café, entra ele pela cozinha.

— Vi um filme genial.

E eu, contente, fazendo já planos para a próxima folga:

— O filme do Iosseliani?

Ele não sabe bem nem o nome nem quem o fez.

Mas conta-me a história: é o Mastroianni, tem um irmão, passa-se na Itália nos anos do fascio, o irmão está tuberculoso, morre, há um grande plano do Mastroianni a chorar.

— Ah! Cronaca Familiare!

— Journal Intime.

— Dois Irmãos, Dois Destinos em português.

O que eu gosto desse filme. Que não voltei a ver desde que, lavado em suculentas lágrimas, o vi no Monumental, ai Jesus, há bem mais de vinte anos!

— Zurlini. — prossigo — Fez dois filmes extraordinários, esse e o anterior. A Rapariga da Mala. Antes fizera um bem bonito, **Um Verão Violento.** Mas depois perdeu-se. E morreu há uns anos de cirrose, meio esquecido. Com uma dúzia de pessoas espalhadas pelo mundo para quem esses dois filmes são filmes muito do coração.

M. folheia o **Pariscope.**

— A Rapariga da Mala passa hoje.

— Vai ver. A correr.

E sentamo-nos à mesa, afastando os pratos do jantar da véspera, um cinzeiro entre nós.

E M. fala dos filmes que tem vindo a descobrir. O seu filme favorito: **A Noite do Caçador. E Ordet. E Le Mépris.**

— E os filmes de agora? pergunto eu.

— Acabo por não ver nada. Vi **Un Monde sans Pitié,** de Eric Rochant. Toda a gente dizia que era um primeiro filme de um jovem génio. Mas achei aquilo velho e pateta...E do que gostei foi de **La Ronde** de Max Ophuls.

— Mas não podes gostar de cinema se só gostas de filmes de quando ainda não eras nascido, feitos só por mortos, e com mortos. O cinema tem a ver com o que se passa à tua volta. Ali, na rua...

— Mas músicca só ouço Zappa. E Mingus. E James Brown...

— Mas não pode ser!

— Porque é que hei-de ir ver os filmes do Carax se posso, pelo mesmo dinheiro, ver a **Lulu** do Pabst? E porque é que hei-de ir ver o **Indiana Jones** se posso ir ver **O Túmulo Índio** de Fritz Lang?

Calo-me.

Não lhe digo, mas dou-lhe razão.

M. terá 19 anos e o cinema que descobre, que o faz pensar e sonhar, que o ensina a namorar, que o ajuda a escolher entre o Bem e o Mal, e também a escolher sapatos na montra do centro comercial é o mesmo cinema que, com a idade dele (e podia ser seu pai!) eu ia descobrindo guiado pela mão de outros que mais velhos dez anos do que eu (a gente do CCC, um dia falaremos dessa história secreta do cinema português) me assinalavam.

Mas é possível amar o cinema e amar apenas o **cinema de outros tempos?**

Como os melómanos que só ouvem de Bach a Debussy?

É possível amar a pintura e só percorrer o Louvre ou a Pinacoteca de Siena?

Só ler Camões e Flaubert?

M. não sabe bem o que vai fazer. Mas mexe-se pelo meio cinema. O pai é actor, ele já fez um papel num filme, namora uma assistente de imagem, o seu maior amigo é assistente de montagem...

Estará no cinema do futuro próximo.

Mas para fazer o quê?

Não foi a percorrer o Louvre que os grandes movimentos da pintura se criaram. Não foi por ler Zola ou Galdos que Kafka escreveu. Não é o passado quem melhor nos permite falar do que se passa por dentro do nosso coração.

Não?

Mas Schoenberg e Brahms?

E a Nouvelle Vague e a cinemateca?

E cá dentro, esta inquietação: pertenço ainda àqueles primeiros que descobriram no cinema do passado e nas viciosas salas das cinematecas a **a actualidade do cinema do passado.** Cresci por salas de reprise, tentei a custo ver o que antes de mim se fizera, passo a vida a gravar filmes e a comprar cassettes dos **meus** filmes favoritos (e poucos, muito poucos, destes últimos cinco anos...); Quase me vieram as lágrimas aos olhos quando o M. me falou de Zurlini, tão querido pequeno mestre.

Mas tive sorte.

Ainda vi estreias de filmes que levo no coração para a ilha deserta que, espero, tenha uma sala de projecção melhor que o Quarteto. Ainda vi em estreia **Os Verdes Anos** de Paulo Rocha e **Belarmino** de Fernando Lopes. E **Os Pássaros. E Hatari!...**E Cassavetes e Jerry Lewis e Kazans...E **La Chinoise...**E os primeiros Straub...E Pasolini.

Viver pelas cinematecas ainda foi para mim viver o presente.

Podia-se amar o Griffith e o King Vidor mas sonhava-se indiferentemente com a Gish e com a Karina, com o Murnau e com o Skolimovski que então começava.

M. não tem essa sorte.

Na música, no cinema, tudo se passou antes de ele nascer.

É o que eu penso.

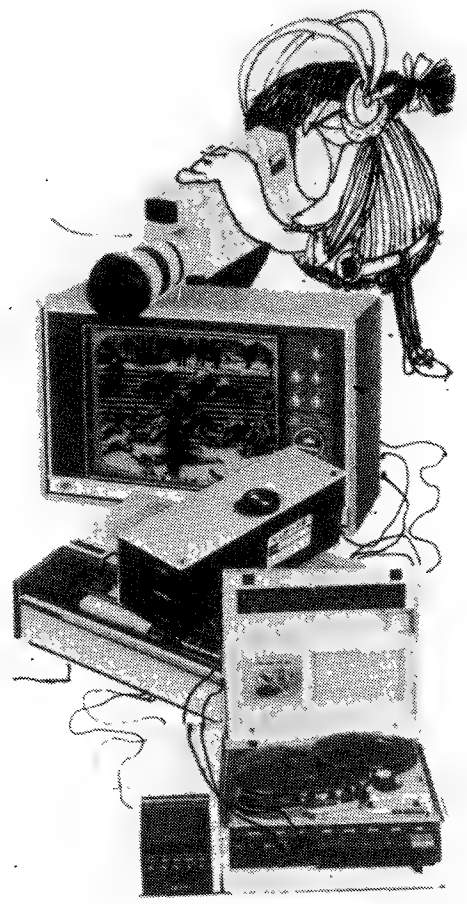
Mas o que eu acho estranho é que também ele o pense.

Que também a ele os filmes de hoje em dia digam pouca coisa, que prefira o convívio dos mortos à camaradagem dos vivos.

Como sobreviver ao passado do cinema, cada dia mais próximo de nós?

Que arte pode sobreviver à imposição do seu passado?

Ezra Pound é evidente.



Ou Godard.

Mas...

Quem irá falar de ti. M.?

Dos ciúmes que tens porque a tua tão linda namorada está longe, deste café que bebes, desta conversa ao pequeno almoço com este português que podia ser teu pai, do horror que sentes quando se fala dos **jovens...?** Quem irá falar disso?

A idade do ouro acabou.

E depois?

Se não procuras o dia de hoje, como podes gostar de cinema?

E leio numa revista parva **(Studio)** umas declarações recentes de Bertolucci a propósito da rodagem que dirige de **Um Chá no Saará** de Paul Bowles.

Não me apetece filmar esta espécie de mutação por que passa a sociedade ocidental. (...)Filmar a horrível ilusão da sociedade de consumo, não. Devo, aliás, confessar que me encontro numa situação de fuga que durante muito tempo critiquei.

Bertolucci, o mesmo que há trinta anos fazia dizer a uma das suas personagens **Não se pode viver sem Rosselini!**

Também ficarás assim pateta, M.?

Não, pois não?

E os dias passaram. E M. chorou com a **Rapariga da Mala.** E viu o Wild River do Kazan e dois lindíssimos filmes de Walsh.

Mas veio-me dizer:

— Parece que em Lisboa há um tipo bestial. Que fez dois filmes em duas ou três semanas, sem dinheiro...

— O Quim?, pergunto eu.

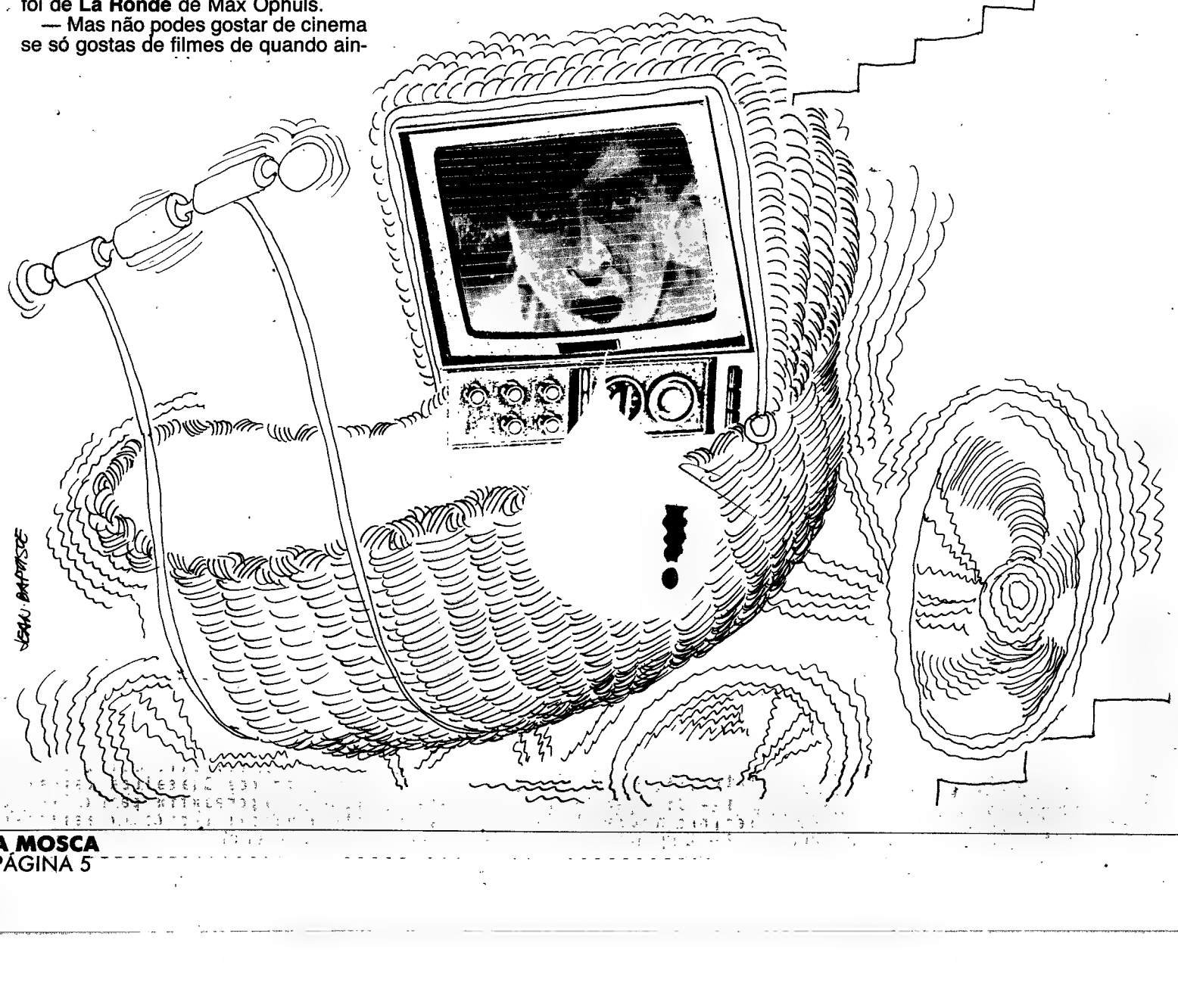
— Joaquim Pintó, diz ele.

Prometo mostrar-lhe mal haja hipótese.

E fico tão contente.

M.! Talvez ainda haja cinema do teu tempo.

Vamos a descobri-lo?



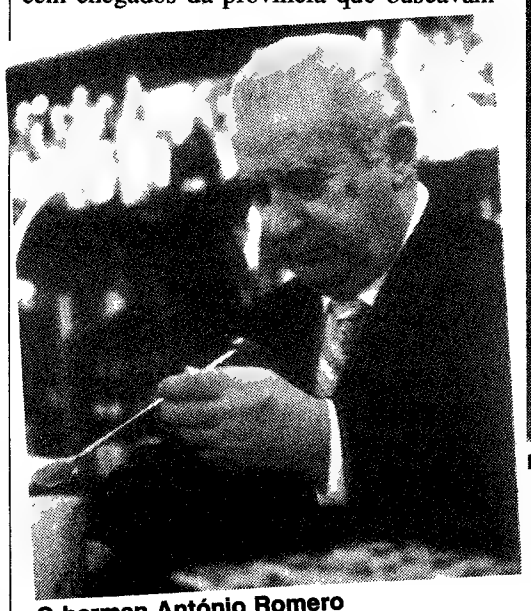
Texto
Lurdes Féria
Fotos
Jorge Nogueira e Pedro Cláudio

APERITIVO EM MADRID
MUSEU CHICOTE
O BAR
DO SEÑOR HEMINGWAY

Mantem-se a decoração modernista

Os espanhóis, para além da *siesta*, que é uma instituição nacional, cultivam o hábito do aperitivo. Beber e "picar algo" faz parte da sua cultura, de uma maneira de encarar a vida em função do prazer. Sempre foi assim, nem mesmo durante a guerra civil tais impulsos hedonistas foram refreados. Os bares continuaram a funcionar, caso do Museu Chicote, especializado no serviço de cocktails, que acabara de abrir no centro nevrálgico de Madrid, a cosmopolita Gran Via. Lugar muito concorrido, era frequentado nessa época por Ernest Hemingway, posteriormente distinguido com o Prémio Nobel da Literatura, que se notabilizou não só, devido ao talento literário, mas também porque apreciava as sensações fortes e a bebida.

Vinha do hotel Flórida, na praça de Callao, cosido com os edifícios, afrontando os riscos de um quotidiano imprevisível. Com uma decoração modernista, ao gosto da época, e o brilho do novo estampado nos cromados, o "Chicote" tornou-se o poiso dos correspondentes estrangeiros, incumbidos da missão de transmitir ao mundo as notícias da guerra, e ainda de alguns recém-chegados da província que buscavam companhia feminina.


O barman António Romero

Ao fim da tarde, *señoritas* mundanas, a cheirar a pó de arroz Tokalon e a perfume Tabu, aqueciam o ambiente do "Chicote" com os seus sorrisos prometedores. Eram pálidas e lânguidas, em harmonia com os padrões estéticos dos anos trinta, e usavam compridos colares de pérolas. O barman António Romero, de 62 anos, evoca a atmosfera desse Madrid, " sem telefones nem táxis", que resistia ao isolamento, suportando toda a espécie de privações. "Comecei como groom e fazia recados. Lembro-me perfeitamente das batalhas, travadas na cidade universitária, e dos bombardeamentos. Conheci o Hemingway, um indivíduo carinhoso e com a paixão das festas taurinas, que falava muitíssimo bem o castelhano. Voltei a vê-lo em 1954, na altura em que recebeu o Nobel. Por vezes, abusava da bebida, mas nunca o vi perder a compostura. Nos anos 50 apareciam no Chicote diversos artistas...Cantinflas, Maria Félix, Agustin Lara e a divina Ava Gardner, acompanhada pelo seu séquito de matadores. Normalmemte, pedia um manhattan que é uma variante do dry martini".

A sua doutrina era a do álcool

A década de 50 coincide com a fase dourada do "Chicote" que, entretanto, se degradou, atingindo uma fase de dedadência. Ali, iam os ministros franquistas, os intelectuais afectos ao regime vitorioso e as damas elegantes que vestiam modelos de Balenciaga, costureiro estabelecido no quarteirão em frente, no outro passeio da Gran Via. Tomavam bebidas puras, sem misturas, para contentar o regime que defendia um patriotismo de pacotilha. Caprichos que provocaram o gradual desaparecimento da moda dos cocktails. "O bar atravessou um período difícil, a recuperação do antigo prestígio deu-se recentemente, sob a direcção da família Portilla".

Ao fundador da casa, Perico Chicote atribuiam-se simpatias fascizantes, tanto mais que cumpriu o serviço militar ao lado dos generais africanistas que metralharam Madrid. Porém, há quem o considere alheio às ideologias políticas, o mais provável é que não se interessasse por nenhuma doutrina, a não ser a do álcool. Perito na arte de combinar bebidas, deixou escritas 873 receitas de cocktails, agora reunidas num livro publicado pelas edições Siruela.

No ponto culminante da sua carreira, iniciada no hotel Palace, converteu-se numa figura querida do poder que costumava requesitá-lo para os banquetes oficiais. A biografia de Perico Chicote, marcada pelo sucesso, correspondia ao figurino do indivíduo que, saído do nada, consegue ascender a uma posição social de destaque. "O patrão competia com os barmans de reputação internacional, obtinha sempre os primeiros lugares nos concursos em que participava. A cave do Chicote chegou a reunir 22 mil garrafas, provenientes do mundo inteiro, o que explica a história do museu. Como Pelé, que meteu um milhar de golos, nós batemos o recorde dos cocktails: numa noite fizemos 425".

Para a cura das ressacas

Nostálgico do explendor de outrora, Romero Garcia agita o *shaker* num ritmo cadenciado, qual tocador de marimbas de orquestra sul-americana. Consoante o estado de espírito do cliente, assim ele prepara a mistura que o porá calmo ou eufórico. Ao que afirma, nada de mais apropriado para a cura das ressacas do que um bull-shot, também designado "sangue de touro". Quando ingerida de manhã, antes do pequeno almoço, esta mistura, espessa e de côr rubra, anula os incómodos provocados pela bebedeira. Da lista do "Chicote" constam 33 cocktails, cuja composição o barman não se importa de divulgar. Se tiver inspirado, improvisa. Altera as fórmulas introduzindo-lhes as variantes que, no momento, lhe ocorrerem. Daiquiris ou mojitos, tudo depende dos humores e dos rasgos criativos que, na ocasião, o animarem, embora a clientela confie nele, no acerto com que doseia quantidades e sabores. "Está a ver aqueles cavalheiros idosos? Formam um tertúlia há mais de trinta anos, o tema das suas conversas incide sobre toiros e artes plásticas. São milionários, gente ligada à alta finança."

Sentado junto à janela, tapada com grossas cortinas, um economista de Saragoça bebia, sozinho, uma cerveja. Aludindo ao desprezo devotado aos cocktails, no tempo de Franco, exprime-se com a ironia acutilante que define os espanhois. "Entrei no Chicote arrastado pela saudade, sinto-me como se estivesse no Madrid dos anos cinquenta. A memória deste bar está ligada ao país exótico e bárbaro que os turistas procuravam. Não representa a Espanha actual e civilizada, apta a enfrentar os desafios da modernidade. A entrada no Mercado Comum foi positiva, mas suponho que vamos sofrer uma forte colonização económica e cultural. Impõe-se, portanto, face à invasão, salvaguardarmos a nossa identidade".

Romero Garcia prepara-me mais outro cocktail (o sétimo?), desta vez confeccionado com champanhe, um das especialidades que grangeou fama ao bar de Perico Chicote. Baptizaram-no com o nome de Chicote e leva uma rodela de laranja. O êxito advem-lhe da qualidade da cava, à semelhança do "cubano" que não dispensa o rum autêntico. Cubano que não fica atrás daquele que é servido no "Floridita" de Havana, onde paira ainda o fantasma de Hemingway. Espírito peregrino que se encontra também no "Harry's" de Veneza, e está fisicamente presente sobre o balcão do bar do hotel Ritz, na rua Cambon, em Paris. Aqui, imortalizado num busto de mármore. O mito: touradas, caçadas, pescarias, brigas, memoráveis bebedeiras e uma relação dolorosa com a escrita.

TRABALHO DE CASA

ERNESTO SAMPAIO

O INCÊNDIO DAS BIBLIOTECAS

O incêndio da Biblioteca de Alexandria sempre impressionou vivamente as imaginações.Parece,no entanto,que não passou de um acontecimento relativamente menor,limitado à destruição de dois ou três armazéns,nada,em todo o caso,comparável ao apocalipse que perdurou nas representações da posteridade.

Toda a cultura,porém,sem distinção de épocas,contém a necessidade surda de imaginar,sob as cores mais vivas,a possibilidade simultaneamente fascinante e horrível - como o fogo -do seu desaparecimento súbito e irremediável : é essa expectativa,esperança e temor,que a perpetua.Seria o incêndio dos livros o mito de que toda a cultura tem necessidade para sobreviver ?

Porventura melhor ainda : o carácter espectacular desse incêndio imaginário parece destinado a ocultar um outro incêndio,invisível mas real,que alastrou sob as brasas sem chamas : o fogo que,precisamente em Alexandria,no próprio coração da Biblioteca,consumiu lentamente a literatura grega,sufocada sob o peso sempre crescente das glosas,exegeses e tratados filológicos da ciência alexandrina.Incêndio hoje reavivado no fulcro da nossa própria Biblioteca,abafando a poesia com o fumo da poética e a literatura com o da retórica.Mais devorante do que qualquer auto-de-fé,essa fogueira reduz as obras a comentários indefinidos,lambidas pela crítica até delas não restar mais do que cinzas.

Digamos que o livro é devorado pelo livro.O livro que de si mesmo infinitamente se engendra nesse tropel permanente de comentários que ao mesmo tempo o constituem e negam.Quem,pelo menos uma vez,entrando nas livrarias,não foi tomado de pânico perante as centenas de novos livros chegados durante a semana,encalhados em cima de todos os escaparates disponíveis ? O bibliófilo conhece bem essa outra espécie de vertigem provocada pela idèia dos restantes milhares de título

Segundo Jorge Luis Borges,o homem que ordenou a construção da limensa muralha da China foi aquele mesmo imperador,Chi Hoang Ti,que ordenou a queima de todos os livros anteriores ao seu reinado.Borges,conforme era seu hábito diabólico,multiplica as explicações possíveis.Uma delas,a mais aparentemente improvável e sem dúvida a menos falsa,fascina-o sobre todas as outras :«Talvez Chi Hoang Ti pensasse :os homens amam o passado,e contra esse amor nada posso,nem eu,nem os meus carrascos,mas um dia virá um homem com sentimentos iguais aos meus,e destruirá a minha muralha como eu destruí os livros,e apagará a minha memória,e será a minha sombra e o meu espelho,e não o saberá.Chi Hoang Ti talvez tivesse encerrado o império na imensa muralha porque o sabia perecível,e destruído os livros na ideia de que eram livros sagrados,quer dizer,livros que ensinam o mesmo que ensina o universo inteiro ou a consciência de cada homem.O incêndio das bibliotecas e a construção da muralha talvez sejam operações em que cada uma,secretamente,se anula a si própria».

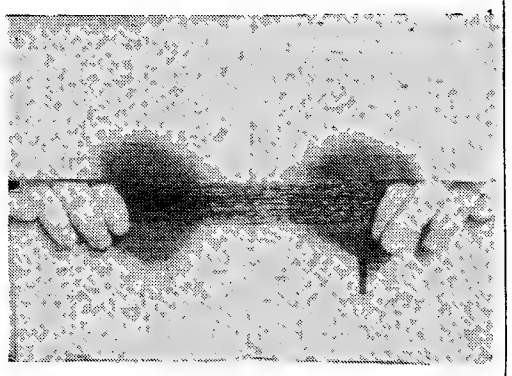
Há uma resistência dos livros e da memória.Por vezes,entre os destruidores,andam perdidos coleccionadores que conservam alguns exemplares,tanto mais preciosos quanto mais organizada foi a perseguição;não raro,a perseguição produz herois prontos ao martírio para salvar os seus livros.E mesmo que alguns livros desapareçam,o desejo de escrever e publicar,de reconstituir uma cultura desaparecida,é como a fénix renascida junto das grandes fogueiras de livros.

É benéfica esta resistência do livro,pois que a biblioclastia,a vontade de abolir os livros raramente é um acto transgressor,subversivo.As mais das vezes o ódio aos livros é um dos avatares da política do poder e da manutenção da ordem.Os imperadores (Chi Hoang Ti,por exemplo),os fascistas (na Alemanha,no Chile) e as igrejas estabelecidas (a Inquisição) adoram pegar fogo aos livros,de preferência com os escritores no meio.É então frequente que a biblioclastia se organize em nome de um livro único : «Mein Kampf»,por exemplo.

Nos países mais «civilizados»,o estado e os seus aparelhos repressivos e ideológicos só raramente têm necssidade de organizar espectaculares queimas de livros. Preferem liquidá-los por outros meios, quais sejam os de recorrer ao constrangimento económico,com a cumplicidade de editores,livreiros e meios de comunicação social,para impedir a publicação e sobretudo a difusão de obras consideradas perigosas pela classe dominante.Os editores que não entram no jogo depressa ficam arruinados.

Convém,portanto,lutar pela livre circulação dos livros,contra as censuras económicas e políticas,contra os autos-de-fé.Mas no próprio interior deste combate,não é necessário considerar qualquer livro com uma veneração fetichista.Não é,na verdade,desejável olhar as livrarias e as bibliotecas como templos,já que em muitos dos livros que albergam correm insidiosos imperativos e desígnios anti-livro.

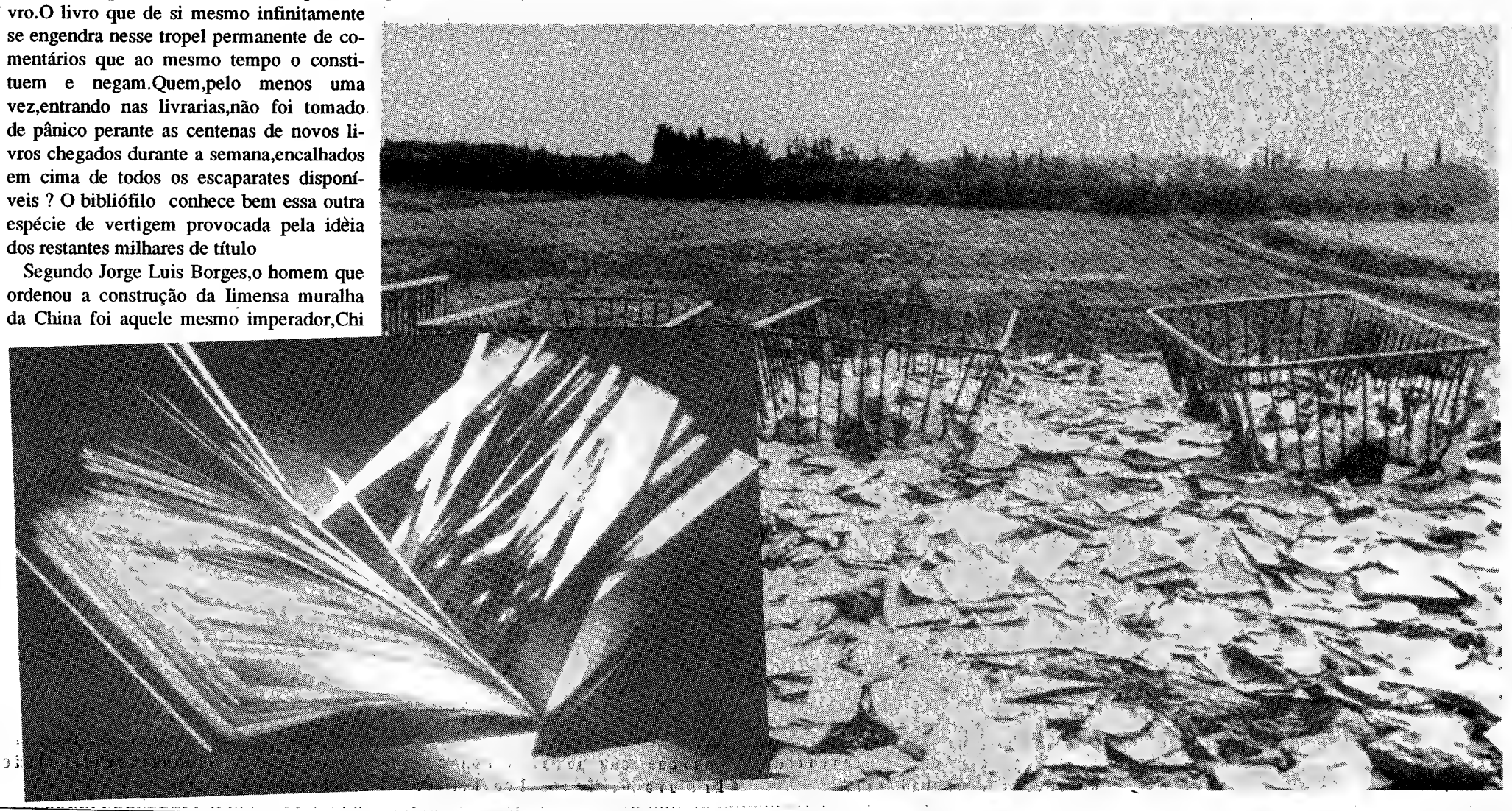
Os produtores de livros diferentes põem o livro à prova, prevertendo-o, falseando-o,dando-lhe um uso contra-natura,tentando libertá-lo da sua forma tradicional.Estão



com o livro,por ele mesmo.E se jogam perigosamente com a sua estrutura,de nenhum modo desejam destruir os livros dos outros.Anima-os uma biblioclastia sem qualquer relação com a dos defensores da ordem.Não pretendem,em geral,substituir uma ordem por outra.Consciente ou inconscientemente,são adversários de todas as ordens estáveis,e é contra a estabilidade das formas do livro que a sua prática funciona.

Sair do formato rectangular (tão prático para alinhar os livros numa prateleira) constitui uma boa maneira de depravá-los.Os livros deixam de corresponder a imperativos económicos,sendo mais difícil fabricá-los e armazená-los.Também já houve quem os fabricasse em forma de salsicha,pirâmide ou cubo,e em tempos o grupo Fluxus (francês,naturalmente) lançou no mercado pequenos livros redondos,muito baratos.

Mas também é possível,para depravar o livro,em vez de lhe modificar a forma,conservar a sua aparência exterior e recheá-lo de conteúdos inabituais.É um trabalho muito mais raro e difícil.



Texto de
Eduarda Dionísio

CONVERSAS DE PAREDES

Deixo os muros (e suas quedas) aos políticos e a exploração dos seus sentidos profundos aos publicitários.

Fico-me, mais modestamente, pelas paredes — aquelas que vemos todos os dias e dentro das quais vivemos.

Só recentemente me dei conta — a gente a tudo se habitua — que as paredes são coisa mais terrível e temível do que parece.

E não estou a pensar no desagradável que é ser «levado à parede» numa discussão e muito menos no dramático que é ser «encostado à parede», e então revistado, desarmado ou fuzilado, nem nas marcas de má memória que as paredes gostam de exibir: balas de guerras, marcas de cheias. Nem das paredes das prisões.

Não falo aqui sequer daquele sentimento incómodo que é muitas vezes sentirmo-nos «entre a espada e a parede», nem de darmos por nós outras vezes a «bater com a cabeça contra as paredes».

Nem estou a aludir à frequência com que temos a sensação de «falar para as paredes», nem dessa ofensa que é compararem a dureza do nosso entendimento com a de uma parede.

Paredes incómodas

A ideia de que estamos sob a permanente ameaça das paredes tornou-se para mim muito clara, num momento de desocupação, desses que acontecem às vezes nos 7 minutos de descanso que se tem de aula para aula. Estava, entre paredes, numa sala de professores — paredes de madeira, daquelas de umas efémeras construções escolares (entre o «saloon» de «Far-West» e a casa de campo norueguesa) que ainda hão-de durar quando a anunciada revolução do ensino começar a fazer-se sentir, lá para depois do ano 2000.

A ameaça que senti não teve, pois, a ver com qualquer perigo de derrocada. Derivou da atenção desusada com que passeei o olhar por elas.

Suponho que não me acontece só a mim evitar quanto possível olhar para as referidas paredes. Não é por uma questão de repulsa estética, visto que de há muito estou habituada — e até afeiçoada — à acumulação de papéis dactilografados que se vão amontando nos «placards» que espreitam por trás uns dos outros e donde vão desaparecendo os **punaises** para se afixarem os A4 seguintes. Confesso que a informação a mais me ofende menos do que a informação a menos.

O que se passa na realidade é que não só a descoberta de um aviso novo na floresta dos antigos exige normalmente um esforço desproporcionado ao interesse do seu conteúdo, mas também já está de há muito provado que a excessiva atenção dada às fotocópias dos despachos, decretos, circulares, respostas a pedidos de esclarecimento sobre remunerações, actividades e obrigações acarreta escusadas desilusões, aborrecimentos, trabalhos acrescidos, deslocações aos serviços administrativos, preenchimento de impressos, declarações em papel azul, aquisição de selos fiscais, requerimentos, além da comparência em reuniões que não correrão nem melhor nem pior com ou sem a nossa presença. Parece não haver dúvida de que, segundo a velha filosofia do «enquanto o pau vai e vem folgam as costas», só se deve tomar conhecimento de semelhante papelada o mais tarde possível, ou seja, no limiar da ilegalidade. É que pode acontecer, por exemplo, por via da leitura de um papel afixado na parede, «tomarmos conhecimento» que diminuímos o tempo de serviço que já tínhamos — e isso, quanto mais tarde melhor. Mas, verdade seja dita, também podemos ter a alegria de ler as boas-festas que o senhor ministro teve a delicadeza de nos enviar.

O carácter fortemente ameaçador das paredes de semelhantes locais não se prende, pois, com estas esporádicas leituras. Tem uma outra origem.

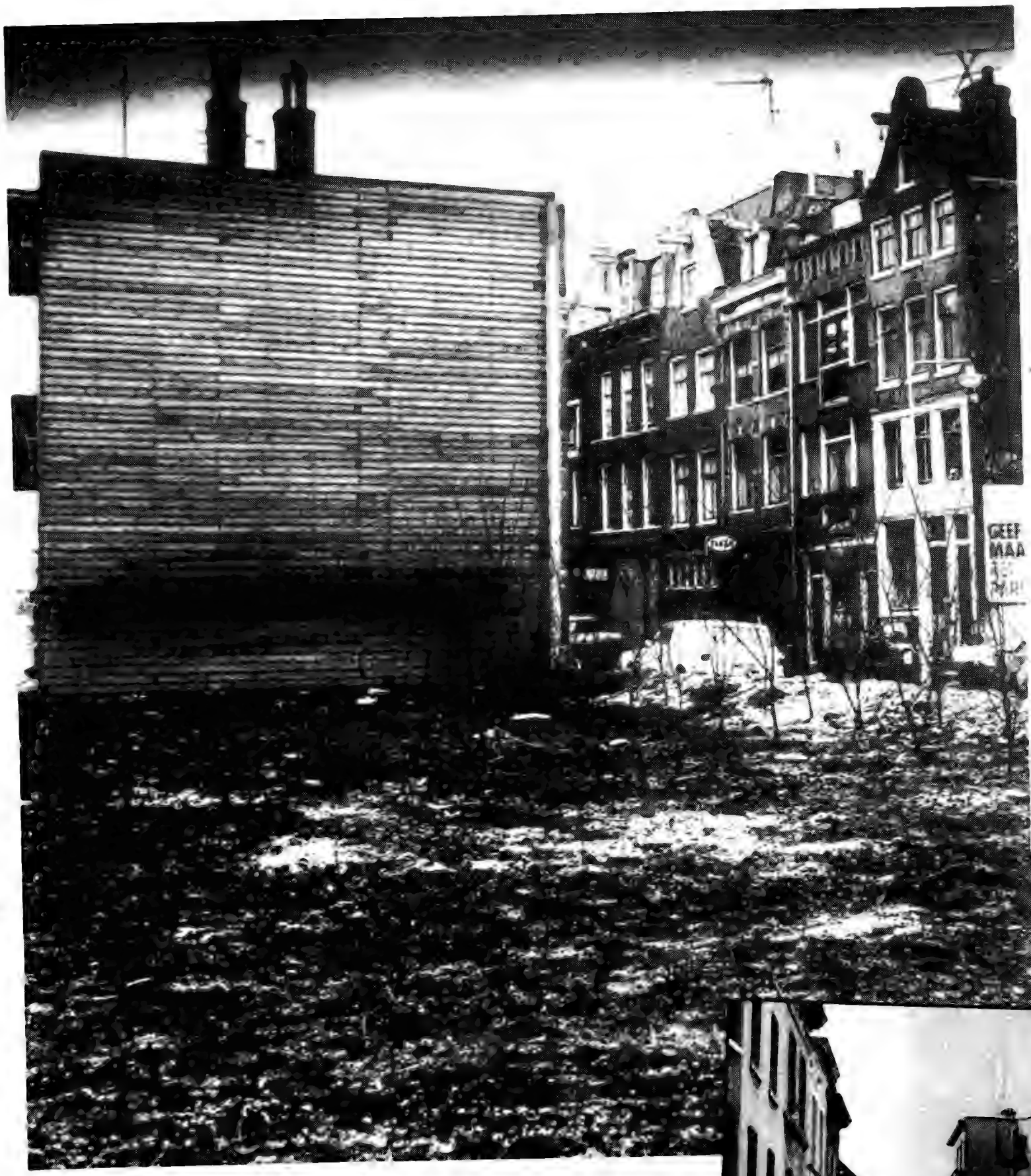
Paredes ameaçadoras

Descontando um cartaz um pouco amarelecido, afixado junto ao tecto, que diz LIBERDADE por entre os ramos de uma árvore, e de um outro, colocado à mesma altura, em idêntica posição tutelar, comemorativo do Dia do Conselho da Europa (ou da Europa propriamente dita, não sei bem — as letras são minúsculas), com uns enigmáticos passarinhos pousando em bando na borda de um rochedo (ou de um precipício à beira-mar) e uma enorme gaiola mais ou menos voadora e que diz UNIDOS PARA A LIBERDADE; para lá ainda de uns quantos anúncios de espectáculos levados por mão amiga e de umas publicidades coloridas e vibrantes de algumas editoras escolares em concorrência, as paredes só nos proporcionam razões de fundado terror.

Pendurado pelo único **punaise** que resta depois de alguns meses de exposição, num **placard** destinado aos professores de Matemática, pende um consciencioso alerta contra a SIDA: patrioticamente, a vermelho está o que não podemos fazer se queremos proteger e a verde o que, apesr de tudo, nos é permitido. (Sosseguei: pelo menos, não há perigo de contágio através das picadsa de insectos).

Cavalgando dois **placards** de corticite, o anúncio de um simpósio sobre Toxidependências, em sequência de numerosa informação sobre o Projecto-Vida e completado por um volume deixado para consulta sobre a mesa, onde se enumeram as condições de acesso ao Centro das Taipas, as regras a que estão sujeitos os internados, o número de peças de roupa que é possível levar para a cura, etc...

Espalhados por paredes várias e nos **placards** das disciplinas científicas, um conjunto de extensos e numerosos desdobráveis e cartazes que têm por título UM PAÍS AMEAÇADO. Trata-se de Portugal e do combate à construção clandestina que nos aconselham a não fazer, dissuadindo-nos de tal prática através da imagem de um polvo e seus poderosos tentáculos («construir clandestino é destruir»), inúmeros sinais de sentido proibido e um desenho constituído por filas de



simpáticos e multicores elefantes que vão aumentando de número, de fila para fila, segundo o esquema da conhecida ladainha por eles inspirada, que, no caso vertente é «se um elefante incomoda muita gente, dois clandestinos incomodam muito mais», até que na ponta inferior direita surge o pacífico, salvador e moralizador **bulldozer.**

Presa dos mais vivos terrores, contra as causas dos quais me senti irremediavelmente impotente, implicitamente responsabilizada por inconsciente cruzar de braços perante um país em ruínas atacado, pelos vistos, da cabeça aos pés, por vícios, doenças, ilegalidades de todo tipo, uma vez que nem capacitada me encontrava (por razões mais que óbvias) para seguir as normas do «construir legal» que nos aconselham, virei a cabeça na esperança de poder repousar o olhar nuns centímetros quadrados de parede silenciosa — sem convocatórias, nem ensinamentos, nem conselhos.

Em vão. Perto do chão, junto ao umbral de uma porta, a Comissão Nacional da Juventude perguntava-me em grandes letras: Prometeram-te um emprego? E pedia-me: Conta-nos a tua experiência. Fiquei sem saber se era comigo, mas de qualquer modo tratava-se de coisa séria: o cartaz tinha escrito Fundo Social Europeu e o apelo era feito dentro de uma **claquette** de cinema...

O menino selvagem

Estava reduzida, para não sucumbir a tanta desgraça e a tanto dever cívico, a dar alguns passos, num movimento de saudosismo inexplicável ou de consciente alienação, para perscrutar o **placard** sindical, colocado no mais fundo dos fundos da sala. Mas não precisei de me deslocar: reconheci de longe os panfletos que explicavam aos mais distraídos quais as vitórias obtidas nas últimas greves e uma circular do presidente da minha «associação de classe» que, além de me desejar boas-festas e bom ano, como o ministro, me aconselhava a encarar o tal «Estatuto de Carreira Docente não-superior» (para os íntimos ECD), tão largamente querido e suspirado, que finalmente me ia conferir a dignidade que sem ele nunca teria, mas que não preenchia **ainda todas as pretensões dos professores, como se fora uma tinham caído sobre o Menino Selvagem** de François Truffaut que passava no 2.º canal. Havia a admiração sem fim pela dedicação e espírito de sacrifício daquele homem que tudo tinha feito ao seu alcance para caridosamente elevar aquele pequeno ser desprotegido da sorte à categoria de Homem, com todo o seu sentido moral. Havia a pena e a repugnância física por o corpo de uma criança que era uma chaga pegada. Havia ainda uma raiva grande contra os que não deixaram um selvagem continuar selvagem, já que nos bosques seria certamente mais feliz. Cada uma disse e calou — mais, ou menos, sensíveis aos males da SIDA, das toxidependências, dos clandestinos, do desemprego...

Lembrei-me dum tempo em que o **Menino Selvagem** era frequentemente exibido em escolas, nalgumas pelo menos, e como era discutido com entusiasmo.

Cabeças indefesas

Nesse tempo, as paredes acabaram de deixar de ser essas entidades temidas que tinham sobretudo ouvidos (e até aparelhos para ouvirem melhor) e haviam enfim tomado a palavra: diziam, exclamavam, insultavam, discutiam, propunham, faziam rir e não se importavam de ser cravadas de «punaises» e agrafos para serem elas que passavam parte dos testemunhos.

Nesse tempo, as paredes não eram estendais de perigos e de normas para fazerem de nós modelos de civilização, cidadãos parentes pobres dos cidadãos exemplares duma Europa envelhecida, isto enquanto os verdadeiros «perigos» andam à solta e estão de saúde como ninguém.

Hoje é por entre o consenso do «é proibido afixar anúncios nesta propriedade», do mito da cidade limpa onde quem tem dinheiro aluga espaço para falar, da democracia do «lugar próprio para afixar», dos equívocos das lutas

«obra aberta», segundo Umberto Eco, no dizer do dirigente.

(Finalmente, a Cultura!)

Ao memso tempo, nas minhas costas ouvi três pessoas que falavam. As três tinham fugido na véspera, apavoradas, de um anunciadíssimo e mais que científico programa televisivo bastante europeu sobre o cancro e doenças afins, feito para nosso bem e para nos prolongar a vida e suas alegrias. As três contra a poluição, que se vai instalando uma cidade calada, sem memória, sem crítica, sem desejos e sem projectos — na protecção da nudez acinzentada das paredes e também na sua festiva cobertura com garatujas — virus, epidemias, calamidades, corrupções em banda desenhada. Tudo com a digna chancela do Estado.

São paredes assim que hoje desabam todos e dias sobre as nossas cabeças indefesas.

Conto de
Jaime Rocha

METRO morfoses

VELAS, VIÚVAS E VIM

As duas viúvas vinham já numa grande discussão quando entraram na carruagem do metro. Uma delas dizia que toda a sua devoção ia para o Sousa Martins. Ele havia-lhe curado um peito e diversas infecções graves.

«Aos sábados vou lá à estátua acender uma vela», disse uma das viúvas.

A outra procurava insistentemente um lugar para se sentar.

«Para mim é o padre Cruz. Já a minha mãe tinha uma grande fé nele».

Gregório S. estava absorto com um pensamento negativo. Dias antes, um jornalista finlandês morrera num acidente de viação no deserto. Era uma ideia fixa que não conseguia limpar da cabeça.

Um acidente no deserto, lá para o Mali, parece impossível! Era um fotógrafo que se preparava para retratar as proezas de Ari Vatanen. Viajava num Peugeot 405-116. O seu nome era Kaj Salminen.

Foi um dia mau para Gregório S. A sua vontade foi atirar os jornais fora. Mais de 40 pessoas tinham morrido numa discoteca de Saragoça, a dois passos da catedral da Virgem do Pilar e dezenas de outras estavam a morrer no Azerbaijão. Simpatizava com os arménios, mas não podia fazer nada. O próprio Kasparov sentia-se indignado com o que se passava.

Distraiu-se a ver um angolano que mordia o rebordo metálico de um calendário. Apeteceu-lhe também mordê-lo, devia ter um gosto a tinta fria, talvez açucarada.

As viúvas falavam agora mais baixo.

«Quando chove não vou ao Sousa Martins, as velas não acendem e a cera estala, é uma tristeza, as flores apodrecem. Então venho aqui a Benfica, ver o meu».

«O que eu gosto é de chegar ao pé do padrezinho Cruz, coitadinho, pôr uma moeda e rezar, rezar. Não há sábado nenhum que não vá lá, desde que o meu se foi».

A conversa das viúvas entusiasmou Gregório S. Um era do norte, de Valpaços. Tinha vindo para Lisboa logo a seguir ao casamento. O marido havia sido chauffeur de táxi. O da outra fora empregado de mesa na rua dos Sapateiros. Um está hoje no Alto de São João e outro em Benfica, num gavetão.

«Eu já a tinha visto à porta do jazigo do senhor padre Cruz», disse a do Sousa Martins.

«Venho todos os sábados. O meu está no Alto de São João, mas é aqui que eu venho, tenho esta devoção», respondeu a do padre Cruz.

Saíram na estação do Colégio militar. Gregório S. seguiu-as. Desde a morte de um conhecido poeta português que se suicidou por ninguém lhe editar os livros que não entrava num cemitério.

A viúva devota do padre Cruz beijou a porta do jazigo e ficou silenciosa. A outra afastou-se pela ala principal, em direcção aos gavetões. Ia olhando para os túmulos, abanando a cabeça. O gavetão do marido estava cheia de terra. A chuva acumulara-se nos blocos de mármore e deixara atrás de si um rasto de lama.

Alguns gavetões tinham uma janela envidraçada por onde se viam pequenas caixas tapadas com panos completamente desfeitos pelo tempo, estatuetas de santos e crucifixos repletos de pó. Num deles avistava-se uma fotografia antiga de uma mulher vestida de espanhola. O chão estava cheio de papéis, plásticos e embalagens de leite com chocolate.

O sol aquecera as alas entre os túmulos, muitos deles abandonados, com vidros partidos. Um gato saltou assanhado detrás de um monte de tijolos. A viúva tirou um lenço num gesto rápido, ao aproximar-se, sabendo de antemão que ia chorar.

Abriu o gavetão, limpou-o com um pano turco, sacudiu as flores de plástico, soprou para dentro, benzeu-se e fechou-o. Tudo feito com uma sabedoria muito própria, num tempo preciso, enquanto chorava e conversava com as cinzas.

Junto ao padre Cruz, a outra viúva não podia acender velas. Estava escrito que era

proibido. Na parede exterior do jazigo, uma tabuleta aconselhava os visitantes a depositar o custo das velas na ranhura das esmolas, assegurando que essa quantia se destinava à «Causa da Beatificação do Padre Cruz».

Lá dentro, no jazigo alcatifado, por baixo do retrato emoldurado do santo, sobressaíam, para além de uma vaso de flores , uma vassoura e uma embalagem de Vim

Gregório S. tinha ido ali não sabia bem por que razão. As viúvas não tinham nada de anormal, nada que o fizesse interromper a sua viagem de metro e faltar a um encontro com Teresa, uma jovem que conhecera num centro comercial e tinha respondido a um anúncio do Círculo de Leitores, saído em quase todos os jornais.

Saiu do cemitério porque o sino anunciava a chegada de vários funerais. Perto da entrada, nas traseiras da casa dos guardas, um casal, atarefado, lavava um carro com uma mangueira.

Em frente do muro, cá fora, um rapaz de riso apatetado seguia as ordens de um velho arrumador de automóveis, em gestos largos, alheio à dor dos recentes enlutados. Chegou-se a Gregório S. e perguntou:

«Deixou lá alguém?».

«Não».

O rapaz limpava a orelha com um fósforo.

«Foi visitar».

Gregório S. procurou uma moeda na algibeira.

«Se não tem quem limpe, eu faço-lhe isso barato, lavo-lhe a janela do gavetão, mudo-lhe as flores. Campas também. Ou é jazigo?».

Gregório S. deu-lhe vinte escudos:

«É para uma vela ao padre Cruz».

O rapaz pôs a mão no bolso e coçou-se.

«É proibido», resmungou.

«Mesmo assim», respondeu Gregório S., voltando para o metro.

Reportagem de
Daniel de Oliveira
Fotografias de
Paulo Henriques

OS MÚSICOS DO METRO

O Metropolitano de Lisboa é uma pequena feira de espectáculos e de histórias. Os músicos do Metro fazem pela vida. «A MOSCA» foi conhecer os seus camarins: Quanto ganham e porque ali estão. James e Domingos têm um repertório diferente: Orgulho e vergonha. Jazz e fado.

Guardou o saxofone na maleta, os trezentos escudos no bolso e veio para a rua. Deixou ali, sozinha, a esquálida e recém-chegada pedinte. **«Com duas pessoas no mesmo túnel não se faz dinheiro»** explicou-nos o James. Subimos a escadas do metropolitano para a Praça do Rossio e começámos a subir a avenida da Liberdade em direcção à Rotunda do Marquês de Pombal.

James Pobiega é enorme e tem os cabelos compridos e loiros. É um dos músicos do Metro de Lisboa. Nasceu em Chicago e já tocou em quase todos os metropolitanos da Europa e é essa a sua principal actividade.

Diz que quiseram tirar o *Jazz* e o *blues* a quem o inventou, **«aos pobres»**. Por isso prefere os túneis do metropolitano são maus dias. James consegue diariamente entre mil e cinco mil escudos.

Dos Estados Unidos, para onde vai voltar, não tem boas lembranças. **«Aprendi a mexer em instrumentos musicais ao mesmo tempo que me ensinaram a manobrar uma arma»**, conta. James já foi toxicodependente e alcoólico, mas agora a sua vida é a música. **«O vício não nos deixa produzir»** explica-nos.

Little Howlin'Wolf, o seu nome *de metropolitano*, gosta desta vida, mas por vezes cansa-se. Aí, volta para Chicago para fazer teatro. Mas a sua grande paixão é a Polónia, terra dos seus pais, onde ainda vivem os avós, tios e primos. Já esteve em Varsóvia, Praga e, durante mais tempo, no sul da Alemanha de Leste. Conta-nos que passou informações do Solidariedade para dissidentes da RDA e que ajudou alguns a fugir para Ocidente. Diz, sorrindo, que é o líder *underground* do Solidariedade.

O James Pobiega conhece quase todos os instrumentos, mas no Metro só toca saxofone, sobretudo *Jazz*. *Blues*, só quando lhe pedem.

«As pessoas não me olham de forma diferente por eu tocar no Metropolitano» afirma. Os lisboetas não são menos receptivos a este tipo de actividade artística do que as pessoas das outras grandes cidades europeias. Mas em Lisboa há menos gente a tocar no metropolitano do que, por exemplo, em Paris.

Depois, o *Little Howlin'Wolf* mostrou-nos os seus dois álbuns e 25 singles publicados. Deixamo-lo no cruzamento de três túneis sujos da Estação da Rotunda. **«Apareçam»**, diz.

Vergonha

Confundindo-se com o sopro de James ouve-se, vindo do fundo do túnel, a melodia de um fado de Coimbra, tocada por um acordeão. Um cego, já idoso, com uma caixa de esmola, quase grita o fado, tentando sobrepôr a sua voz ao som do acordeão:

«Tenho muita vergonha de aqui estar» diz-nos o senhor Domingos. Ele trabalhava numa empresa de embalar peixe congelado. A empresa fechou e teve de se reformar. Agora ganha 17 contos por mês, tal como a sua mulher, que também é cega. O dinheiro não chega e por isso há três anos que toca nos túneis do metropolitano.

Os seus filhos não sabem que ele tem esta vida. Sempre gostou de tocar acordeão, mas não assim. Domingos tem um repertório de mais de cinquenta canções, do foclore ao fado, mas não consegue mais do que uma média de mil escudos diários.

Nem todas as estações dão o mesmo dinheiro e por isso os lugares são rotativos. Os cegos da Liga Luis Braille juntam-se regularmente e definem o lugar ao bar de Cascais onde vai quando lhe falta o dinheiro. Gosta de estar em Lisboa: **«Tem um clima agradável»**. O ano passado esteve cá cinco meses e este ano deve cá ficar até Maio.

James já tocou nos metropolitanos de Berlim, Frankfurt, , Londres, Paris e Madrid. **«O dinheiro que se ganha nestas cidades não dá para comprar mais coisas do que o que se ganha em Lisboa»** garante, explicando que só quer o mínimo para viver. Nem todos os dias da semana são iguais. Segundo nos conta, as segundas e terças, por exemplo, de cada um em cada dia. A estação melhor é a da Rotunda e a pior a dos Restauradores, conta-nos o senhor Domingos, explicando: **«apesar de passarem ali muitas pessoas, elas vão sempre com muita pressa para o comboio e, por isso, às vezes, nem 800 escudos se fazem num dia»**.

Domingos tem mesmo muita vergonha de ser um dos músicos do Metropolitano de Lisboa. Conta-nos que **«por vezes, poucas, há gente que me fala e diz: "Toque! Toque, que está a alegrar as pessoas" e eu respondo-lhes: "só Deus sabe com que sacrifício eu aqui estou»**.

Uma vez um transeunte convidou-o para uma festa de Santo António, num restaurante da Costa da Caparica. O senhor Domingos disse que sim, mas depois perdeu a coragem, sentiu de novo vergonha, e não apareceu.

Os cegos **«mais antigos do metro»** dizem-lhe que antes de 74 era tudo muito mais difícil, apesar de se ganhar mais dinheiro. A polícia levava-os para a esquadra, tirava-lhes o dinheiro e só depois os mandava embora.

Domingos só teve problemas uma vez, com a dona de um quiosque na Estação do Socorro, que não o queria ali. Ele foi resistindo mas, depois de algum tempo, o chefe da Estação teve mesmo de o mandar embora.

Deixámo-lo e ele recomeçou a cantar: *«Coimbra tem mais encanto na hora da despedida...»*

Texto de
Duda Guennes

O SINCRONIZANTE SOVACO DE GENEVIÈVE

Um teste realizado com 135 mulheres a viverem em alojamentos na Universidade de San Francisco demonstrou que os ciclos menstruais da comunidade deslocaram-se em média de uma oscilação de 8,5 dias para menos do que cinco dias durante o ano lectivo. O **factor sincronizante** é o odor que emana das axilas.

O professor Russel, psicólogo desta mesma Universidade, e um dos mais empenhados na comprovação desta teoria, tem uma colega, Geneviève, que possui ciclos menstruais regulares de 28 dias. Geneviève não depila as axilas e jamais usa desodorizantes. Com a amável permissão da colega. Russel colhia dos seus sovacos o que determinou chamar «essência de Geneviève» e aplicou-a sobre os lábios superiores de cinco mulheres voluntárias três vezes por semana. Após quatro meses, constatou que as voluntárias convergiram seus ciclos de 9,3 dias de oscilação para três, quatro dias; e quatro dentre estas sincronizaram-se com o ciclo de Geneviève com a diferença de apenas um dia.

Quer isto dizer que um sovaco peludo — desodorizado ou não — tem um forte poder sincronizante...

(A **tara** por pelos ou cabelos tem um nome: TRICOERÉTIL)

Cientistas ingleses isolaram do suor masculino uma substância que atrai as mulheres, e agora estudam o seu aproveitamento numa loção de barbear. A substância tem um cheiro parecido com o sândalo.
Na foto, cientistas ingleses, inebriados com o olor à sândalo das suas cobaias

BIANCA JAGGER, fotografada na intimidade por Andy Warhol, quando renunciava a toda e qualquer possibilidade de sincronização

SÍLVA SALGADO — que foi José, na novela *O Astro*, até que tem um sincronizador bem bonitinho

Quando SÔNIA BRAGA fita, olho-nô-olho, e faz assim com os cabelos, a outra penugem é supérflua

UM POEMA

ERÓTICA

Minha **mina**
veste meias vermelhas
até a altura
do joelho
não raspa as axilas
e arranca um pentelho
da virilha
que é uma maravilha.

Neil de Castro

UMA CRÓNICA
ARMA MORTÍFERA
(Léo Montenegro)

Estava todo mundo no ônibus, quando os três camaradas armados sacaram as armas e anunciaram o assalto:

— Todo mundo aí mostrando as **aquicilas**!

Uma gordona:

— Ih, moço, não dá pra ficar de braço arriado? É que o meu desodorante tá vencido!

O assaltante:

— Se arriar o braço leva um tiro nele!

A gordona:

— Não me responsabilizo pelo que acontecer! Olha que eu me conheço!

Um outro assaltante confidenciou no ouvido do que ameaçava a gordona:

— Dispensa e deixa ela de braço arriado, que ela tem cara de quem fala a verdade!

Um baixinho, que não tinha nada que se meter no assunto, pediu a palavra:

— Eu tenho um amigo que trabalha numa rua onde reside um senhor que já ajudou a uma senhora muito amiga do carteiro que entrega carta numa rua onde reside um funcionário do necrotérico! Se a distinta senhora gordona aqui do lado quiser, eu posso arranjar um pouco de formol! para ela botar no sovaco!

O assaltante:

— E eu boto um tiro na tua testa, se continuar falando besteira! Quanto à gordona aí, trate de levantar os braços!

A gordona:

— Olha lá, moço!

Um velhinho:

— Dá pra eu sair de perto dela e chegar mais um pouco mais pra lá?

Um careca:

— Eu vou ficar na linha de tiro se ela levantar o braço! Alguém aí tem que tomar uma providência!

Os outros dois assaltantes resolveram agir:

— O companheiro aqui tá vacilando muito! Ninguém **arrecua**, ninguém avança e a gordona aí vai ter que levantar os braços, sim senhora, que isto aqui é um assalto!!!

O motorista do ônibus:

— Assaltantes e assaltantes! Não dá pra resolver logo o impasse? Eu já tô muito atrasado e vou ser descontado quando chegar à garagem!

O cobrador:

— A senhora aí, levnta logo o braço, pombas! Não vê que tá atrasando o serviço?

A gordona:

— Tudo bem! Mas eu disse que não me responsabilizava!

Os assaltantes, sem sentidos, foram presos por uma turma da Feema.»

Léo Montegro

Texto de
António Calvet de Magalhães

O REI VAI NU

PARTENOGENESE PORTUGALESA «PANCADA»

Dona mãe natureza, senhora de grande «pancada», bem conhecida e falada em todo o Mundo, terá provavelmente resolvido algumas das naturais dificuldades de percurso, escolhendo como palco das suas experiências cénicas, o propício espaço-espectáculo — Portugalândia. De entre os casos bicudos, o desenvolvimento de óvulos não fertilizados, a partenogénese, que acontece em algumas algas, fungos, insectos e quejandos (parasitas incluídos) e pode ser induzido artificialmente, não poderia encontrar melhor estância do que estas portugalesas paragens, para dar largas à genética «pancada». No reino das «pancadas» nem só o rei vai nu.

Da «pancada» afonsina à «pancada» anibalina transcorreram oito séculos de «pancadas», «pancadinhas» e «pancadonas» enaltecedoras do glorioso passado, mal passado presente. A «pancada» afonsina, quiçá a mais desajeitada, tem dado imenso que fazer aos *partenogenésicos* fazedores de estórias, que sem a dita cuja não teriam um bom pretexto para impingir uma data de aldrabices e empochar outros tantos «écus». O pioneirismo desta «pancada» poderia merecer o benefício da dúvida, porém a sucessão interminável e irritantemente repetitiva de «pancadas» à portugalesa veio a dar corpo ao já familiar síndroma de «pancadaria» e que o digam os mouros. Não pertenciam àquele filme, estavam numa boa mais as suas odalascas e de repente, aparece-lhes pela frente um *partenogenésico* com um complexo de Édipo do tamanho dum castelo, a dar porrada em tudo o que mexia, por causa de um nico de terra. Os mouros, que de parvos não têm nada, acharam que por umas pedritas não valia a pena andarem à castanha, pegaram nas odalascas e foram mais p'ró Sul, pois território nunca lhes faltou. Poderia a coisa ter ficado por aqui e tudo bem, mas não; o Afonso não parou de chatear os mouros e estes lá o foram aguentando, conforme puderam, porque eram bons rapazes, acreditavam nos Reis Magos e estavam naquela de não contrariar o maluquinho. O rapaz que se lhe segue, com a mania que era poeta em casarão à beira-mar e zona ventosa, não está com meias medidas, desata a plantar pinhais à toa, que mais valia terem sido eucaliptais, pois o efeito era o mesmo e escusava de ter dificultado a vida aos futuros industriais da celulose, que coitados, lá têm todos os Verões aquela chatice dos fogos postos a pôr.

Entre as várias «pancadas» dignas de nome, decorriam períodos de calmia, prenúncio das futuras mediocracias e outras virtudes equivalentes: o *parece mal*, tão do agrado de gente fina, o *faz de conta* notória virtude das pessoas de bem e os primeiros passos do mais perfeito exemplar portugalês, o *Chico Esperto*. Mas deixemos por agora estas insignificâncias para voltarmos à partenogénese mais generalizada, cabendo destacar a «pancada» fernandina, percursora do novo-riquismo, do IRS (Imediato e Rápido Sacanço) e da compra, venda e hipoteca de castelos com isenção de Siza. O nosso Fernando, proprietário de um castelo de muitas assoalhadas na zona Norte, por razões de «pancada» ou de Estado (vai dar ao mesmo), abarbatou-se com um castelo na zona Sul (para aperfeiçoar o sistema na prática), recém-construído por um arquitecto portugalês, famoso pelas suas obras de caridade a favor de meninas desprotegidas e cuja obra viria a ser escandalosamente copiada por gregos, egípcios, sumérios, romanos e outros desavergonhados bárbaros. Como é óbvio, a «pancada» fernandina representa um papel fundamental na futura *partenogenesia portugalesa*. Desde então nunca mais ninguém levantou nem cabeça nem cabelo com algumas breves e tímidas excepções. De estas, a «pancada» sebastiânica merece destaque, pelo acenar da *esperança* em melhores dias. Afinal umas breves seis décadas, pois em 1640 o ano do grande «pancadão» portugalês (superado mais tarde pelo tecnocrático) foram quase definitivamente arrumadas as hipóteses de concretização do pós-esperança. Uns partenogenésicos pataratas, obcecados com a restauração (negócio de móveis) desataram a partir a mobília toda, no contexto de uma ampla campanha de «marketing» e publicidade, destinada a captar as camadas mais jovens (isto é «dèjá-vu») ao ponto de atirarem pela janela fora um armário de estilo com um duque lá dentro e tudo. Mau grado estes gigantescos esforços, o peso dos castelos recheados de portugaleses embalados em armaduras de ferro forjado (o aço-inox era só para os chefes) fazia perigar a estabilidade da nau notando-se cada vez mais uma acentuada inclinação de proa a determinar o *salve-se quem puder* futura palavra-de-ordem caracteristicamente portuguesa. Nesse momento uma vez mais se fez história; a confirmação pública do mais característico exemplar portugalês: o *Chico Esperto*, tanto vestindo armadura, como poliester ou ganga, sem frente nem avesso p'ró que der e vier, mais rápido que o tempo e sempre em cima do acontecimento.

Naquele entonces foram as barcaças carregadas dos mais finos produtos e especiarias sacadas à mais ou menos má fila, aos habitantes das paragens onde arribavam pelo acaso e a força dos ventos e marés. Sem fazerem a mínima ideia por onde andavam, utilizando a ancestral técnica afonsina da porrada em tudo o que mexe e limpando o sarampo a quem levantava objecções os *Chicos Espertos* passaram rapidamente à técnica fernandina: IRS em tudo o que está vivo e produz alguma coisa, não fosse os tipos começarem a viver bem e depois habituarem-se. Em menos de um fósforo lá se podia estragar o arranjinho. Para passar às posteridade os *Chicos Espertos* faziam-se acompanhar por escravos, quer dizer, escribas de serviço estilo enviados especiais à Jamba, para a devida fabricação de heróis e invenção de façanhas para partenogenésico consumir. Hoje, os camiões TIR substituem as barcaças mas a estória repete-se. Com a solidificação do *parece mal* e do *faz de conta*, o *Chico Esperto* não se contenta com o produto do saque, quer poder e a qualquer preço. «Pancada» das «pancadas» inspirada na mediocridade do «pancadão» salazarista, a «pancada» tecnocrática protótipo da indução artificial de óvulos, com gravata e suspensórios, passando de larvas a insectos em tempo recorde, poisando em tudo quanto é tacho, mostruário de aldrabice e estupidez, máscara de arrogantes poses de saco de plástico e permanentemente de mãos nos bolsos dos outros portugaleses que insistem em andar distraídos. Partenogénese portugalesa «pancada».

Texto de
Emília Trindade

DENTINHO

«Dentinho» foi, desde sempre, um terror para a santa vizinhança. Pais, professores, amigos ou mesmo muitas das mais pacientes e piedosas almas que conferiam vida ao monótono bairro acabavam, invariavelmente, por se render à evidência e, com igual convicção, desistir da nobre tarefa para que se tinham, um belo dia, sentido vocacionados.

«Não tem emenda, este rapaz» lamentavam-se, um a um, todos, por ele.

O mais irreverente dos irreverentes miúdos do bairro cultivava, já se vê, os menos recomendáveis e salutares hábitos como passatempo: fizera da gazeta contínua às aulas a sua lei suprema e, nisso, não transigia, nunca. Tão pouco abdicava da sua escabrosa linguagem mimoseando, de piropos, as meninas e até avozinhas que, com ele, descuidadamente, se cruzavam.

Franzino e nervoso, de olhar vivo e irrequieto, «Dentinho» não concedia tréguas a ninguém, nem sequer a si próprio. Martirizava sem cessar a inteligência, de quoficiente substancialmente elevado, dizia-se, confrontando-a, a todo o momento, com novos e redobrados desafios.

As suas histórias, divertidas e arrepiantes - mais arrepiantes que divertidas, em geral - circulavam, já lendárias, entre os pacatos residentes do bairro.

Rezam as crónicas que, certo dia, «Dentinho» convidou os seus mais fiéis amigos para uma grande patuscada. - Prato forte, um delicioso coelho bravo oferecido por um caçador das suas relações. Banquetearam-se os convivas e, soube-se depois, um dos gatos da vizinhança tinha fugido misteriosamente, para não mais ser encontrado, no dia anterior ao repasto.

Noites houve em que, sob o efeito do ócio ou do «*cavalo*», se dispôs a revolver sepulturas e perturbar o eterno descanso dos mortos com a mesma imprudência e à vontade com que ludibriava os vivos.

Certo e sabido, também. Casa onde «Dentinho» se insinuasse era, de pronto, casa assaltada!.

Perdi-lhe o rasto quando troquei o bairro e as suas gentes por outras gentes e outro bairro. Tropecei com ele, anos mais tarde, já de olhar baço e vazio, a «*segurar* » uma esquina. Reencontrei-o, ainda, uma vez mais, num desses fins de semana solitários e melancólicos em que os passos nos guiam por caminhos conhecidos e quase esquecidos.

Frente ao recém inaugurado Centro Comercial, um polícia atento e um agitado indiano rodeavam «Dentinho». Gesticulava e gritava, um tanto desesperado, afirmando que tinha surripiado as cassetes «só por gozo».

Mas o indiano mostrava-se renitente, tanto ou mais que o zeloso polícia. «Que não, que não era a primeira vez, que há já muito tempo andava de olho nele e nos amigos, que tinha chegado a altura de aprender...»

Afastei-me indiferente(?) mas pude ainda ouvir «Dentinho», com voz grave, quase solene, jurar a pés juntos: «Da próxima vez, hei-de roubar qualquer coisa *big* , que valha realmente a pena». E nunca mais o vi.

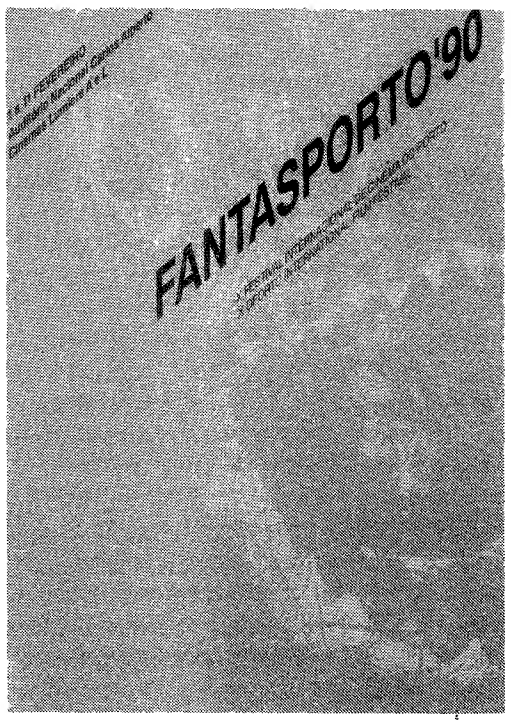
Não duvido que tenha dormido, nessa noite, na esquadra nem mesmo que tenha estreado o seu cadastro, permanentemente actualizado desde então.

Tempos depois, ouvi dizer que planeava um assalto a uma ouriversaria e imaginei-o numa azáfama delirante, concebendo planos e delineando estratégias, sempre em busca do plano perfeito.

Tinha nascido para ser rico, justificava-se.

Da última vez que dele tive notícias, ocupava um lugar na penitenciária, cativo por uns bons pares de anos. Homem de palavra, «Dentinho» não esquecera a promessa feita anos atrás.

Quanto a mim, uma das poucas impacientes e impiedosas almas que pelo bairro passou, espero apenas que «Dentinho» não tenha ainda perdido a sua «*favola*», mantida desde sempre, mesmo depois de mudada a dentição. .



10 ANOS
FANTAS PORTO

AUDITÓRIO NACIONAL CARLOS ALBERTO

DIA 1/2 QUINTA-FEIRA
21 30 SESSÃO OFICIAL DE ABERTURA
TUMMY TROUBLE - ROGER RABBIT (C M
HONEY, I SHRUNK THE KIDS - Joe Jonston (EUA)
leg. port - AE - m/ 12 anos
24 00 O FILME DA DÉCADA
BLADE RUNNER - Ridley Scott (EUA)
leg. port - 10AF - m/ 12 anos

DIA 2/2 SEXTA-FEIRA
14 15 **OS 101 DÁLMATAS -** Produções Walt Disney (EUA)
dobrado em português - RWD - p/ todos
16 00 **A CASA ENCANTADA -** Alfred Hitchcock (EUA)
leg. port - RSC - m/ 12 anos
18 00 **LETHAL FILM -** Suzanne Osten (Suécia)
v.o. ing. - C - m/ 12 anos
20 00 - **MASSACRE NO TEXAS -** Tobe Hooper (EUA)
leg. port - G - int/ m/ 18 anos
22 00 **LIVING DOLL -** Peter Litten e George Dugdale (Gra-Bretanha)
v.o. ing. - C - m/ 18 anos
24 00 **ROBOJOX -** Stuart Gordon (EUA)
v.o. ing. - AE europeia - m/ 16 anos
01 45 **LEATHERFACE -** Dwight Little (EUA)
v.o. ing. - AE mundial - int/ m/ 18 anos

DIA 3/2 SÁBADO
14 15 **BRANCA DE NEVE E OS SETE ANÕES -** Produções Walt Disney (EUA)
dobrado em português - RWD - p/ todos
16 00 – **GHOST TOWN -** Richard Governor (EUA)
v.o. ing. - CAE europeia - m/ 16 anos
18 00 **PUPPET MASTER** David Schmoeller (EUA)
v.o. ing. - CAE europeia - m/ 16 anos
20 00 **NIGHTMARES -** Varios realizadores (EUA)
leg. port - G - m/ 16 anos
22.00 – **LA VOUIVRE -** Georges Wilson (França)
v.o. fran. - C - m/ 12 anos
24 00 - **PRISON -** Renny Harlin (EUA)
v.o. ing. - AE - m/ 18 anos
01 45 – **NIGHTMARE ON ELM STREET PART 5 - THE DREAMCHILD**
Stephen Hopkins (EUA) v.o. ing. - AE - m/ 18 anos

DIA 4/2 DOMINGO
14 15 **ALICE NO PAÍS DAS MARAVILHAS -** Produções Walt Disney (EUA)
dobrado em português - RWD - p/ todos
16.00 **LA LUNA NEGRA -** Imanol Uribe (Esp.)
v.o. espanhola - C - m/ 16 anos
18.00 – **O MONGE NEGRO -** Ivan Dikovichni (URSS)
leg. port. - CAE europeia - m/ 12 anos
20 00 - **EVIL DEAD 2 -** Sam Raimi - (EUA)
leg. port. - G - int/ m/ 18 anos
22 00 **CLOWNHOUSE -** Victor Salva (EUA)
v.o. ing. - CAE europeia - m/ 18 anos
24 00 - **HOUSE 3 - HORROR SHOW -** James Isaac (EUA)
v.o. ing. - AE europeia - int/ m/ 18 anos

DIA 5/2 SEGUNDA-FEIRA
14.15 – **DUMBO -** Produções Walt Disney (EUA)
dobrado em português - RWD - p/ todos
16 00 **ALCHEMIK -** Jacek Koprowicz (Polónia)
v.o. ing. - C - m/ 18 anos
18 00 – **RABID GRANNIES -** Emmanuel Kervyn (EUA)
v.o. ing. - C - m/ 16 anos
20 00 – **MONSTER IN THE CLOSET -** Bob Dahlin (EUA)
v.o. ing. - G - int/ m/ 18 anos
22 00 – **TROMA'S WAR -** Michael Herz e Samuel Weil (EUA)
v.o. ing. - C - m/ 18 anos
24 00 **TOXIC AVENGER 1 -** Michael Herz e Samuel Weil (EUA)
v.o. ing. - AE - m/ 18 anos
01 45 - **TOXIC AVENGER 2 -** Michael Herz e Lloyd Kaufman (EUA)
v.o. ing. - AE - m/ 18 anos

DIA 6/2 TERÇA-FEIRA
14 15 - **OS QUATRO CACHORRINHOS -** Produções Walt Disney (EUA)
dobrado em português - RWD - p/ todos
16 00 - **LOST IN AMSTERDAM -** Pim de la Parra (Holanda)
v.o. ing. - C - m/ 16 anos
18 00 **LA BANYERA -** Jesus Garay (Catalunha)
v.o. leg. ing. - CAE europeia m/ 16 anos
20 00 - **BAD TASTE -** Peter Jackson (Nova Zelândia)
v.o. ing. - AE G - int/ m/ 18 anos
22 00 – **DIAMOND SKULLS -** Nick Broomfield (G B)
leg. port - C - m/ 18 anos
24 00 **L'ETOILE -** Peter de Monte (Itália)
leg. port - AE - m/ 18 anos

DIA 7/2 QUARTA-FEIRA
14 15 **PINÓQUIO -** Produções Walt Disney (EUA)
dobrado em português - RWD - p/ todos
16 00 **BIG MONEY -** Vitor Imar (Checoslovaquia)
v.o. ing. - C - m/ 16 anos
18 00 **MOONLIGHT SONATA -** Olli Soini (Finlandia)
v.o. ing. - C - m/ 16 anos
20 00 - **THE HORROR SHOW -** Richard Schickel (EUA)
leg. port - G - m/ 12 anos
22 00 **I WANT TO GO HOME -** Alain Resnais (França)
v.o. franc. - C - m/ 16 anos
24 00 - **EARTH GIRLS ARE EASY -** Julien Temple (EUA)
leg. port - AE - m/ 18 anos

DIA 8/2 QUINTA-FEIRA
14 05 - **TARAN, O CALDEIRÃO MÁGICO -** Produções Walt Disney (EUA)
dobrado em português - RWD - p/ todos
15 30 **REFLECTIONS / VEC VIDENO -** Goran Markovic (Jugoslávia / G B)
v.o. ing. - C - m/ 18 anos
17 30 **MATAR O DRAGÃO -** Mark Zakharov (URSS)
leg. port - CAE europeia - m/ 12 anos
20 00 **SLUGS -** Juan Piquer Simon (Espanha - EUA)
v.o. ing. - AE - G - int/ m/ 18 anos
22 00 **BLACK RAINBOW -** Mike Hodges (G B - EUA
v.o. ing. - CAE europeia - m/ 16 anos
24 00 - **ELVIRA, MISTRESS OF THE DARK -** James Signorelli (EUA)
v.o. ing. - AE - m/ 18 anos

DIA 9/2 SEXTA-FEIRA
14 05 **MARY POPPINS -** Robert Stevenson (EUA)
v. port. - RWD - p/ todos
16 30 **THE RIFT -** Juan Piquer Simon (Espanha - EUA)
v.o. ing. - CAE mundial - m/ 18 anos
18 00 **FRIDAY THE 13TH - THE SERIES -** David Winning (Canadá - EUA)
v.o. ing. - CAE europeia - m/ 18 anos
20 00 – **DEAD HEAT -** Mark Goldblatt (EUA)
leg. port - CAE europeia - m/ 18 anos
22 00 **BILL AND TED'S EXCELLENT ADVENTURE -** Stephen Herek (EUA)
v.o. ing. - C - m/ 16 anos
24 00 **FILME SURPRESA**
leg. port - AE - m/ 18 anos
02 00 **THE KISS -** Pen Densham (Canadá)
leg. port - AE - m/ 18 anos
03 30 - **OPERA -** Dario Argento (Itália)
leg. port - AE - int/ m/ 18 anos

DIA 10/2 SÁBADO
14 15 **WATCHERS -** John Hess (Canadá)
leg. port. - AE - m/ 18 anos
16 00 – **THE LOST BOYS -** Joel Schumacher (EUA)
leg. port - AE - m/ 16 anos
18 00 **THE STEPFATHER -** Joseph Ruben (EUA)
leg. port - AE -m/ 18 anos
21 30 SESSÃO OFICIAL DE ENCERRAMENTO E DE ENTREGA DE PREMIOS
THE COOK, THE THIEF, HIS WIFE AND HER LOVER
Peter Greenaway (G.B) leg. port. - AE - m/ 18 anos
24 00 **THE SEVENTH SIGN -** Carl Schultz (EUA)
leg. port. - AE - m/ 18 anos
01.45 **THE BLOB -** Chuck Russel (EUA)
leg. port - AE - int/ m/ 16 anos

DIA 11/2 DOMINGO
14.05 – **WILLOW -** Ron Howard (EUA)
leg. port. - SE - m/ 12 anos
16 00 – **BEETLEJUICE -** Tim Burton (EUA)
leg. port. - SE - m/ 12 anos
18.00 **PET SEMATARY -** Mary Lambert (EUA)
leg. port. - SE - m/ 18 anos
20 00 – **CHILD'S PLAY -** Tom Holland (EUA)
leg. port - SE - m/ 18 anos
22.00 - **DIE HARD -** John McTiernan (EUA)
leg. port SE - m/ 16 anos
24.15 **THE SERPENT AND THE RAINBOW -** Wes Craven (EUA)
leg. port. - SE - m/ 18 anos

CINEMA LUMIÈRE SALA A

DIA 2/2 SEXTA-FEIRA
15.00 – **ELVIRA, MISTRESS OF THE DARK -** James Signorelli (EUA)
v.o. ing. - AE - m/ 18 anos
17 45 – **BRANCA DE NEVE -** Produções Walt Disney (EUA)
dobrado em português - RWD - p/ todos
21 30 - **LA LUNA NEGRA -** Imanol Uribe (Espanha)
v.o. espanhola - C - m/ 16 anos
23 45 **PREDATOR -** John McTiernan (EUA)
leg. port. -10AF - m/ 18 anos

DIA 3/2 SÁBADO
15 00 – **L'ETOILE -** Peter del Monte (Italia)
leg. port - AE - m/ 18 anos
17 45 **OS 101 DÁLMATAS -** Produções Walt Disney (EUA)
dobrado em português - RWD - p/ todos
21 30 **EARTH GIRLS ARE EASY -** Julien Temple (G B)
leg. port. - AE - m/ 16 anos
23 45 – **NIGHTMARE ON ELM STREET 3 -** Chuck Russel (EUA)
leg. port. - 10AF - m/ 18 anos

DIA 4/2 DOMINGO
15 00 **ROBOJOX -** Stuart Gordon (EUA)
v.o. ing. - AE europeia - m/ 16 anos
17 45 **DUMBO -** Produções Walt Disney (EUA,
dobrado em português - RWD p/ todos
21 30 **PRISON -** Renny Harlin (EUA)
v.o. ing. - AE - m/ 18 anos
23 45 **A MOSCA -** David Cronenberg (EUA)
leg. port - 10 AF - m/ 18 anos

DIA 5/2 SEGUNDA-FEIRA
15 00 - **FIREFLY -** Ismail Gunes (Turquia)
leg. ing. - SO - m/ 12 anos
17 45 - **ALICE NO PAÍS DAS MARAVILHAS -** Produções Walt Disney (EUA)
dobrado em português - RWD - p/ todos
21 30 SESSAO ESPECIAL
THE VANISHING - George Sluizer (Holanda)
leg. ing. - C - m/ 16 anos
23 45 **BLADE RUNNER -** Ridley Scott (EUA)
leg. port. - 10 AF - m/ 12 anos

DIA 6/2 TERÇA-FEIRA
15 00 **A COR DA GRANADA -** Serguei Paradzhanov (URSS)
PIROSMANI - Serguei Paradzhanov (URSS) C M
leg. port - RSP - m/ 12 anos
17 45 **TARAN, O CALDEIRÃO MÁGICO -** Produções Walt Disney (EUA)
dobrado em português - RWD - p/ todos
21 30 – SESSÃO ESPECIAL
INVENTORY - Krzysztof Zanussi (Polónia)
leg. ing. - SO - m/ 16 anos
23 45 - **COMPANHIA DOS LOBOS -** Neil Jordan (G B)
leg. port. - 10AF - m/ 12 anos

DIA 7/2 QUARTA-FEIRA
15 00 **LENDA DA FORTALEZA DE SURAM -** Serguei Paradzhanov (URSS)
leg. port - RSP - m/ 12 anos
17 45 **OS QUATRO CACHORRINHOS -** Produções Walt Disney (EUA)
dobrado em português - RWD - p/ todos
21 30 **DIAMOND SKULLS -** Nick Bromfield (G B)
leg. port - C - m/ 16 anos
23 45 **BRAZIL -** Terry Gilliam (G B)
leg. port - 10AF - m/ 12 anos

DIA 8/2 QUINTA-FEIRA
15 00 **OS CAVALOS DE FOGO -** Serguei Paradzhanov (URSS)
leg. port - RSP - m/ 12 anos
17 45 **PINÓQUIO -** Produções Walt Disney (EUA)
dobrado em português - RWD - p/ todos
21 30 SESSAO ESPECIAL
ASHIK KERIB - Serguei Paradzhanov (URSS)
leg. port - RSP - m/ 12 anos
23 45 **DUNE -** David Lynch (EUA)
leg. port - 10AF - m/ 12 anos

CINEMA LUMIÈRE SALA L

DIA 2/2 SEXTA-FEIRA
18 00 **EVIL DEAD 2 -** Sam Raimi (EUA)
leg. port - G - m/ 18 anos
24 00 **A CASA ENCANTADA -** Alfred Hitchcock (EUA)
leg. port - RCS - M/ 12 anos

DIA 4/2 DOMINGO
24 00 - **NIGHTMARES -** Diversos realizadores (EUA)
leg. port. - G - m/ 16 anos

DIA 5/2 SEGUNDA-FEIRA
18 00 – **FANTASMA DA LIBERDADE -** Luis Bunuel (França)
v.o. fran. - SC - m/ 12 anos
24 00 **MASSACRE NO TEXAS -** Tobe Hooper (EUA)
leg. port - G - m/ 18 anos

DIA 6/2 TERÇA-FEIRA
18 00 **CHARME DISCRETO DA BURGUESIA -** Luis Bunuel (França)
v.o. fran. - SC - m/ 12 anos
24 00 **THE HORROR SHOW -** Richard Schickel (EUA)
leg. port - G - m/ 12 anos

DIA 7/2 QUARTA-FEIRA
18 00 - **ESSE OBSCURO OBJECTO DO DESEJO -** Luis Bunuel (França)
v.o. franc. - SC - m/ 12 anos
24.00 – **LEATHERFACE -** Dwigt Little (EUA)
v.o. ing. - AE europeia - int/ m/ 18 anos

DIA 8/2 QUINTA-FEIRA
18 00 **WAR -** M. Herz e L. Kaufman (EUA)
v.o. ing. - AE - m/ 18 anos
24 00 - **NIGHTMARE ON ELM STREET - PART 5 - THE DREAMCHILD**
Stephen Hopkins (EUA) v.o. ing - AE - int/ m/ 18 anos

AUDITÓRIO DO INSTITUTO FRANCÊS

DIA 2/2 SEXTA-FEIRA
10.00 – **ANDRIESH -** Serguei Paradzhanov (URSS)
v.o. - RSP - m/ 12 anos

DIA 5/2 SEGUNDA-FEIRA
10 00 **O PRIMEIRO RAPAZ -** Serguei Paradzhanov (URSS)
v.o. - RSP - m/ 12 anos

DIA 6/2 TERÇA-FEIRA
10 00 **CURTAS METRAGENS A CONCURSO -** (Diversos paises)
sessão com cerca de 3 horas - m/ 12 anos

DIA 7/2 QUARTA-FEIRA
10 00 – **RAPSÓDIA UCRANIANA -** Serguei Paradzhanov (URSS)
v.o. - RSP - m/ 12 anos

DIA 8/2 QUINTA-FEIRA
10 00 **PEQUENA FLOR NA ROCHA -** Serguei Paradzhanov (URSS)
v.o. - RSP - m/ 12 anos

ALGUMAS INFORMAÇÕES ÚTEIS

CONDIÇÕES DE ACESSO AO A. N. CARLOS ALBERTO

Bilhete normal 300$00
Caderneta de 10 bilhetes bónus 2 500$00 (Limitado)
Cartão de participante 10 000$00
Pelo **sistema de caderneta bónus** cada entrada custara 250$00
As senhas, a adquirir na Bilheteira do Auditório Carlos Alberto podem ser trocadas como se de dinheiro se tratasse, para qualquer sessão nesta sala. Exceptuam se as sessoes de abertura e de encerramento do Festival para as quais os detentores destas senhas deverao comprar bilhete normal As senhas não têm devolução
Os socios do FANTASCLUBE têm direito a um cartao de participante que podem levantar no dia 1 de Fevereiro no recepçao FANTASPORTO'90
Inscrições para novos socios do FANTASCLUBE na sede do CINEMA NOVO
Rua Diogo Brandão 87 Socios Individuais 7 500$00
Socios Colectivos 25 000$00 (INSCRIÇÕES LIMITADAS)

NOTA IMPORTANTE

Durante todas as sessoes do FANTASPORTO 90, **TODOS os lugares sao marcados,** inclusivé cartões de participante, imprensa e convidados.
Por favor facilite o trabalho da organização e **sente-se no SEU lugar.** Obrigado

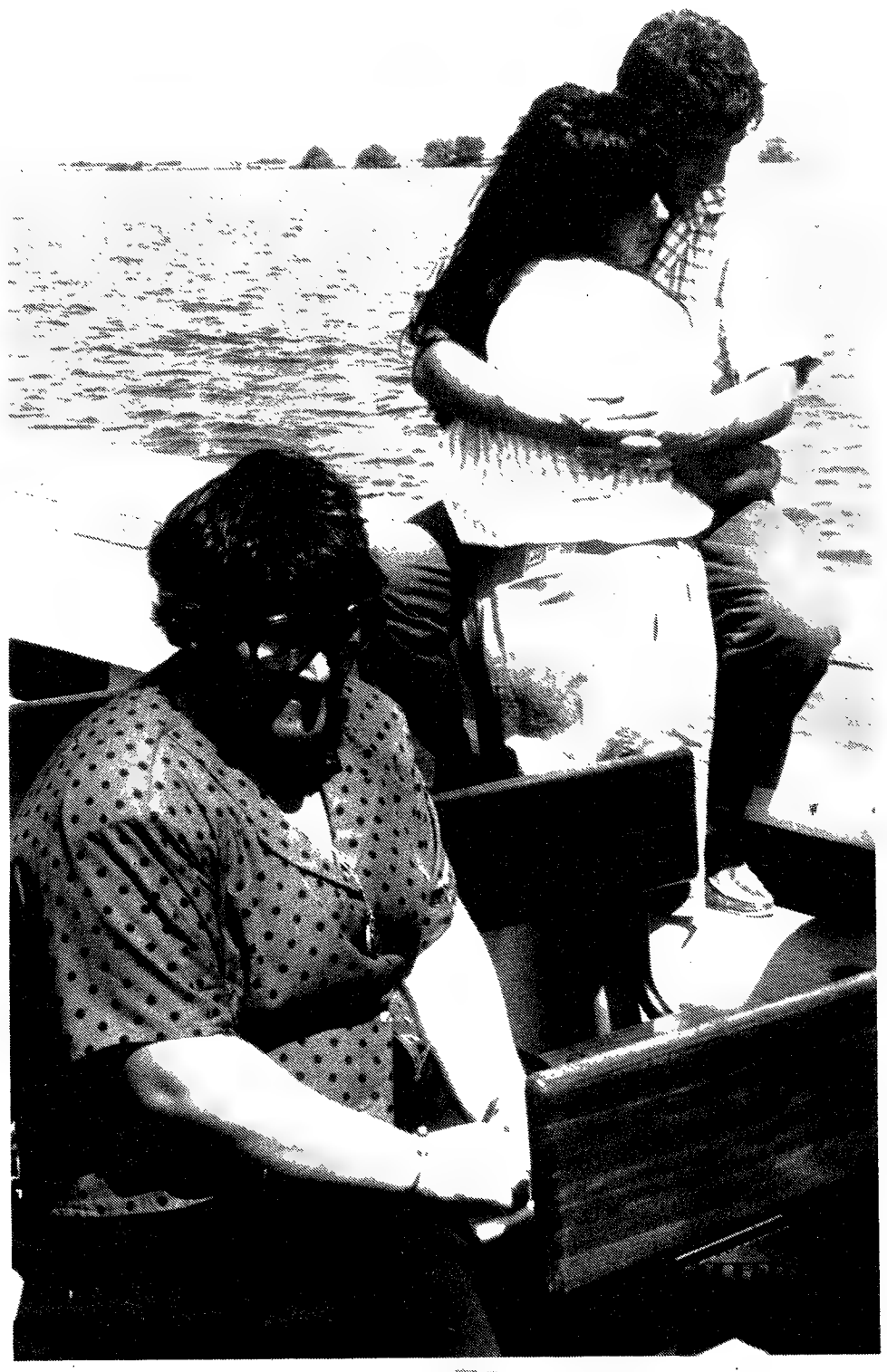
Recepção FANTASPORTO'90
Rua das Oliveiras, 43 (em frente ao Cinema Lumière)

CÓDIGOS / ABREVIATURAS

AE — Antestreia Nacional
C — Competição AE
RWD — Retrospectiva Walt Disney
G — Gore
SE — Secção Especial
RSP — Retrospectiva Serguei Paradzhanov
10AF — 10 Anos Fantasporto
SO — Secção Oficial Informativa
RCS — Cinema e Surrealismo

Design ANTERO FERREIRA - Execução MAÑCA ARTES GRAFICAS - PORTO 1990

PERCURSOS

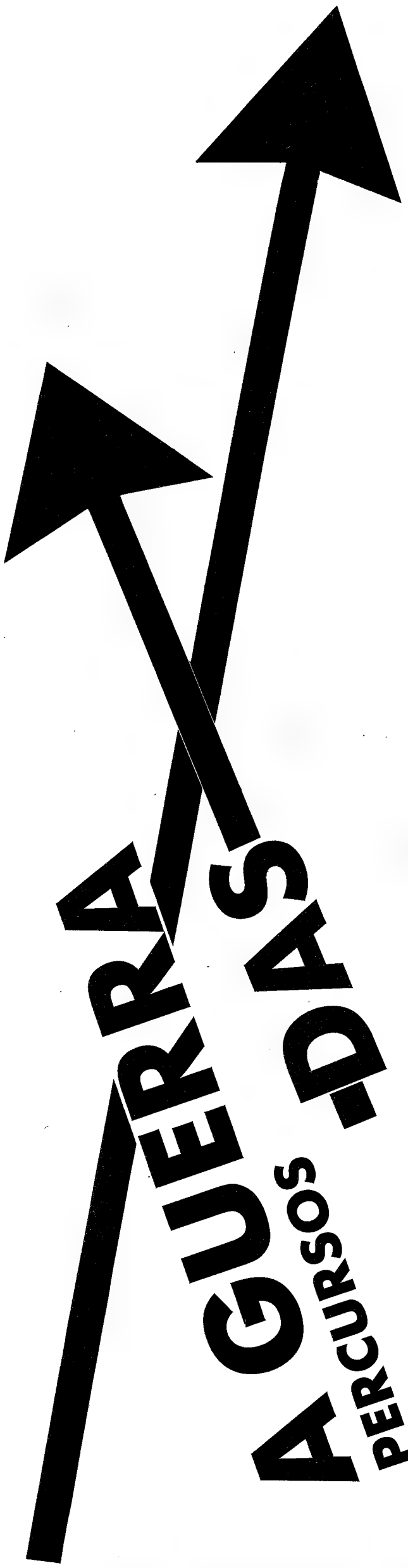


UM PASSEIO DE BARCO PELO TEJO

Foi em Vila Franca de Xira; eram duas horas da tarde em pleno Verão. A feira do melão tinha trazido muita gente e por esta ocasião foi organizado um passeio de barco pelo Tejo. Num veleiro. 100 escudos, duas horas. Decidi-me sem hesitar: um pretexto para fugir da multidão que se apressava à volta das bancas cheias de melões brancos, verdes e «tigrados». Mal pus o pé no barco, reparei que as pessoas estavam muito alegres, e uns garrafões de vinho passaram da beira para o barco mesmo antes de partir. O motor arrancou, o vento estando fraco as velas estavam recolhidas. Na proa, uma senhora começou a cantar e incitou todas as pessoas a acompanhá-la. O vinho então escorreu de boca em boca. O vento levantou-se; o motor parou e as velas tomaram o seu lugar. O calor estava intenso, no entanto ninguém parecia senti-lo. Toda a gente estava bem disposta, o passeio era realmente agradável. O canto da mulher e as vozes das crianças misturavam-se com o sussurro do rio. Os namorados pareciam desligados de tudo. E os outros? Não precisavam de nada senão (nesse momento) do prazer tão simples de dar um passeio de barco sobre o Tejo.

Texto e fotografias de Inês Gil

Texto de
J. Galamba de Oliveira



Ou a terceira via que transpirou do Grande Conselho dedicado à sinalização das bermas baixas e outros aminentes perigos

Irritado com tamanha contestação e anarquia, vinda a público nos dias que antecederam o Grande Conselho, Anágoras S., o alto-comissário dos Transportes Interiores, decidiu tomar medidas drásticas para reordenar o tráfego das suas hostes na estrada de Damasco.

Consta que, na circunstância, o alto-comissário - homem dialogante e cozinhador de consensos- não teve outro remédio senão o de estabelecer uma distância mínima entre o bordo dos sinais verticais e o limite exterior da berma, com vista a permitir melhores condições de circulação de Mercedes e de peões, ainda que não das massas.

Uma medida pertinente, aprovada pelo Grande Conselho com poucas reservas, tanto mais que Anágoras S. a justificou de forma brilhante:

« A construção, com carácter cada vez mais frequente, de vias públicas com faixas de rodagem comportando mais de uma via de tráfego no mesmo sentido permite condições de circulação diferenciadas em cada uma dessas vias, designadamente no que concerne a velocidades.

« Por outro lado, nas faixas de rodagem com aquelas características, a disposição e o número das vias de tráfego nem sempre são facilmente apreensíveis através da marcação horizontal das linhas que as delimitam.

«Torna-se, pois, necessário transmitir aos condutores essas informações, bem como, se for caso disso, as prescrições aplicáveis nalgumas dessas vias, através da adequada sinalização vertical».

A polémica dos 50 centímetros

Seguiu-se uma animada discussão, que terminou com a aprovação, por unanimidade, de um novo sinal de perigo, indicando a existência de um troço de via com bermas baixas.

Antes, os conselheiros mais qualificados defenderam com firmeza as suas posições, nem sempre coincidentes.

Enquanto A. Correia exigia que os sinais sejam colocados « de forma a garantir boas condições de legibilidade das mensagens neles contidas e acautelada a normal circulação e segurança dos utentes das vias», A. Jardim ia mais longe e contrapunha que «fora das localidades e salvo o disposto para as regiões montanhosas», os sinais «devem estar colocados a uma distância de 50 centímetros, compreendida entre a vertical do limite exterior da berma e o bordo do sinal mais próximo desta». A terreiro saltou M. Amaral, levando a que, ao fim de 90 minutos de encalorada discussão, o plenário aprovasse esta emenda: «Dentro das localidades ou regiões montanhosas a distância entre a extremidade do sinal mais próximo da faixa de rodagem e a vertical do limite desta não será inferior a 50 centímetros, salvo casos excepcionais de aboluta impossibilidade».

Mas a questão mais polémica do dia foi introduzida por F. Nogueira, ao defender que os sinais de perigo e os sinais de prescrição absoluta deviam ser colocados « do lado direito da via, no sentido do tráfego a que respeitam, e orientados pela forma mais conveniente ao seu pronto reconhecimento pelos condutores», posição contrariada por P. Pereira que defendia encaloradamente «o lado esquerdo da via».

Um ângulo de 90 graus

D. Barroso anuiu a esta última tese, desde que dentro das localidades esses sinais fossem colocados de forma a fazerem «um ângulo de 90 graus com o eixo da via» e de modo a não poderem ficar encobertos nem causarem embaraço ao trânsito de peões.

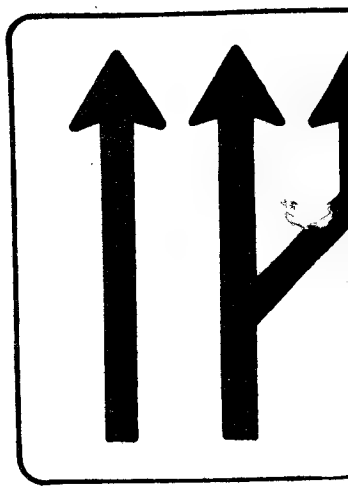
Após o intervalo, o Grande Conselho retomou os seus trabalhos , tendo aprovado a grande norma: « Os sinais serão válidos em toda a largura da faixa de rodagem aberta à circulação para os condutores a quem se dirigem», mas contemplando uma série de excepções para as faixas de rodagem que comportem mais de uma via de tráfego no mesmo sentido, situações em que os sinais poderão aplicar-se a alguma ou algumas dessas vias.

Desde que, por exemplo, «o sinal esteja colocado por cima da via a que respeita, completado, se necessário, por uma seta vertical». Ou, ainda, se o sinal estiver colocado «lateralmente à faixa de rodagem e as marcas rodoviárias indicarem inequivocamente que «o sinal respeita apenas à via de tráfego mais à direita e reservada a certos veículos».

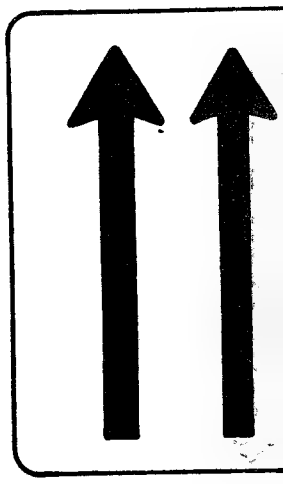
Mas difícil, mesmo, para o Grande Conselho, foi encontrar um consenso sobre se estes sinais podiam também «comportar a indicação das vias em sentido contrário» ou se o sinal correspondente à prescrição ou ao perigo devia «ser representado sobre a seta que indica a via de tráfego a que os mesmos se aplicam».

Aqui surgiu a guerra das setas, com os diversos *lobbies* representados no Grande Conselho a tentarem impor as suas cores, acabando Anágoras S. por fazer aprovar, sem mais diálogos, a sua incontestada vontade: um fundo de cor azul e setas de cor branca para os sinais D 20, D 21 e D 22, contentando os conselheiros mais à direita, e atribuindo um fundo de cor branca, setas negras, círculo azul e símbolo branco ao sinal D 23, satisfazendo os seus correligionários mais à esquerda.

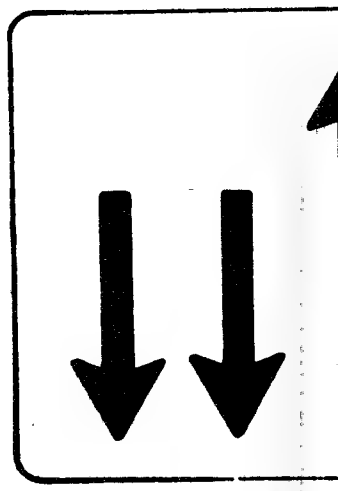
Enfim ! Dizem as boas almas, mas só em privado, que Anágoras S. demonstrou mais uma vez, com esta salomónica decisão, ser senhor de um invejável faro político meridional. O que lhe permitirá, seguramente, desobstruir as vias até 1991.



Inflexão manhosa à d

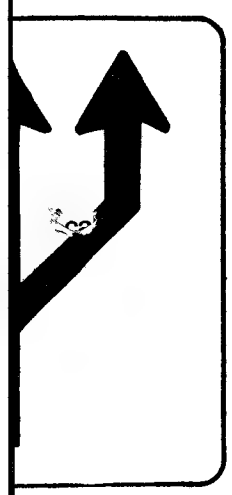


Ligeira inflexão ao ce

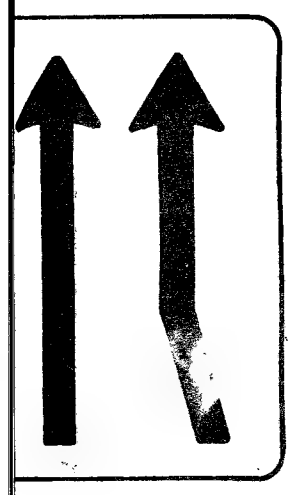


Nítido desvio à esqu

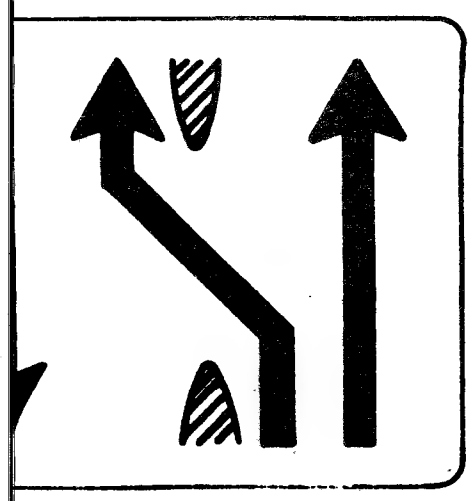
Colagem à direita



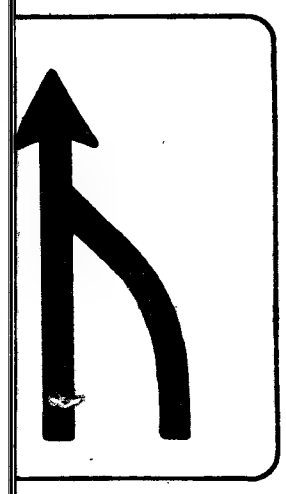
sa à direita



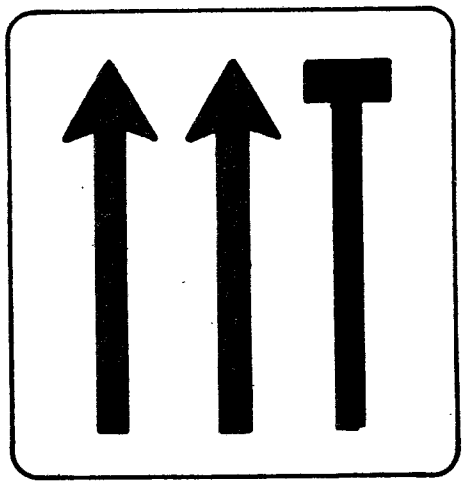
ao centro



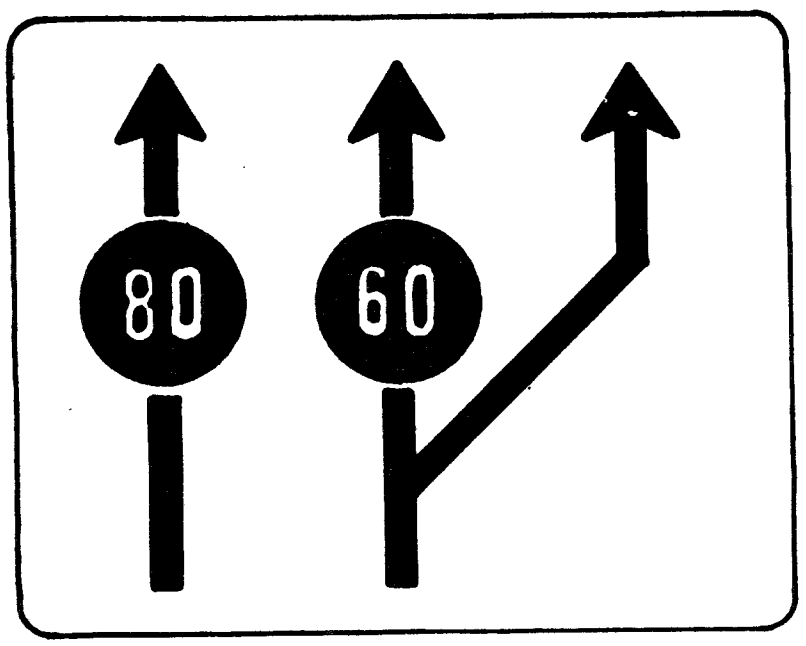
à esquerda



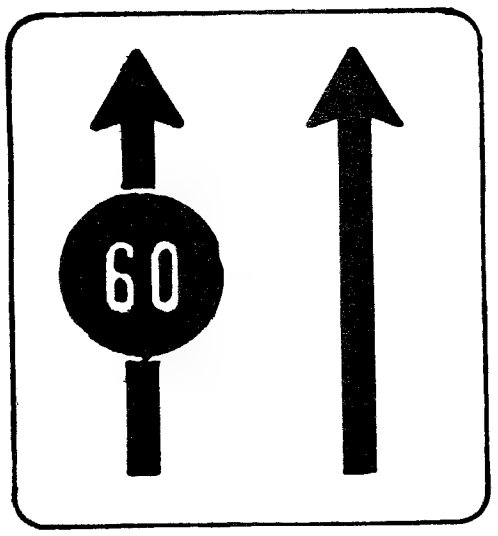
ita



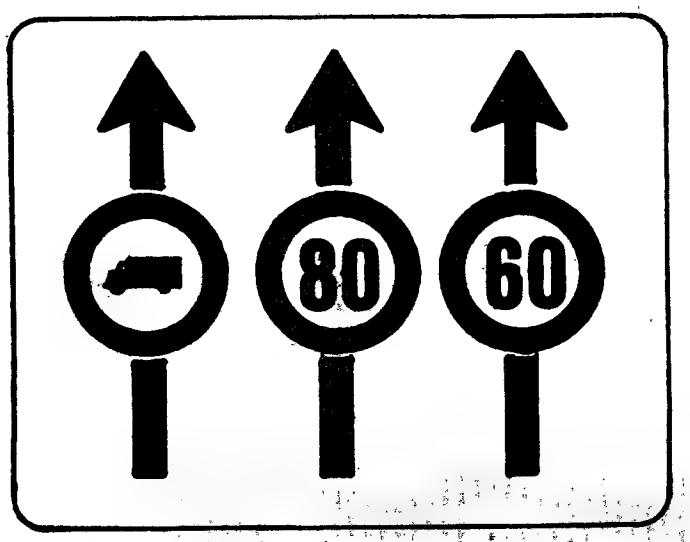
Entupimento à direita



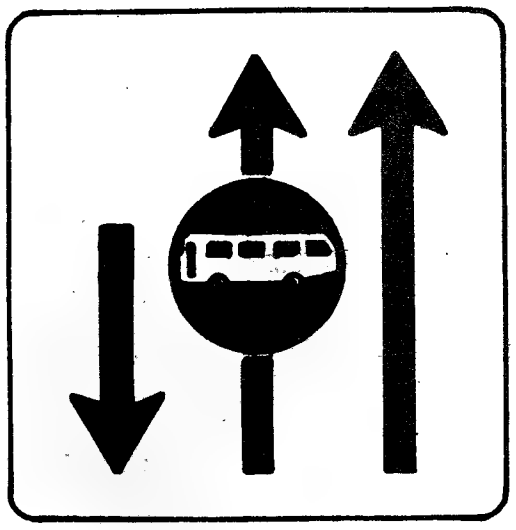
Terceira via. Limites de velocidade aos *lobbies* à esquerda e ao centro



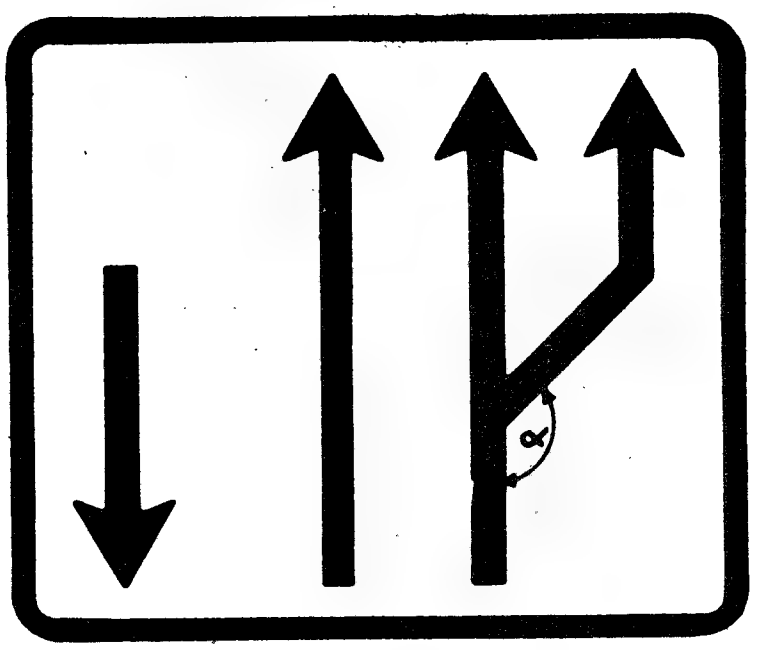
Limite à esquerda em confronto directo com a direita



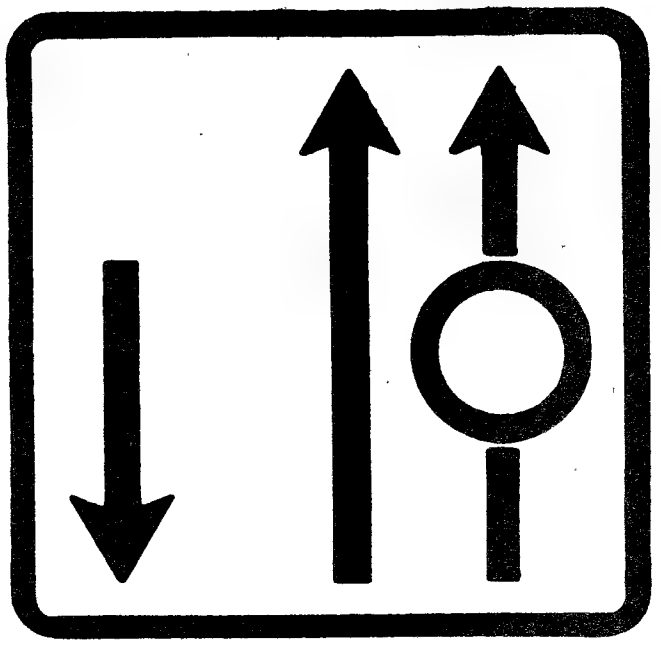
Interdição absoluta à esquerda pesada



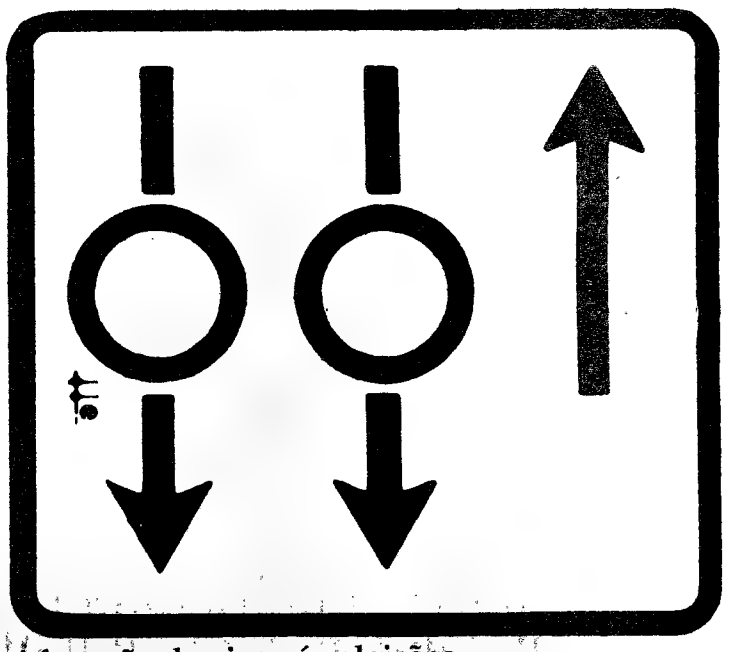
Prioridade às massas



Afectação de vias pré-eleições legislativas (Utilização restrita à Primavera de 91)



Afectação de vias durante a campanha eleitoral



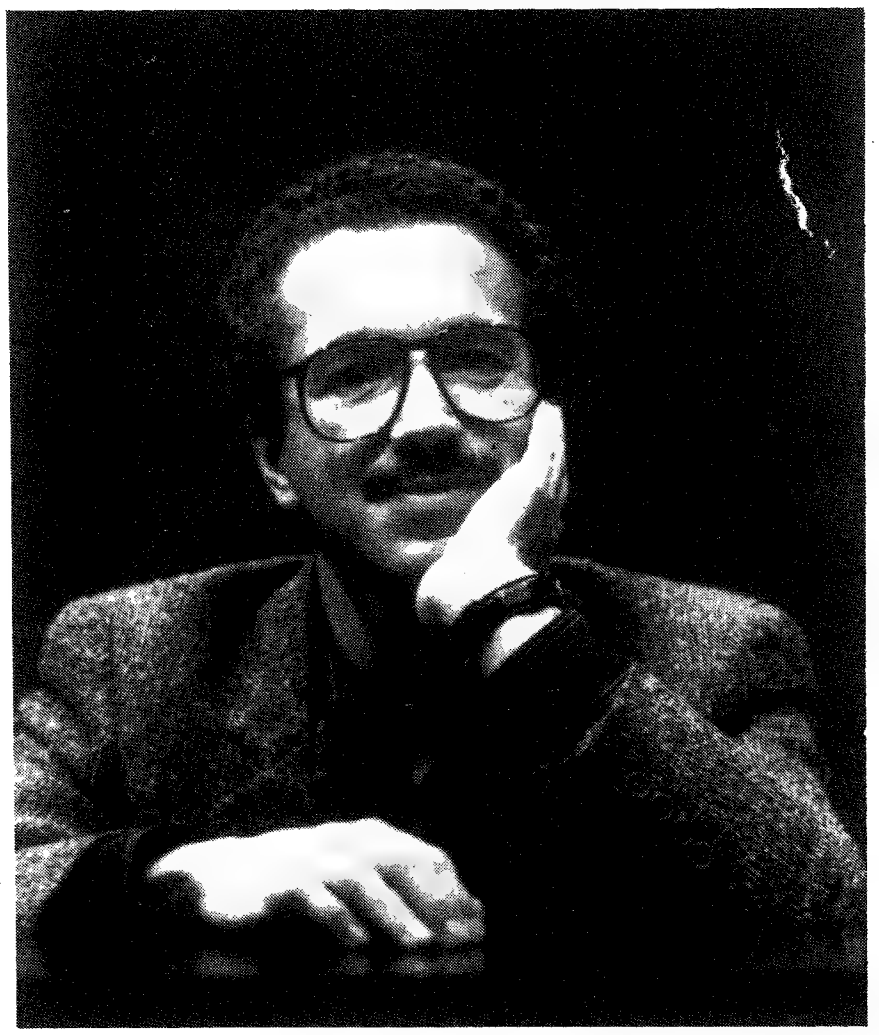
Afectação de vias pós-eleições

MÚSICAS OBLÍQUAS

RUI EDUARDO PAES

ONDE SE FALA DAS «GOLDBERG VARIATIONS» DE BACH POR KEITH JARRETT, A PAR DO JAZZ DE «CHANGELESS»

ECLETISMOS



O eclectismo não é uma fórmula cega. Se podemos considerá-lo uma tendência prática do nosso tempo, manda a verdade que não esperemos do fenómeno particulares intenções de totalização simplista. Num momento de multiplicação dos meios e das formas em música, o eclectismo não só é subsidiário, por não consistir numa receita de unívoca exposição (seria um contrasenso), como é também a metonímia de si mesmo. Ou seja, mais importante do que o estilo ecléctico de determinado compositor ou executante é a imensa variabilidade da música contemporânea, abrindo-se num leque que em vez de procurar uma abrangência demasiado intencional, ilustra a radical diferenciação, a riqueza plural, da arte dos sons tal como a entendemos, aqui e agora. Tudo depende da dimensão, pois...

Keith Jarrett, improvisador livre, intérprete de Bach, pianista apaixonado pelos standards do jazz, personifica o melhor exemplo da justeza desta apreciação, dado que nada lhe custa entrar e sair dos círculos concêntricos em que o eclectismo se propõe: o mais apertado, enquanto pianista utilizador de uma linguagem feita das convergências de elementos vários, indo do balanceamento jazzy ao lirismo impressionista ou do emocionalismo orientalizante a um arquétipo ambiguamente situado entre o imaginário e o étnico, mas também esse outro, suficientemente largo e global para que a subespecialização em J. S. Bach ou no jazz «mainstream» possam fazer sentido, que é a condição básica de toda a específica identidade musical.

De facto, Jarrett é perfeitamente capaz de renegar o seu eclectismo pessoal, reconhecido nos concertos ou nos discos a solo em que o módulo improvisacional lhe permitiu as inigualáveis explorações tímbricas e harmónicas (caso do célebre «Koln Concert»), para se desdobrar em discursos «clássicos» e perfeitamente estruturados, que minuciosamente respeita nas suas interpretações eruditas, de música barroca, como na área da música popular negro-americana instituída pela vertente jazz. Assim se entrega o músico a um eclectismo superior, sem mistura mas com paralelismo de intenções, tal como os recentes ECM's sob o seu nome, de 1989, reunindo as bachianas «Goldberg Variations» e o jazz reconstruído, basilar, de «Changeless», o demonstram cabalmente.

O primeiro não mereceu ainda as repercussões das anteriores leituras que fez do Livro I de «O Cravo Bem Temperado» segundo Bach, que agiram sobretudo pela surpresa - se bem que uma surpresa já anunciada, ou pelo menos perspectivada, pelo barroquíssimo «Hymns/Spheres», tocado em órgão de igreja e registado a meio da década passada. «Changeless», pelo seu lado, é claramente inferior a velhas colaborações com o contrabaixista Gary Peacock e o baterista Jack DeJohnette, ambos novamente a seu lado, nomeadamente os volumes 1 e 2 de «Standards» e o aplaudido «Still Live». Não serão, portanto, nem um nem outro, os paradigmas desta dupla vocação de Keith Jarrett, mas elucidam-nos o seu estado actual.

O curioso é verificarmos que o paradoxo motivador da música deste pianista que importa catalogarmos entre os melhores da segunda metade deste século, com a estatura de um Bill Evans pelas bandas do jazz ou de um Gould nos meios eruditos (comparações que Jarrett, no entanto, desdenha), não o leva ao absurdo, ou melhor, não chega a fechar-se numa qualquer incongruência solitária. Não está provado, para começar, que sejam diferentes os públicos que ouvem o Jarrett intérprete de Bach, o Jarrett jazzista e o Jarrett que discorre sem fronteiras nem preocupações definitórias pelo teclado do piano ou do clavicórdio. Quem o aprecia conhece-o em qualquer das circunstâncias e valoriza-o em relação, consciente de que não há nada que distinga o intérprete das «Variações de Goldberg» daquele que busca o exacto ponto de equilíbrio de uma derivação jazzística, sendo a sua atitude e o seu modo de aproximação a uma e outra matéria adequadamente iguais.

Poderíamos dizer que na mesma medida em que Keith Jarrett se fundamenta num certo composto musical para daí partir sem destino certificado, faz questão em virar-se para trás e reconstituir os moldes que o formaram, indiferente às feições exclusivistas que historicamente tomaram as músicas que o interessaram. Tal propósito é, acima de tudo, uma viagem interior, um percurso no inverso através dos seus valores musicais, dos conceitos estruturantes e preocupações seminais que lhe vimos reconhecendo. Ele próprio já teve ocasião para afirmar que «a música não vem da música», mas mais aquém.

Jarrett lamenta, por exemplo, que o compositor se tenha substituído ao músico considerado em toda a acepção do termo, o que aconteceu precisamente no período do barroco, reduzindo o solista ao papel de intérprete. «Para mim,

um músico não pode ser somente um "intérprete"», disse numa entrevista publicada o ano passado, sem na ocasião fazer passar as suas motivações, todavia, por algo que se assemelhasse a um programa de acção ou a uma cartilha musicológica. Ainda que por indirectas, em várias ocasiões aludiu Keith Jarrett ao restabelecimento de uma antiga unidade perdida, como se, em última análise, a integridade do músico, a sua assunção enquanto autor e actor completo, dependessem da obliquidade das músicas do mundo, sem considerar a localização das geografias respectivas ou a estanquicidade das suas evoluções históricas.

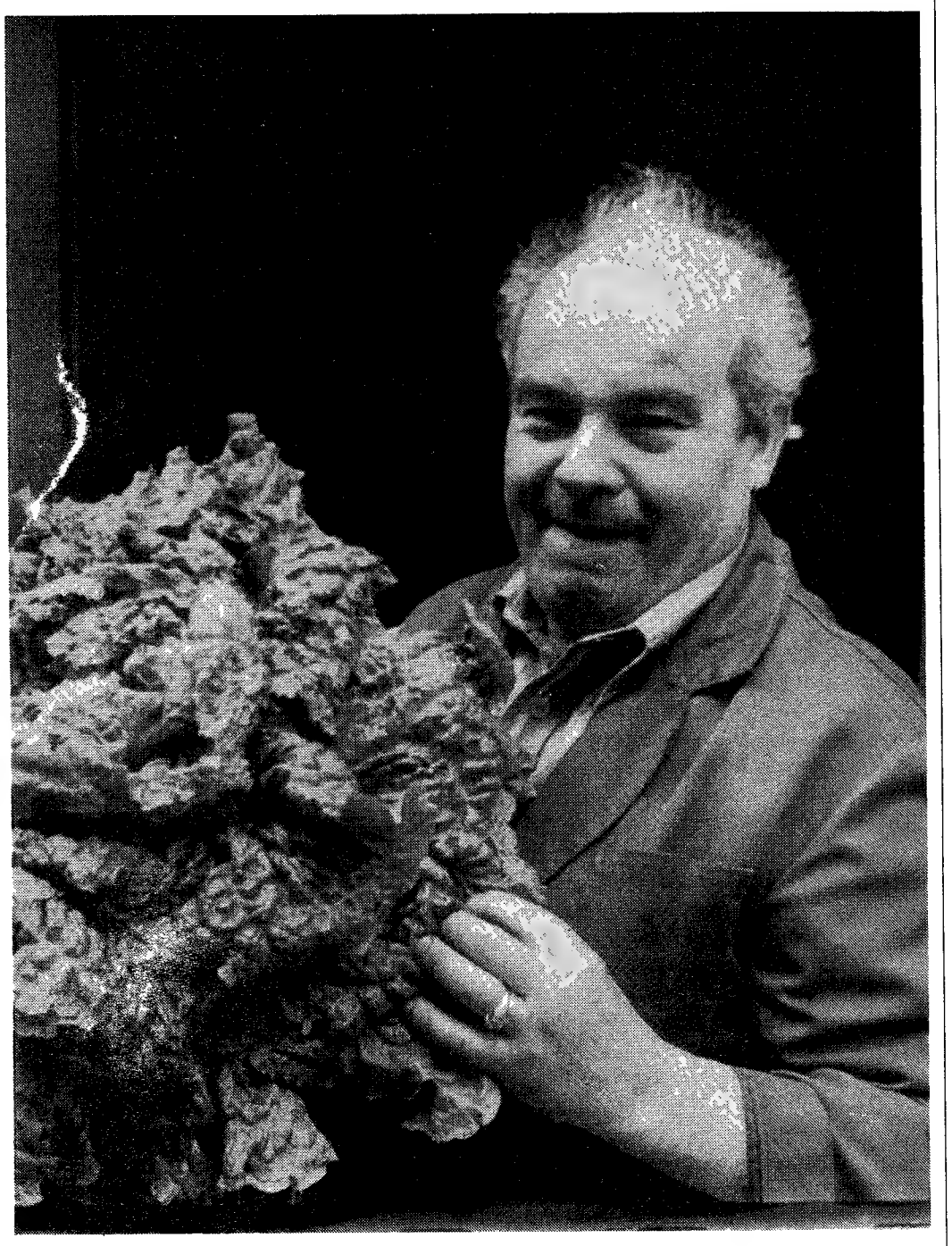
Não obstante a irónica contradição, este movimento quase geométrico tem toda a lógica, uma lógica de que afinal andamos apartados, porque aquilo que habitualmente consideramos em separado não nos apareceu desse modo naturalmente. É um artifício, entre muitos. Jarrett mostra que um músico é simultâneamente intérprete e compositor e que na sua arte tudo pode (mais: tudo deve) confluir.

As improvisações de Keith Jarrett em torno de temas standard, ou de um modo geral os seus trabalhos em trio com Peacock e DeJohnette, não significam um retorno a um formalismo «demodé», cativando a vaga de nostalgias hoje reinante. A coincidência, obviamente, não é inocente, mas trata-se não de um exercício de citação, como os demais casos de reedição do bop, e sim de um esforço sério e respeitável de enraízamento, que só não resulta extemporâneo porque, pura e simplesmente, não impõe mais nada do que lá está e não pretende outra coisa senão aquilo que consegue. Esta honestidade, rara de encontrar, é evidente também na paixão de Jarrett por J. S. Bach (só secundada pela que nutre por Bela Bartok), uma figura tutelar que poucas vezes tem inspirado músicos acima de tudo reconhecidos devido à sua condição de inovadores. A opção por um compositor de tão recuada proveniência, o interesse por instrumentos «datados» como o cravo, não deixa de ser metafórica de um reflectido compromisso com a História da Música, um compromisso que é já o recurso decisivo para uma leitura alternativa, no sentido da resolução dos desvios testemunhados.

Keith Jarrett fala mesmo em sinergia, advogando que o eclectismo não é uma questão de divergências, mas de complementos ou, mais exactamente, de proporcionalidades confrontáveis. Se o jazz convida o ouvinte a escutar o que se toca, o conteúdo, a música erudita leva a que se dê atenção à maneira como se toca, à forma. O divórcio é claríssimo, pois. «Estou perto de conseguir, graças ao chamado "eclectismo", que "o quê" e o "como" finalmente se conjuguem», afirmou há uns meses numa revista. Um Friedrich Gulda, pianista clássico que se aventurou algumas vezes no jazz, já não pode ser conotado com o que se disse a respeito de Jarrett. Não é uma questão de saltar de género para género, de subscrever «curiosidades» adaptadas, por mais qualidade de que se disponha, mas de «viver entre os espaços da música» enquanto ela é executada. Faz a sua diferença.

Texto de
Roby Amorim

OS OLHOS DA CARA POR UM OLHO DE ALFACE



Chuvas e temporais serão os responsáveis pela vertiginosa subida de preços dos horto-frutícolas e o mundo inteiro está-nos a enviar a sua «solidariedade» bem paga na mercearia.Um especialista do « DL» , ignorante das regras da Economia ,debruça-se sobre o assunto.

Anteriormente, como, um dia destes, recordou Gilbert Bécaud, «l'important c'était la rose». Hoje, o realmente importante é a alface, como muito bem lembrou o Primeiro-Ministro na sua recente entrevista (?) à Televisão.

Cavaco Silva afirmou-se «muito preocupado com o preço d as alfaces», como uma boa dona -de- casa que vai todos os dias ao mercado a tentar defender a bolsa familiar. Como todos nós,o que lhe fica muito bem.

O importante é a alface, lá isso é verdade. Até isto, o «Jornal do Fundão» assinala que o preço das alfaces bateu no princípio do ano em Castelo Branco todos os recordes anteriormente estabelecidos em qualquer praça do País, subindo à nota de mil por quilo. Coisa nunca vista,mas que acompanha as exigências das restantes horto-frutícolas, todas a fazerem a sua valorização pessoal a um ritmo nunca imaginado em qualquer outro produto alimentar. A couve-flor anda pelos 350$00, a couve-branca pelos 300, a de Bruxelas à roda dos 400, os grelos a 200, os pimentos a 800, os alhos a meia nota de mil, a cenoura a 300, as cebolas a 100 e as batatas não se encontram a menos de 50 escudos o quilo, embora recente decisão de S. Bento obrigue a que não ultrapassem os 42 escudos.

É lógico que o importante seja a alface, já que a Lisboa dos

alfacinhas é a capital do País, a recorrente das modas e dos costumes, a determinante dos preços e custos, neste caso ultrapassada por outra capital da Beira-Interior...

Se é certo que Castelo Branco parece ter levado ao máximo o seu exagero de preços, não é menos verdade que na maioria dos mercados do país, aqueles subiram exorbitantenmente,tendo, em muitos casos, crescido para o dobro, embora, quase sempre, com uma baixa de qualidade dos produtos em oferta.

A culpa terá cabido aos temporais e às consequentes regras elementares da sempre oscilante balança de interesses que não sabe onde deter-se entre a oferta e a procura...

Claro, o importante é a alface. Agora estão a chegar da Holanda, paralelamente a uma «invasão» de outros produtos que enxameiam os escaparates dos super-mercados, a preços mais baixos do que a produção nacional, o que não quer dizer que os nossos «socorristas» não vão arrecadando os seus dividendos. As alfaces chegam-nos da Holanda, disse-se, rabanetes e repolhos de Israel, bacalhau da Noruega, bananas da América Latina, patos bravos (com penas e tudo) da Flandres, chocolates, doces e gelados de Espanha. Um nunca acabar...

E por aí é que anda a preocupação do Primeiro-Ministro em relação às alfaces.

Tudo isto se arrisca a fazer com que a inflação sofra um novo pulo para pior, depois de um período de «desaceleração» que estava a fazer-se sentir desde Agosto. Essa baixa de custos também se parecia anunciar nos produtos alimentares, embora a um nível muito limitado. E esses preços inflacionários representam nada menos que 49 por cento do IPC...

Daí, voltarmos ao mesmo, à importância da alface...

A nova situação de alta vertiginosa nos produtos alimentares não deixará, certamente, de acrescentar consequências desastrosas para a inflação, problema para cuja solução o desaparecido ministro Miguel Cadilhe desistiu de encontrar soluções, após uma teoria de promessas não cumpridas.

Talvez o importante não seja apenas a alface. Surge, agora o Alentejo, depois das dramatizações do Algarve e do Ribatejo, a anunciar quebras de produção nos cereais da ordem dos 75 por cento e a reclamar ao Governo a declaração do estado de calamidade. Aqui, na verdade, o problema não é a alface,mas aquilo com que se pagam as alfaces e que representa uma boa maquia. A esperança é que a «distraída » CEE sempre nos possa pagar, ao menos um pouquinho, desses cataclismos «elementares» do clima português.

Claro que o importante é a alface. Tão importante que parece ser a única séria preocupação do Primeiro-Ministro, certamente assoberbado com outros problemas (não vamos dizer quais, pois serão do foro íntimo ou do conhecimento geral e ,entre uns e outros, haja quem escolha...)

Foi o que se viu na televisão, na nosa mesa e nas nossas bolsas. E já não é pouco...

Texto de
Chakê Matossian

A DOS FILÓSOFOS (1)

A mosca vol[illegible] fábulas ou na literatura desde a Antiguidade até aos nossos dias, de Luciano de Samósata a Jean-Paul Sartre, de Esopo a La Fontaine. Domiciano gosta torturá-la, diz-nos Suetónio, e a cruel volúpia do Imperador reencontra-se na Sofia da Condessa de Ségur ou numa obra autobiográfica de Isaac Singer.

Acontece-lhe também poisar-se com insolência sobre uma tela ou um desenho, mofando o espectador que quer inutilmente afastá-la com a mão. André Chastel, Erwin Panofsky e o húngaro Pigler, Erns Kris e Otto Kurz, já examinaram o papel do insecto nas artes. Tentaremos mostrar, - depois de ter lembrado rapidamente a leitura dos historiadores da arte -, que a mosca pode invadir os textos filosóficos, o que nos permitirá considerar os textos enquanto quadros que decifraremos então a partir deste pormenor.

Pigler dá uma explicação mágica da presença do insecto nos quadros atribuindo-lhe uma função apotropaica (a mosca pintada afastaria da obra a mosca viva que ia macular o quadro) que não convence André Chastel. Este último reenvia para uma piada relatada por Vasari na sua *Vida de Giotto,* uma anedota que já se encontra em Filarete, a «burla della mosca», que remete por seu turno para Plínio o Antigo quando narra a história de Zêuxis e Parrásio. O quadro de Zêuxis imitava tão bem as uvas que até enganava os pássaros. Por sua vez, Parrásio pinta no seu quadro uma cortina tão conseguida que ilude o próprio Zêuxis qual concede o prémio ao seu rival. Giotto, pintor famoso por ter devolvido à arte a sua relação mimética com a natureza e por ter marcado o início da pintura moderna, pinta no nariz de uma figura começada por Cimabue uma mosca tão verdadeira que o Mestre tenta afastá-la. Curiosamente, são os quadros do Norte (*O Retrato de um Cartuxo* por Petrus Christus, 1445 e outros depois) que representam o insecto, uma mosca flamenga ilustra a anedota meridional - que Kris e Kurz ligam ao mito de Dédalo (ver *Lenda, Mito e Magia,* ed. Presença, 1988) - antes de regressar à Itália onde se torna um estereótipo. «Trompe-l'oeil» destinado a sublinhar a virtuosidade do artista, a mosca surge com outros insectos tanto no Ocidente como no Oriente. Paralelamente, a mosca simboliza, num quadro religioso, o interesse por todas as formas criadas por Deus. A «musca depicta» indica também a vaidade do quadro, a corruptibilidade das coisas deste mundo e introduz uma nota macabra na imagem. Torna-se ainda um sinal performativo; ao pôr uma mosca ao lado da sua assinatura, o pintor confirma, através da referência a Giotto, o valor da sua arte e autentifica, simultaneamente, a sua assinatura.

Se a mosca ocupa um lugar na ficção e na arte, a sua emergência na teoria e, mais precisamente, na filosofia passa despercebida ou parece secundária. Quando Buffon critica os escritos de Réaumur sobre os insectos, estabelece uma equivalência entre o teor científico e o objecto da ciência: «Uma mosca não deve ocupar na cabeça de um naturalista mais espaço do que na natureza e esta maravilhosa república nunca passará de uma multidão de pequenos animais aos olhos da razão». Ao falar das moscas, Réaumur produz apenas moscas, ou seja coisas insignificantes em relação à razão. Mas acontece que a multidão dos pequenos animais perturbe os olhos da razão..

Anónimo da escola Suábia, cerca 1480 — *Retrato de uma mulher da família Hofer,* Londres, National Gallery

Carlo Crivelli (finais séc. XV).

Atelier de Carlo Crivelli, *Santa Catarina de Alexandria,* Londres National Gallery

Texto de
Manuel Cintra
Foto de
José Cerqueira

RETRATOS NO TEATRO

FERNANDO JOSÉ OLIVEIRA

O tempo prega partidas: para Fernando José Oliveira, desde há alguns anos para cá, quase só tem havido tempo para teatro e cinema. Caso raro na sua geração, Fernando quase nunca parou de trabalhar desde que começou. E começou bem antes de tirar o curso de teatro do Conservatório até ao final.

Fernando é um homem elegante, nada ostentatório, e como o passar de tempo dá a impressão de uma pessoa cada vez mais segura de si. Quando fala, escolhe bem as palavras, mas sem por isso demorar a escolhê-las; tem uma fala segura e quase erudita, o que cria um contraste engraçado com o seu aspecto nada pretensioso de quem no fundo apenas sabe o que quer. Ter passado por muitas experiências em pouco tempo não é bem só coisa do destino do acaso, como ele parece dizer. De facto, quando um actor tem qualidade, um espectáculo puxa por outro e as poucas oportunidades tornam-se em muitas. O caso é que Fernando Oliveira é um dos melhores actores portugueses da sua geração, e um dos que mais progressos tem feito de espectáculo para espectáculo. Muito aplaudido pela sua recente interpretação em O FILHO DO AR, de Jean Cocteau, Fernando tinha pouco antes, em VIEUX CARRÉ, de Tenessee Williams, dados excelentes provas, menos bem recebidas penso eu por a personagem que então interpretava ser mais antipática em si e nada mais. Agora em D. JOÃO E A MÁSCARA, Fernando põe pela segunda ou terceira vez à prova as suas capacidades como actor cómico, ou de contornos cómicos. Diz-me a que ponto isso é difícil, e trocamos algumas impressões sobre esta dificuldade. Mas também falamos do prazer que sente um actor quando sente que divertiu o público, que o seu jogo de precisão acertou no alvo, quando teve a graça pretendida, a às vezes a não pretendida, aquela que só o próprio público vem a descobrir. Refere-me, a propósito, uma das experiências mais curiosas que teve: quando trabalhou em FILHOS DE UM DEUS MENOR, peça com a qual, aliás, teve o seu primeiro grande papel, houve um longo trabalho de preparação a nível da linguagem codificada dos surdo-mudos; havia muitas partes da peça em que esta linguagem era utilizada, embora estivesse estufada de tal modo que o público compreendia paralelamente a situação. Mas aquilo que de facto era dito por gestos, nem sempre era explícito em pormenor a nível da fala. Ora aconteceu que um dia veio um grupo de surdos-mudos assistir, o que fez com que metade do público fosse surdo-mudo e a outra metade não. Qual não foi o espanto dos actores quando viram rir os surdo-mudos, ao contrário do restante público, em alturas, por vias do texto dito por gestos, em que não calculavam estar sequer a ter graça...

Fernando José Oliveira nasceu perto de Queluz, numa localidade que se chama habitualmente Queluz de Baixo, onde tudo era muito mais próximo da vida campestre do que da vida urbana. Toda a sua infância se reveste de uma tranquilidade e de uma dose de espaço invejáveis para aqueles que vivem entre um apartamento, um ruído e a rua. Para Fernando, e para um grupo solidário de mais vinte ou vinte e cinco crianças do seu bairro, a liberdade de espaço e o espírito de iniciativa estavam intimamente ligados. Diz-me que só mais tarde descobriu a que ponto eram peculiares certos costumes, provavelmente de longa tradição, que naquela zona se mantinham. Por exemplo, com o chegar do mês de Maio, todos os anos se iam colher quantidades enormes de malmequeres, com as quais as crianças faziam colares, brincos, grinaldas, num rito pagão certamente ligado à Primavera, e cuja origem ninguém conhece já. Além disso, todas as festividades eram organizadas por esse grupo de crianças no qual Fernando participava activamente. Hoje, a região foi invadida por cidades-dormitório e por costumes bem menos simpáticos que levaram estes a cair em desuso. Lembra-se que com a sua irmã praticou, por iniciativa do pai, desde muito cedo o trapézio. Não que o teatro propriamente dito o atraísse já, mas o circo e o espectáculo em geral, sim, sem dúvida.

Foi já no liceu que se deram as primeiras aproximações ao teatro, em parte através da importante influência de Teresa Belo, que foi sua professora e graças a quem este tipo de actividade, por vezes totalmente alheio aos alunos de liceu que não vivem em Lisboa, era acalentado.

Um dos espectáculos que viu nessa altura e que o marcou para sempre foi AH Q, pelo teatro da Cornucópia. O teatro passaria a fazer parte das suas preferências. Mas Fernando tencionava tirar o curso de Arquitectura, e o teatro era nessa altura apenas um interesse como outros, não a finalidade. Ingressou de facto em Arquitectura, mas nada a esse nível correu mal: sentiu-se completamente desorientado, não foi capaz de se adaptar nem ao curso nem à instituição. Tal foi o desalento que decidiu pela segunda vez fazer um teste de orientação profissional; e foi como resultado desse teste, que mostrava as suas principais tendências, que Fernando decidiu tentar o curso de Teatro do Conservatório; foi a grande revelação. Lembro-me de o ver nessa altura, pouco depois de ter iniciado o curso, e Fernando rebentava de entusiasmo por todos os lados. Dizia-me que tinha finalmente encontrado o caminho, e que tinha a certeza de que era mesmo o teatro. Esta certeza nunca mais o abandonou.

Não sabe o público, e é normal que não saiba, a que ponto um actor no nosso país sofre para continuar a ser actor. A que ponto mesmo para aqueles que são bem aceites, muito aplaudidos e premiados (Fernando obteve o prémio revelação logo com Filhos de um Deus Menor), a que ponto é duro continuar. É que em Portugal quando se faz teatro, a insegurança é total. Nunca se sabe o que vai acontecer a seguir, se no mês que vem haverá dinheiro para pagar a renda ou até para comer. os subsídios são o mecanismo mais estranho e mais sinistro que se possa conceber, não dependendo de todo da qualidade dos projectos ou de quem neles participa, mas de leis internas misteriosas, que não sendo as que vêm à luz, não são sequer discutíveis. Por vezes, um projecto sem particular interesse á aprovado, o resultado é mau e mesmo assim alguns dos que nele participaram tornam a ser apoiados; em contrapartida, pessoas com provas mais que dadas não não obtêm um tostão; os governos sucedem-se, as atribuições vão piorando de estatuto. Recentemente, por exemplo, assiste-se ao esmagamento das pequenas iniciativas e à concentração em duas os três companhias de todo o (pouco) dinheiro. No Porto, por culpa destas estranhas políticas, deixou praticamente de haver teatro. Um actor vive assim na mais completa insegurança; por vezes, embarca num projecto que, por falta de dinheiro, a qual pode originar outros problemas, não chega a singrar. Há assim um desgaste duplo, em relação ao que já seria normal, e que o simples facto de ser actor, profissão extremamente difícil e trabalhosa, já pediria. Será de ter tudo isto em conta quando repararmos no percurso de Fernando José Oliveira. Não acreditemos, como ele diz, que tem tido sorte. É óbvio que se não fosse a sua perseverança e a sua enorme força de vontade, Fernando não teria tanto «sucesso». É claro que nem toda a gente nasce com jeito para ser actor, e não há dúvida das grandes aptidões em Fernando esse nível. Mas há outras qualidades humanas sem as quais não se vai muito longe. No que diz respeito ao trabalho em conjunto com uma equipe, por exemplo. E a isto talvez não seja estranho o grupo de miúdos com os quais na infância tanta iniciativa organizou, o que, segundo me diz, tinham a uni-los um grande espírito de solidariedade. Porque o teatro é uma máquina humana, das mais humanas: se durante a preparação da peça algo correu mal, isso reflecte-se obrigatoriamente no próprio espectáculo. Não que alguém o diga, mas o público sente-o.

No que diz respeito à peça em que agora participa, Fernando, além da grande amizade que o liga a Mário Feliciano, o encenador, com quem já trabalhou mais vezes, e por exemplo a Eunice Muñoz, com quem aprende todas as noites e com quem, por sinal, já trabalhara antes também, tem um carinho muito especial por este projecto. De facto, D. JOÃO E A MÁSCARA, que consiste também no aparecimento de mais um grupo independente em Lisboa, o TEATRO DA POLITÉCNICA, foi alvejado ao longo de um doloroso e demorado processo por dificuldades como as que acima referi. O facto de esta peça ter sido apesar de todas essas dificuldades estreada, aliás com imenso sucesso, deve-se precisamente ao empenho e à força de vontade de pessoas como Fernando, que tendo acompanhado este projecto desde o início, nunca o deixaram morrer.

Mas explica-me também que acha essencial, como aliás tem feito, mudar regularmente de encenador. Assim, o seu próximo trabalho será com Luís Miguel Cintra, com quem já trabalhara em RICARDO III, de Shakespeare, e em GRANDE PAZ de Edward Bond. Luís Miguel Cintra que ao contrário de outros encenadores com quem trabalhou, o continua a intrigar e a consistir num grande e aliciante desafio.

Quanto ao cinema, a experiência que mais o marcou foi trabalhar com Vítor Gonçalves em MEIA NOITE, um telefilme da série Fados. Ficou fascinado com o trabalho deste jovem realizador, com quem sonha voltar a trabalhar. Para além deste, destacam-se os seus trabalhos em UM ADEUS PORTUGUÊS, de João Botelho, e NUVEM, de Ana Luísa Guimarães.

E se tudo isto se passou em poucos anos, e se o tempo não é de facto aquilo que parece, resta-nos esperar que o público e este País de teatro difícil de sobreviver, saibam dar a este jovem e tão talentoso actor o incentivo que merece. Estão certamente muitos e importantes espectáculos à espera de Fernando José Oliveira, e estamos nós ansiosos por os ver acontecer.

TEATRO

CARLOS PORTO

1990 ANO TCHEKHOV
GRANDES COMEDIANTES

Como estamos a publicar estas notas sobre a passagem do teatro de Tchekhov pelos palcos portugueses à medida em que fazemos as respectivas e complicadas pesquisas, é inevitável a existência de lapsos e falhas de informação. As considerações que aqui propusemos na semana anterior, sobre o tempo que mediou entre a primeira apresentação de Tchekhov (**Um Pedido de Casamento**/1936) e a segunda (**Os Malefícios do Tabaco**/1947) estavam correctas, embora o lapso de tempo não tenha sido tão grande como pensávamos. De facto, e no actual estado dos nossos conhecimentos, a segunda apresentação de Tchekhov em Portugal teve lugar em 1945 (15-12-1945) e ficou a dever-se, como a primeira, a Francisco Ribeiro (Ribeirinho), então a actuar no Trindade com a companhia «Os Comediantes», de que era director com seu irmão António Lopes Ribeiro. Francisco Ribeiro foi o encenador da peça **O Urso**, segunda peça do autor russo estreada em Portugal. Surpreendentemente, esta peça em um acto foi incluída no espectáculo de que era prato forte a peça de Bernard Shaw **Pigmaleão**. Foi na última semana de representações desta peça que Francisco Ribeiro incluiu a peça de Tchekhov que deu, então, apenas cinco sessões. Talvez o facto de o espectáculo com **Pigmaleão** não ter conhecido o êxito esperado, explique a inclusão da pecinha russa que foi interpretada por um elenco excepcional: Maria Lalande, João Villaret e Ribeirinho.

Sobre esta estreia de **O Urso** o «DL» publicou uma nota não assinada em que se diz o seguinte:

O burlesco episódio, de alegre feitio e saboroso sentido caricatural, é um desenfastiado passatempo, pano de amostra de um estilo que vale a pena dar a conhecer. O público acompanhou o actozinho com interesse e mais do que isso — pareceu-nos, com compreensão. («DL«/16-12-1945).

Também João Pedro de Andrade se referiu à estreia da peça de Tchekhov:

O caso não deve passar sem registo: Tchekhov foi representado entre nós. É certo que o actozinho, na sua visão humorística dum episódio banal, não nos dá grandes novidades, que mesmo na origem não deve ter sido portador de transcendências satíricas, que o espírito do diálogo parece ter chegado até nós bastante diluído por sucessivas traduções. Mas entre nós representa-se Tchekhov, aquele Tchekhov comparado por Tolstoi a Shakespeare, quando o velho patriarca das letras russas entrara na fase de arrependimento anti-artístico, com estas palavras paradoxalmente lisongeadoras: «As suas peças (de Tchekhov) são más, muito más. Quase tão más como as de Shakespeare». (...).

A farsa de Tchekhov é uma anedota ligeiríssima que caberia em seis linhas num fim de páginas de almanaque. (....) Maria Lalande, João Villaret e Francisco Ribeiro integraram-se esplendidamente, ante um cenário delicioso, no espírito da burleta. Sabe bem ver representar tão bem, com tanto espírito de compreensão, tão aparte dos preconceitos e das regras convencionais, e ao mesmo tempo tão dentro do simpaticíssimo convencionalismo que é o verdadeiro processo histriónico da farsa. («Seara Nova«/29-12-1985).

Recapitulemos, pois: estreia de Tchekhov com **Um Pedido de Casamento**, encenação de Francisco Ribeiro, espectáculo do Teatro do Povo (Jardim da Estrela/15-06-1936).

Segunda peça: **O Urso**, encenação de Francisco Ribeiro (Ribeirinho), pela C.ª Os Comediantes (Teatro da Trindade/15-12-1945).

Terceira peça: **Os Malefícios do Tabaco**, encenação de Gino Saviotti e Luiz Francisco Rebello, pelo Teatro Estúdio do Salitre (Instituto Italiano/17-07-1947). Espectáculo referido em DL/Mosca 19-01-1990.

APARTES DA GERAL

(1)

Estranhei ter visto a referência, publicitada em vários jornais, ao nome de Paulo Renato como encenador do espectáculo do Teatro Experimental do Porto, proibido pela Censura, com a peça de Boris Vian, **Os Construtores do Império ou o Schumurz,** agora em cena no Instituto Franco-Português. Descobri a origem do mal-entendido: a informação foi colhida numa circular do grupo, o Atelier-Théâtre do IFP, enviada para a Imprensa (não recebi). Continuo, porém, sem saber onde foi aquele buscar essa inexactidão. De facto, o encenador do espectáculo que o TEP devia estrear com a peça de Boris Vian e cuja proibição foi confirmada em vésperas da estreia, esse encenador foi João Guedes, também intérprete do sr. Dupont, o qual voltaria ao TEP para apresentar a peça em 1977.

A propósito desta proibição conta-se uma história que não deixa de ter piada. A direcção do TEP ter-se-ia deslocado a Lisboa para reclamar a libertação da peça, junto do dr. César Moreira Baptista, então manda-chuva dessas coisas da censura, não sei se se lembram. Disse o doutor aos nortenhos: com que então os senhores querem agora representar autores comunistas. Foi-lhe explicado que Boris Vian não era comunista e que até já nem pertencia ao número dos vivos, o que teria deixado o director do SNI (seria isso?) um tanto perplexo. O espectáculo, no entanto, continuou proibido.

Já agora, vale a pena lembrar que a primeira encenação **visível** de peça de Boris Vian foi a de Mário Jacques com o Grupo Cultural e Desportivo dos Empregados do Banco do Fomento Nacional, no Trindade, em 1975. Lembremos ainda a encenação de Rui Mendes, com o Grupo 4, de **O Chá dos Generais,** no Teatro Aberto («DL«/31-08-79) e a colagem de textos **Borisvolândia,** da responsabilidade de António Augusto Barros, com encenação deste e de António Romão, espectáculo do TEUC («DL«/4-04-85).

(2)

Cheio de boa vontade, Sérgio Coimbra tentou arranjar algumas sugestões para os leitores do «Diário Popular» (19-01-90). No que se refere a teatro, aí vai **D. João e a Máscara,** sempre tem a Eunice, «mas valerá a pena? Huuum!» Então talvez a revista, **Os Meninos à Roda da Mamã.** Outra vez: «Huuuum!» Só que esta comédia não é uma revista! (É que no Parque Mayer não há só revistas.) Então, única recomendação: **L'Empire des Battiseurs,** de Boris Vian, «mas é conveniente ir preparado para um texto francês e para uma sala detestavelmente pequena e difícil de encontrar».

Só que: a) A peça chama-se **Les Bâtiseurs de l'Empire ou Le Schmurz;** b) a sala do IFP não é tão pequena como isso, e é até bastante confortável; c) o IFP é ali à Luís Bivar, a cinco minutos do Saldanha, à mão de semear, portanto.

Além disso, a memória do colaborador do «DP» parece demasiado curta ou exigente: ficaram de fora espectádculos como **A Pécora** (Natália Correia/Comuna), **A Pregação** (João Brites/O Bando), **What happened to Madalena Iglésias?** (Filipe La Féria/Casa da Comédia); **O Render dos Heróis** (José Cardoso Pires/CDIAG); **O Regresso de Bucha e Estica** (Mário Viegas/Ritz); **Margarida do Monte** (Hélder Costa/A Barraca); **Happy End** (Brecht/T. Aberto); **Verão** (Edward Bond/T. Hoje); destes espectáculos não haveria alguns recomendáveis. Só essa me faria rir...

(3)

Eu aqui a pedir o regresso à crítica da Eugénia (Vasques, claro!) e ela já aí estava a escrever no sítio do costume, o «Expresso». E vem cheia de genica: ei-la na ficha, como dramaturgista, do próximo espectáculo de Filipe La Féria, produção do Nacional, lá para Junho.

Já agora, pedindo desculpa pela omissão, devo acrescentar o nome de Fernando Midões, no «Diário de Notícias», à lista de críticos em acção. Fala-se, entretanto, no regresso de José Valentim Lemos desta vez no «JL», ao lado do JL.

(4)

E a homenagem que a RTP prestou a Samuel Beckett na passada segunda-feira ao oferecer ao público, no 2.º canal **À Espera de Godot** enquanto no 1.º transmitia o 1.º episódio do «Casino Royal» com um tal Herman José! Homenagens destas só os grandes merecem!

ACTO

CUIDADO POR FAVOR

Foi caso que já tratámos aqui mas a que não é preciso voltar. Depois de muitas hesitações e adiamentos, a SEC resolveu-se a não esperar pela cerimónia hollyoodesca (?!) da entrega dos Garrett e finalmente revelou os prémios referentes à temporada de 1988/89. E aqui é que bate o ponto. Foram os serviços respectivos da SEC que impuseram que os Garrett fossem atribuídos não por ano civil (Janeiro/Dezembro) mas por aquilo a que se convencionou chamar a temporada teatral (1 de Setembro/31 de Agosto). Embora em desacordo, aceitemos a convenção. Mas nesse caso por que transformar os prémios referentes a uma temporada em prémios referentes ao ano civil?

Foi o que aconteceu. Só para dar um exemplo, outros seriam possíveis, o «DL» desta semana informa que o Prémio Garrett de 1989 para a melhor produção teatral foi atribuído «ex aequo» a **Fausto, Fernando, Fragmentos,** de Fernando Pessoa, e a **O Público** de Garcia Lorca.

Ora isto não é exacto, mas a culpa não é dos jornais por darem informações erradas. Na aparência, o caso não tem importância mas é, de facto, importante. Repare-se nisto: quem lê a notícia, pensa o seguinte: então espectáculos como **A Pécora,** da Comuna, **A Pregação,** do Bando, **Verão,** do Teatro Hoje, para falar destes, não foram considerados? Não foram porque não tinham que ser, mas o público não o sabe.

Um pouco mais de cuidado por parte da SEC evitaria equívocos como este. Mas, como temos escrito, o problema da SEC não é apenas de carácter político é também um problema de competência.

SEMANADA

A Bonifrates — Cooperativa de Produções Teatrais e Realizações Culturais, Coimbra, prepara-se para comemorar os seus 10 anos de existência que se cumprem no próximo dia 29. Para isso propõe-se organizar um ciclo de realizações que se prolongam até Abril e que incluem espectáculos de teatro e conferências que constituirão o Ciclo de Teatro Ibérico. Estreia, para já, da peça de Alfonso Sastre **Os Homens e as suas Sombras**, encenação de José Oliveira Barata. Um salto de Coimbra a Tomar onde o Fatias de Cá estreia um novo espectáculo, **A Sapateira Prodigiosa**, de Lorca. Ainda outra estreia fora dos circuitos tradicionais: **Divinas Palavras**, de Valle Inclán, o novo espectáculo do Teatro de Carnide, com encenação de Bento Martins.

Depois de duas antestreias, aí está o Teatro da Cornucópia com **Salada**, textos de palhaços com encenação colectiva.

Êxitos que se mantêm: **What Happened to Madalena Iglésias?**, de Filipe La Féria, no Casino do Estoril; no Teatro Aberto, o espectáculo de João Lourenço/Novo Grupo, **Happy End**; no Ritz, **O Regresso de Bucha e Estica**, espectáculo de Filipe La Féria; **A Pécora**, de Natália Correia, e o **Festival da Otite**, ambos da Comuna.

***What Happened to Madalena Iglésias?*, da Casa da Comédia, agora no Casino Estoril**

Outros espectáculos em cena: **Margarida do Monte**, de Marcelino Mesquita/Hélder Costa com a Barraca (Cinearte); **A Pregação**, com o Bando (Comuna); **Render dos Heróis**, de José Cardoso Pires, pelo CDIAG (T. da Malaposta); **D. João e a Máscara**, de António Patrício, (Teatro da Politécnica); **Les Batisseurs de l'Empire ou Le SchMurz**, de Boris Vian, (Instituto Franco-Português).

No Parque Mayer: a revista **Ai Cavaquinho! (T. ABC); Os Meninos à Roda da Mamã**, adap. de Henrique Santana (Variedades). No Villaret: **Ora Bate BatMan'so!**

Para crianças: **A Linguagem dos Animais**, no Maizum; **O Sabor dos Sonhos**, no TIL.

MARGENS

OS GARRET'S DE 88/89

Nomeações:

Melhor produção: **O Paraíso Não Está à Vista**, de Fassbinder (TEAR); **Fausto, Fernando, Fragmentos**, de Fernando Pessoa (Teatro Nacional); **Possessos de Amor**, de Sam Sheppard (Comediantes); **O Público**, de Federico Garcia Lorca (Cornucópia); **Vieux Carré**, de Tennessee Williams (Teatro Hoje).

Melhor Produção com Texto de Autor Português: **Anfitriões**, de Augusto Abelaira (Persona); **Estilhaços**, de Mário de Carvalho (O Bando); **Fausto, Fernando, Fragmentos** (esp. cit.).

Melhor Encenação: Carlos Fernando **(Vieux Carré)**; João Brites **(Estilhaços)**; Luís Miguel Cintra **(O Público)**; Ricardo Pais **(Fausto, Fernando, Fragmentos)**; Rogério de Carvalho **(O Paraíso Não Está À Vista.)**

Luísa Cruz e António Fonseca em *O Público*, de Lorca/Teatro da Cornucópia. Melhor Produção (ex-aequo), Nomeação — Melhor Actriz

Melhor Cenografia: António Lagarto **(Fausto, Fernando, Fragmentos)**; Cristina Reis **(O Público)**; João Brites **(Estilhaços)** José Manuel Castanheira **(O Paraíso Não Está À Vista)**; Ulysses Cruz/Dias Garcia (**Henrique IV**, de Luigi Pirandello/Seiva Trupe).

Melhor Actriz: Eunice Muñoz (**Zerlina**, de Hermann Broch/Teatro Nacional); Luísa Cruz **(O Público)**; Manuela de Freitas (**Final**, de Samuel Beckett/Mário Viegas); Márcia Breia **(Estilhaços)**, Maria Emília Correia **(Estilhaços).**

Melhor Actor: Diogo Dória (**A Hipótese**, de Robert Pinget); João Paulo Costa **(Possessos de Amor)**; Mário Jacques (**Às Seis, o Mais Tardar**, de Marc Perrier/Instituto Franco-Português); Mário Viegas **(Final).**

Destas nomeações foram atribuídos os seguintes Garrett's:

Melhor produção: **Fausto, Fernando, Fragmentos**, e **O Público, «ex aequo».**

Melhor Produção com Texto de Autor Português: **Fausto, Fernando, Fragmentos.**

Melhor Encenação: Rogério de Carvalho (**O Paraíso Não Está À Vista**)

Melhor Cenografia: António Lagarto (**Fausto, Fernando, Fragmentos**)

Melhor Música: António Emiliano (**Fausto, Fernando, Fragmentos**)

(Não encontrámos nomeações na área da Música mas admitimos que se trata de um lapso nosso.)

Melhor Actriz: Manuela de Freitas **(Final).**

Melhor Actor: Diogo Dória **(A Hipótese).**

Dramaturgos

No que se refere a dramaturgia, o júri entendeu não atribuir o 1.º Prémio, atribuindo o segundo prémio e uma menção honrosa a Hélder Prista Monteiro pelas peças «De Graus» e «Não é Preciso Ir a Houston».

Júri da melhor peça inédita: Glória de Matos, Liberto Cruz, Luís Figueiredo Tomé, Luzia Maria Martins e Varela Silva.

Júri Produções: António Augusto Barros, Luís Figueiredo Tomé, Maria Helena da Nóbrega, Maria Helena Serôdio e Maria João Serrão.

FALAS

... Não é segredo para ninguém que o final dos anos oitenta assistiu, no que ao teatro português diz respeito, a um esgotamento de modelos que prenunciam, ou exigem, aos criadores dos palcos portugueses, um repensar de vias, uma renovação de elencos, uma reformulação de projectos estéticos que, por enquanto, se não vêem apontar no horizonte. E isto é tão grave e tão urgente que destes pressupostos depende o futuro do teatro em Portugal, aqui incluído o papel que caberá ao Estado no delineamento de uma política de apoios — enquadrado numa reformulação mais genérica de política cultural, que não se vislumbra, ainda —, o papel das várias instituições vocacionadas para a cultura, a intervenção dos mecenas empresariais, e outros, o remoçamento do discurso cultural (ideológico, mediático), o futuro do Teatro Nacional, das companhias (pouco) subsidiadas ou não subsidiadas, o papel da chamada descentralização, etc., etc., etc.

Eugénia Vasques

«Expresso» — 20-01-90

O OLHAR EM DIA

JORGE FALLORCA

INTERNACIONALIZAÇÃO DA PERIFERIA

Se Luís Serpa também integra o comité de galerias da feira de arte madrilena, ARCO, a importação de uma determinada cultura em benefício da exportação da cultura portuguesa, através da estratégia de programação da galeria que agora passa a designar-se pelo seu nome, relegou-o para um plano jamais alcançado por qualquer outro galerista português no actual panorama das artes plásticas a nível internacional.

"A razão é muito simples: obrigados por lei a alterar o capital social, e também porque houve uma restruturação ao nível de sócios desta empresa que se chama **Galeria Cómicos/Editores**", disse-nos Luís Serpa da necessidade de alteração do nome.

"Não havendo mais razão para estar ligado a esse nome, porque o ex-sócio tinha pertencido a esse Grupo de Teatro, e daí o motivo porque ao tempo tinha o nome de **Cómicos - Espaço Intermedia**, dado que era um projecto diferente do projecto de uma simples galeria. Era um local onde se podiam apresentar várias áreas, com a pintura e a dança, a arquitectura, a fotografia e o teatro. Abandonado esse projecto assumimo-nos como galeria. Alterada a sociedade e quebrado esse elo de ligação, achei por bem assumir o meu nome, personalizando a galeria, e estabelecer um ano de transição para dar a conhecer a mudança que culminará com o desaparecimento do nome **Cómicos**".

«DL» - O começo da década marca o assumir, de forma definitiva, a vossa internacionalização. A apresentação de um artista português e três estrangeiros na exposição que assinalava o seu quinto aniversário (Fevereiro, 1989) serviu para anunciar a participação individual desses artistas?

"Não. A programação da galeria tem-se baseado no seguinte critério: fazer exposições individuais dos artistas com quem trabalha regularmente, e organizar colectivas sob um tema preciso. Isso implica um método de trabalho que consiste em convidar artistas a virem a Portugal e elaborarem projectos especiais que têm sido quase integralmente executados entre nós. Isso tem uma razão muito lógica: primeiro elimina custos de transporte e seguros perfeitamente supérfluos, e a produção em Portugal é mais barata que no estrangeiro; posso controlar a qualidade da produção tão bem como os próprios artistas, e, por outro lado permite um envolvimento muito grande na criação da própria exposição. Não nos limitamos a pôr peças ou quadros na parede, mas as exposições são organizadas, concebidas e produzidas de acordo com um programa pré-estabelecido não só em relação à galeria como ao programa do próprio artista, o que define a linha mestra da nossa produção. Os artistas têm achado este método extremamente positivo, o que tem possibilitado continuá-lo em relação aos que aceitam de bom grado trabalhar deste modo. Isso implica que à programação se encaminhe para um tipo de arte que é passível de ser executado fora do atelier, nomeadamente a chamada ***pintura sobre tela***. Com os artistas que trabalham deste modo, que utilizam materiais industriais como o néon, a fotografia, o granito ou o mármore, é possível elaborar projectos assim. O Joel Fischer esteve a trabalhar em Portugal com o nosso mármore, o Gerhard Merz produziu aqui peças em granito, o Kosuth produziu fotografias e peças de néon, e o Pistoletto também utilizará mármores portugueses. O facto de a galeria se ter tornado essencialmente internacional, deriva da postura que temos em relação à arte. Porque não consideramos que a arte portuguesa seja representativa única e exclusivamente da arte contemporânea. Decidi não mostrar unicamente um fenómeno regionalista, para não falar de fenómeno nacionalista, em que eventualmente algumas galerias poderão insistir, ou de que se poderão reinvindicar representando exclusivamente arte portuguesa. É evidente que no plano internacional não podemos expor todos os artistas que queremos. Expomos os que podemos, porque a programação não é uma coisa tão fácil de fazer e decidir como projectá-la no papel. É preciso saber relacionar-se com os artistas, viabilizar economicamente as exposições, saber se os artistas estão disponíveis para trabalhar deste modo. Portanto, a vocação internacional deriva dessa estratégia, desse modo de trabalhar e dos resultados que temos vindo a obter e que nos tem possibilitado dar-lhe continuídade.

«DL» - A internacionalização dos artistas portugueses com quem a galeria trabalha decorre dessa postura?

Há duas vertentes: não nos limitamos a importar uma cultura (estrangeira), mas temos provado que é possível exportar a nossa própria cultura. E nesse sentido os nossos artistas têm sido colocados em galerias no estrangeiro, incluídos em algumas exposições internacionais, e serem considerados como artistas internacionais, como poderiam ser de qualquer outra nacionalidade. Creio que não nos podem acusar de importar somente um determinado tipo de cultura, mas temos sido capazes de implementar, divulgar e promover a arte portuguesa no estrangeiro. No fundo era, e é, um dos princípios básicos da galeria.

A paixão do auto-retrato

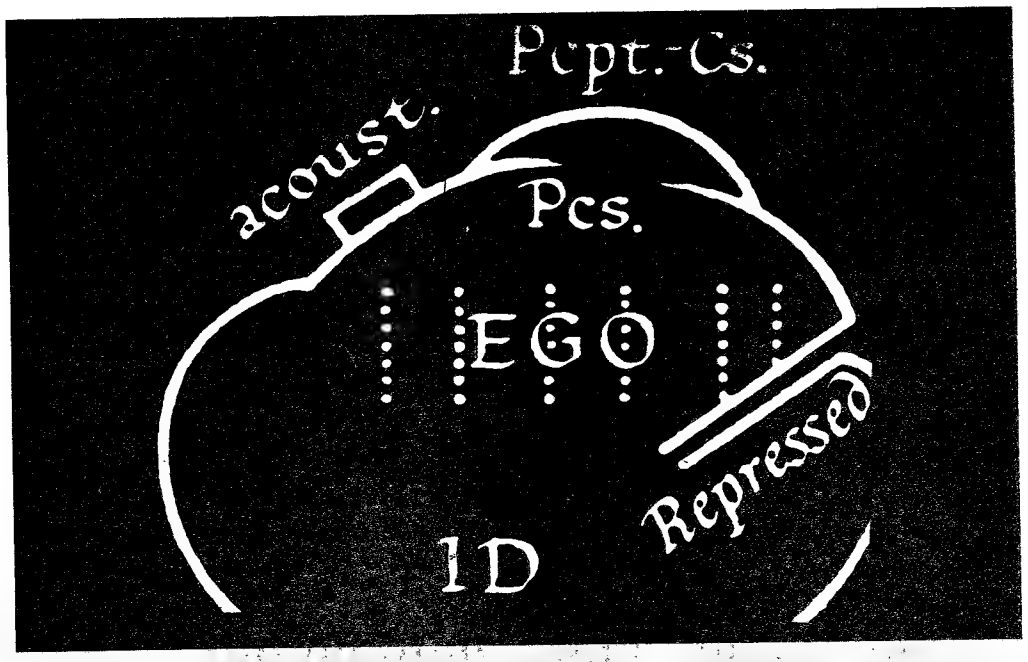
«DL» - Depois da instalação que o Gerhard Merz tem na galeria, virá uma grande exposição subordinada ao tema dos auto-retratos.

Essa exposição coincide, quase por acaso, um ano depois de termos organizado em Fevereiro uma outra com quatro escultores. Foi uma exposição pensada sobre o barroco e os artistas que trabalhavam sobre ele, que fizeram trabalhos propositadamente para essa exposição, e produzidos em Portugal. Um ano depois surge, naturalmente, a necessidade de fazer outra exposição organizada por mim e não somente exposições individuais. A partir do momento em que se pensa em exposições colectivas elas têm que ser articuladas teoricamente, e não podem ser só um aglomerado de obras postas ao lado uma das outras com o significado de colectiva. Há sempre um questionamento sobre a selecção das obras. Neste caso dos auto-retratos, é um tema que me tem apaixonado e tenho seguido sistematicamente, e que se proporcionou organizar para este período. O facto de se ter aventado a hipótese da exposição ser apresentada na Casa de Serralves, fez com que ela ganhasse outra dimensão e pudessem ser incluídas mais obras do que as previstas para um só período de exposição aqui. A exposição aumentou, e será naturalmente apresentada numa primeira fase aqui e em Junho, na Casa de Serralves. Foram convidados a escrever os críticos Chaké Matossian, John Yau e Pedro Miguel Frade, para elaborarem ensaios sobre o tema dos autoretratos. O Pedro Frade, naturalmente ligado à fotografia; o John Yau, tendo já publicado um texto na **Art Forum** sobre a questão do auto-retrato; a Chaké Matossian, tendo-se já debruçado sobre o retrato em algumas teses que apresentou. Eram as pessoas que considerei indicadas. O catálogo vai constituir uma peça fundamental na exposição. Há um fio condutor que une todas as peças baseadas em fotografias. Escapam a isso as peças de Tony Cragg e Gilberto Zorio. A primeira parte é inteiramente dedicada às obras que são fotografia - propriamente dita, e as outras serão esculturas que utilizam a fotografia como elemento material".

Circuito da arte contemporânea

«DL» - Ainda não há um mês que regressaste da Feira de Los Angeles, e, dentro de quinze dias, já estarás na ARCO, em Madrid, de que aliás integras o comité.

"O comité de selecção funciona como um comité de apoio à direcção. Não há comités nacionais. Eu não seleccionei nenhuma galeria portuguesa, nem sequer sou representante de Portugal. Poderia estar mais do que um português no comité, como há vários espanhóis, italianos, alemães e ingleses. O facto de ser eu o único, não quer dizer que no próximo ano eu continue ou que não haja mais portugueses incluídos. Não represento nem defendo nenhuma galeria portuguesa, estou lá meramente como elemento técnico, como estão todas as outras que foram convidadas. Como sabes, necessitamos de ir às feiras, embora seja um esforço tremendo, não só financeiro como de trabalho, para uma galeria como a nossa. Só que Portugal não tem estado no circuito da arte contemporânea. Portanto, temos que nos deslocar aos centros onde passam todos os opinion makers que interessam para implementar o nosso programa, divulgá-lo e visiabilizá-lo. Escolhemos o ARCO porque tem vindo a ganhar prestígio anualmente. Fomos seleccionados logo para a primeira edição, e o facto de termos um pé nos Estados Unidos, é porque trabalhamos com artistas americanos. E parte dos nossos coleccionadores (também americanos) têm vindo a ganhar um peso substancial no leque de clientes que temos vindo a conhecer. Los Angeles podia ser uma feira alternativa à de Chicago e, por outro lado, um local alternativo ao centro que é Nova York. Como gale-



Sigmund Freud, diagrama do «ego» e do «id»

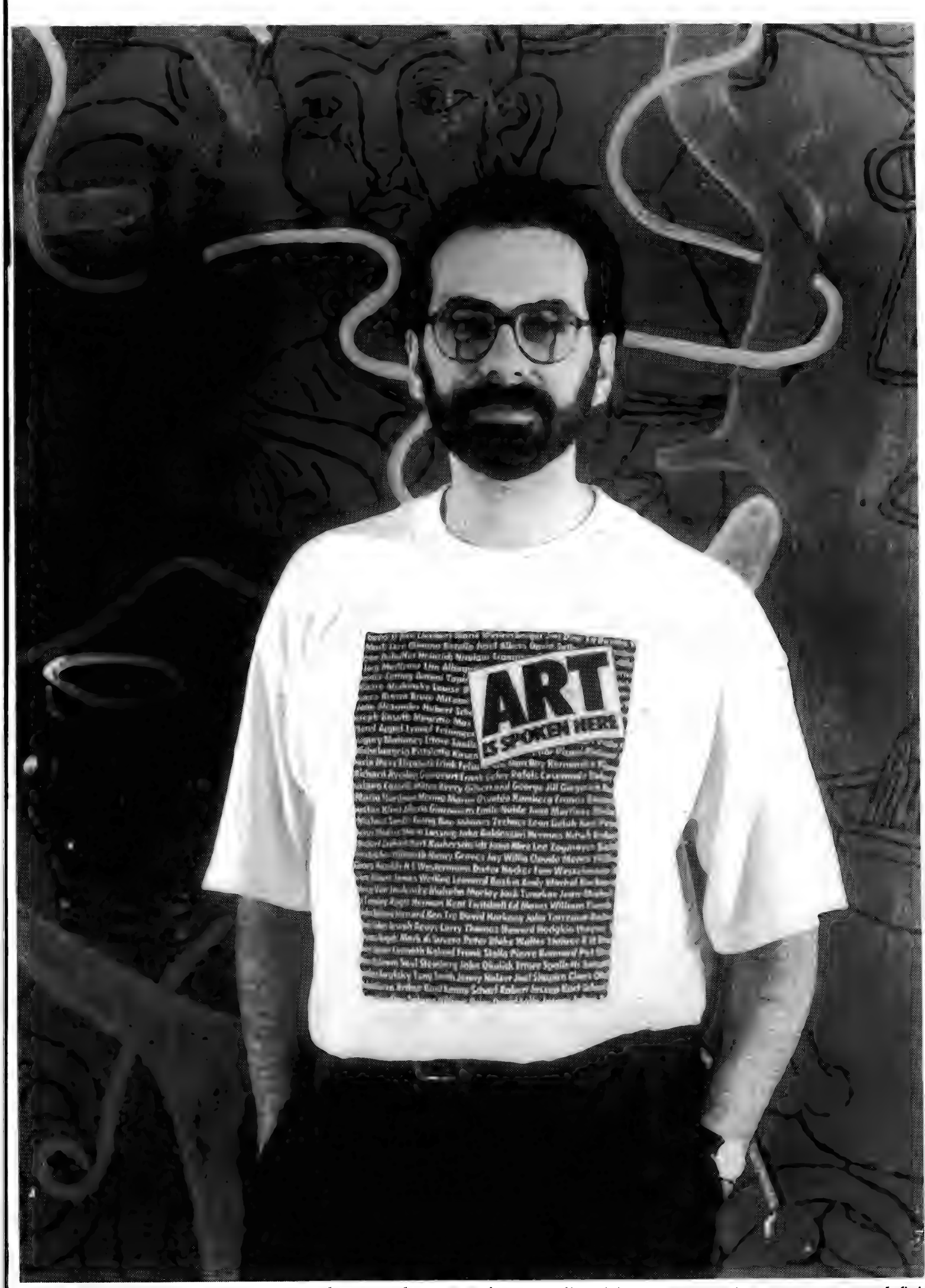


Foto: José Fabião

ria periférica que somos e queremos continuar a ser, Los Angeles afigurava-se-nos como um local ideal para podermos divulgar a arte europeia com os artistas, portugueses, espanhóis, alemães ou italianos com quem trabalhamos. De facto tem resultado, aparecemos num leque de galerias convidadas no primeiro ano ao que eles chamam **cutting edge**: lote de galerias que são seleccionadas como as que de momento estão a fazer um trabalho mais importante. Normalmente são necessárias oito. Isso deu-nos uma certa aura e, por outro lado, comprovou aquilo que andavamos a fazer e a dizer há muito tempo: que a galeria tinha uma implementação internacional olhada com alguma desconfiança aqui em Portugal. A partir daí, de facto o nosso nome estabilizou-se, tivemos resultados excelentes, lançámos alguns artistas a nível internacional (que creio não oferecer dúvidas a ninguém) e todos os anos temos vindo a acumular algum sucesso que nos entusiasma para continuarmos a frequentar as feiras. Gostaríamos de poder fazer pelo menos mais uma feira na Europa, mas isso obriga a que a estrutura da galeria passe a ser outra e passa por uma definição bastante clara da política **oficial**, em relação ao apoio às galerias de arte portuguesa no estrangeiro e à estratégia e à política de divulgação da arte portuguesa também. Isso está por ser definido. Em finais de Janeiro não tenho conhecimento dessa política, nem do acordo tripartido entre a Secretaria de Estado da Cultura e as fundações Luso-Americana e Calouste Gulbenkian, o que torna extremamente periclitante a programação e perspectivação das galerias durante o ano. Sem esse apoio financeiro será impossível continuar este programa. Dado que este acordo tripatido se baseava em três anos (concluídos em Dezembro de 89), de certeza que para implementar essa actividade é preciso saber com uma certa antecedência se os apoios vão ser continuados ou não. O que eu penso, é que se se exige das galerias cada vez maior profissionalização, e aos artistas portugueses cada vez maior qualidade na produção do seu trabalho, neste momento pergunto: Como é que se pode exigir isto a quem se dá um subsídio, quando as próprias instituições que o dão não são capazes de o definir? Tudo se passa, de facto, por uma política de apoio às artes plásticas. Política essa que não pode ser pontual, não pode ser suspensa só pelo facto de mudar um secretário de Estado. Tem que ser uma estratégia nacional para que não haja quebras de ritmo e, para que seja possível prever, e programar toda a actividade que se vai fazer. Não pode ser uma perspectiva meramente a curto prazo, mas uma estratégia a longo prazo.

E O TRIUNVIRATO QUE DIZ?

Se as fundações Luso-Americana e Calouste Gulbenkian manifestam a sua total disponibilidade e intenção de prosseguirem o projecto de atribuição de um subsídio que permita a participação das galerias portuguesas nas feiras internacionais de arte, apenas aguardam "uma tomada de posição, definitiva, da Secretaria de Estado da Cultura", como nos afirmou Pedro Tamen, pela Fundação Gulbenkian. E acrescentou: "em Dezembro de 1989, a reunião dos delegados das três partes intervenientes neste acordo, para rever o regulamento, permitiu que o resultado obtido fosse já aprovado pelas duas fundações".

A presença no estrangeiro de Manuel Castro Caldas, consultor da Luso-Americana para esta especialidade, não nos permitiu saber que tipo de alterações (apontadas como de pormenor técnico) a FLA achou oportuno introduzir na revisão do acordo. No entanto, Santos Ferro, director daquela fundação, afirmou-nos que "com a conclusão do primeiro triénio daquele acordo tripartido, da nossa parte há o intiuto de iniciar um novo período".

Aludindo à referida reunião, o director da FLA disse: "cada uma das partes procurou fazer uma análise crítica dos resultados do projecto no primeiro triénio. Em função dessas conclusões, estabeleceu-se e actualizou-se o regulamento de participação das galerias em feiras internacionais de arte, naquilo que, esperamos, venha a ser o projecto para o segundo triénio. Aguardamos a posição da SEC, uma vez que também era comparsa desta iniciativa a três".

À hora de encerramento da nossa edição, conseguimos que Ana Costa Almeida, chefe do gabinete do secretário de Estado da Cultura, nos transmitisse a posição daquela instituição face ao acordo tripartido: "O regulamento encontra-se aprovado, e dentro em breve seguirá os tramites normais para anúncio público".

J.F.

Maria João Martins

(O) Dueto da Corda

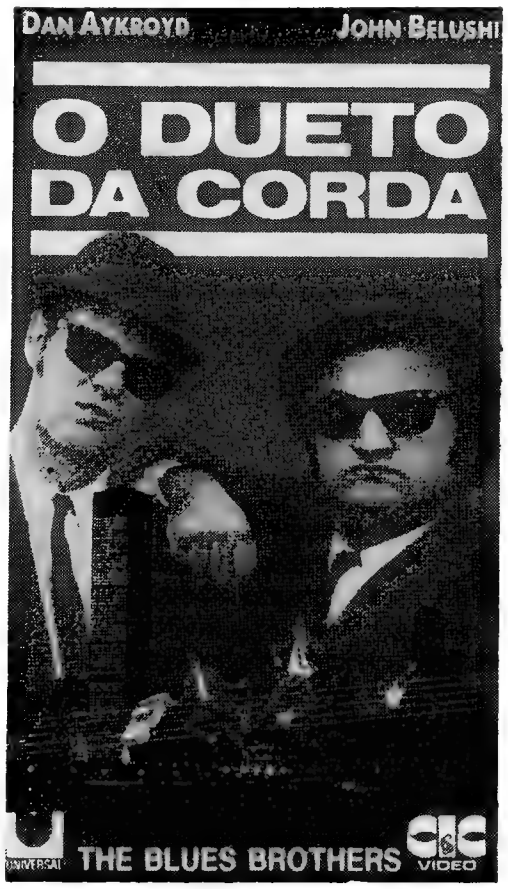
Atendendo à geral mediocridade que grassa no universo da comédia norte-americana, «O Dueto da Corda», agora lançado no mercado videográfico pela Edivídeo, mostra-se um perfeito achado. Dan Akroyd e John Belushi vivem, assim, uma intrépida aventura através dos Estados Unidos, costa a afxcosta, sempre à frente da Polícia. O deleite para o espectador começa, no entanto, com a sátira a aspectos particulares da sociedade norte-americana (o partido nazi no estado do Illinois) e continua com os números musicais interpretados por nomes tão sonantes como Aretha Franklin ou Ray Charles.

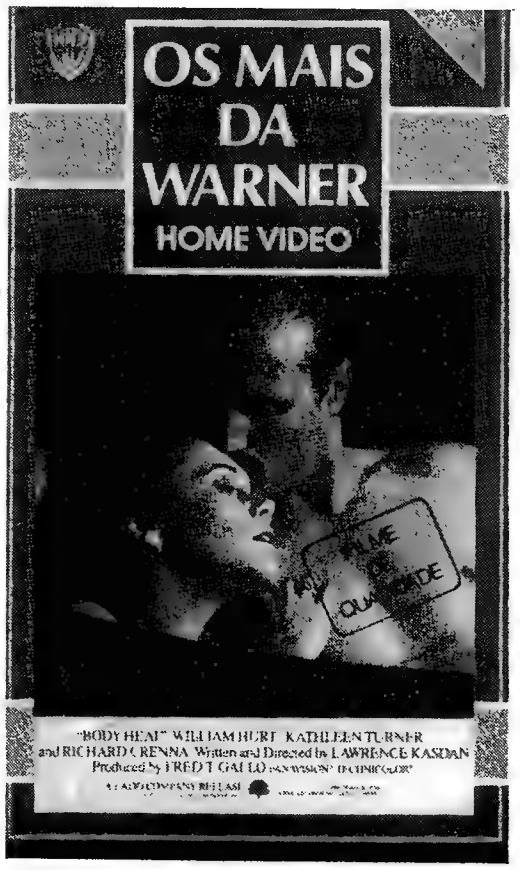
«The blues brothers». Realização: John Landis. (E.U.A- 1980). Intérpretes: John Belushi, Dan Aykroyd, James Brown, Cab Calloway, Ray Charles. Cor. 133 minutos. Comédia musical. Para maiores de 12 anos. Edição Edivídeo.

Noites Escaldantes

Interpretado por dois dos actores mais notáveis da década (William Hurt e Kathleen Turner), e realizado pelo autor de filmes tão inesquecíveis como «Os amigos de Alex», «Noites Escaldantes» é uma obra-prima do «suspense». O tema é uma tórrida relação extra-conjugal e o assassinío do marido atraiçoado. Ante este panorama, o desenlace é, pelo menos, inusitado. Quem matou Edmund Walker? Um amante ciumento, uma mulher ambiciosa ou um cúmplice dos «negócios escuros » em que o falecido se envolvia.

«Body Heat». Realização: Lawrence Kasdan. (E.U.A -1981). Intérpretes: William Hurt, Kathleen Turner, Richard Crenna. Cor.109 minutos. Suspense. Música de John Barry. Para maiores de 16 anos. Edição Kodak/ Warner Home Vídeo. Venda directa.





(A) Última Tentação de Cristo

Tal como os «Versículos Satânicos», o filme de Martin Scorcese intitulado «A Última Tentação de Cristo», demonstra neste final de milénio pela polémica que suscitou, o peso que as velhas religiões monoteístas ainda exercem no pensamento dos povos. Se em Portugal os «brandos costumes» não deram sinal de si, o mesmo se não dirá da França , país onde uma leitora da célebre revista de actualidade cinematográfica «Première» ameaçava, por exemplo, deixar de comprar a dita publicação porque esta elogiara o filme em análise.

À parte estas questões, muito convenientes, aliás, do ponto de vista publicitário, «A Última Tentação de Cristo» é uma película interessante que não desprestigia a figura e o mito de Jesus Cristo, antes pelo contrário, torna-o mais próximo do Deus feito homem.

«The Last Temptation of Christ». Realização: Martin Scorcese. (E.U.A - 1988). Intérpretes: William Dafoe, Harvey Keitel, Barbara Hershey, Harry Dean Staton, David Bowie. Cor. 156 minutos. Drama. Música de Peter Gabriel. Para maiores de 16 anos. Edição Edivídeo.

(A) Cor Púrpura

Não importa o que dizem os críticos profissionais. Para mim, «A Cor Púrpura» não é uma demonstração de infantilidade, nem de pieguice cinematográfica. É uma história maravilhosa de solidariedade entre mulheres, de solidariedade como ela raramente acontece, mas que é uma festa quando temos a felicidade de a viver. Fora editado no mercado de aluguer e agora passou ao regime de venda directa. É o filme que eu vejo a pensar nas mulheres, nas que adoro, nas que detesto, mas sobretudo na partilha dos segredos , das desilusões e das alegrias que todas nós mantemos dos seis aos setenta anos.

«A Cor Púrpura». Realização: Steven Spielberg. (E.U.A- 1985). Intérpretes: Danny Glover,Adoph Caesar, Margaret Avery, Rae Dawn Chong. Cor. 108 minutos. Drama. Música de Quincy Jones. Para maiores de 12 anos. Edição Kodak/ Warner Home Vídeo.

CLUBES DE VIDEO

video 100

ALUGUERES DESDE

100.00

NOVO CLUB **Loja 1** — Rua Barão de Sabrosa, 78-A • Tel.: 83 83 03 • LISBOA
Loja 2 — Rua Barão de Sabrosa, 35-A • Tel.: 83 83 03 • LISBOA
Loja 3 — Cç. do Monte (à Graça) • Tel.: 87 82 78 • LISBOA
Loja 4 — Av. Madrid, 14-B (ao Areeiro) • LISBOA
Loja 5 — R. José Galhardo, 7-A (Quinta do Lambert) • LISBOA
Loja 6 — Rua Nova • Pederneira • NAZARÉ
NOVO CLUB **Loja 7** — R. Aldolfo Coelho, 12 • Tel.: 82 12 42 (Alto S. João) • LISBOA

FILMES DA SEMANA

- COCKTAIL
- ESCORPIÃO VERMELHO
- JOVENS PISTOLEIROS
- A DAMA E O VAGABUNDO
- A ÚLTIMA TENTAÇÃO DE CRISTO
- ÁGUIA DE FERRO II
- A HORA DOS HERÓIS.

SISTEMA INÉDITO • **SEMIJOIA** • 4ªS FEIRAS 1 ALUGUER GRÁTIS

ÁFRICA AQUI

EM LISBOA COMO EM CABO VERDE

MARIA JOSÉ
BELO MARQUES

Um bairro de lata, hoje, não é igual aos dos anos 60. As Juntas e as Câmaras já montam esgotos e puxam electricidade para as pequenas casas, com um ar mais apresentável, independentemente da realidade de uma vida acanhada para quem aí mora. Ghetos para gentes de outras raças ou para extractos sociais de parcos recursos, estes bairros encavalitam-se, quase sempre, por pequenas encostas acima. Têm vida própria, são espaços que privilegiam a transmissão de crenças, estórias, História e cultura. Assim são os bairros de cabo-verdianos da zona de Algés.

O que custa a acreditar, a quem olha do exterior para essa amálgama de casas construídas pelas mãos de quem as habita, como no bairro de Santas Martas, é que aí haja uma discoteca e um espaço -o "Barracão"-, onde aos domingos das seis da tarde até à meia-noite, com entrada gratuita, se apresentam conjuntos musicais, se dança, se ri e se consegue encontrar momentos, mesmo que efémeros, de alegria.

O grupo Ponto Final, composto por cabo-verdianos e filhos de gente de Cabo Verde, nascidos em São Tomé e no Princípe, anima as festas semanais do "Barracão". Com eles, África Aqui passou o Dia do Senhor, numa experiência inesquecível, devido à forma espontânea e calorosa do relacionamento dos presentes. A sala, não muito grande, mas arejada o suficiente, tem nas suas paredes pintados: um retrato de Bob Marley (ao lado de uma bandeira do Benfica), uma paisagem tropical de vermelhos cor-de-fogo e verdes cativantes, um par dançando e, por baixo da frase África Unida, as bandeiras de Portugal e Cabo Verde cruzadas, lendo-se em legenda Salão de Convívio Bons Amigos. Os convivas são africanos, principalmente cabo-verdianos descendentes da ilha de Santiago. A presença feminina, onde se encontram as únicas pessoas de raça branca, é em número reduzido. « Elas preferem discotecas fora daqui. É assim!» - explicam-nos, acreditando que, porque é recente a reabertura do local, depressa aí acorrerão, sobretudo vindas de outros bairros.

No bar as bebidas são a preços acessíveis, 100$00 a cerveja, e encontra-se grogue e ponche de mel, o sabor guardado na memória da terra distante.

Sabe bem estar no "Barracão", mais ainda ouvindo os Ponto Final.

FAZER MÚSICA COMO SE RESPIRA

O reportório deste grupo, capaz de tocar ritmos e temas africanos no top, compõe-se de uma ou outra morna e coladera, de alguns reggaes, tendo como prato forte o funaná, dificilmente escutado nas discotecas de música africana. Poucos músicos, em Portugal, lhe dedicam atenção e o fazem com qualidade, este grupo, apesar de jovem, fá-lo com garra, tentando ser-lhe o mais fiel possível.

Os Ponto Final, actualmente, são cinco: Sérgio - voz; Santos - guitarra; Zé António - baixo; Lindo - teclas; Djoca-bateria. Connosco, noutro dia, que não o da festa, falaram sobre o grupo Santos e Zé António:

«Fomos nós que fundámos o grupo que vai fazer três anos. Três de nós nasceram em São Tomé e cresceram em Portugal, os outros dois são de Santiago.»

P - Qual a idade média dos elementos do grupo?

R - «O mais novo tem vinte e dois anos, o mais velho trinta e três.»

P - Conhecem Cabo Verde?

R - «Só um de nós, praticamente.»

P - Mas vocês fazem música de raíz tradicional cabo-verdiana. Porquê fundamentalmente o ritmo de Santiago, o funaná?

R - «É a música com que crescemos. Vem no sangue. Para além de ser o estilo de música mais do agrado da malta nova. Mas não esquecemos os outros estilos.»

P - Algumas das vossas letras são de amor, mas a maioria é de crítica social...

R - «O funaná é um ritmo que serve, quase sempre, letras de crítica social, o outro motivo deve-se aos empurrões que levamos na vida.»

P - Já têm uma cassete gravada, que sairá esta semana também em disco, nela participaram ainda, nas teclas da única morna Tito Paris e na voz e percussão o Kim, hoje integrando o grupo do Monte Cara. É uma edição de quem?

R - «Nossa. Fomos nós que a pagámos, com o apoio de algumas pessoas.»

P - Fazem da música a vossa ocupação principal?

R - «Não. Trabalhamos todos na construção civil como pedreiros, só o Djoca é que trabalha numa fábrica. Se tivéssemos contratos regulares que garantissem a nossa sobrevivência, claro que só fazíamos música.»

P - Com essas profissões não devem ensaiar muito. Ou estou enganada?

R - «Ensaiamos duas vezes por semana. E raramente falhamos.»

P - No "Barracão", onde vão ficar a actuar todos os domingos, o público que têm é praticamente só africano. É só esse o público que querem? Acreditam que se quebrem barreiras e os portugueses entrem num bairro cabo-verdiano, para de forma simples, sem a sofisticação de uma discoteca, ou bar, do centro da cidade, ouvirem a vossa música e dançarem?

P - «Queremos chegar a todos os públicos. A música que tocamos agrada a toda a gente. Ninguém é mal-tratado nos nossos bairros só por ter cor diferente, a menos que queira provocar desacato. Toda a gente é bem recebida. Gostamos de conviver com todas as pessoas. Aliás, aproveitamos para convidar os portugueses a virem ouvir-nos. É evidente que gostavamos de poder actuar, regularmente, noutros locais, também. Assim apareçam os contratos...»

Quem goste de música africana, não tenha complexos e acredite que a diferença não quer dizer incomunicabilidade, deve ouvir este grupo ao vivo. Apesar de precisarem de rodagem, justificativa de alguns deslizes, ninguém fica indiferente à sua capacidade de transmitir, com a força da sinceridade, o sentimento, devendo-se esse facto principalmente ao vocalista. Sérgio é um cantor de funaná, disso não restam dúvidas. Os que não percebam as palavras, mas gostem da música, ou do ritmo, entendem-na através da criatividade da guitarra do Santos, em harmonia com a sobriedade das teclas, bem apoiadas no baixo e na bateria, que apesar de poderem vir a ter mais brilho, conseguem ser contagiantes.

Os menos corajosos, ou os que não queiram passar um dia no bairro das Santas Martas, podem encontrar a cassete e o LP, do Ponto Final, nas lojas de discos de São Bento.

Ponto Final: o grupo animador das festas do "Barracão"

CINEMA

RODRIGUES DA SILVA

CRÓNICA

UM, DOIS, TRÊS, VÁRIOS FILMES BONS

«O Processo do Rei»

Ínvios são os caminhos do Senhor, mas haja Deus. E não há dúvida que houve Deus por cá nesta minha ausência em férias. Saí daqui com a programação comercial a marcar passo, regresso com uma mão-cheia de filmes de se lhe tirar o chapéu.

Claro que há aqui um daqueles acasos de que os caminhos do Senhor são férteis: a programação, que ora é boa, amanhã pode ser má; percebe-se pelas datas dos filmes agora em estreia que os há recentes e... com três e quatro anos de prateleira, mas Portugal é assim, já se sabe.

No meio disto tudo, um consolo maior: estreou comercialmente outro filme português e na hora exacta (logo após a distinção no Festival do Rio de Janeiro) e mais uma vez Paulo Branco surgiu a defender como exibidor o filme que produziu. Oxalá tenha este a mesma sorte que «Recordações da Casa Amarela» (mais de três meses em cartaz), porque este é «O Processo do Rei», de João Mário Grilo, uma obra que merece o melhor acolhimento do público.

Uma coisa desde logo é patente: está-se perante um realizador que sabe filmar, há mesmo um esmero desmedido na composição de cada cena, de cada plano, na encenação, enfim, de todo o filme.

Mais: parece óbvio que João Mário Grilo tem uma ideia de cinema e uma compreensão do que foi a época em que situa «O Processo do Rei», o seiscentismo português, período ainda maneirista e já algo barroco, em suma, um tempo de representações.

Grilo evitou a reconstituição histórica no pior sentido do termo. Em vez disso, encenou a história e o resultado é gratificante.

A história desse rei (D. Afonso VI) que, por presumível impotência, é substituído no trono e no leito da rainha francesa por seu irmão (D. Pedro II) surge-nos no filme de João Mário Grilo como se fora um quadro animado que nós víssemos à distância e não será certamente por mero efeito estético que «O Processo do Rei» termina num paralítico, os actores subitamente como que transformados em estátuas que o tempo há-de, ele próprio, voltar a esculpir.

Acontece, porém, que alguma coisa está ausente nesta obra e isso sente-se e senti-lo é bem mais fácil do que explicá-lo ou exprimi-lo. O que é que lá não está, afinal? Confesso que interrogando-me, não fui capaz de dizer senão isto: não está lá a paixão. Não a paixão das personagens... a paixão do realizador. Como se, tão preocupado em fazer uma obra perfeita e coerente, João Mário Grilo se tivesse esquecido de animar por dentro o seu filme.

Estamos na situação inversa de «Cinema Paraíso», uma obra que respira paixão por todos os poros, mas que não me parece tão bem acabada como o filme de João Mário Grilo.

Apetece retomar este filme italiano, encurtá-lo, sei lá, qualquer coisa que o torne mais equilibrado, porque há sem dúvida um contraste demasiado grande entre a primeira e a segunda parte, se quisermos dividir o filme no momento em que o miúdo sai de cena.

De qualquer modo, «Cinema Paraíso» é um filme que evita alguns escolhos em que caía um outro filme italiano que se lhe pode assemelhar: «Esplendor».

Em «Cinema Paraíso» não é tanto a história do cinema mas do projeccionista que está em causa, não tanto uma sala como um ofício (e a transmissão de um saber).

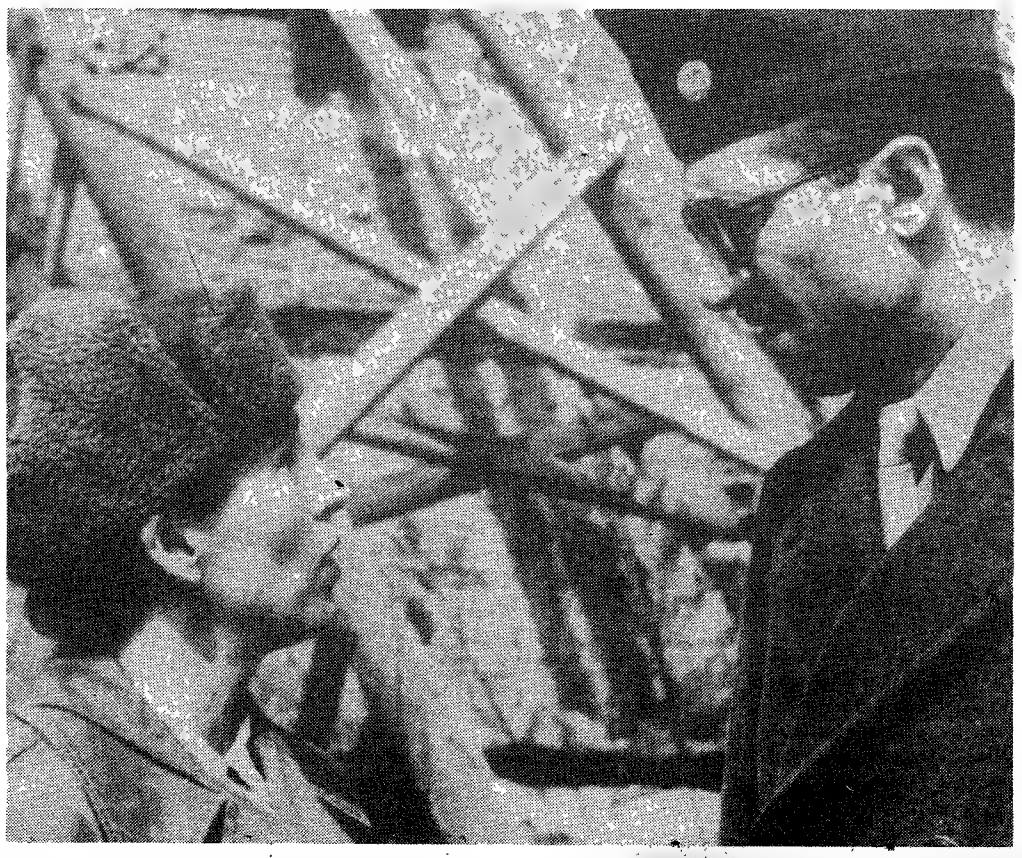
E há, obviamente, o final: um deslumbrante achado que redime o filme de alguns pecados. O mesmo acontecia — lembram-se? — em «Esplendor». Só que no caso do filme de Scola, o final sabia a «happy-end» de recurso e em «Cinema Paráiso» está-se perante outra coisa: um percurso, um evoluir, o do próprio aprendiz de projeccionista que aos 50 anos recebe uma herança que é a própria memória do cinema.

De «Cinema Paraíso» para outros filmes que enriqueceram esta semana cinéfila de Lisboa. Comecemos por «Regresso a Viena» (e não Viana, como um jornal de prestígio vem publicano há vários dias no seu cartaz publicitário). É a história de dois soldados do Exército americano, mas eles próprios nascidos em Viena que, regressam à sua terra natal em escombros. Estamos no final da Segunda Guerra Mundial e Viena é uma terra de ninguém. Sê-lo-á por pouco tempo, pois percebe-se que toda a gente ali procura já um lugar ao sol no futuro que há-de vir e promete. As bombas não deixaram só a cidade destruída, destruíram também as consciências.

Mas há alguém que resiste. Dir-se-ía uma personagem extraída de um romance de Joseph Roth, esse grande escritor que deu como poucos o drama dos que ficam deambulando nas cinzas dos antigos impérios.

Filmado a preto e branco, jogando maravilhosamente com os contrastes de luz e sombra que são, afinal, os confrontos de alma de toda aquela gente, «Regresso a Viena» é das grandes e agradáveis surpresas desta temporada, um filme que apetece rever.

Outro filme a ver e rever é «Homem Apaixonado», uma história aparentemente simples que beneficia de interpretações notáveis, a começar pela de Greta Scacchi, bem secundada por Peter Coyotte, Jamie Lee Curtis e Claudia Cardinale, esta uma actriz a saber envelhecer.



«Regresso a Viena», de Axel Corti, em exibição no cinema Quarteto

O tema é aliciante: a filmagem dos últimos dias de um grande escritor italiano (Cesare Pavese) que se suicidou em 1949 com 42 anos, no auge da carreira, e deixou, para além de uma obra poética e de ficção, um diário a que chamou «Ofício de Viver» (existe edição portuguesa).

A equipa de filmagens é norte-americana, a rapariga com quem Pavese passa os últimos dias de vida é italiana. Dá-se o previsível: os dois actores principais apaixonam-se e o «Homem Apaixonado» passa a ser dois filmes num só: o de Pavese e o dos actores no «plateau».

Diane Kurys evita o que, no entanto, parecia óbvio e até certo ponto do filme supus que infelizmente iria suceder. Não sucede: o actor, face ao drama da divisão entre a mulher e amante, não se suicida como Pavese, cujo papel interpreta. A história, aliás centra-se não tanto nele, como o título do filme parece indicar, mas na rapariga e é no seu crescimento através dessa esplendorosa e dolorida experiência da paixão que tudo acaba.

Mais uma corrida, mais uma viagem e eis-nos perante «O Clube dos Poetas Mortos», outro filme excelente. Desta vez tudo se passa na América, o cenário é um colégio secundário para ricos, onde só um professor destoa. Porquê? Porque em vez de dar o peixe, ensina a pescar (utilize-se um provérbio chinês que não vem para o caso mas explica que dar aulas é antes de mais ensinar a amar o objecto de estudo, cada um depois por si que lhe descubra o fascínio).

Este professor é isso que faz o que, evidentemente, vai chocar a instituição mais ou menos fascizante daquele liceu «made in USA» anos 50.

Há no final um ligeiro saber a «happy-end» mas o filme vale pela autencidade dramática e, acima de tudo, pela figura do professor.

E conclua-se com a ovelha negra da semana, não é ovelha é chuva, já que dá pelo título de «Chuva Negra», deve ter rendido uns milhões a Michael Douglas, mas o crime não compensa. Esta história de polícias e ladrões transposta para o Japão tem os truques todos tão à vista que quase nos dá vontade de sentir pena de uma certa indústria americana tão falha de criatividade quão fértil em imaginação. A de alterar o secundário para que o essencial fique na mesma. Com uma lista de bons filmes a ver, «Chuva Negra» nem por desenfado...

CICLO MODERNIDADE/PÓS-MODERNIDADE, NA CINEMATECA

ROHMER E GODARD HOJE E HÁ 20 ANOS

Eis uma das agradáveis surpresas deste mês inaugural de 1990: o ciclo organizado pela Cinemateca Portuguesa sob o título Modernidade/Pós-Modernidade. Na prática, trata-se de pôr em confronto o cinema moderno (ou como tal considerado) de duas décadas, a de 60 e a de 80. Na prática, também, trata-se de indagar, já com o devido distanciamento, que «modernidade» resiste desse cinema de há vinte anos, que herança o de hoje recebeu e assimilou do de então.

Como se pode constatar é aliciante e permite, para além do mais, diversas comparações. Não só: algumas especulações. Como esta (e atendendo só aos filmes escolhidos para o ciclo): de todos os realizadores representados só dois surgem nas décadas de 60 e de 80 como exemplos carismáticos de modernidade e pós-modernidade. Os seus nomes são Eric Rohmer e Jean-Luc Godard. Há um terceiro: Milos Forman, há quem goste, mas pessoalmente duvido que, sobretudo hoje, Forman possa ter a ver o que quer que seja com um cinema de vanguarda.

Esta semana, porém, o confronto 60/80 é o de Rohmer e Godard consigo próprios. De Rohmer temos para contrapor a «O Raio Verde» (1986), um filme realizado exactamente vinte anos antes, «A Coleccionadora», motivo então de algum escândalo. O confronto de Jean-Luc é entre «O Desprezo» (1963) e «Atenção à Direita» (1987).

Vincent Gouthier e Marie Rivière em «O Raio Verde»

«O Desprezo», adaptado de um romance de Moravia, inclui como intérpretes Brigitte Bardot, Michael Picolli, Jack Palance e... Fritz Lang que desempenha o seu próprio papel. Sabendo-se quem é Lang, está-se mesmo a ver que o cinema — enquanto personagem — entra ele próprio no filme. Em 1963 fazer isto era uma ousadia, hoje é mais comum.

Será curioso, entretanto, recordar que Godard, subvertendo a história de Moravia, fez dela uma história de náufragos... os da civilização ocidental, sobreviventes do naufrágio da modernidade. As palavras são do próprio Godard e quase se poderiam aplicar ao seu filme «Atenção à Direita». Também Rohmer com «A Coleccionadora» em 1966 não andava longe do filme que faria vinte anos depois, ao menos nessa preocupação moral que atravessa grande parte da sua obra.

Modernidade/Pós-Modernidade. Como dizia um dia Abelaira, os grandes escritores são afinal aqueles que num certo sentido escrevem sempre o mesmo livro. Dos grandes cineastas — quanto aos seus filmes — se pode dizer o mesmo.

Todo o programa a seguir, com a ressalva de eventuais alterações de última hora.

Hoje, dia 26

Cinemateca (respectivamente, às 18 e 30 e 21 e 30): «A Coleccionadora» e «O Raio Verde», ambos de Eric Rohmer.

Amanhã, dia 27

Cinemateca (respectivamente, às 15 e 30, 18 e 30 e 21 e 30): «O Desprezo», de Jean-Luc Godard; «Paris-Texas», de Wim Wenders; e «Atenção à Direita», de Jean-Luc Godard.

Segunda, dia 29

Cinemateca (respectivamente, às 18 e 30 e 21 e 30): «Shadows», de John Cassavetes; e «Para Além do Paraíso», de Jim Jarmush.

Terça, dia 30

Cinemateca (respectivamente, às 18 e 30 e 21 e 30): «Duas Horas na Vida de Uma Mulher», de Agnès Varda; e «Nova Iorque Fora de Horas», de Martin Scorsese.

Quarta, dia 31

Cinemateca (respectivamente, às 18 e 30 e 21 e 30): «Um, dois, três», de Billy Wilder; e «As Asas do Desejo», de Wim Wenders. Instituto Franco-Português (às 21: «Le Diable Boiteux», de Sacha Guitry.

Quinta, dia 1

Cinemateca (respectivamente, às 18 e 30 e 21 e 30): «Deus e o Diabo na Terra do Sol», de Glauber Rocha; e «A Luz», de Souleymane Cissé.

R. da S.

A VER

Dos filmes em exibição comercial em Lisboa, eis uma lista elaborada por ordem descrescente de qualidade e interesse, de acordo com um critério obviamente pessoal.

Em estreia

- «Regresso a Viena», Alex Corti (1986)
- «Sexo, Mentiras e Vídeo». Steven Soderbergh (1989)
- «Homem Apaixonado», Diane Kurys (1987)
- «O Processo do Rei», João Mário Grilo (1988)
- «Cinema Paraíso», Giuseppe Tornatore (1989)
- «Abismo», James Cameron (1989)
- «Clube dos Poetas Mortos», Peter Weir (1989)
- «O Amor É Uma Grande Aventura», Blake Edwards (1989)
- «Regresso ao Futuro. Parte II», Robert Zemeckis (1989)
- «Chuva Negra», Ridley Scott (1989)
- «Os Deuses Devem Estar Loucos II», Jamie Uys (1989)
- «Os Caça Fantasmas II», Ivan Reitman (1989)

Em reposição

- «A Bela de Dia», Luis Buñuel (1966)

R. da S.

ATALAIA
RESTAURANTE SNACK BAR

FADOS NO ATALAIA

Jante ou ceie connosco até às 2 horas da manhã ao som do fado com ESMERALDA AMOEDO e AUGUSTO RAMOS e os artistas convidados **MACIEL** e **BERTA FERNANDA** acompanhados por **LUÍS GONÇALVES** e **QUIM DE OLIVEIRA.**

EXPERIMENTE O NOSSO SERVIÇO ESPECIAL DE ALMOÇOS (DE 2.ª A 6.ª FEIRA)

APRECIE AS NOSSAS ESPECIALIDADES: BACALHAU À ATALAIA, FONDUE À BOURGUIGNONE, ARROZ DE MARISCO.

ENCERRAMOS AO DOMINGO • RUA DA ATALAIA, 35-37 (AO BAIRRO ALTO) • TELEFONE 32 01 21 • 1200 LISBOA

SÁBADO

RTP 1

09.00 - Juventude e Família
... E enquanto os pais se refezem da noitada televisiva, os putos, esses, levantam-se cedo para assistirem ao seu programa: «Cadichon», «O Cão Vagabundo», «Teatro Jovem»: Denver, o Último Dinossauro», «Transformers em Acção» ,«Concurso de Cor e Salteado». e «Olho Vivo»

12.00 - Solti dirige a 7ª Sinfonia de Beethoven

13.00 - Notícias

13.10 - Oito e Basta

14.05 - Parlamento

14.30 - Crime, Disse Ela!

15.15 - Sessão da Tarde
«Skokie», de Herbert Wise (EUA-1981), com interpretações de Danny Kaye, George Dzundza, John Rubeinstein, Carl Reiner, Kim Hunter e Eli Wallach entre outros. Duração: 122 minutos.
Em Skokie a vida decorre normalmente e sem incidentes até ao dia em que um astuto organizador do Partido Nazi em Chicago resolve fazer, ali, onde 40% da população é judia, uma grande demosntração pública.

16.55 - Vivamúsica

17.40 - Ricardina e Marta
É uma chatice e, em termos televisivos, só tem alternativa se gostar de desporto: o 2º canal transmite o programa «Estádio» a esta hora.

19.10 - Sete Folhas

19.45 - Totoloto

20.00 - Jornal de Sábado

21.15 - O Tempo

21.20 - Descobrir os Descobrimentos

21.30 - A Morgadinha dos Canaviais

22.30 - Paul McCartney
«Put it There»: Os anos 60 já passaram, mas Paul McCartney continua, tanto tempo após o fim dos «Beatles», a manter um público fiel, na sua maioria agarrado à memória dos «famosos quatro», apesar das voltas e reviravoltas que a sua carreira seguiu, por vezes bem afastada da música que celebrizou o grupo. Este programa foi gravado nos estúdios do próprio cantor e compositor, em Sussex, no passado mês de Abril. «Put it There», título do programa - retirado de uma das canções de «Flowers in the Dirt», último álbum do músico - é isso mesmo: um filme sobre o disco (1º lugar no top britânico) e sobre o seu próprio autor. «Put it There» foi filmado no sul de Inglaterra pouco antes do lançamento de «Flowers in the Dirt», numa altura em que, finda a gravação do álbum, Paul McCartney e a sua banda se encontravam já a ensaiar as canções para a actual tournée mundial do ex-Beatle. Assim, ao longo do programa, poderemos ouvir não só quase todas as canções do novo disco como recordar, com algum saudosismo, velhos temas dos «Beatles» e vários clássicoas do rock'n'roll que McCartney escolheu para incluir no espectáculo. Nos intervalos das canções, o compositor, entrevistado por Tracy McLeod, fala da sua vida, da sua carreira, dos «Beatles», de John Lennon e também da sua nova banda e de Elvis Costello, com quem começou agora a compor.

23.30 - Cinema da Meia-Noite
«O Ano do Dragão», de Michael Cimino (EUA-1985), com interpretações de Mickey Rourke, John Lone, Ariane e Ray Barry, entre outros. Duração: 128 minutos.
O capitão da polícia Stanley White, o mais condecorado polícia de Nova Ioruqe, assume a chefia da zona da China Tawn, decidido a limpar a área do crime organizado, nem que para isso tenha que pôr toda a comunidade a ferro e fogo.

RTP 2

09.00 - Via Rápida

10.00 - No Reino do Urso Polar
Estreia

10.45 - Compacto «Meu Pé de Laranja Lima»

13.15 - Circo

15.00 - Estádio

19.00 - Music Box Especial

20.00 - Meu Filho, Meu Filho

20.45 - A Flora do Novo Mundo

21.15 - Estádio/Edição da Noite

DOMINGO

RTP 1

09.00 - Juventude e Família
«O Meu Pequeno Ponei», e «Jim Henson Show»

10.05 - TV Rural

10.30 - 70 X 7

11.00 - Eucaristia Dominical

12.05 - Juventude e Família
«Brincar É Coisa Séria»

12.30 - O Mar e a Terra

13.00 - Notícias

13.10 - Grandes Tormentos
Uma estreia. Se quer ficar com uma ideia, o resumo do episódio de hoje é o seguinte: A família Seaver tem alguns problemas para resolver quando Maggie volta a trabalhar como jornalista e Jason muda o seu consultório de psiquiatria para sua casa. Entretanto, o seu filho Mike, de 15 anos, pede mais liberdade e consegue-a.

13.35 - Espaço 1999
Para não nos habituar mal com alguns bons filmes que tem transmitido, a RTP lança mais uma reposição: está é pelo menos a terceira vez que a série passa no pequeno ecran.
Se, «por acaso», não já não se recorda, no episódio de hoje o terror vem de um planeta condenado, apesar dos conhecimentos científicos muito avançados que possui.

14.25 - O Posto
Série portuguesa... vamos dar-lhe o benefício da dúvida, depois das terríveis experiências por que temos passado?

15.00 - Primeira Matinée
«A Mulher do Padre», de Dino Rosi (Itália/França-1970), com interpratações de Sophia Loren, Marcello Mastroianni, Vanantino Venantini, Jacques Stany, Pippo Starnazza, Augusto Mastantoni, Giuseppe Maffioli. Duração: 102 minutos.
Quando a bela e alta cantora pop Valeria Bill descobre que o seu amante de há quatro anos é casado, entra em crise e decide suicidar-se. Mas, pelo sim, pelo não, decide telefonar para um serviço de auxflio a casos desesperados...

16.45 - Filme
«O Homem que Veio de Longe», de Anthony Mann (EUA-1955), com interpretações de James Stewart, Alex Nicol, Donald Crisp, Arthur Kennedy, Cathy O'Donnell, Aline MacMahon. Duração: 100 minutos.
Como vem sendo hábito, a RTP «dá-nos» dois filmes seguidos nas tardes de domingo, mas não há bela sem senão: este tem mais de 30 anos (o anterior tinha só 20). Os pais já o viram quase de certeza, e os filhos têm pouca paciência para ele.
Mais uma vez, o herói chega às terras tórridas do Novo México com o objectivo de matar o homem aos Apaches armas de repetição, com as quais estes massacraram o seu irmão. Talvez os cinéfilos fiquem satisfeitos...

18.25 - Querido John

18.55 - McGyver
Para ele (e pelos vistos para a RTP, que continua a transmitir a série), o Muro de Berlim ainda não caiu, e do bloco Leste só vêm «maus». Mas estamos «safos», McGyver está lá, no momento certo para acabar com eles.

20.00 - Jornal de Domingo

20.30 - O Tempo

20.35 - Descobrir os Descobrimentos

20.40 - A Prova dos Novos
A substituir a excelente série «Christabel»,a RTP apresenta-nos uma revista: «A Prova dos Novos», gravada no Teatro variedades. Com realização de Rui Ferrão, a revista conta com as interpretações de Marina Mota, Carlos Cunha, Fernando Mendes, Carlos Ivo, maria João Abreu e João Joy.

22.00 - Domingo Desportivo

RTP 2

09.00 - Music Box Especial

10.00 - Troféu

13.00 - Caminhos

13.30 - Novos Horizontes

14.00 - Veterinário de Província

15.00 - Troféu

17.00 - Sobrevivência

18.00 - Quem Sai aos Seus...

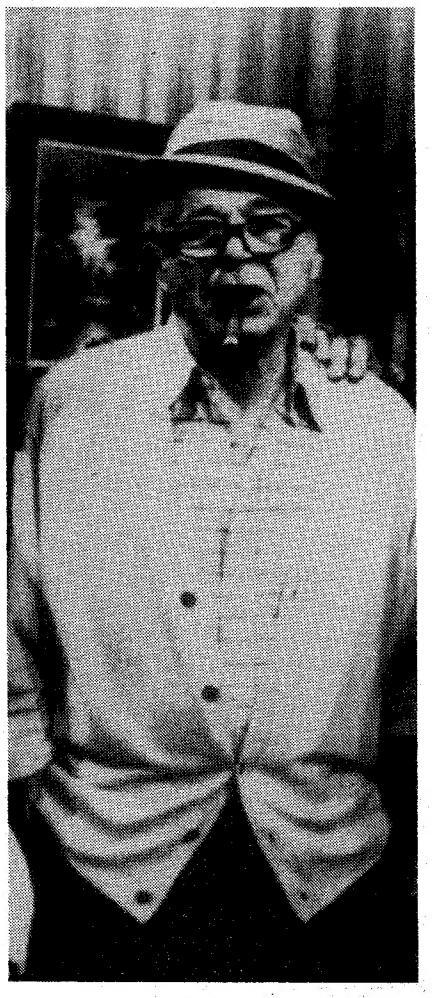
18.30 - Imagem e Imagens
Continuamos a tomar contacto com o cinema canadiano. Desta vez, a exibição de um filme inédito em Portugal de Norman McLaren, Around is Around» (1951), filmado a três dimensões, mas que nós veremos apenas a duas. A terceira fica para a próxima. O comentário é feito por Pierre Veilleux.

19.00 - Café Central

20.00 - Os Trintões

21.00 - Artes e Letras
«Homenagem a Billy Wilder»

21.55 - Cineclube
«Génesis», de Mrinal Sen (Índia/França/Bélgica/Suiça-1986), com interpretações de Shabana Azmi, Naseeruddin Shak, Om Puri, M.K. Raina. Duração: 104 minutos.
Sejamos sinceros: a maioria dos portugueses vai preferir ligar para o primeiro canal e ver uma «revista à portuguesa». Se não se inclui nesse grupo, veja este filme. O guião é o seguinte: Na Índia, o emissário de Deus, o homem dos sapatos reluzentes, tira as impressões digitais dos pobres e faz deles escravos. Algures nas ruínas de uma aldeia amaldiçoada, um agricultor e um tecelão são os únicos habitantes que providenciam em perfeita harmonia a sua subsistência. De tempos a tempos, um comerciante chega à aldeia no seu camelo comprando o trabalho do tecelão a troco de coisas básicas para o dia a dia. Até que surge na aldeia uma mulher cujo marido e o filho morreram numa qualquer tragédia natural. O desejo vence a desconfiança e deixam-na ficar.



«Homenagem a Billy Wilder» em «Artes e Letras»

SEGUNDA

RTP 1

Lídia Franco, a espia francesa de «Casino Royal»

09.00 - Bom Dia

10.00 - Às Dez

12.05 - Fera Radical

13.00 - Jornal da Tarde

13.27 - Bolsa Dia a Dia (Porto)

13.30 - Rota de Howard

14.20 - Palavras Cruzadas

15.15 - Os Planetas

15.45 - Ponto por Ponto

16.40 - Hospital Central

17.25 - Brinca Brincando
«Persil», « As Viagens de Albatroz», «O Urso Bolke», «Os Amigos de Ovide» e «Os Três Mosqueteiros»

18.30 - Rua Sésamo

19.00 - Jogo de Cartas

19.30 - Telejornal

20.00 - Bolsa Dia a Dia

20.05 - O Tempo

20.08 - Descobrir os Descobrimentos

20.15 - Vale Tudo

21.10 - Clube dos Subscritores

21.35 - Casino Royal
O Herman continua lá. Por quanto tempo? Desta vez será até ao fim dos episódios realizados?

22.40 - Quase Adultos

23.40 - 24 Horas

00.10 - Remate

RTP 2

15.00 - Filhos e Filhas

15.25 - Agora, Escolha!
Bloco A: «Devlin Connection»; bloco B: «Quem Sai aos Seus...» e «Director de Turma»

16.55 - Os Cinco

17.20 - Um Bilhete para o Mundo

17.50 - Meu Pé de Laranja Lima

18.30 - Nas Entrelinhas
O analfabetismo dos adultos é o tema central deste telefilme, cuja personagem central é a célebre equipa de basquetebol dos Harlem-Globerotters. Eles vão ajudar um velho viúvo criador de brinquedos que está prestes a perder os direitos sobre uma das suas criações, por não saber ler.

19.30 - O Homem da Carabina e O Homem Invisível

20.20 - Cantando Espalharei
São dez poemas portugueses, de Álvaro de Campos a Cesário Verde passando por Mário Cesariny e Sophia de Mello Breyner ditos, sempre, por Jacinto Ramos. A realização é de Lauro António.

21.00 - Jornal das Nove

21.30 - Festival de Teatro de Lisboa/1989
Uma das promessas do novo presidente da Câmara de Lisboa, Jorge Sampaio, é trazer a cultura à cidade. Esperemos que faça mais do que o «Festival de Teatro de Lisboa», que a RTP hoje transmite. Sete companhias estrangeiras e duas nacionais garantiram o programa, cujas peças foram representadas entre Novembro e Dezembro do ano passado. Segundo a Direcção de Programas da RTP a iniciativa coloriu-se das mais variadas opções estéticas e trouxe a público autores como Garlo Gozzi, Carlo Goldoni, Gabriel Garcia Marquez, Oshra Elkayam, Philippe Avron, Euripides, Adolfo Gutkin e António Patrício.

TERÇA

RTP 1

09.00 - Bom Dia
10.00 - Às Dez
12.05 - Fera Radical
13.00 - Jornal da Tarde
13.27 - Bolsa Dia a Dia - Porto
13.30 - Dallas
Depois de tantos desastres, mortes e reaparecimentos, não acontece nada que consiga acabar de vez com esta interminável saga?
14.15 - Palavras Cruzadas
15.15 - Os Planetas
16.40 - Hospital Central
Mais uma série de que não se consegue vislumbrar o fim
17.25 - Brinca Brincando
«Persil», ««A Viagem do Albatroz», «O Urso Bolke», «Os Amigos de Ovide» e «As Aventuras de Puchi»
18.30 - Rua Sésamo
19.00 - Jogos de Cartas
19.30 - Telejornal
20.00 - Bolsa Dia a Dia
20.05 - O Tempo
20.08 - Descobrir os Descobrimentos
20.15 - Vale Tudo
21.10 - Primeira Página
22.05 - Crónica do Crime
22.55 - 24 Horas
23.25 - Remate

RTP 2

«Rua Sésamo» continua a divertir os mais pequenos

15.00 - Filhos e Filhas
15.25 - Agora, Escolha!
Bloco A: «Maníacos do Desporto»; bloco B: «Nas Asas do Vento»
16.55 - Os Novos Caça-Fantasmas
17.20 - Um Bilhete para o Mundo
17.50 - Meu Pé de Laranja Lima
18.40 - Music Box - «Via Rápida»
19.30 - O Homem da Carabina e O Homem Invisível
20.20 - Cinemagazine
20.50 - Obras Primas da Pintura
21.00 - Jornal das Nove
21.30 - Cinemadois
«O Local do Crime», de André Téchiné (França-1985), com interpretações de Catherine Deneuve, Victor Lanoux, Danielle Darrieux, Wadeck Stanczak, Nicholas Giraud, Jacques Nolot. Duração: 87 minutos.
Thomas tem 14 anos e uma imaginação fértil, que utiliza para inventar histórias que quebrem a monotonia do dia a dia da sua pequena cidade de província. Mas este Verão tudo vai ser diferente: não há nada como cruzar-se com dois marginais. Nunca na sua imaginação foi tão longe...
00.30 - Especial Desporto
Campeonato da Europa de Patinagem Artística (Leninegrado)

QUARTA

RTP 1

09.00 - Bom Dia
10.00 - Às Dez
12.05 - Fera Radical
13.00 - Jornal da Tarde
13.30 - Colt em Acção
14.15 - Palavras Cruzadas
15.15 - Os Planetas
15.45 - Ponto por Ponto
16.40 - Hospital Central
17.25 - Brinca Brincando
«Persil», ««As Viagens do Albatroz», «O Urso Bolke», «Os Amigos de Ovide» e «As Aventuras do Bocas»
18.30 - Rua Sésamo
19.00 - Jogo de Cartas
19.30 - Telejornal
20.00 - Bolsa Dia a Dia
20.05 - O Tempo
20.08 - Descobrir os Descobrimentos
20.15 - Vale Tudo
21.10 - Vamos Jogar no Totobola
21.25 - Lotação Esgotada
«O Homem Elefante», de David Lynch (EUA-1980), com interpretações de John Hurt, Anthony Hopkins, Anne Brancroft, John Gielgud e Wendy Hiller, entre outros. Duração: 120 minutos.
Em Londres, no ano de 1884, Frederick Treves, um jovem cirurgião, sente-se intrigado por um espectáculo de rua de que toda a gente falava: o homeme elefante. O espectáculo é proibido pela polícia, mas Treves consegue que o proprietário o deixe ver aquele ser humano tão profundamente desfigurado e deformado pela raríssima neurofibramatose.
23.40 - 24 Horas
00.10 - Remate

RTP 2

15.00 - Filhos e Filhas
15.25 - Agora Escolha!
Bloco A: «Ilha da Fantasia»; bloco B: «Alf» e «Casa de Irene»
16.55 - Os Campbells
17.20 - Um Bilhete para o Mundo
17.50 - Meu Pé de Laranja Lima
18.30 - O Homem na Terra
Outra vez? É verdade. Se não viu ou é esquecido, hoje pode (re) tomar conhecimento com a libertação do mundo camponês no início da idade Média, consequência da nova organização da produção agrícola e da sociedade.
19.30 - O Homem da Carabina e O Homem Invisível
20.30 - Lusitânia Expresso
Ao espaço cabe particular dimensão neste programa de hoje. Espaço computorizado delirando com a existência real. São esboços tecnológicos em luz almejando pedra e cimento. «Interiors», tal como é dito, é entreparedes. Megalomania de Mário Duque inventada para o Danúbio às portas de Viena. Um grito que reconhecerá um «Urban Jungle» traz-nos o gota fundamental no cocktail. Tudo o que é de mais é de mais, o que é de menos é de menos. Este o resumo que a RTP faz do episódio. Se achou interessante, veja.
21.00 - Jornal das Nove
21.30 - O Jogo Final
Magnus roubou 2,1 milhões de libras da companhia de Nicholas e raptou a sua ex-mulher, Jenny. Ele também tem ligações com Fay, a actual namorada de Nick. Ton Darke, o director financeiro da Sereror, a empresa de Nick Thorne, deu ao seu grande rival no mundo dos negócios, Lorde Maine, a possibilidade de conseguir um esquema para se apoderar da companhia. Parece-lhe confuso? É mesmo.
22.30 - Século XX - A Caminho da Guerra
Vem substituir a série de programas dedicados à «Revolução Genética». A Guerra é a II, a Mundial, que estará em foco.
23.20 - Especial Desporto
Campeonato da Europa de Patinagem Artística (Leninegrado)

QUINTA

RTP 1

09.00 - Bom Dia
10.00 - Às Dez
12.05 - Fera Radical
13.00 - Jornal da Tarde
13.27 - Bolsa Dia a Dia (Porto)
13.30 - Um Anjo na Terra
Mais uma boa acção. Será que o anjo ainda não está cansado?
14.15 - Palavras Cruzadas
Como foi muito «aplaudida» pelo público quando estreou, a RTP repete-a. Para quem é masoquista ou tem tanta falta de imaginação que não encontra nada mais interessante para fazer durante uma hora.
15.15 - Os Planetas
15.45 - Ponto por Ponto
16.40 - Hospital Central
17.25 - Brinca Brincando
«Persil», ««As Viagens do Albatroz», «Tom Sawyer», «Kate e Skubanek» e «Vem lá Filme»
18.25 - Rua Sésamo
18.55 - Jogo de Cartas
19.30 - Telejornal
20.00 - Bolsa Dia a Dia
20.05 - O Tempo
20.15 - Descobrir os Descobrimentos
20.20 - Vale Tudo
21.10 - Justiça Cega
23.10 - 24 Horas
23.40 - Remate

RTP 2

15.00 - Filhos e Filhas
15.25 - Agora, Escolha!
Bloco A: «Fiscais»; bloco B: «Fugitivo»
16.55 - Benji, Zax e o Príncipe Extraterrestre
17.20 - Um Bilhete para o Mundo
17.50 - Meu Pé de Laranja Lima
18.40 - Os Henderson
Tam e Regina descobrem que os seus colegas de escola estão dispostos a pagar para poderem visitar a gruta. Porém, quando se dirigem para o local são descobertos por Andy, que fica bastante zangado. Steve apresenta Sylvia ao grupo, numa altura em que ela já desisitiu da ideia de que o seu pai é um ser desonesto. Porém Steve sabe que Wheeler esteve a negociar Henderson's Point com homens de negócio japoneses.
19.30 - O Homem da Carabina e O Homem Invisível
20.25 - Magazine Musical
20.50 - Obras-Primas da Pintura
21.00 - Jornal das Nove
21.30 - Emoções
Punha-se o problema se seria possível preencher, com igual qualidade, o espaço de «Maude». Escolheram «Emoções», onde neste episódio Sandy consegue concencer o autor de um antigo êxito discográfico a vender os seus direitos a Zach.. Mas sandy fala de um modo tão apaixonado da canção, que o compositor pensa que ela está apaixonada por ele... Satisfaz?
21.55 - Hora da Verdade
23.05 - Quinta Dimensão
Um regresso ao passado por um terapêuta vem revelar que o mundo ideal tem perigos inesperados e que as recordações nem sempre são coisa boa. Realização de Richard Bugajski.

«Emoções»: humor à quinta-feira

HOJE

RTP 1

09.00 - Bom Dia
10.00 - Às Dez
12.05 - Fera Radical
13.00 - Jornal da Tarde
13.27 - Bolsa Dia a Dia (Porto)
13.30 - Gloss
14.15 - Palavras Cruzadas
15.15 - Os Planetas
Estreia
15.45 - Ponto por Ponto
16.40 - Hospital Central
17.25 - Brinca Brincando
«Persil», «Um Olhar Sobre o Mundo», ««O Fantocheiro Mágico» e «Fiften».
18.25 - Rua Sésamo
18.55 - Chegar, Apostar e Vencer
19.30 - Telejornal
20.00 - Bolsa Dia a Dia
20.05 - O Tempo
20.08 - Descobrir os Descobrimentos
20.25 - Vale Tudo
21.15 - Mobil nos Caminhos de Portugal
Um «itinerário romântico orientado pelo Mondego» é o convite para o passeio desta noite. Das termas do Luso à serra do Buçaco, seguindo rio fora até Coimbra e Montemor, eis a chegada à foz: a Figueira. Referências ainda à lenda de D. Inês de Castro e às descrições de Ramalho Ortigão. Realização e produção de Francisco Manso.
21.30 - Missão Impossível
Se as coisas correrem mal, o seu Governo desconhece-os. A mesma sorte não tem o telespectador, que todas as noites de sexta os vê entrar casa dentro, com mais um caso «complicado». Siga o exemplo do Governo, ignore-os e deslique o aparelho.
22.35 - Telemundo
23.05 - Chefe, mas Pouco
23.35 - 24 Horas
00.05 - Remate
00.15 - Pela Noite Dentro
«Ruby e Oswald», de Mel Stuart (EUA-1978), com interpretações de Frederic Forrest, Michael Lerner, Doris Roberts, Lou Frizzell, Bruce Franch, Sandy McPeak, Lanna Saunders. Duração: 156 minutos.
Os papás deitam os putos e ficam, noite dentro, frente ao televisor, a assistir à história do assassínio, a tiro, do presidente John F. Kennedy, na cidade de Dallas, a 22 de Novembro de 1963. Preso e acusado de assassínio, Lee Harvey Oswald nunca chegou a esclarecer totalmente as autoridades do seu acto, uma vez que dois dias depois foi, por sua vez, morto a tiro por Jack Ruby, occorência presenciada por milhões de espectadores através da televisão. Se as motivações e a forma como Lee Oswald conseguiu matar Kennedy continuam a ser uma incógnita, o que levou, por sua vez, Jack Ruby a matar Lee Oswald nunca foi verdadeiramente esclarecido.

RTP 2

15.00 - Filhos e Filhas
15.25 - Agora Escolha!
Bloco A: «Alf» e «Quem Sai aos Seus...»; bloco B: «O Justiceiro»
16.55 - 3, 2, 1 Contacto
17.20 - Meu Pé de Laranja Lima
18.00 - Haja Música
19.00 - Especial Desporto
Campeonato da Europa de Futebol de Salão
21.00 - Jornal das Nove
21.30 - Dona Beija
22.00 - Acerto de Contas
23.30 - Rotações
Programa desportivo

O SEU A SEU DONO

RÁDIO

RUI CARTAXO

RC/FM ESTÉREO

A DÉCADA DE 80 — Aos domingos, das 11 às 13; apresentação e realização de Rui Morrison.

Depois de muitos balanços, que melhor ideia que deixar assentar o pó e confiar num senhor do FM, porventura um dos especialistas mais bem colocados para nos mostrar o que foi, musicalmente, a década que passou?!

COLHEITA DE 70 — Aos domingos, das 17 às 19; apresentação e realização de Luís Filipe Barros, Cajó e Luís Represas.

Luís Filipe Barros dá o «show» habitual, **Cajó** vai mandando umas «dicas» a «estrela» **Luís Represas** apanha bonés...

RDS — De 2.ª a 6.ª, das 18 às 21; apresentação e realização de Adelino Gonçalves.

RDS, a **«Rádio das seis»,** é mais um desafio para **Adelino Gonçalves.** Depois do belo programa que foi **«Pessoal e Transmissível»** Será que triunfará a opção por um programa de ritmo necessariamente mais tranquilo?

RFM

ÁFRICA — Aos sábados, das 19 às 20; apresentação e realização de Teresa Mesquitela e Rui Neves.

A cantora caboverdiana **Ana Firmino** emm destaque numa emissão onde a música da antiga colónia portuguesa é rainha.

RIOS NEGROS — Aos domingos, das 21 às 22; apresentação e realização de Teresa Mesquitela.

Emissão inteiraamente dedicada ao pianista sul-africano **Dollar Brand**.

Três registos recentes de Dollar Brand neste programa: **«African horns»; «Duets»;** (com **Archie Shapp**) **e «Water from the Ancient Well«** com o seu grupo **Ekaya**.

CMR

ESPELHO D'ÁGUA — Aos sábados, das 13 às 15; edição e apresentação de Teresa Fernandes.

Tracy Thorn, Annie Lennox, Nathalie Merchant e Julianne Regan «tomada de assalto» esta emissão do Espelho. Não será por isso que teremos um almoço de fim-de-semana alargado e tranquilo pelo contrário!

O AMIGO AMERICANO — Aos domingos, das 18 às 19; edição de José Ribas Fernandes e apresentação de Luís Costa.

O programa de música **«country»** do **CMR** mostra esta semana alguns títulos que se tornaram êxitos de vendas.

BAILE DE FINALISTAS — Aos sábados e domingos, das 19 às 20; edição e apresentação de Luís Ferreira de Almeida.

Face a mais uma reestruturação da «grelha de programas» da **Rádio Comercial**, onde as surpresas, as novidades e os nomes sonantes (**Carlos Cruz, Herman José, José Nuno Martins**, etc.) não abundam, mas onde parece haver uma inteligente optimização de meios, comecei por dar «barraca».

«Responsabilizei», na semana, passada, **Jaime Fernandes**, e **João David Nunes** por esta «remodelação», mas **João David Nunes**, administrador-delegado da Rádio Comercial, pôs os pontos nos is: **Jorge Dias**, director da Comercial, **Pedro Castelo**, director de Produção e **Jorge Pêgo**, chefe do deparatamento de programas, são os responsáveis pela nova programação.

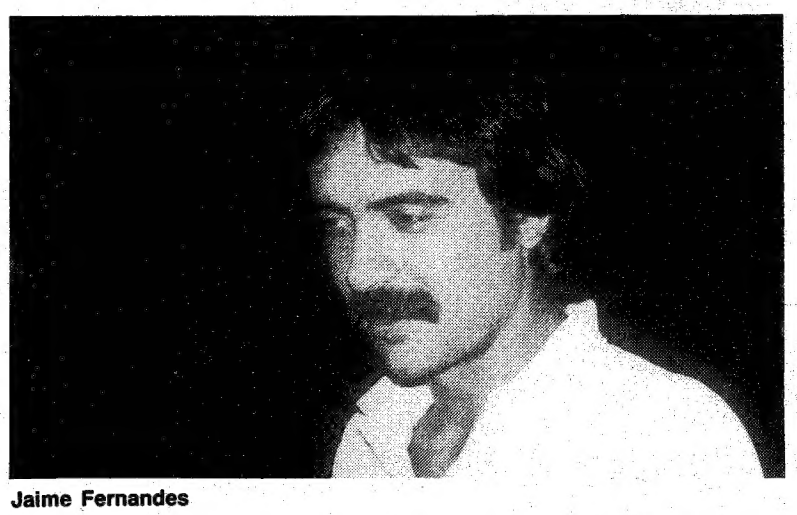
Ainda é cedo para falar dos resultados destas modificações, mas creio que eles vão ser positivos.

Penso que a pecha maior da Comercial reside na informação, onde, à excepção da manhã, com **Hélder Guerra** e **Jorge Moreira** e sobretudo ao fim da tarde, com **Miguel Dimas**, o panorama continua pouco mais que desolador.

O prolongado «exílio» de **Maria José Mauperrin**, **Paulo Coelho** e **José Freire**, assim como as ausências de **José Ramos** e **José Nuno Martins**, empobreceu a prestação da emissora, mas também a ausência de programas e figuras especializadas dão o mesmo tom.

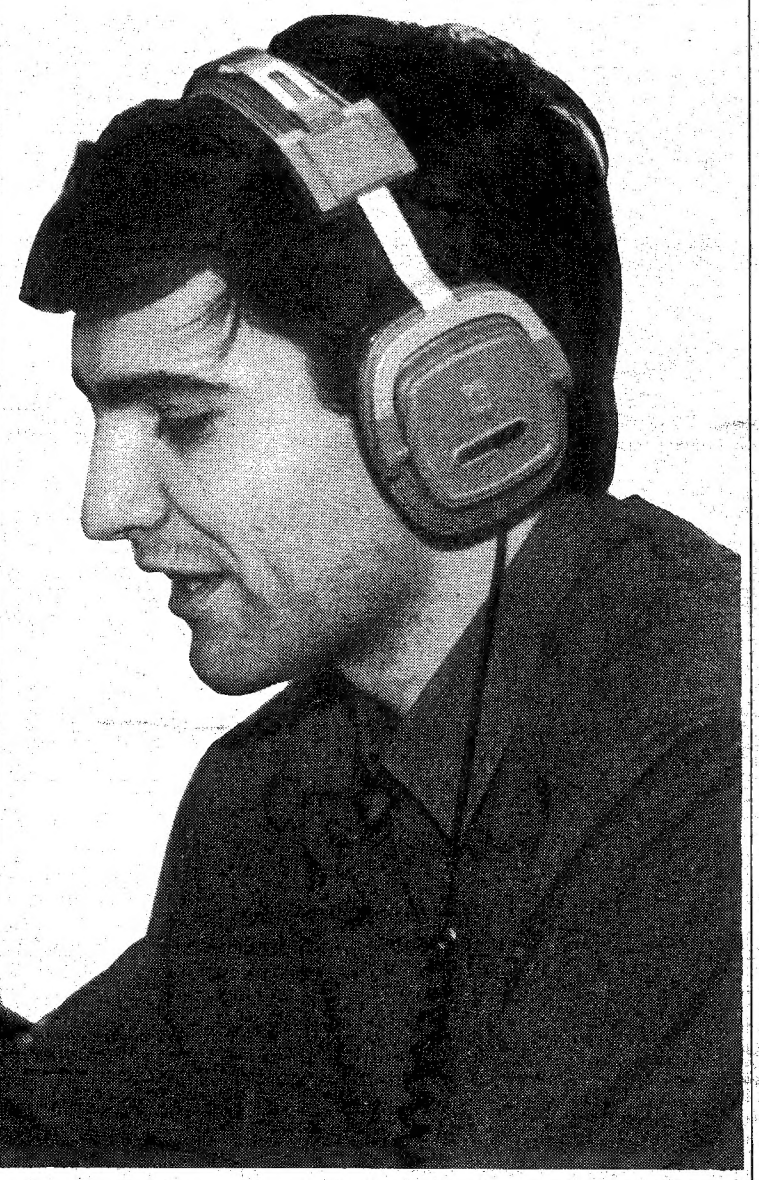
À excepção de **António Alçada Baptista**, cujas crónicas ouço (ocasionalmente) com muito agrado, não há figuras e programas de «prestígio» nesta nova «grelha» — lembremo-nos das colaborações de **Luísa Costa Gomes, Helena Vaz da Silva, João Sousa Monteiro** ou **Luís Paixão Martins.**

Saúde-se o regresso de António Santos, aplauda-se as novas responsabilidades de **Luís Filipe Barros** e **Rui Morrison, exalte-se a «promoção» de Luís Montez.** Aplaudem-se as mudanças e ouçamos o FM da Comercial, com algumas reservas...



Jaime Fernandes

João David Nunes



Luis Montez, «revelação» do ano de 1986, hoje em dia figura maior do FM da Comercial

Joe Cocker (a não perder a sua versão de «**with a little help from my friends**») e **Melanie Safka** (será que é desta que não se esquecem dessa canção fabulosa que é «**Carolina in My Mind**»!) são os «heróis» deste fim-de-semana.

TSF

A ECONOMIA DIA-A-DIA — De 2.ª a 6.ª, às 8.20 e 9.15; edição de António Peres Metelo.

Um caso exemplar de divulgação e didactismo, à mistura com enfoque nos problemas actuais, interessando, quer a especialistas quer ao público com mais necessidades de informação.

CONVERSA DE ESCÁRNIO E MALDIZER — De 2.ª a 6.ª, às 8.35 e às 18.45:

Vale a pena ouvir, quanto mais não seja para nos apercebermos da pobreza ideológica da direita portuguesa:

João Braga a queixar-se que não tem partido onde votar ou **Sousa Marques** a lamentar-se das diatribes da oposição, são de chorar a rir.